

Preparação para a

Prova Final

2014

Português

9

Prova Final de Português

3.º Ciclo do Ensino Básico

Objeto de avaliação

De acordo com a Informação do IAVE (Instituto de Avaliação Educativa) divulgada em dezembro de 2013, a Prova Final de 3.º Ciclo de Português (91) tem por referência o Programa de Português do Ensino Básico e as Metas Curriculares de Português e permite avaliar aprendizagens nos domínios da Leitura, da Escrita, da Educação Literária e da Gramática.

Relativamente ao domínio da Educação Literária, a prova pode incluir textos que constam da “Lista de obras e textos para Educação Literária” (Metas Curriculares de Português) ou outros textos representativos da literatura portuguesa e da literatura estrangeira.

Caracterização da prova

De acordo com esta Informação do IAVE, a estrutura da prova de 2014 difere da de 2013, conforme indicado a seguir:

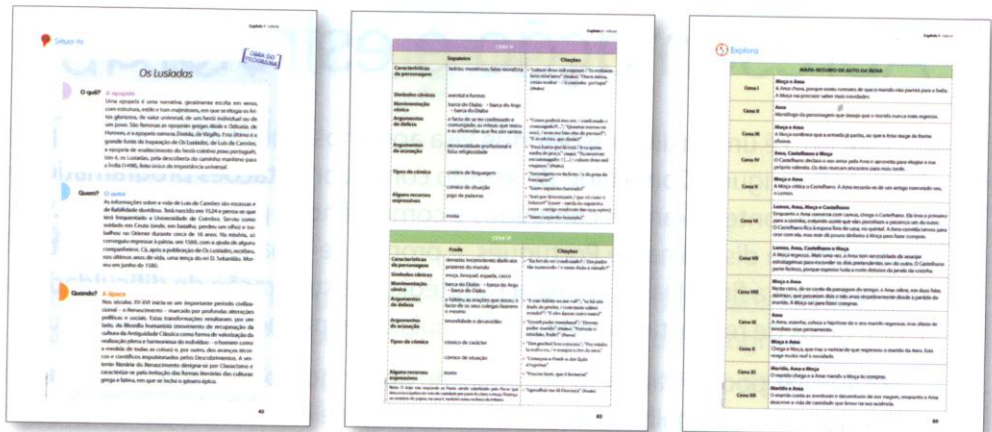
2013	2014
Grupo I Partes A, B e C – Leitura e Escrita	Grupo I – Leitura
	Grupo II – Educação Literária
Grupo II – Funcionamento da Língua	Grupo III – Gramática
Grupo III – Escrita	Grupo IV – Escrita

Trata-se de uma alteração formal, sem implicações nos conteúdos objeto de avaliação ou na valorização dos diferentes domínios. Assim, consideramos que todas as propostas de prova apresentadas se mantêm adequadas como instrumentos de preparação para a prova final; optámos, contudo, por atualizar a sua estrutura no que diz respeito à divisão de grupos de acordo com esta nova Informação do IAVE.

Uma vez que, até à publicação deste livro, o IAVE não divulgou uma prova-modelo de acordo com esta nova estrutura, ressaltamos que a proposta apresentada pode sofrer alterações. Sugere-se, por isso, uma consulta periódica ao sítio <http://www.gave.min-edu.pt/np3/exames>.

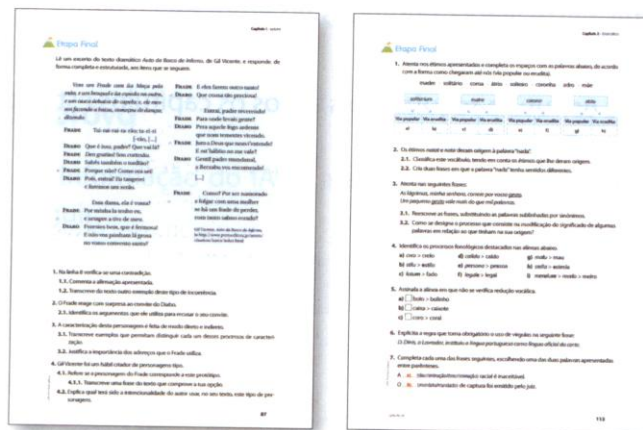
Os sites referidos ao longo deste livro encontravam-se ativos à data de publicação. Considerando a existência de alguma instabilidade na Internet, o seu conteúdo e acessibilidade poderão sofrer eventuais alterações.

- contextualização da obra e do autor
- mapa-resumo
- análise de cada episódio/cena



Etapa Final

Fichas globais
de aplicação
dos conteúdos



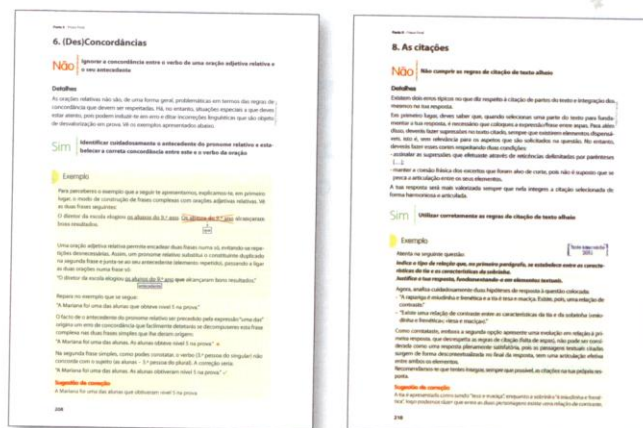
PARTE II

Nesta parte, encontra, para além de alguns conselhos úteis, um **guia de exploração de erros comuns**, três **provas-tipo** e as últimas **provas oficiais**.

O que não fazer?

Guia de exploração de erros comuns

- identificação e descrição de erros comuns
- exemplificação do erro com percurso de correção



No final do livro, encontras uma secção que reúne as soluções para todos os exercícios propostos: **Agora Tu; Etapa Final; Provas-tipo** (com percursos de resposta); **Provas oficiais**.

Índice

Parte I • Conteúdos do Programa

Capítulo 1 • Leitura

Texto Literário

Texto Narrativo

Categorias da narrativa

Narrador

Presença do narrador

Narrador presente

Narrador ausente

Posição

Narrador objetivo

Narrador subjetivo

Ação

Relevância

Ação principal

Ação secundária

Estrutura

Introdução (exposição)

Desenvolvimento (conflito)

Conclusão (desenlace)

Organização dos acontecimentos

Encadeamento

Encaixe

Alternância

Personagens

Importância

Personagem principal (ou protagonista)

Personagens secundárias

Figurantes

Conceção

Personagens modeladas

Personagens planas

Tipos de caracterização

Caracterização física

Caracterização psicológica

Processos de caracterização

Caracterização direta

Caracterização indireta

Espaço

Espaço físico

Espaço social

Espaço psicológico

Tempo

Tempo cronológico

Tempo histórico

Tempo psicológico

Outros aspetos a considerar

Discurso do narrador

Narração

Descrição

Discurso das personagens

Discurso direto

Discurso indireto

Discurso indireto livre

Estratégias de leitura

Etapa Final

Os Lusíadas

Epopeia clássica

Conceitos-chave

Estrutura externa

Estrutura interna

Plano da Viagem

Plano da História de Portugal

Plano da Mitologia

Plano das Reflexões do Poeta

Mapa-resumo

Análise episódio a episódio

Proposição

A meio da viagem

Consílio dos Deuses

Inês de Castro

Despedidas em Belém

Adamastor

Tempestade e chegada à Índia

Ilha dos Amores, a recompensa

Despedida de Tétis, Partida da Armada

e Chegada a Portugal

Lamentações do poeta e exortação a D. Sebastião

Glórias futuras

Etapa Final

Texto Poético

Estrutura externa

Rima

Estrofe

Verso

Estrutura interna

Estratégias de leitura

Etapa Final

Texto Dramático

Categorias do texto dramático

Ação

Estrutura externa

Ato	72	Normalização linguística e língua padrão	106
Cena	72	Mudança linguística	106
Personagens	72	Fatores de mudança	107
Personagens-tipo	72	Origem do português	107
Discurso	72	Varição histórica	107
Principal	72	Evolução fonética	107
Secundário	72	Fenómenos de inserção	108
Etapa Final	76	Fenómenos de supressão	108
Os Autos de Gil Vicente	78	Fenómenos de alteração de segmentos	108
<i>Auto da Barca do Inferno</i>	79	Evolução semântica	108
Tipos de cómico	79	Palavras convergentes e divergentes	108
Conceitos-chave	79	Representação gráfica da língua	109
Estrutura externa	79	Sinais de pontuação	109
Estrutura interna	79	Sinais auxiliares de escrita	109
Mapa-resumo	80	Relações de grafia e fonia entre palavras	111
Análise cena a cena	81	Palavras homónimas	111
Linguagem	86	Palavras homófonas	111
Etapa Final	87	Palavras homógrafas	111
<i>Auto da Índia</i>	88	Palavras parónimas	111
Personagens	88	Etapa Final	113
Espaço	88	O Texto	114
Tempo	88	Discurso	115
Estrutura interna	88	Marcas de enunciação	115
Estrutura externa	88	Pessoa	115
Mapa-resumo	89	Tempo	115
Etapa Final	90	Espaço	115
Texto Não Literário	91	Modos de apresentação	115
Outros Textos	91	Discurso direto	115
Reportagem	92	Discurso indireto	115
Entrevista	92	Discurso indireto livre	116
Notícia	92	Texto	119
Texto de opinião	93	Mecanismos de coerência textual	119
Texto de apreciação crítica	93	Mecanismos de coesão textual	120
Texto expositivo	97	Lexical	121
Texto não literário em prova	98	Interfrásica	121
Etapa Final	102	Temporoaspetual	121
Capítulo 2 · Gramática		Conectores discursivos	121
A Língua	105	Recursos expressivos	124
Varição e mudança linguística	106	Recursos fónicos	124
Varição linguística	106	Aliteração · Assonância · Onomatopeia	124
Variedades geográficas	106	Recursos sintáticos	124
Variedades situacionais	106	Anáfora · Apóstrofe · Enumeração ·	
Variedades sociais	106	Hipérbato · Perífrase	
		Recursos semânticos	124
		Alegoria · Antítese · Comparação · Eufemismo ·	
		Hipérbole · Ironia · Metáfora · Metonímia ·	
		Personificação · Pleonasma · Símbolo · Sinédoque	
		Etapa Final	126
		A Frase	127
		Constituintes da frase	128

Grupos nominal / verbal / adjetival / preposicional / adverbial	128	Composição	168
Tipos de frase	129	Morfológica	168
Tipos declarativo / interrogativo / exclamativo / imperativo	129	Morfossintática	168
Frases ativa / passiva	130	Processos irregulares	169
Funções sintáticas	132	Sigla	169
Ao nível da frase	132	Acrónimo	169
Sujeito	132	Onomatopeia	169
Predicado	132	Empréstimo	169
Modificador	132	Truncação	169
Vocativo	132	Amálgama	169
Internas ao grupo verbal	133	Extensão semântica	169
Complementos direto / indireto / oblíquo / agente da passiva	133	Relações semânticas entre palavras	169
Predicativo do sujeito / do complemento direto	133	Hiperonímia / Hiponímia	169
Internas ao grupo nominal	134	Holonímia / Meronímia	169
Modificador restritivo do nome	134	Sinonímia	169
Modificador apositivo do nome	134	Antonímia	169
Articulação entre frases	138	Campo lexical	169
Frase simples / complexa	138	Campo semântico	169
Coordenação	138	Etapa Final	171
Orações coordenadas	138	Capítulo 3 · Escrita	
Copulativa · Adversativa · Disjuntiva · Conclusiva · Explicativa	138	Planificação, textualização e revisão	174
Subordinação	139	Texto narrativo	175
Oração subordinada substantiva	139	Texto descritivo	178
Completiva	139	Texto de opinião	181
Orações subordinadas adjetivas	139	Texto expositivo	184
Relativa restritiva · Relativa explicativa	139	Resumo	188
Orações subordinadas adverbiais	139	Diário	191
Temporal · Causal · Condicional · Consecutiva · Concessiva · Comparativa · Final	139	Carta	194
Etapa Final	142	Parte II · Prova Final	
A Palavra	143	Informações / Conselhos úteis	200
Classes abertas	144	O que não fazer?	203
Nome	144	Guia de exploração de erros comuns	
Adjetivo	146	Provas-tipo	213
Verbo	149	Prova-tipo 1	213
Interjeição	158	Prova-tipo 2	220
Advérbio	159	Prova-tipo 3	227
Classes fechadas	161	Provas finais	233
Determinante	161	1.ª chamada	233
Quantificador	162	2.ª chamada	240
Pronome	163	Soluções	248
Conjunção	166		
Preposição	168		
Processos de formação de palavras	168		
Derivação	168		
Derivação afixal	168		
Derivação não afixal	168		
Conversão	168		

Parte I

Conteúdos do Programa

Capítulo 1

Leitura

Capítulo 2

Gramática

Capítulo 3

Escrita



Capítulo 1

Leitura

Texto Literário

- Texto Narrativo
- Texto Poético
- Texto Dramático

Texto Não Literário

Texto Literário

Texto Narrativo



Situa-te

Categorias da narrativa

Narrador		Ação		
Presença • Presente • Ausente	Posição • Objetivo • Subjetivo	Relevância • Principal • Secundária	Estrutura • Introdução • Desenvolvimento • Conclusão	Organização dos acontecimentos • Encadeamento • Encaixe • Alternância

Personagens		
Importância • Principal (protagonista) • Secundária • Figurante	Conceção • Modelada • Plana • Tipo	Caracterização • Tipos · física / psicológica • Processos · direta / indireta

Espaço	Tempo	Outros aspetos a considerar	
• Físico • Social • Psicológico	• Cronológico • Histórico • Psicológico	Discurso do narrador • Narração • Descrição	Discurso das personagens • Direto • Indireto • Indireto livre

O nosso dia a dia está repleto de relatos de acontecimentos e de histórias lidas, ouvidas, contadas...

Um texto narrativo é uma história, é um relato de acontecimentos verídicos ou ficcionais, em suporte oral ou escrito, sob as mais variadas formas (lenda, conto, romance, mito, biografia, diário, memórias, epopeias, a situação extraordinária que vi a caminho da escola e que, com entusiasmo, reconto aos meus colegas...). As categorias da narrativa são os elementos fundamentais do texto narrativo. Dificilmente conseguirás contar uma história que dispense algum destes elementos.

Uma narrativa é, pois, o relato, feito por um **narrador**, de uma história constituída por **acontecimentos/ações** ligados(as) entre si e em que participam certas **personagens**. Esses acontecimentos ocorrem num determinado **espaço** e **tempo**.



Explora

NARRADOR

É “quem” conta a história, a entidade fictícia responsável pelo relato dos acontecimentos. Pode ser analisado segundo dois parâmetros: a **presença** e a **posição**.

Presença do narrador

• Narrador presente

O narrador participa na ação, sendo, portanto, uma personagem (principal ou secundária – cf. p. 19). As marcas dessa presença são perceptíveis através das formas verbais, dos determinantes possessivos e dos pronomes pessoais e possessivos de 1.ª pessoa. Numa autobiografia, por exemplo, o narrador conta-nos a sua história de vida, logo é um narrador presente na ação e o relato é feito na 1.ª pessoa.

Exemplo

Já não existe a casa onde **nasci**, mas esse facto é **-me** indiferente, porque não **guardo** qualquer lembrança de ter vivido nela. Também desapareceu num montão de escombros a outra, aquela que durante dez ou doze anos foi o lar supremo, o mais íntimo e profundo, a pobríssima morada dos **meus** avós maternos, Josefa e Jerónimo se chamavam [...].

José Saramago, *As Pequenas Memórias*, Lisboa, Caminho, 2006 (excerto)

As palavras destacadas remetem para a 1.ª pessoa gramatical (eu):

- “nasci” – verbo *nascer*, pretérito perfeito do indicativo, 1.ª pessoa do singular;
- “me” – pronome pessoal, forma de complemento, 1.ª pessoa do singular;
- “guardo” – forma do verbo *guardar*, presente do indicativo, 1.ª pessoa do singular;
- “meus” – determinante possessivo, 1.ª pessoa do singular.

Assim, quem conta a história faz parte dessa mesma história; o narrador participa nos acontecimentos relatados como personagem (principal ou secundária).



Questão · Exame nacional 2011 (época especial)

Transcreve três palavras diferentes que permitam detetar a presença do narrador na ação.

Uma curta emoção, já sentida, já sincera, passou através de nós com aquela desgraça quase próxima, na fronteira da nossa península, num comboio que desce a Portugal, onde viajam portugueses... Todos lamentámos, com expressões já vivas, estendidos nas poltronas, gozando a nossa segurança.

Eça de Queirós, *Cartas de Paris*, Lisboa, Livros do Brasil, 2001

Percurso

Sublinha todas as formas verbais, pronomes pessoais (nas suas diferentes formas – cf. p. 163) e determinantes/pronomes possessivos e seleciona três elementos que remetam para a 1.ª pessoa do singular (eu) ou do plural (nós).

Resposta

Há quatro marcas da presença do narrador neste excerto. São elas: o pronome pessoal “nós” (1.ª pessoa do plural), o determinante possessivo “nossa” (1.ª pessoa do plural), que surge duas vezes, e a forma verbal “lamentá-mos” (1.ª pessoa do plural).



Agora Tu · Questão 1

Transcreve três palavras que evidenciem a presença do narrador na ação.

A Lara olhava para mim, eu olhava para a Filipa, e o Tibas falava com a prima do Bairro Azul. A Filipa, irmã da Lara, era muito bonita, e até na rua diziam que eu e ela tínhamos de namorar mas isso ainda nunca tinha acontecido. Mas, sim, eu achava a Filipa muito bonita, tinha uma pele escura tipo indiana dos filmes que muitos rapazes da minha rua ficavam atrapalhados a olhar para ela.

Ondjaki, *Os da Minha Rua*, Lisboa, Caminho, 2007 (excerto)

Cf. soluções · p. 248

• Narrador ausente

O narrador não é uma personagem, logo não participa na ação e narra-a na 3.ª pessoa. Predominam, por isso, as marcas de 3.ª pessoa gramatical (formas verbais, determinantes possessivos e pronomes pessoais e possessivos).

Exemplo

Acomodado, **comeu** uns punhados de banana seca e **acendeu** um charuto que **fumou** com verdadeiro deleite. **Estava** muito cansado e não **tardou** a adormecer.

Foi invadido por um sonho curioso. **Via-se** a **si** mesmo com o corpo pintado [...]. À **sua** frente algo se movia no ar [...].

Luis Sepúlveda, *O Velho que Lia Romances de Amor*, trad. Pedro Tamen, Porto, Porto Editora, 2012 (excerto com supressões)

Repara que a personagem que participa nos factos narrados (aquele que come, acende, fuma...) e o narrador são entidades diferentes; o narrador não participa na ação, apenas conta aquilo que outros fazem; daí que o relato surja na 3.ª pessoa, que se evidencia das seguintes formas:

- verbos *comer*, *acender*, *fumar*, *tardar* na 3.ª pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo;
- verbo *estar* na 3.ª pessoa do singular, pretérito imperfeito do indicativo;
- verbo *invadir* na 3.ª pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo, voz passiva (cf. p. 130);

- verbo reflexo *ver-se*, na 3.ª pessoa do singular, pretérito imperfeito do indicativo, e respetivo pronome reflexo (**se**) de 3.ª pessoa (cf. p. 164);
- “si” – pronome reflexivo de 3.ª pessoa;
- “sua” – determinante possessivo, 3.ª pessoa (do singular).

Posição

• Narrador objetivo

O narrador objetivo é aquele que se limita a narrar os factos. Não emite a sua opinião sobre os acontecimentos e não tece comentários.

Exemplo

E ou fosse porque o ‘ah’ teve força a mais e o assustou ou porque não fincou bem os pés no varão de ferro, Pedro escorregou por ele abaixo [...]. E então desequilibrou-se, e, de braços abertos, veio pelo ar estampar-se cá em baixo contra as pedras do adro.

Toda a gente chorou a sua morte.

Vergílio Ferreira, *A Estrela*, Quetzal Editores, sem data (excerto com supressões)

O narrador relata um acontecimento trágico – a queda e morte de um jovem rapaz – que poderia suscitar um comentário de incredulidade, choque, lamento, pesar, como, por exemplo “Que triste morte a sua!”. O narrador mantém-se, no entanto, imparcial, limitando-se a narrar os factos.

• Narrador subjetivo

O narrador comenta os factos narrados, emitindo juízos de valor, expressando a sua opinião.

Exemplo

[...] teremos de nos perguntar como é que o Sr. José, que sabemos ser atreito a sérias perturbações do foro psicológico, como é o caso das vertigens e das insónias, não sofreu até agora, neste fechado e sufocante espaço, um violento ataque claustrofóbico.

José Saramago, *Todos os nomes*, Lisboa, Caminho, 1997 (excerto)

O narrador manifesta aqui a sua dúvida, estranheza, surpresa perante a calma e autocontrolo de uma personagem que habitualmente se mostra ansiosa, instável, receosa. Temos, pois, um narrador parcial que narra e comenta os factos narrados, evidenciando a sua opinião, neste caso a forma como se sente intrigado ou surpreendido com a atitude da personagem.



Questão • Teste intermédio 2011

O narrador manifesta uma perspetiva subjetiva em relação à personagem João Medroso. Justifica a afirmação anterior e transcreve um exemplo que ilustre a tua resposta.

– Eh João Medroso! – berrou João Sem Medo do alto da árvore [...]. – Anda cá acima assobiar um bocadinho de melro. Nem imaginas como isto é divertido. Anda, sobe. Talvez tenhas vocação para ave... Para mocho, por exemplo... Para meter medo aos outros...

Mas o medricas nem piou.

– Ainda dormes ou receias içar-te até aqui, meu palerma? – obstinou-se João Sem Medo em acicatá-lo. – Pois olha: eu não quero outra vida. Decididamente nasci para ave.

E, sem se inquietar mais com o João Medroso, cantou de galo, cacarejou, arrulhou, grasnou [...].

José Gomes Ferreira, *As aventuras de João Sem Medo: Panfleto Mágico em Forma de Romance*, 19.^a ed., Lisboa, Dom Quixote, 1999

Percurso

Atenta sobretudo nas intervenções do narrador. Verifica se em alguma delas este emite a sua opinião ou tece um comentário sobre um acontecimento ou sobre uma personagem. Rapidamente te aperceberás de que, na intervenção “Mas o medricas nem piou”, o narrador não se limita a referir o facto de que João Medroso não respondeu: ele posiciona-se sobre a sua inação, sublinhando a cobardia da personagem.

Resposta

O narrador adota uma perspetiva subjetiva ao comentar o ato de não resposta de João Medroso, sublinhando a sua cobardia (“Mas o medricas nem piou”).



Agora Tu • Questão 2

O narrador manifesta uma perspetiva subjetiva em relação a determinado facto. Justifica a afirmação anterior e transcreve um exemplo que ilustre a tua resposta.

Depois de as coisas acontecerem, é quase irresistível refletir sobre o que teria sido a vida se se tem feito diferente. Se soubesse o que o destino lhe reservava nos próximos tempos, talvez Luís Bernardo Valença nunca tivesse apanhado o comboio, naquela chuvosa manhã de dezembro de 1905, na estação do Barreiro.

Mas agora, recostado na confortável poltrona de veludo carmim da 1.^a classe, Luís Bernardo via desfilir tranquilamente a paisagem através da janela, observando como aos poucos se instalava o terreno plano, semeado de sobreiros e azinheiras, tão característico do Alentejo [...].

Miguel Sousa Tavares, *Equador*, 22.^a ed., Lisboa, Oficina do Livro, 2005 (excerto)

Cf. soluções • p. 248

AÇÃO

A ação é a série de acontecimentos que constituem a história. A ação pode ser analisada quanto à **relevância**, quanto à **estrutura** e quanto ao modo de **organização dos acontecimentos** que a integram.

Relevância

- **Ação principal**

É o conjunto de acontecimentos centrais na história, de maior importância e destaque, sem os quais a história não “funciona”, não existe.

- **Ação secundária**

É o conjunto de acontecimentos de menor importância e destaque, mas que contribuem para o desenvolvimento e compreensão (por parte do leitor) da ação principal.

Exemplo

Imagina a história de um amor proibido entre dois jovens. A impossibilidade de viverem o seu amor livremente decorre do ódio que existe entre as famílias de ambos. Os jovens mantêm encontros clandestinos. Um dia são descobertos e a separação definitiva é imposta pelas famílias.

- **Ação principal:** relato dos encontros amorosos, do momento em que são descobertos e da forma como a separação é imposta.

- **Ação secundária:** relato dos acontecimentos que estão na origem do ódio entre as duas famílias que, por sua vez, é o obstáculo à concretização plena e livre do amor que une os dois jovens.

Repara que este relato sobre as razões do ódio pode ser dispensado e a história “funciona”, continua a existir por si só; no entanto, são dados importantes para a compreensão da ação principal.

Estrutura

- **Introdução (exposição)**

Corresponde à situação inicial e é, geralmente, um momento de apresentação das personagens, do espaço e do tempo.

- **Desenvolvimento (conflito)**

É o desenrolar dos acontecimentos que compõem a ação.

- **Conclusão (desenlace)**

Corresponde ao momento final.

A conclusão pode incluir um desfecho, isto é, uma resolução dos conflitos, dilemas, dúvidas, expectativas construídos ao longo do desenvolvimento (**narrativa fechada**) ou não (**narrativa aberta**).

Exemplo

Retomemos a história de amor proibido do exemplo da página anterior.

- **Introdução:** apresentação dos jovens, identificação da origem e natureza da relação que os une.
- **Desenvolvimento:** sucessão de encontros clandestinos (o intensificar do amor e o agravamento de riscos e perigos) e descoberta por parte das famílias.
- **Conclusão:** separação imposta pelas famílias; um dos jovens parte para destino incerto, desconhecido.
- **narrativa fechada:** muitos anos depois, já numa idade avançada, um dos elementos do casal recorda, com um misto de ternura e amargura, o amor de juventude que nunca mais, durante toda a sua vida, reencontrou.
- **narrativa aberta:** a separação é imposta pela partida forçada de um dos jovens e a história termina. Ter-se-ão reencontrado mais tarde? Terão retomado o relacionamento? Terão compromissos familiares que os impeçam de reviver essa paixão? As possibilidades de desfecho da história dependem da lógica de construção da narrativa, de dados anteriores, de indícios ou insinuações na conclusão. Assim, sempre que há lugar a esta especulação sobre o que terá acontecido depois, a narrativa diz-se aberta.

Organização dos acontecimentos

A ação é um conjunto de acontecimentos. Os vários acontecimentos que compõem a ação organizam-se em núcleos temáticos ou sequências narrativas.

Exemplo

Recuperemos novamente a história de amor proibido entre os dois jovens.

Estes são alguns dos possíveis núcleos temáticos da ação.



Há três possíveis formas de organização dos núcleos temáticos de uma narrativa:

- por encadeamento;
- por encaixe;
- por alternância.

• Encadeamento

Os núcleos sucedem-se por ordem cronológica, do primeiro ao último.

Exemplo

Por encadeamento, os núcleos identificados na página anterior organizar-se-iam assim:

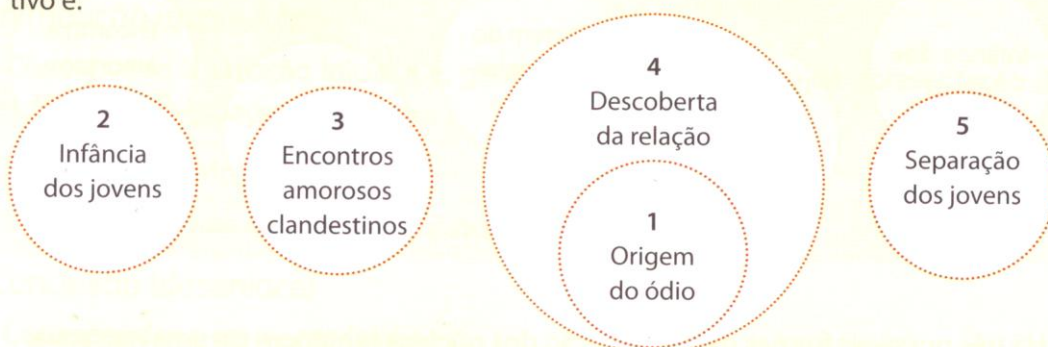


• Encaixe

A organização dos acontecimentos diz-se por encaixe quando um núcleo temático, que constitui uma pequena narrativa, é inserido num outro núcleo. Temos, assim, uma narrativa secundária dentro da narrativa principal cujo relato é momentaneamente interrompido. Terminada a narrativa encaixada, retoma-se o relato da ação principal. As narrativas encaixadas servem, regra geral, para fornecer informação relevante para a contextualização da ação principal, para a compreensão de determinado comportamento de uma personagem, etc.

Exemplo

Imaginemos, pois, que a nossa narrativa exemplificativa se inicia com o núcleo 2. Nem os jovens nem o leitor conhecem os motivos do ódio entre as duas famílias. Os encontros amorosos sucedem-se (núcleo 3) e, aquando da descoberta da relação (núcleo 4), o pai do jovem vê-se forçado a explicar as razões por que proíbe aquele amor. Assim, começa a relatar os acontecimentos que determinaram, muitos anos antes, o total antagonismo entre as duas famílias (núcleo 1). Surge uma história dentro da história; uma personagem (o pai) passa a narrador. Terminado o seu relato, retoma-se a narrativa principal no núcleo 5. Temos, pois, uma narrativa encaixada cujo esquema representativo é:



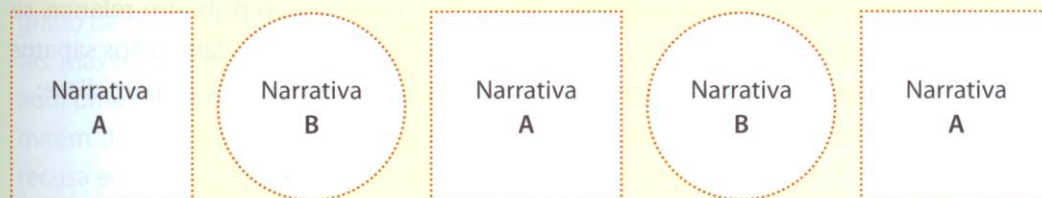
Esta narrativa encaixada é essencial para melhor compreendermos o porquê do ódio entre as duas famílias que impossibilita a união dos dois jovens (ação principal).

• Alternância

Uma história pode ser composta por pequenas histórias que se vão desenvolvendo de forma paralela; trata-se de uma macronarrativa constituída por várias micronarrativas. Estas micronarrativas são compostas pelos respetivos núcleos temáticos que vão sendo narrados de forma intercalada. As novelas são o exemplo típico deste modo de organização dos acontecimentos.

Exemplo

Suponhamos que, a par da relação amorosa (narrativa A – cf. Exemplo, p. 16), se vai desenrolando a história de um familiar de um dos jovens que não conhece a ligação entre ambos, mas discorda das razões que originaram o ódio entre as famílias, e, por isso, vai encetando esforços de conciliação entre as duas partes antagónicas (narrativa B). A atuação deste familiar constitui uma história paralela que se vai desenvolvendo em simultâneo e com o mesmo grau de relevância. A articulação entre as duas histórias pode ser clara desde o início ou vir a revelar-se mais tarde. No entanto, ambas as narrativas constroem, em conjunto, um enredo global.



PERSONAGENS

São os agentes intervenientes na ação. Podem ser classificadas quanto à **importância** e **conceção** (complexidade psicológica) e a sua **caracterização** pode ser de dois tipos (física e psicológica) e realizada através de dois processos (caracterização direta e indireta).

Importância

• Personagem principal (ou protagonista)

É a personagem que desempenha o papel mais importante, situando-se no centro da ação.

• Personagens secundárias

São personagens de menor importância que interagem com o protagonista e cuja atuação contribui para o desenrolar da ação.

• Figurantes

Trata-se de personagens sem intervenção relevante na ação que funcionam como elementos caracterizadores de determinado ambiente.

Exemplo

[...] de mãos nos bolsos das calças, vinha devagar e despreocupadamente, avenida abaixo.

Cerca de cinquenta anos, atarracado, magro, tudo nele era limpo, mas velho e cheio de remendos. Sobre a esburacada camisola interior, o casaco, puído nos cotovelos e demasiado grande, caía-lhe dos ombros em largas pregas, que ondulavam atrás das costas ao ritmo lento da passada. Desfiadas nos joelhos, muito curtas, as calças deixavam à mostra as canelas, nuas, finas de osso e nervo, saídas como duas ripas dos sapatos cambados. [...]

Apesar de tudo isso, o rosto largo e anguloso do homem, de onde os olhos azul-claros irradiavam como que um sorriso de luminosa ironia e compreensivo perdão, erguia-se, intacto e distante, numa serena dignidade.

[...]

Alheado, mas condescendente, seguia pelo centro do passeio com a distraída segurança de um milionário que obviamente se está nas tintas para quem passa. Não só por educação mas também pelo simples motivo de ter mais e melhor em que pensar.

O que não sucedia aos transeuntes. Os quais, incrédulos ao primeiro relance, se desviavam, oblíquos, da deambulante causa do seu espanto. [...] Falavam dos sapatos cambados, do fato de remendos, do ridículo chapéu. [...] Entretanto, alguém disse:

– Vê-se com cada sujeito!...

[...]

– Devia era ser proibido que gente desta andasse pelas ruas da cidade! – murmurou, escandalizada, uma velha senhora a outra velha senhora de igual modo escandalizada.

Manuel da Fonseca, "O vagabundo na esplanada", in *Tempo de solidão*,
Círculo de Leitores, 2005 (excerto com supressões)

Podemos identificar, neste excerto, personagens com diferentes graus de importância na ação. A **personagem principal** é o homem de cinquenta anos, pois:

- o acontecimento central é o caminhar do homem pelo passeio e as reações que a sua presença e apresentação suscitam nos transeuntes;
- é também esta personagem que o narrador descreve, física e psicologicamente, de forma mais pormenorizada.

Importante neste excerto é também um conjunto de personagens, com intervenção nula ou muito reduzida, mas cuja existência e caracterização são indispensáveis na criação do ambiente, do cenário da ação: os transeuntes.

Deste conjunto de transeuntes, destacam-se duas senhoras que são caracterizadas, ao contrário dos restantes que permanecem no anonimato. Ainda assim, a intervenção das senhoras não é essencial para o desenrolar da ação, pelo que não as devemos considerar **personagens secundárias**.

Assim, podemos classificar todos os transeuntes como **figurantes**. Repara como todos adotam um comportamento semelhante: mostram-se indignados com a presença do protagonista, afastam-se, criticam-no. A presença deles justifica-se pela necessidade de recriar o ambiente em que o protagonista se movimenta.

Conceção

• Personagens modeladas

Uma personagem modelada evidencia dinamismo interior, evoluindo em termos emocionais e atitudinais e adotando, por vezes, comportamentos inesperados.

Exemplo

Desagradava a Luciano ser entrevistado. Sempre lhe parecerá abusivo o sujeito que inesperadamente surge a falar de si próprio ao leitor do jornal, ao ouvinte da rádio ou ao espectador da televisão. [...] Mas agora, conquanto ao primeiro telefonema [...] se negasse à entrevista, ao segundo, cederá.

Manuel da Fonseca, "A entrevista", in *Tempo de solidão*,
Círculo de Leitores, 2005 (excerto com supressões)

O comportamento da personagem sofre evolução. Parte-se da sua posição inicial de desgosto perante as entrevistas e de recusa em concedê-las para uma atuação que revela uma mudança de atitude. Repara que, explicitamente, apenas se refere o desgosto da personagem por entrevistas. Ora, Luciano poderia não gostar de dar entrevistas, mas tê-lo feito desde sempre, isto é, antes e agora, e, se assim fosse, não se registava aqui uma mudança atitudinal. No entanto, há dois elementos no excerto que nos permitem deduzir que o momento anterior era marcado quer pelo desgosto quer pela recusa em fazê-lo:

- o advérbio "agora" estabelece a separação entre tempos (o passado e o presente);
- a conjunção adversativa "mas" assinala o contraste, a diferença entre esses dois momentos.

Assim, a indicação "Mas agora [...] cederá" revela que a aceitação presente contrasta com a recusa num momento passado. Há, portanto, evolução no comportamento de Luciano.

• Personagens planas

As personagens planas são estáticas em termos psicológicos, não manifestam variação nas suas atitudes ou conflitos interiores.

• Personagens-tipo (Consulta a página 72)

Caracterização

Tipos de caracterização

• Caracterização física

Relaciona-se com os atributos físicos da personagem como, por exemplo, estatura, cor do cabelo, tonalidade de pele, etc.

• Caracterização psicológica

Diz respeito a traços comportamentais, atitudes, modos de ser.

Exemplo

Não que o meu aspeto físico ou a minha índole introvertida me tornassem um símile¹ desse avô semimítico², que só vi em fotografias de família: **olhos azul-escuros e vivaços**, **estatura meã**³, **o ventre testemunhando os abusos da mesa e do álcool**, **têmporas cedo esbranquiçadas**, **orelhas agigantadas**, **atentas à música do mundo que ele tanto amava**. **No fundo dos seus olhos transparecia uma sombra** qualquer, quem sabe se pressentimento da morte precoce [...].

Almeida Faria, *O Conquistador*, Lisboa, Caminho, 1990 (excerto)

Vocabulário

1 *símile*: exemplo; 2 *semimítico*: quase como um deus; 3 *meã*: média.

Presta atenção à caracterização do avô do narrador.

- **Características físicas**: refere-se a cor dos olhos (azul-escuro) e das têmporas (esbranquiçadas), a estatura (média), o tamanho das orelhas (enormes) e a dimensão do ventre (barrigudo).
- **Características psicológicas**: o facto de esta personagem ter orelhas atentas à música do mundo que tanto amava revela estarmos na presença de uma pessoa observadora, perspicaz e, talvez, interventiva; a indicação de que amava o mundo sugere jovialidade e vontade de viver.

Deves ainda estar atento a expressões que possam ter uma dimensão significativa dupla, isto é, que possam remeter para **traços físicos e psicológicos simultaneamente**: uns olhos vivaços podem ser uns olhos grandes (característica física) e/ou uns olhos que transmitem jovialidade, alegria, vivacidade (característica psicológica); a sombra nos olhos aponta para a possível existência de uma mancha, uma zona mais escura, e/ou pode sugerir uma característica do olhar, uma forma de olhar que revela alguma preocupação, tristeza.

Processos de caracterização

• Caracterização direta

Ocorre sempre que as características físicas ou psicológicas de uma dada personagem são fornecidas, no texto, de forma explícita pela própria personagem, pelo narrador ou por outras personagens.

Exemplo

O seu aspeto manso e um tanto aflito dissimulava bastante bem o rigor do carácter.

Gabriel García Márquez, *Crónica de uma morte anunciada*, trad. Fernando Assis Pacheco, Lisboa, Dom Quixote, 2002 (excerto)

O narrador aponta como características da personagem a aparência calma, uma certa inquietação, ansiedade de espírito e, simultaneamente, a rigidez, integridade de carácter. Estes traços de carácter (caracterização psicológica) são fornecidos pelo narrador; estamos, portanto, na presença de um exemplo de caracterização direta.

• Caracterização indireta

As características físicas ou psicológicas das personagens não aparecem escritas no texto; são deduzidas pelo leitor a partir dos atos, atitudes, comportamentos, falas da personagem.

Exemplo

1 [...] trepou pelo tronco até ao topo da árvore. [...]

– Eh João Medroso! – berrou João Sem Medo do alto da árvore, inchadíssimo do êxito. – Anda cá acima assobiar um bocadinho de melro. [...]

– Não... Desce... tu... [...]

Que remédio senão condescender.

– Bem. Aí vou eu.

E com um pulo achou-se no chão.

José Gomes Ferreira, *Aventuras de João Sem Medo*, Lisboa, Dom Quixote, 1999 (excerto com supressões)

Percebemos, pelo ato de trepar a árvore e de, num pulo, se atirar para o chão, que a personagem é ágil, fisicamente, embora essa indicação não surja explicitamente no texto. Também podemos deduzir tratar-se de um rapaz aventureiro e destemido, a nível psicológico/comportamental.

2 Angela Vicario era a filha mais nova de uma família de poucos recursos. O pai, Poncio Vicario, era ourives de pobres, e a vista acabara-se-lhe de tanto fazer primores de ouro para manter a honra da casa. Purísima del Carmen, a mãe, tinha sido professora primária antes de casar para sempre. [...] Dedicou-se com tal espírito de sacrifício a atender o marido e a criar os filhos, que às vezes nos esquecíamos de que ela continuava a existir.

Gabriel García Márquez, *Crónica de uma morte anunciada*, trad. Fernando Assis Pacheco, Lisboa, Dom Quixote, 2002 (excerto com supressões)

Embora essa indicação não surja textualmente marcada, conclui-se, pelos atos da personagem, que Purísima del Carmen é uma mulher empenhada, abnegada, altruísta, dedicada aos outros mais do que a si mesma.



Questão • Prova final 2012 (2.ª chamada)

Identifica um aspeto que contribua para a caracterização indireta do pai.
Justifica a tua resposta.

Meu pai, que me acompanhou, foi da opinião que eu podia ter respondido certo. Repetiu as perguntas, e eu respondi certo.

– Ora vês como sabias? Hum... Acho que te não vão reprovar por isso...

Estava, pois, assente que eu ficara bem. Mas só quando daí a um imenso quarto de hora afixaram os resultados, desapareceu de vez aquele retraimento que pesava sobre nós. A professora beijou-me, exclamando:

– Eu não disse! Pois claro que foi um belo exame! Só tiveste um defeito: falaste demasiado, nunca te calavas. Olha que quem muito fala... Mas, enfim, já podes entrar para o liceu.

Meu pai passava-me os dedos pelo cabelo. Pusera-se muito sério e pálido. Só então vi quanto era profunda a sua alegria; tive vontade de chorar. Subitamente, ele disse, erguendo a mão:

– Vou mandar um telegrama!

E correu para a estação.

Manuel da Fonseca, “O Retrato”, in *O Fogo e as Cinzas*, Lisboa, Portugália Editora, 1965

Percurso

Sublinha os atos e as falas do pai e procura identificar traços de personalidade e/ou características físicas que esses atos/falas sugiram.

Atos:

- repetiu as perguntas → este ato revela um pai preocupado com o sucesso escolar do filho;
- passava os dedos pelo cabelo do filho → é um pai carinhoso;
- ficou pálido de tanta alegria → é um pai orgulhoso do filho;
- correu para a estação → quis rapidamente partilhar com os outros o sucesso do filho, o que sugere, mais uma vez, orgulho.

Falas: “– Ora vê como sabias? Hum... Acho que te não vão reprovar por isso...” → é um pai que encoraja, motiva o filho;

“– Vou mandar um telegrama!” → quis divulgar o sucesso do filho, o que revela o orgulho que sente.

Conclusão: O aspeto psicológico que mais sobressai a partir dos atos e falas do pai é o orgulho que sente pelo filho.

Resposta

A saída apressada do pai para enviar um telegrama revela o orgulho que sentia no seu filho.



Agora Tu • Questão 3

Identifica um aspeto que contribua para a caracterização indireta do narrador-personagem.

Justifica a tua resposta.

[...] dormi até às dez horas. [...] Cozi eu próprio uns ovos e comi-os assim mesmo, sem pão, porque já não havia nenhum e porque não queria descer para o ir comprar.

Depois do almoço aborreci-me um pouco e vagueei pela casa. Quando a mãe cá estava era cómoda. Agora é grande de mais para mim e tive que transportar a mesa da sala de jantar para o quarto.

Vivo apenas nesta divisão, rodeado pelas cadeiras de palha um pouco gastas, pelo armário cujo espelho está amarelecido, pela cómoda e pela cama encerada.

Mais tarde, para fazer alguma coisa, peguei num velho jornal e pus-me a ler. [...] por fim, fui para a varanda.

Albert Camus, *O Estrangeiro*, trad. Rogério Fernandes, Livros do Brasil, sem data (excerto com supressões)

Cf. soluções • p. 248

ESPAÇO

É o lugar onde ocorre a ação. Há três tipos de espaço: **físico**, **social** e **psicológico**.

• Espaço físico

É o lugar real (interior e/ou exterior) onde a ação decorre (casa, rua, cidade, aldeia, país, praia, etc.).

Exemplo

Agora entro, sento-me de perna cruzada, puxo um cigarro, e à pergunta de sempre respondo soprando o fumo:

– Só a barba.

Manuel da Fonseca, “Mestre Finezas”, in *Aldeia Nova*, Caminho, 1984 (excerto)

Trata-se de um espaço delimitado, interior (“Agora entro”). Percebe-se, depois, pela expressão “só a barba”, que esse local é uma barbearia.

• Espaço social

Corresponde ao meio social, cultural e económico em que as personagens se movimentam. É revelado por indicadores de posição socioeconómica (roupa, profissão, estatuto social), por referências a tradições culturais e estilos de vida. O espaço social pode ser um meio económico favorecido, um espaço de pobreza e exclusão, um lugar de poder político, um círculo intelectual, etc.

Exemplo

A mulher, sem migalha de pão na arca e sem pinga de azeite na almotolia¹, sabia bem que o remédio habitual daquelas penúrias era ir buscá-lo onde o houvesse. [...] O Faustino nem a ouviu [...]. Debruçado sobre as pernas, com os dedos dos pés a espreitar das meias rotas, continuou a aquecer-se aos tições² apagados [...]. Interpe-lava a companheira, que não colaborava já de nenhum modo naquela luta. Embrulhada no xaile puído³, aninhara-se quase em cima do borralho⁴ e fechara os olhos.

Miguel Torga, “Um roubo”, in *Contos da Montanha*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1987 (excerto com supressões)

Vocabulário

¹ *almotolia*: vasilha portátil para azeite; ² *tições*: pedaços de lenha acesa ou meio-queimada; ³ *puído*: gasto pelo uso;

⁴ *borralho*: cinzas quentes.

O espaço físico é a casa do casal, provavelmente situada num meio rural (pela existência de lareira). O espaço social pode ser deduzido a partir de uma série de indicações que ilustram carências e condições precárias de vida: não há uma migalha de pão para comer, as roupas são velhas e estão em fraco estado (“meias rotas”, “xaile puído”), não há conforto (“continuou a aquecer-se aos tições apagados”; “aninhara-se quase em cima do borralho”). As personagens movimentam-se, pois, num meio socioeconómico de pobreza.



Questão-modelo

Identifica e caracteriza o espaço social evidenciado no excerto seguinte, transcrevendo três elementos textuais.

[...] de mãos nos bolsos das calças, vinha devagar e despreocupadamente, avenida abaixo.

Cerca de cinquenta anos, atarracado, magro, tudo nele era limpo, mas velho e cheio de remendos. Sobre a esburacada camisola interior, o casaco, puído nos cotovelos e demasiado grande, caía-lhe dos ombros em largas pregas, que ondulavam atrás das costas ao ritmo lento da passada. Desfiadas nos joelhos, muito curtas, as calças deixavam à mostra as canelas, nuas, finas de osso e nervo, saídas como duas ripas dos sapatos cambados. [...]

Apesar de tudo isso, o rosto largo e anguloso do homem, de onde os olhos azul-claros irradiavam como que um sorriso de luminosa ironia e compreensivo perdão, erguia-se, intacto e distante, numa serena dignidade. [...]

Alheado, mas condescendente, seguia pelo centro do passeio com a distraída segurança de um milionário que obviamente se está nas tintas para quem passa. Não só por educação mas também pelo simples motivo de ter mais e melhor em que pensar.

O que não sucedia aos transeuntes. Os quais, incrédulos ao primeiro relance, se desviavam, oblíquos, da deambulante causa do seu espanto. [...] Falavam dos sapatos cambados, do fato de remendos, do ridículo chapéu. [...] Entretanto, alguém disse:

– Vê-se com cada sujeito!... [...]

– Devia era ser proibido que gente desta andasse pelas ruas da cidade! – murmurou, escandalizada, uma velha senhora a outra velha senhora de igual modo escandalizada.

Manuel da Fonseca, "O vagabundo na esplanada", in *Tempo de solidão*,
Círculo de Leitores, 2005 (excerto com supressões)

Percurso

Presta atenção às personagens envolvidas. Como vimos anteriormente (cf. p. 20), temos aquela que é a personagem principal – o homem de 50 anos – e os figurantes (transeuntes) que são fundamentais para a recriação de um dado ambiente social.

Sublinha todos os aspetos relacionados com a caracterização das personagens (roupas, aparência física, atitudes, modos de ser) e regista o que cada um destes elementos pode significar relativamente à condição económica e social de uns e de outros. Assim, temos:

Homem de 50 anos

- "cinquenta anos, atarracado, magro"; "canelas [...] finas de osso e nervo, saídas como duas ripas dos sapatos cambados" → sobressai na descrição a excessiva magreza do homem, o que indicia fome;
- "esburacada camisola interior, o casaco, puído nos cotovelos e demasiado grande"; "Desfiadas nos joelhos, muito curtas, as calças" → a

roupa é velha, rota, remendada e desadequada ao seu tamanho; percebemos que se trata de um homem extremamente pobre que veste roupas que provavelmente lhe foram dadas, por solidariedade;

- "o rosto [...] erguia-se [...] numa serena dignidade"; "Alheado, mas condescendente, seguia [...] com a distraída segurança de um milionário [...] por educação" → é uma pessoa segura de si, educada e respeitadora do espaço alheio.

Transeuntes

- "incrédulos ao primeiro relance, se desviavam, oblíquos, da deambulante causa do seu espanto. [...] Falavam dos sapatos cambados, do fato de remendos, do ridículo chapéu" → o seu espanto, o facto de se afastarem do homem, a crítica às suas roupas revelam, por um lado, arrogância, altivez, menosprezo pelo sofrimento alheio e desrespeito pelo próximo e, por outro, evidenciam que o homem estava

a circular num espaço não habitual e num meio a que, na opinião dos transeuntes, não pertencia e que não deveria frequentar. Percebemos, assim, que o homem que desce a avenida pertence a um meio social de pobreza e de exclusão. Ao mesmo tempo, o repúdio manifestado pelos transeuntes, a insensibilidade face à condição do homem revela que estes pertencem e se movimentam num espaço social diferente, de maiores regalias, conforto e poder económico. Temos, pois, dois espaços sociais diferentes que se entrecruzam neste excerto.

Resposta

Há dois meios sociais distintos que se evidenciam no excerto. Um é um espaço de pobreza

e exclusão representado pelo homem de cinquenta anos: a magreza sugere carências alimentares (“canelas [...] finas de osso e nervo, saídas como duas ripas dos sapatos cambados”), as suas roupas fracas e estragadas denunciavam miséria (“esburacada camisola interior, o casaco, puído nos cotovelos e demasiado grande”). O outro é um meio social representado pelos transeuntes que se indignam com a presença do homem pobre, afastam-se, criticam-no e discriminam-no (“incrédulos ao primeiro relance, se desviavam, oblíquos, da deambulante causa do seu espanto”). Esta insensibilidade perante a condição de pobreza do homem revela que os transeuntes pertencem a um grupo social mais abastado, de maior poder económico.



Agora Tu • Questão 4

Identifica e caracteriza o espaço social evidenciado no excerto seguinte, transcrevendo três elementos textuais.

O meu quarto dá para a rua principal do bairro. A tarde estava bonita. No entanto, o pavimento estava pastoso, as pessoas eram poucas e, para mais, iam com pressa. Passavam primeiro famílias de passeio, dois miúdos de fato à marujo, com calções até ao joelho, um pouco embaraçados nos seus trajos de ver a Deus, uma rapariguinha com um grande laçarote cor-de-rosa e sapatos pretos envernizados. Atrás deles, uma mãe enorme, com um vestido de seda castanho, e o pai, um homenzinho franzino que eu conheço de vista. Trazia um chapéu de palha, um lacinho e uma bengala na mão. Vendo-o com a mulher, percebi porque é que, no bairro, se dizia que era uma pessoa distinta.

Albert Camus, *O Estrangeiro*, trad. Rogério Fernandes, Livros do Brasil, sem data (excerto)

Cf. soluções • p. 248

• Espaço psicológico

É o lugar das vivências emocionais das personagens. Pode corresponder:

- ao mundo interior de uma personagem (quando acedemos aos seus pensamentos, às suas emoções);
- ao espaço físico em ausência para o qual uma dada personagem é transportada através da sua memória, do seu pensamento;
- à forma emotiva como uma determinada personagem se relaciona com um espaço físico, ou seja, os sentimentos suscitados na personagem por um dado local ou a forma como a personagem vê o espaço envolvente em função do seu estado de espírito.

Exemplo

A repreender-se intimamente, desce na paragem mais próxima do consultório. Cautelosa, como numa surpresa, caminha através do entardecer. De repente, descobre o motivo de tanto cuidado. Tudo, em sua volta, parece confluir, cercá-la num círculo claro, mas cada vez mais pequeno, à medida que avança.

Manuel da Fonseca, "Tempo de solidão", in *Tempo de solidão*, Círculo de Leitores, 2005 (excerto)

Repara na forma como a personagem perceciona o espaço físico que a rodeia: a sensação é a de que os elementos desse espaço exterior (edifícios, ruas...) se movimentam e se dispõem de forma circular, criando um cerco que se estreita progressivamente em torno dela. Fisicamente, nada disto acontece. A personagem, inicialmente absorvida em pensamentos de autocritica, mostra-se apreensiva e receosa, talvez por desconhecer o local por onde circula. O estado emocional da personagem faz com que esta sinta o espaço envolvente como sufocante: ela projeta no espaço físico o seu estado de espírito e vê-o à luz desse estado.



Vê

Questão-modelo

Há, no excerto que se segue, evidências da vivência psicológica do espaço. Explica esta afirmação.

Minha mãe veio ainda à igreja, pela madrugada, ver-me partir; mas sentindo-me tão distante [...] como se eu já pertencesse a um mundo que não era o meu - mal me falou. [...]

A névoa da madrugada desprendia-se dos campos, ia envolvendo a montanha. Dobrado de frio, o queixo nos joelhos, a saca da roupa ao lado, eu sentia-me quase feliz, mas de uma estranha felicidade inquietante. Perturbavam-me de prazer a trepidação da partida, o halo da novidade e sobretudo o apelo intrínseco e doce de todas as pequenas coisas que ficavam mais perto de mim, como o fato novo, estreado esse dia, e o farnel da merenda para comer no comboio. Fechado nestas quimeras, eu calava-me também, como se com o silêncio me defendesse de tudo o que era ameaça à minha roda. Porque tudo para mim era estranho e ameaçador, desde a montanha imóvel na enorme manhã circular até ao espetro do Calhau e dos bois [...].

Vergílio Ferreira, *Manhã Submersa*, Bertrand, sem data (excerto com supressões)

Percurso

Estamos na presença de um narrador participante que nos relata o dia da sua partida de casa. A mãe despede-se de forma um pouco fria ("mal me falou") e o narrador reconhece-se distante, isto é, um pouco alheado. Percebemos que é uma despedida difícil. O narrador segue, depois, numa viagem desconfortável, cheio de frio, e assume algum entusiasmo com as novidades que marcam a diferença daquele

dia (a partida, o fato novo, a merenda). No entanto, esse é um entusiasmo superficial ("quase feliz") e de autodefesa relativamente a uma situação desagradável ("Fechado nestas quimeras, eu calava-me também, como se com o silêncio me defendesse"). Repara, pois, que os sentimentos predominantes parecem ser de angústia e apreensão: a novidade que, por um lado, aprecia, intimida-o, por outro.

Este estado de espírito faz com que o narrador sinta o espaço envolvente como “estranho e ameaçador”. O narrador vê tudo o que o rodeia à luz dos seus sentimentos de receio e dúvida e sente o espaço físico como algo intimidante e inóspito.

Resposta

O narrador-personagem encontra-se num estado emocional de apreensão, angústia, dúvida.

O espaço físico que o envolve é visto como “estranho e ameaçador”. Há, pois, uma projecção do estado de espírito da personagem no espaço: o meio envolvente é sentido como inóspito e assustador, porque a personagem se encontra apreensiva, receosa, angustiada. Este é um exemplo da vivência psicológica do espaço.



Agora Tu • Questão 5

No excerto seguinte, evidencia-se aquilo que se pode designar de espaço psicológico. Explica esta afirmação e fundamenta a tua resposta com elementos do texto.

No entanto Hans suspirava e nas longas noites de inverno procurava ouvir, quando o vento soprava do sul, entre o sussurrar dos abetos, o distante, adivinhado, rumor da rebentação. Carregado de imaginações queria ser, como os seus tios e avós, marinheiro. Não para navegar apenas entre as ilhas e as costas do Norte, seguindo nas ondas frias os cardumes de peixe. Queria navegar para o Sul. Imaginava as grandes solidões do oceano, o surgir solene dos promontórios, as praias onde baloçam coqueiros e onde chega até ao mar a respiração dos desertos. Imaginava as ilhas de coral azul que são como os olhos azuis do mar.

Sophia de Mello Breyner Andresen, “Saga”, in *Histórias da Terra e do Mar*, Porto, Porto Editora, 2013

Cf. soluções • p. 248

TEMPO

É o momento em que decorre a ação. Pode ser **cronológico**, **histórico** ou **psicológico**.

• Tempo cronológico

Corresponde à delimitação cronológica da história (um dia, um ano, vários anos, uma geração, três gerações...). O texto narrativo contém, normalmente, algumas referências que permitem ao leitor estimar ou saber exatamente qual a duração da história. Trata-se de expressões que indicam o avançar do tempo (“na manhã seguinte”, “mais tarde”, “meses depois”, “no inverno seguinte”, “o menino de ontem era agora um homem feito”...).

Atenção!

O narrador não tem de narrar os acontecimentos por ordem! Ele pode manipular o tempo cronológico, com avanços (**prolepses** – antecipação de acontecimentos futuros) e recuos (**analepses** – referência a acontecimentos passados). Este é o tempo do discurso.

Exemplo

Nessa noite, quando voltou para casa, Angela Vicario encontrou lá o gramofone embrulhado em papel de presente e enfeitado com um laço de organza. [...] Custou-lhe um bom trabalho convencer os pais de que não dera o mínimo motivo a Bayardo San Román para este lhe mandar tal presente [...]. De maneira que os irmãos mais velhos, Pedro e Pablo, levaram o gramofone ao hotel para o devolverem ao seu dono [...]. O único pormenor com que não contou a família foi com os encantos irresistíveis de Bayardo San Román. Os gémeos não reapareceram até à madrugada do dia seguinte [...].

Gabriel García Márquez, *Crónica de uma morte anunciada*, trad. Fernando Assis Pacheco, Lisboa, Dom Quixote, 2002 (excerto com supressões)

Repara nas palavras que indicam avançar de tempo: “Nessa noite” e “madrugada do dia seguinte”. Podemos, através delas, estimar o tempo cronológico da ação representada no excerto: decorreram algumas horas.

Esta progressão do tempo cronológico nem sempre é marcada por expressões temporais. A referência a ações que habitualmente associamos a determinados períodos do dia, como, por exemplo, *jantar*, são intuitivamente consideradas pelo leitor como indicações de registo temporal. Se, no excerto apresentado, a expressão “nessa noite” fosse substituída por “ao jantar”, poderíamos, de igual modo, estimar a duração da ação.

• Tempo histórico

Refere-se à época ou momento histórico em que a ação decorre. Determinados objetos, modos de vestir e até a linguagem usada pelas personagens ou a referência a certas personalidades ou eventos conhecidos podem marcar a época histórica em que a ação se desenvolve.

Exemplo

1 [...] el-rei, chegado a Mafra e informado do sucesso, se pôs, ele, a distribuir moedas de ouro [...]. É el-rei um monarca providente que sempre leva arcas de ouro para onde vá [...]. Enfim, chegou o dia da inauguração, dormira D. João V no palácio do visconde, guardando-lhe as portas o sargento-mor de Mafra [...].

José Saramago, *Memorial do Convento*, Lisboa, Caminho, 1984 (excerto com supressões)

O tempo histórico é o do reinado de D. João V (século XVIII).

2 Três vezes por semana, depois do serviço, o pai leva-o consigo ao barbeiro. Com as luzes nas túlipas cor-de-rosa multiplicadas nos espelhos, o fumo dos cigarros e charutos, os aromas mistos flutuando, as nuvens de pó de talco, o zumbir das ventoinhas, o sussurro de conversas e risos [...], o sacudir de alvas toalhas, o canto cristalino das tesouras [...], a leitura de revistas e jornais [...] a barbearia permite-lhe afundar-se numa dormência secretamente voluptuosa. [...]

...Nisto, acordou alarmado na loja quase deserta, e não viu o pai. [...] Enraivecido, mordeu a boca sem falar, e abriu a porta envidraçada que dava para o átrio do prédio, ao lado: sentado no trono dos engraxadores, imponente como um nababo, de pernas abertas e calças arregaçadas, o pai sorriu-lhe [...].

José Rodrigues Miguéis, *A Escola do Paraíso*, Lisboa, Estampa, 1982 (excerto com supressões)

Pode não ser possível situar a ação num momento histórico preciso, mas há um conjunto de objetos, práticas e atividades que recriam um ambiente social que imediatamente associamos a uma época já distante (os engraxadores de rua, o pó de talco, o fumar-se em locais públicos, o uso de ventoinhas como sistema de climatização), mas decididamente não anterior ao século XX/finais de século XIX (há eletricidade como comprova a existência de ventoinhas).

• Tempo psicológico

Diz respeito à forma como a personagem sente o tempo. É um tempo subjetivo que consiste na percepção que a personagem tem do fluir do tempo em função do seu estado de espírito: pode senti-lo como mais rápido ou mais lento que o tempo cronológico efetivamente decorrido (um dia pode ser sentido como uma eternidade ou como escassas horas!).

Exemplo

Querida madrinha,

Ainda não se passaram quarenta dias desde a última vez que lhe escrevi. Na minha vida, porém, aconteceram meses. Tudo começou com a famosa caçada aos jacarés.

José Eduardo Agualusa, *Nação Crioula*, Lisboa, Dom Quixote, 1997 (excerto)

O tempo cronológico é de quarenta dias, mas a percepção do narrador é a de que se tinham passado meses. A expressão “aconteceram meses” sugere uma quantidade tal de acontecimentos que cria no narrador a sensação de que vários meses decorreram num espaço temporal de quarenta dias. É a vivência subjetiva do tempo.



Questão · Prova final 2012 (2.ª chamada)

Explica o sentido da expressão “um imenso quarto de hora”, referindo o estado de espírito do narrador.

Fui, pois, fazer exame a Beja. Ao terminar, todos acharam que sim, que ficara bem. A professora disse:

– Apenas erraste duas coisas. Mas não deve ter importância...

Meu pai, que me acompanhou, foi da opinião que eu podia ter respondido certo. Repeti as perguntas, e eu respondi certo.

– Ora vês como sabias? Hum... Acho que te não vão reprovar por isso...

Estava, pois, assente que eu ficara bem. Mas só quando daí a um imenso quarto de hora afixaram os resultados, desapareceu de vez aquele retraimento que pesava sobre nós. A professora beijou-me, exclamando:

– Eu não disse! Pois claro que foi um belo exame! Só tiveste um defeito: falaste demasiado, nunca te calavas. Olha que quem muito fala... Mas, enfim, já podes entrar para o liceu.

Manuel da Fonseca, “O Retrato”, *O Fogo e as Cinzas*, Lisboa, Portugália Editora, 1965

Percurso

A expressão que deves explicar contém uma referência ao tempo cronológico, isto é, tempo real decorrido: um quarto de hora. No entanto, a expressão não se resume a essa indicação. Inclui igualmente um adjetivo que revela o modo como a personagem-narrador vive o tempo cronológico. O adjetivo “imenso” significa “que não pode ser contado, infinito, que não tem fim” e, como tal, revela que, para o narrador, aqueles quinze minutos pareciam ter uma duração maior do que a real.

Deves agora procurar relacionar esta constatação com os factos ocorridos:

- sabemos que se trata de uma espera pela afixação dos resultados de um exame;
- sabemos também haver interesse e expectativa por parte não só do narrador, mas também

de outras personagens (professora, pai...) no sucesso do examinando.

Conclui-se, pois, que há um ambiente de ansiedade e inquietação causado pela espera do resultado do exame. São esses sentimentos que causam a sensação de que o tempo estava a demorar muito a passar.

Resposta

A expressão evidencia que o tempo cronológico (quinze minutos) é percecionado pelo narrador como tendo uma duração maior do que a real (tempo psicológico). Trata-se de uma situação de espera pela afixação dos resultados de um exame e este modo de vivenciar o tempo cronológico ilustra o estado de ansiedade, inquietação e, talvez, nervosismo do narrador.



Agora Tu • Questão 6

Explica o sentido da expressão “Como o tempo corria devagar!”, referindo o estado de espírito do narrador.

Agora entro, sento-me [...] e à pergunta de sempre respondo [...]:

– Só a barba.

Ora é de há pouco este meu à-vontade diante do Mestre Ilídio Finezas.

Lembro-me muito bem de como tudo se passava. Minha mãe tinha de fingir-se zangada. Eu saía de casa, rente à parede, sentindo que aquilo era pior que ir para a escola.

Mestre Finezas puxava um banquinho para o meio da loja e enrolava-me numa enorme toalha. Só me ficava a cabeça de fora.

Como o tempo corria devagar!

A tesoura tinha e cortava junto das minhas orelhas. Eu não podia mexer-me, não podia bocejar sequer. “Está quieto, menino”, repetia Mestre Finezas segurando-me a cabeça entre as pontas duras dos dedos [...].

Manuel da Fonseca, “Mestre Finezas”, in *Aldeia Nova*, Caminho, 1984 (excerto com supressões)

Cf. soluções • p. 248

OUTROS ASPETOS A CONSIDERAR NO TEXTO NARRATIVO

Existem dois **modos de apresentação do discurso**: o do narrador e o das personagens. Atenta em cada um deles.

Discurso do narrador

• Narração

Corresponde aos momentos de relato dos acontecimentos, de avanço na ação, de dinamismo narrativo.

- **Marcas linguísticas:** verbos de ação no pretérito (sobretudo perfeito e mais-que-perfeito).

Exemplo

Neste meio-tempo, **procurou** D. Quixote um lavrador, seu vizinho, homem de bem [...] mas com juízo pouco no seu lugar. E tantas coisas lhe **disse**, tais promessas lhe **fez**, tanto **martelou**, que o raio do labrego **se determinou** a ir com ele e servir-lhe de escudeiro. [...] Com estas promessas e outras que tais, Sancho Pança, assim se chamava o homem, **largou** mulher, filhos, lavoira, e **ajustou-se** por escudeiro do fidalgo. **Tratou** D. Quixote de arranjar dinheiro. Vendendo uma courela, hipotecando outra, sem olhar a desgraças, **juntou** uma quantia apreciável. **Muniu-se** igualmente de rodela, que **pediu** emprestada a um amigo, **consertou** o melhor que pôde o elmo, e **avisou** o escudeiro para que estivesse pronto tal dia e hora. **Recomendou-lhe** muito que não se esquecesse dos alforges. **Respondeu-lhe** Sancho que tudo tomaria na devida conta e que, demais, contava levar o jumento que tinha, um animal de carga, porque o seu forte não era andar à pata...

Miguel de Cervantes, *D. Quixote de La Mancha*, versão de Aquilino Ribeiro, Lisboa, Bertrand, 2002 (excerto com supressões)

Repara na sucessão de acontecimentos que suportam o desenrolar da ação. Os verbos de ação (destacados) têm, neste contexto, um papel fundamental.

• Descrição

Corresponde a momentos de pausa na ação, geralmente para apresentação e caracterização de espaços, personagens, objetos. É também usada para recriar certos ambientes onde as personagens atuam. Numa descrição deves estar atento aos aspetos que se seguem.

- **Marcas linguísticas:** predominam os nomes (para designar as pessoas, objetos, lugares que estão a ser caracterizados), adjetivos ou orações subordinadas adjetivas (para designar as características) e os verbos copulativos (sobretudo no pretérito imperfeito).
- **Planos descritivos:** uma descrição pode partir do geral para o particular, do interior para o exterior, de um plano mais distante para um plano mais próximo (e vice-versa); estes movimentos conferem maior dinamismo à descrição.

- **Recursos expressivos:** é frequente encontrarmos, numa descrição, palavras cujo significado remete para um dos cinco sentidos humanos (visão, tato, olfato, paladar e audição); pretende-se imprimir um maior realismo, visualismo e vivacidade à descrição, sublinhando determinada característica do ambiente; perante uma descrição que desperta sensações auditivas, tácteis, olfativas, etc., o leitor é como que transportado para o local que se descreve ou para a presença da pessoa/objeto descrito.

Exemplo

Bela e vasta planície! Desafogada dos raios do Sol, como ela se desenha aí no horizonte tão suavemente! **que delicioso** aroma **selvagem** que exalam estas plantas, acres e tenazes de vida, que a cobrem, e que resistem verdes e viçosas a um sol português de julho!

A doçura que mete na alma a vista refrigerante de uma jovem seara do Ribatejo nos primeiros dias de abril, ondulando lascivamente com a brisa **temperada** da primavera. [...]

Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, realização didática de Luís Amaro de Oliveira, Porto, Porto Editora, 1977 (excerto)

Este exemplo ilustra a descrição de um espaço natural exterior. Os elementos descritos são a planície e as suas plantas.

Repara no predomínio de **adjetivos** e de orações adjetivas relativas para caracterizar nomes como “planície”, “aroma”, “plantas”, “Sol”, “vista”.

A descrição parte de uma panorâmica geral (“vasta planície”) para se centrar em detalhes como o aroma das plantas. Cria-se um certo dinamismo com este movimento do geral para o particular.

Atenta agora na associação que podemos estabelecer entre determinadas palavras/expressões e os sentidos humanos:

- “aroma”, “exalam” → olfato
- “delicioso”, “doçura” → paladar
- “raios do Sol”, “verdes”, “viçosas” → visão
- “brisa temperada” → tato



Questão • Teste intermédio 2011

Relê o excerto seguinte:

Com o advento da noite, porém, os soluços da ventania, o piar da coruja, os rugidos longínquos das feras mágicas e o negrume tremendo acordaram de novo João Medroso, que, de cabelos em pé, alanceou a sombra com a angústia de um brado de socorro.

José Gomes Ferreira, *As aventuras de João Sem Medo: Panfleto Mágico em Forma de Romance*, 19.^a ed., Lisboa, Dom Quixote, 1999

Transcreve três expressões deste excerto que despertem sensações auditivas.

Percurso

Deves sublinhar no excerto todas as palavras ou expressões que sugerem qualquer tipo de som (ruído, barulho, melodia...) ou remetam para a faculdade de audição. Assim, temos:

- "soluços da ventania";
- "o piar da coruja";
- "os rugidos longínquos";
- "brado de socorro".

Repara que as três primeiras expressões citadas integram uma enumeração. Identificando

a variedade de ruídos simultâneos que invadiam a noite, essa enumeração ajuda à criação do ambiente assustador que atemoriza João Medroso.

Resposta

As expressões "os soluços de ventania", "o piar da coruja" e "os ruídos longínquos" despertam sensações auditivas.

Atenção!

Não te esqueças de colocar as expressões entre aspas já que estás a citar o texto.



Agora Tu • Questão 7

Transcreve três expressões deste excerto que despertem sensações diferenciadas e explicita o seu valor expressivo.

Mas não foi chuva o que veio, foi uma catarata caída do firmamento, um entornar de aéreas águas sobre a terra e o mar já inchado do furor das vagas. O horizonte desapareceu completamente, uma escuridão de estanho esfumado avançara dos lados do Norte de África à velocidade de um tornado, atroando tudo com o barulho de todos os bombos e tambores do universo. Minha mãe garantia que três vezes a terra tremera. [...] Uns uivos surdos, curtos, seguidos de outro mais demorado, desvairaram os animais das vizinhanças, lançaram o pânico entre os humanos que viram telhas e tetos abrindo, paredes estalando, soalhos rachando ou pegando fogo quando as brasas das lareiras se espalharam, quando a fraca chama das velas de repente incendiou panos que estavam perto, quando as chaminés de vidro dos candeeiros a petróleo explodiram estilhaçadas. Houve quem corresse para fora de casa, preferindo o dilúvio ao estoirar dos telhados. O último estertor fora o pior, e não faltou quem se preparasse para o fim do mundo.

Almeida Faria, *O Conquistador*, Lisboa, Caminho, 1990 (excerto com supressões)

Cf. soluções • p. 248

Discurso das personagens

• Discurso direto

As falas das personagens são representadas por discurso direto (cf. p. 115) sempre que são reproduzidas tal qual foram ditas ou pensadas. Recorre-se, para isso, a marcas gráficas como o travessão, em início de parágrafo, para introduzir a fala ou as aspas a delimitá-la. Pode existir, ainda, um verbo introdutor (*afirmou, disse, inquiriu, exclamou...*).

As falas em discurso direto evidenciam frequentemente marcas de oralidade (como hesitações, interrupções, interjeições) e mantêm palavras como *aqui, agora, este*, etc., cujo significado é determinado pelo espaço e tempo de produção da fala, do discurso original.

As falas podem ser de dois tipos:

- **diálogo** – situações de interação verbal entre duas ou mais personagens;
- **monólogo** – fala dirigida ao próprio locutor ou a um destinatário ausente (em jeito de reflexão, desabafo...).

O recurso ao diálogo corresponde, regra geral, a uma intenção de dar maior destaque às personagens, à relação que estabelecem entre si. O monólogo associa-se, por vezes, a situações de conflito interior (ansiedade, desespero, preocupação...).

Exemplo

1 Encontrou o poeta matando as saudades de casa com um opíparo pequeno-almoço no terraço, enquanto as gaivotas esvoaçavam aturdidas pelo reflexo do sol a pique sobre o mar.

- Don Pablo – sentenciou com voz transcendente –, trago-lhe uma carta.
- O poeta saboreou um gole do seu penetrante café e encolheu os ombros.
- Sendo tu carteiro, não me admira.
- Como amigo, vizinho e camarada, peço-lhe que ma abra e ma leia.
- Que te leia uma carta minha?

Antonio Skármeta, *O Carteiro de Pablo Neruda*, trad. José Colaço Barreiros, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997 (excerto)

Trata-se de um diálogo entre Don Pablo e o carteiro. As falas são devidamente introduzidas por travessão e uma delas é intermediada por um verbo introdutor (“sentenciou”).

2 Tal como Guilherme vem agora, Rua da Madalena abaixo, a pensar em Sílvia, no filho que está na creche, e no outro que vai nascer daí a meses. A pensar na vida que levam, e a interrogar-se: “Até quando, até quando?”

Manuel da Fonseca, “Tempo de solidão”, in *Tempo de solidão*, Círculo de Leitores, 2005 (excerto)

Encontramos, neste excerto, um exemplo de monólogo (“Até quando, até quando?”). A personagem não interage verbalmente com outra; fala consigo própria, numa espécie de desabafo em voz alta, depois de um momento de reflexão.

• Discurso indireto

O narrador, ou uma personagem, “apropria-se” do discurso de outra personagem e transmite-o sem reprodução exata. Para tal, recorre, entre outros, a orações subordinadas substantivas completivas iniciadas, geralmente, pelas conjunções completivas *que* e *se* (cf. pp. 139 e 167); trata-se de orações como as sublinhadas no exemplo da página seguinte.

Exemplo

A psicóloga da minha escola disse-me, depois da entrevista que tive com ela no princípio do ano, que eu tinha uma grande capacidade de verbalização. Ia-me rir, porque julguei que me estava a falar da conjugação dos verbos [...].

Ana Saldanha, *Uma questão de cor*, Lisboa, Caminho, 2002 (excerto)

A fala da psicóloga foi reproduzida em discurso indireto; daí o uso do verbo introdutor (“disse”) seguido de oração subordinada substantiva completiva (“que eu tinha uma grande capacidade de verbalização”), entre outras características que poderás consultar nas páginas 115 e 116.

• Discurso indireto livre

Meio de expressão que consiste numa fusão do discurso direto com o indireto. Trata-se de um discurso que conserva o registo oralizante e as marcas do discurso direto, mas não apresenta as características gráficas daquele (travessão, parágrafo, etc.); recorre à 3.ª pessoa gramatical e aos tempos verbais característicos do discurso indireto, mas não utiliza a oração subordinada substantiva completiva. Pode ser difícil distinguir a voz do narrador da voz da personagem, mas essa dificuldade não afeta a interpretação ou a experiência de leitura. De um modo geral, o discurso indireto livre confere dinamismo e vivacidade ao relato. Não há interrupções para introdução de falas e, simultaneamente, o relato do narrador torna-se mais fluido e dinâmico ao incorporar uma segunda voz com, por vezes, marcas de oralidade.

Exemplo

Foi numa noite medonha, cheia de água e gelada, que o Faustino assaltou a Senhora da Saúde. Há tempos já que a ideia desse roubo o obcecava, mas a mulher e o demónio numa hesitação imbecil tinham-no afastado disso. [...]

Por volta da meia-noite as derradeiras amarras da consciência acabaram por ceder. Raios partissem as horas que gastara a pensar na morte da bezerra! Há certas alturas em que a gente, em vez de miolos, parece que tem aranhas no toutiço!

Miguel Torga, “Um roubo”, in *Contos da Montanha*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1987 (excerto com supressões)

Repara como o narrador reproduz os pensamentos (monólogo) da personagem sem recurso às formas típicas do discurso direto ou indireto.

- Em discurso direto, teríamos:

Em voz alta, Faustino convenceu-se a si mesmo:

– Raios partam as horas que gastei a pensar na morte da bezerra! Há certas alturas em que a gente, em vez de miolos, parece que tem aranhas no toutiço!

- Em discurso indireto, teríamos:

Em voz alta, Faustino **convencia-se** a si mesmo, **praguejando que** raios partissem as horas que gastara a pensar na morte da bezerra **e que havia** certas alturas em que a gente, em vez de miolos, **parecia que tinha** aranhas no toutiço!



Questão-modelo

A dada altura, no excerto, duas vozes parecem confluir numa só.
Explica a afirmação, identificando o tipo de discurso usado.

Duas mãos ternas e feitosas, vermelhas e antes do tempo deformadas, passeiam sobre as roupinhas húmidas do borrito, alisam-nas, empunham de novo o ferro que muitos anos de uso poliram: são elas, em toda a casa, o único sinal de vida. [...]

Há quantas horas dura a tarefa? Deram as onze na Sé, depois no relógio aguitarrado da casa de entrada, e as duas mãos param um instante na toalha branca, sob o comando da reflexão. Dois filhos a criar, outro a vir, a casa num brinco, o marido um fidalgo, montes de roupa a lavar, passajar e engomar – os dias, Senhor, tão curtos, as horas vão-se num rufo!

José Rodrigues Miguéis, *A Escola do Paraíso*, Lisboa, Editorial Estampa, 1982 (excerto com supressões)

Percurso

Lendo atentamente o excerto, percebemos que a mulher que passa a ferro a dada altura interrompe a sua tarefa a propósito de uma reflexão sobre as tarefas domésticas, o marido, os filhos. Essa reflexão é um monólogo que nos é apresentado não sob a forma de discurso direto (não há travessão em início de parágrafo ou aspas para o introduzir), mas integrado no discurso do narrador. É um momento de discurso indireto livre que confere maior fluidez e expressividade ao relato do narrador, mantendo alguns traços da oralidade como, por exemplo, a invocação “Senhor”.

Resposta

A reflexão da personagem sobre as tarefas domésticas e o tempo que parece insuficiente para as realizar é um monólogo que surge integrado no discurso do narrador, ou seja, não é reproduzido em discurso direto, com as marcas gráficas que o identificam e tornam visível a separação dos discursos do narrador e das personagens. O monólogo poderia ainda ser reproduzido em discurso indireto, mas tal não acontece (não há oração subordinada completiva, nem os tempos verbais e outras marcas características do discurso indireto). Assim, duas vozes distintas fundem-se numa só. Estamos na presença do discurso indireto livre.



Agora Tu • Questão 8

A dada altura, no excerto, duas vozes parecem confluir numa só.
Explica a afirmação, identificando o tipo de discurso usado.

- Mas o senhor me conhecia, sabia quem eu era?
- Nada. Você nunca me foi visto. Agora, acabou-se a conversa. Apague a fogueira.

O miúdo desiste de mais pergunta. Por que razão o velho teima em não lhe revelar nenhum passado? Seria verdadeira aquela ignorância dele? Há tempos que os dois estão juntos. O velho lhe dedica paciências, em paternais maternidades. Sem nunca lhe escapar uma ternura. A conversa também é pouca, sem desperdício de palavra.

Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, Lisboa, Caminho, 1992 (excerto)

Cf. soluções • p. 248

ESTRATÉGIAS DE LEITURA DO TEXTO NARRATIVO

Analisámos, até aqui, cada uma das categorias da narrativa isoladamente. Contudo, para a compreensão global de um texto narrativo, todos os elementos devem ser considerados de forma articulada. É necessário perceber as relações entre o espaço e o estado de espírito das personagens, entre as atitudes do protagonista e o desfecho da ação, etc. Assim, uma personagem ansiosa experienciará o tempo de forma diferente da vivenciada por uma personagem autoconfiante e tranquila; um espaço físico calmo, arejado, luminoso inspirará comportamentos serenos.

Para além de reconhecer, caracterizar e correlacionar os elementos constitutivos da narrativa, deverás ser capaz de identificar temas e ideias principais, analisar o ponto de vista das diferentes personagens, reconhecer a forma como o texto está estruturado, entre outras metas de leitura previstas para o 9.º ano de escolaridade.

Assim, é fundamental adotares algumas das estratégias que a seguir te propomos.

ESTRATÉGIAS DE LEITURA DO TEXTO NARRATIVO

- Ler o texto e identificar o **tema principal**.
- Reler e prestar atenção à relação entre as partes:
 - analisar a forma como o tema é desenvolvido por meio de diferentes assuntos (dar um título a cada parágrafo pode ser uma estratégia útil);
 - estabelecer **relações de sentido entre as diferentes partes** (causa-consequência, contraste, exemplificação, aprofundamento, progressão temporal, pormenorização de uma descrição...); deves estar atento aos articuladores do discurso (*no entanto, mais tarde, uma vez que...*) e aos tempos verbais utilizados.
- Sublinhar as falas das **personagens** e analisá-las no sentido de avaliar o seu **posicionamento** face aos factos narrados (participação ou não participação; concordância ou discordância; oposição, incentivo ou indiferença...):
 - neste momento é importante relacionar palavras com as intenções/motivações que parecem mover a(s) personagem(ns).
- Assinalar palavras e expressões descritivas do **espaço físico** e verificar se se evidencia um campo lexical (cf. p. 169) de destaque (harmonia, desconforto, serenidade, equilíbrio, desequilíbrio, etc.); relacionar essa informação com os acontecimentos e a atuação das personagens:
 - semelhança/identidade?
 - oposição/contraste?
 - harmonia/desarmonia?
- Identificar **recursos expressivos** e avaliar a forma como contribuem para o enriquecimento da mensagem e/ou para a construção das linhas de significação globais que foste identificando (cf. pp. 124-125).



Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Fui, pois, fazer exame a Beja. Ao terminar, todos acharam que sim, que ficara bem. A professora disse:

– Apenas erraste duas coisas. Mas não deve ter importância...

Meu pai, que me acompanhou, foi da opinião que eu podia ter respondido certo. Repetiu as perguntas, e eu respondi certo.

– Ora vês como sabias? Hum... Acho que te não vão reprovar por isso...

Estava, pois, assente que eu ficara bem. Mas só quando daí a um imenso quarto de hora afixaram os resultados, desapareceu de vez aquele retraimento¹ que pesava sobre nós. A professora beijou-me, exclamando:

– Eu não disse! Pois claro que foi um belo exame! Só tiveste um defeito: falaste demasiado, nunca te calavas. Olha que quem muito fala... Mas, enfim, já podes entrar para o liceu.

Meu pai passava-me os dedos pelo cabelo. Pusera-se muito sério e pálido. Só então vi quanto era profunda a sua alegria; tive vontade de chorar. Subitamente, ele disse, erguendo a mão:

– Vou mandar um telegrama!

E correu para a estação.

Ao ver-me rodeado de caras risonhas, os dias anteriores, tão enervantes e difíceis, perderam o sentido. Da minha memória desapareceram as regras da Gramática, os problemas, os rios, as linhas dos comboios e as grandes figuras históricas. E as guerras, com datas e heróis, decorados um a um, sumiram-se-me da cabeça. Senti-me límpido e feliz, de novo criança. A vida era bela, e diante de mim abriam-se caminhos radiosos: ia voltar a ser um pequeno rei na minha vila. [...]

Saímos de Beja na manhã seguinte. Estrada fora, olhando através da janela do carro para a imensidão dos plainos², reparei que o mundo era bem maior do que eu imaginava. E a Geografia, que tanto trabalho me dera a decorar, começou a ter para mim um certo jeito de coisa, afinal, verdadeira. “Talvez que a Terra seja redonda, e tão grande como o livro diz”, pensei eu, resignado.

Quando chegámos, minha mãe chorou; a avó comoveu-se um pouco. Depois, apesar de os dias correrem, todos os meus falavam ainda do exame e de Beja. Mas falavam de tal modo que, por fim, me pareceu que era meu pai, minha mãe e a avó que iam para o liceu cursar o primeiro ano. Cá por mim só pensava no jogo da bola e nas correrias pelo largo.

Manuel da Fonseca, “O Retrato”, in *O Fogo e as Cinzas*, Lisboa, Portugália Editora, 1965

Vocabulário

¹ *retraimento*: atitude reservada; ² *plainos*: planícies.

A. Relê as seguintes palavras da professora: “Olha que quem muito fala...”.

Explicita a ideia contida nestas palavras da professora, evidenciando a sua intenção ao proferi-las.

Percurso

A. Repara que a primeira questão corresponde ao terceiro aspeto abordado nas **Estratégias de leitura do texto narrativo** (analisar as falas das personagens no sentido de avaliar as intenções que parecem movê-las – cf. p. 39).

Deves, primeiro, reler as frases que integram o contexto em que estas palavras surgem. Ao fazê-lo, notarás que o “falar muito” é apresentado como um defeito pela professora: “Só tiveste um defeito: falaste demasiado, nunca te calavas”. Para além disso, relacionando o texto com o teu conhecimento do mundo e da língua, certamente reconhecerás esta expressão como o início de um dito popular: “Quem muito fala pouco acerta”. Estarás, assim, apto a explicitar a ideia contida nas palavras, ou seja, a de que quem fala muito corre maior risco de errar.

Num segundo momento, deves avaliar a intenção da professora ao proferir estas palavras. Repara que:

- 1.º – a professora elogia a prestação do narrador (“Pois claro que foi um belo exame!”);
- 2.º – aponta um defeito;
- 3.º – afirma que, apesar da falha, a entrada no liceu estava assegurada (“Mas, enfim, já podes entrar para o liceu.”).

Assim, conclui-se que a professora pretendia fazer uma advertência, chamar a atenção do narrador para um erro a evitar no futuro.

Resposta

A. Segundo as palavras da professora, quando falamos muito, o risco de errarmos aumenta. A professora pretendia advertir o narrador.

B. Selecciona, de entre as duas expressões seguintes, aquela que, na tua opinião, se adequa melhor ao sentido do texto.

- *A infância no largo.*
- *Uma nova etapa.*

Justifica a tua opção, fundamentando-a na leitura do texto.

Percurso

B. Este tipo de questão é habitual em exame e reporta-se ao primeiro aspeto abordado nas **Estratégias de leitura do texto narrativo** (ler o texto e identificar o tema principal – cf. p. 39).

Normalmente, são apresentadas duas opções, ambas válidas, o que significa que a correção da tua resposta dependerá dos argumentos que justificam a tua escolha.

Verifica, então, que neste exemplo quer um quer outro títulos são plausíveis. Todo o excerto se desenvolve em torno de um momento marcante na vida do narrador: o passar no exame e a entrada para o liceu. A importância desse momento é evidenciada:

- pelas reações do narrador, que espera ansiosamente pelo resultado, que se comove com a alegria do pai e se sente animado com as caras risonhas que o rodeiam;
- pela forma como o acontecimento é vivido pelas restantes personagens, nomeadamente a família (“falavam de tal modo que, por fim, me pareceu que era meu pai, minha mãe e a avó que iam para o liceu cursar o primeiro ano”).

No entanto, as brincadeiras no largo revelam-se tão ou mais importantes que a ida para o liceu, pois era o jogo da bola e as correrias que ocupavam a mente do narrador (“Cá por mim só pensava no jogo da bola e nas correrias pelo largo”).

Resposta

B. A expressão mais adequada é “Uma nova etapa”, pois o texto desenvolve-se à volta da passagem no exame e da entrada no liceu como momentos que marcam uma nova e importante fase na vida do narrador e dos seus familiares.

ou

A expressão mais adequada é “A infância no largo”, pois, apesar da grande agitação emocional em torno da entrada no liceu, por parte sobretudo dos familiares, o narrador apresenta-se emocionalmente absorvido pelas memórias das brincadeiras de infância no largo, que nitidamente valoriza tanto ou mais que o sucesso escolar obtido.



Agora Tu · Questão 9 · Prova final 2012 (1.ª chamada)

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

[...] Aconteceu um dia estar presente à largada de uma armada na praia do Restelo, cerimónia que a presença do rei em extremo solenizou. Cantou-se missa no recente e formoso mosteiro dos frades jerónimos e, em seguida, caminhou-se em procissão até ao areal, onde os mareantes haviam de tomar os batéis em direção às naus, que se viam ao largo embandeiradas. El-rei e a sua comitiva já tomavam lugar no varandim rendilhado do baluarte de Belém¹, de cujas ameias chanfradas², no pátio em baixo, o bispo dava a bênção à armada e aos marinheiros. Era o momento mais penoso! Cenas lancinantes de lágrimas, gritos e desmaios! Mães, esposas, filhos que se tinham de desarreigar³ dos braços dos que partiam!... Bem se esforçavam estes por sorrir, por dizer palavras despreocupadas... Via-se-lhes bem no brilho do olhar e no embargo da fala o que lhes ia lá por dentro. [...] Quando todos já estavam embarcados, fez-se entre a multidão da praia um grande silêncio e até aqueles que por seus ditos e resmungos se mostravam em desacordo e inconformados deixavam de se ouvir. Só voltariam a falar e a vociferar argumentos que calavam fundo em muitos dos que ficavam quando, consumado o ato, já se não avistava a armada, encoberta pela terra, ultrapassada a barra. Dispersava então a multidão em pequenos grupos que, pela sua postura, procedimento e aspeto, denotavam sentimentos e opiniões diversos e até contraditórios, a tristeza, a dor, a angústia, a desolação, a raiva impotente, a euforia, o orgulho contido, a serena aquiescência⁴ – de tal modo era tamanha a incerteza do desfecho destes empreendimentos. Para muitos era um pranteado⁵ regresso, um magoado silêncio, como quando se volta do cemitério após um enterramento; para outros, um apressado e tagarelado debandar, como quem vem da romaria.

Fernando Campos, *A Casa do Pó*, 2.ª ed., Lisboa, DIFEL, 1987

Vocabulário

1 *baluarte de Belém*: Torre de Belém; 2 *chanfradas*: recortadas; entalhadas; 3 *desarreigar*: afastar bruscamente; 4 *aquiescência*: aceitação; 5 *pranteado*: choroso; desolado.

- A.** Explicita o contraste estabelecido no último período do texto e transcreve duas expressões que evidenciem esse contraste.
- B.** O parágrafo que se segue não pode ser a continuação da narrativa que acabaste de ler, pois apresenta aspetos incoerentes com o conteúdo do texto.

Caminhei por entre os grupos de pessoas, ao longo da margem, avistando ainda a armada, que ultrapassava a barra. Volvi a vista atrás a apreciar o antigo mosteiro dos frades jerónimos e o perfil delicado do baluarte de Belém, em frente ao Tejo.

Identifica dois aspetos que provocam essa incoerência, fundamentando a tua resposta em elementos textuais.

Cf. soluções · p. 248

Etapa Final

Lê o excerto e responde, de forma completa e estruturada, aos itens que se seguem.

Olha para o relógio. Treze e dez. Vagarosamente, como se procurasse recordar qualquer coisa, arruma os papéis, e sai.

A empresa onde Sílvia trabalha é em Campo de Ourique, a de Guilherme para os lados da Sé, ao cimo da Rua da Saudade. A hora e meia de intervalo não dá tempo a que alcemem juntos. Ela come no escritório, ele, de pé, numa taberna do Rossio.

Passado o Correio-Mor, desce a Madalena. Carros, homens e mulheres cruzam-se apressados. É a hora das ruas cheias, a caminho do almoço. No entanto, homens e mulheres, apesar de apressados, vão, solitários, remoendo cada um os seus próprios problemas. Há quem fale alto. Uma que outra frase, logo sumida no ambiente ruidoso.

Falar alto e sozinho. [...] Assim o homem que rompe a direito, concentrado e decisivo:

– Não e não!

Não o quê? Não porquê? Será que os outros não sabem? [...]

Há também quem sorria dos que passam falando sozinhos. Maneira de escapar-se, de fugir aos problemas. Sorrir e esquecer o que se ouve na rua é estar dormindo. Não por muito tempo. Um breve sono apenas. Os pesadelos do dia a dia crescem, sobem, afogam.

– Hão de acabar por ouvir! – exclama aquele homem, à beira do passeio.

Até os que vão calados falam. Pela forma de andar, pelos gestos, ouvem-se-lhes as palavras. E lá vão, entaipados, solitários, na multidão.

Tal como Guilherme vem agora, Rua da Madalena abaixo, a pensar em Sílvia, no filho que está na creche, e no outro que vai nascer daí a meses. A pensar na vida que levam, e a interrogar-se: “Até quando, até quando?”

Carrancudo, entra na taberna.

Apinhada como as carruagens em que viaja, também ali se acotovelam, esforçando-se, ombro contra ombro, por um bom lugar. Ninguém se conhece, todos têm pressa. De pé, e escalonados em filas desde o balcão, os comedores verticais [...] fitam, mudos e duros, o alto da parede em frente.

Na demorada espera, forçando o aperto e sem perder o pé a cada passo conquistado, Guilherme consegue chegar ao balcão. Entre dois mastigadores, apressados e taciturnos, come um pastel de bacalhau, duas sandes de presunto, um ovo cozido. Vazio o copo de vinho, paga e sai da taberna.

Para à beira do passeio, perto do Arco. Tal como de costume, nesse dia, depois de comer, apercebe-se pela primeira vez, nitidamente, de tudo quanto o cerca. Aquieta-se, como perante uma novidade, ao ver as árvores, as pessoas, os carros, o jorrar da água dos lagos e o monumento no meio da praça, com o teatro ao fundo, na tarde cinzenta.

40 Atravessa para o outro lado do Rossio, entra num café. Nenhum lugar vago nas mesas. Encosta-se ao balcão.

- Bica-bagaço - pede.

De queixo sobre o ombro, continua a observar discretamente as pessoas. De súbito, descobre, a uma mesa, perto dele, um rosto jovem e fresco de mulher, que
45 também o observa. [...]

Guilherme pressente como que uma indefinida, absurda esperança nem sabe de quê. Iniciar uma vida nova, feliz? Vingar-se da vida que leva? [...]

E sai [...].

Manuel da Fonseca, "Tempo de solidão", in *Tempo de solidão*,
Círculo de Leitores, 2005 (excerto com supressões)

1. Os homens e mulheres com que Guilherme se cruza atribuem uma dimensão social ao espaço.
 - 1.1. Explica a afirmação anterior, transcrevendo dois exemplos textuais que justifiquem a tua resposta.
 - 1.2. Classifica essas personagens quanto à relevância.
2. As pessoas que circulam pelas ruas debatem-se com várias inquietações e algumas são apresentadas através de um tipo de discurso.
 - 2.1. Identifica-o e comprova a tua resposta com um exemplo do texto.
3. O narrador não é imparcial no seu relato.
 - 3.1. Justifica a afirmação e transcreve um exemplo que ilustre a tua resposta.
 - 3.2. Classifica o narrador quanto à posição.
4. Transcreve duas expressões que despertem sensações auditivas.
5. Identifica um aspeto que contribua para a caracterização indireta de Guilherme. Justifica a tua resposta.
6. A evolução do estado de espírito da personagem reflete-se na forma como perceciona o espaço físico envolvente.
 - 6.1. Explicita a afirmação, comprovando a tua resposta com elementos do texto.
7. No texto, Guilherme, tal como as pessoas com que se cruza, sente a frustração causada pela sua vida rotineira. No entanto, há um momento em que desperta deste estado de apatia.
 - 7.1. Identifica o conector que assinala esta mudança.
 - 7.2. Refere o elemento que desencadeia esta mudança e relaciona-o com a ação desenvolvida até esse ponto.

Os Lusíadas

O quê? A epopeia

Uma epopeia é uma narrativa, geralmente escrita em verso, com estrutura, estilo e tom majestosos, em que se elogia os feitos gloriosos, de valor universal, de um herói individual ou de um povo. São famosas as epopeias gregas *Iliada* e *Odisseia*, de Homero, e a epopeia romana *Eneida*, de Virgílio. Esta última é a grande fonte de inspiração de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, a epopeia de enaltecimento do herói coletivo *povo português*, isto é, os Lusíadas, pela descoberta do caminho marítimo para a Índia (1498), feito único de importância universal.

Quem? O autor

As informações sobre a vida de Luís de Camões são escassas e de fiabilidade duvidosa. Terá nascido em 1524 e pensa-se que terá frequentado a Universidade de Coimbra. Serviu como soldado em Ceuta (onde, em batalha, perdeu um olho) e trabalhou no Oriente durante cerca de 16 anos. Na miséria, só conseguiu regressar à pátria, em 1569, com a ajuda de alguns companheiros. Cá, após a publicação de *Os Lusíadas*, recebeu, nos últimos anos de vida, uma tença do rei D. Sebastião. Morreu em junho de 1580.

Quando? A época

Nos séculos XV-XVI inicia-se um importante período civilizacional – o Renascimento – marcado por profundas alterações políticas e sociais. Estas transformações resultaram, por um lado, da filosofia humanista (movimento de recuperação da cultura da Antiguidade Clássica como forma de valorização da realização plena e harmoniosa do indivíduo – o homem como a medida de todas as coisas) e, por outro, dos avanços técnicos e científicos impulsionados pelos Descobrimentos. A vertente literária do Renascimento designa-se por Classicismo e caracteriza-se pela imitação das formas literárias das culturas grega e latina, em que se inclui o género épico.

A epopeia é, como vimos, um texto narrativo escrito em verso. Assim, há uma **ação** desenvolvida por **personagens** num determinado **espaço e tempo**, entre outras marcas como a existência de um **narrador**. Daí incluímos o estudo de *Os Lusíadas* nesta unidade dedicada ao texto narrativo. No entanto, o género épico tem características especiais que o singularizam e diferenciam do texto narrativo mais comum e que destacamos a seguir.

Epopeia clássica

- Tema nobre, solene, grandioso
- Narração *in medias res*
- Herói de elevada condição social e nobreza de carácter
- Intervenção do poeta para reflexões acerca dos factos narrados
- Unidade, verosimilhança (aparência de verdade) e variedade (introdução de pequenos episódios que sublinham a excecionalidade dos feitos e quebram a monotonia) da ação
- Intervenção de entidades do maravilhoso

CPE-19 © Porto Editora

Os Lusíadas

Os Lusíadas marcam a sua originalidade através de duas diferenças relativamente à epopeia clássica: o facto de o herói ser coletivo, todo um povo, o português, e a base verídica, histórica, não ficcional dos factos gloriosos narrados. Encontramos, de seguida, algumas noções básicas relativas à estrutura da obra em análise.

Conceitos-chave

Canto: principais partes de um poema

Maravilhoso: tudo o que se relacione com entidades sobrenaturais

Maravilhoso pagão: intervenção de deuses da mitologia grega e romana

Maravilhoso cristão: intervenção de entidades divinas do cristianismo

In medias res: expressão latina que significa “no meio das coisas”; designa uma técnica literária que consiste em iniciar uma narrativa a meio da história

Profecia: predição de acontecimentos futuros

Estrutura externa

- 10 cantos com 1102 estrofes
- cada canto é composto por um número variável de estrofes sendo que o maior é o X (156 estrofes) e o menor é o VII (87 estrofes)
- todas as estrofes são compostas por 8 versos (oitavas)
- todos os versos são decassilábicos (10 sílabas métricas, regra geral com acentuação rítmica na 6.^a e 10.^a sílabas)
- esquema rimático: abababcc (rima cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada nos últimos dois)

Estrutura interna

O poema divide-se em quatro grandes partes:

Proposição: explicitação do objetivo do poeta

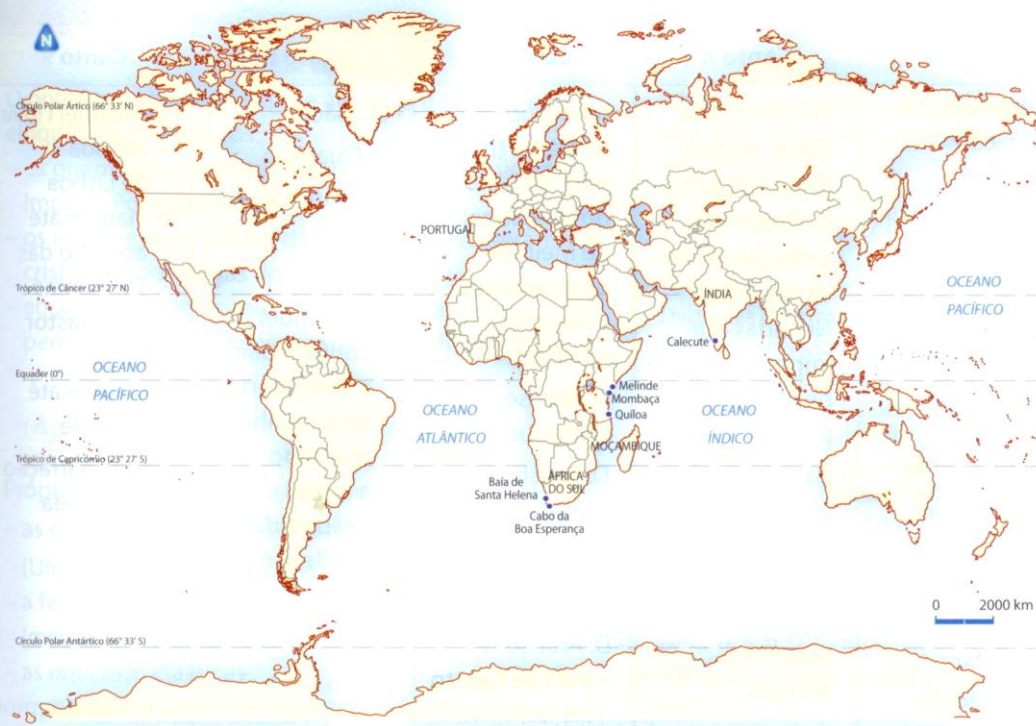
Invocação: pedido de inspiração às ninfas do Tejo

Dedicatória: indicação do destinatário do poema: D. Sebastião, rei de Portugal

Narração:

- tema central: viagem de Vasco da Gama
- narração *in medias res*
- planos da narração:
 - Plano da Viagem
 - Plano da História de Portugal
 - Plano da Mitologia
 - Plano das Reflexões do Poeta

É importante também, para uma melhor compreensão da ação, que possas situar geograficamente alguns dos acontecimentos referidos. Poderás fazê-lo no mapa que se segue.



Apresentamos-te, na página seguinte, um mapa-resumo da obra *Os Lusíadas*. Através dele, poderás compreender a ação global da narrativa e situar os episódios de análise obrigatória, de acordo com o Programa e outros documentos reguladores da disciplina. Estes episódios surgem destacados no próprio mapa-resumo. Os números entre parênteses referem-se às estrofes analisadas.

- **Plano da Viagem** – diz respeito à ação central: a viagem de descoberta do caminho marítimo para a Índia pela armada liderada por Vasco da Gama.
- **Plano da História de Portugal** – surge encaixado (cf. p. 18) no plano da viagem e integra os factos relacionados com a História de Portugal narrados por Vasco da Gama ao rei de Melinde (cantos III a V), por Paulo da Gama ao Catual da Índia (canto VIII) e, ainda, os acontecimentos futuros profetizados por Adamastor (canto V) e pelas Ninfas na Ilha dos Amores (canto X).
- **Plano da Mitologia** – integra as intervenções dos Deuses do Olimpo; articula-se por alternância (cf. p. 19) com a ação central (o plano da viagem).
- **Plano das Reflexões do Poeta** – diz respeito às reflexões do poeta, Camões, acerca de questões como a corrupção e ambição da sociedade sua contemporânea, a desvalorização das artes e do trabalho do poeta, a condição humana em geral, etc.

Todos os excertos citados seguem a edição de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, organizada por Emanuel Paulo Ramos, Porto Editora, 2011.

MAPA-RESUMO DE OS LUSÍADAS				
Canto I	Canto II	Canto III	Canto IV	Canto V
Proposição [1-3] Invocação Dedicatória Início da narração - armada portuguesa ao largo da costa de Moçambique [19] - consílio dos Deuses no Olimpo [20-41] - paragem em Moçambique - ataques e ciladas promovidos por Baco - proteção de Vénus - chegada a Mombaça	- em Mombaça, novas armadilhas contra os Portugueses - proteção de Vénus e das Nereidas que impedem a frota de atracar no porto - partida da armada e chegada a Melinde - visita do rei de Melinde à armada	- relato, por Vasco da Gama (narrador), da história do país ao rei de Melinde, abarcando os diferentes reinados D. Afonso Henriques D. Sancho I D. Sancho II D. Afonso III D. Dinis D. Afonso IV – Inês de Castro [118-135] D. Pedro I D. Fernando	D. João I D. Duarte D. Afonso V D. João II D. Manuel I – D. Manuel confia a Gama a descoberta do caminho marítimo para a Índia - despedidas em Belém [84-93]	D. Manuel I (cont.) – largada de Lisboa – viagem até ao Cabo das Tormentas – Adamastor [37-60] – Viagem até Melinde – fim da narração de Vasco da Gama
Canto VI	Canto VII	Canto VIII	Canto IX	Canto X
- despedida em Melinde e partida da armada - insistência de Baco na destruição dos Lusos e apelo a Neptuno - consílio dos deuses do Mar - ventos furiosos são libertados por Éolo - tempestade e chegada à Índia [70-94]	- Portugueses na Índia - visita do Catual (governador da cidade) à frota - Vasco da Gama levado perante o rei de Calecute - visita do Catual à nau de Paulo da Gama e pedido de explicação do significado das figuras nas bandeiras	- resposta de Paulo da Gama ao Catual - profecias de desgraça por parte dos conselheiros do rei de Calecute caso se concretize aliança com Portugueses - novas investidas de Baco - conspiração de mouros contra os lusos - traição do Catual	- novas ciladas - vencidas as dificuldades, regresso à Pátria com algumas especiarias - recompensa para os Portugueses preparada por Vénus [18-29] - chegada da armada à ilha divina, a Ilha dos Amores - aventura de Lionardo e uniões entre ninfas e navegantes [75-84]	- banquete dos navegadores com as ninfas - miniatura do Universo, mostrada ao Gama - despedida de Tétis, partida da armada e chegada a Portugal [142-144] - lamentações do poeta e exortação a D. Sebastião [145-146] - glórias futuras [154-156]

Análise episódio a episódio

PROPOSIÇÃO (Canto I, est. 1-3)	
Síntese de conteúdo • O poeta propõe-se louvar, se alcançar o talento e eloquência necessários: – os guerreiros e homens ilustres que construíram o Império Português na Ásia; – os reis que expandiram o Império e converteram à fé cristã as terras pagãs de África e da Ásia; – aqueles que, pelos seus feitos gloriosos, permanecerão para sempre na memória nacional. • Propõe ainda que se pare de louvar: – as grandes navegações dos heróis da <i>Odisseia</i> (Ulisses) e da <i>Eneida</i> (Eneias) – a fama das conquistas de Alexandre Magno e do imperador Trajano – as epopeias clássicas porque o poeta pretende enaltecer o ilustre povo português e o seu superior valor.	Citações ▶ “Cantando espalharei por toda a parte / Se a tanto me ajudar o engenho e a arte” [est. 2, vv. 7-8] ▶ “As armas e os barões assinalados / Que [...] / [...] edificaram / Novo Reino [...]” [est. 1, vv. 1-2, 7-8] ▶ “E também as memórias gloriosas / Daqueles Reis que foram dilatando / A Fé, o Império [...]” [est. 2, vv. 1-3] ▶ “E aqueles que por obras valerosas / Se vão da lei da Morte libertando” [est. 2, vv. 5-6] ▶ “Cessem do sábio Grego e do Troiano / As navegações grandes que fizeram;” [est. 3, vv. 1-2] ▶ “Cale-se de <i>Alexandro</i> e de Trajano / A fama das vitórias que tiveram” [est. 3, vv. 3-4] ▶ “Cesse tudo o que a Musa antiga canta” [est. 3, v. 7] ▶ “Que eu canto o peito ilustre Lusitano, / [...] Que outro valor mais alto se ale- vanta.” [est. 3, vv. 5, 8]

A MEIO DA VIAGEM (início da narração, Canto I, est. 19)	
Plano da Viagem	
Síntese de conteúdo • O poeta inicia, nesta estrofe, a narração da viagem. Há uma relação temporal entre esta estrofe (19) e a seguinte: quando os portugueses se encontram neste ponto da viagem inicia-se o Consílio dos Deuses (simultaneidade de ações). • Na estrofe 19, a viagem prossegue tranquila: as naus cortam as águas do mar cobertas de espuma e repletas de peixes; os ventos sopram brandamente.	Citações ▶ “Já no largo Oceano navegavam” [est. 19, v. 1] ▶ “Quando os Deuses no Olimpo luminoso, / [...] Se ajuntam em consílio glorioso” [est. 20, vv. 1, 3] ▶ “As inquietas ondas apartando” [v. 2] ▶ “Da branca espuma os mares [...] / Cobertos [...]” [vv. 5-6] ▶ “As marítimas águas consagradas / Que do gado de Proteu são cortadas” [vv. 7-8] ▶ “Os ventos brandamente respiravam” [v. 3]
Nota: Na estrofe 42, depois do consílio divino, o narrador dá-nos indicações mais precisas quanto à localização da armada que nos permitem situá-la aproximadamente ao largo da costa moçambicana; assim, quando a narração inicia, já a viagem vai a meio (<i>in medias res</i>).	

CONSÍLIO DOS DEUSES (Canto I, est. 20-41)	
Plano da Mitologia	
Síntese de conteúdo	Citações
1. Convocatória [est. 20] Por ordem de Júpiter, Mercúrio convoca os Deuses para reunião sobre o futuro dos Portugueses no Oriente. 2. Os elementos do consílio [est. 21-23] No Olimpo, Júpiter, o pai dos Deuses, com rosto severo e ar imponente, está sentado num trono reluzente, envergando a sua coroa e cetro. Abaixo, encontram-se os Deuses, sentados hierarquicamente, de acordo com a sua importância e antiguidade. 3. Intervenção de Júpiter [est. 24-29] Júpiter inicia o seu discurso, profetizando um futuro glorioso para os Portugueses e invocando: • o valor demonstrado nas vitórias contra Mouros, Castelhanos e Romanos; • a coragem e ousadia de enfrentarem os perigos do mar desconhecido para alcançarem novas terras. O pai dos Deuses refere que o Destino reserva aos Portugueses o domínio dos mares e a chegada à terra desejada e determina que os Portugueses sejam acolhidos na costa Africana. 4. Posições de Baco, Vénus e Marte [est. 30-40] Baco opõe-se às razões de Júpiter, temendo perder a sua fama e prestígio no Oriente. Vénus defende os Portugueses pelas qualidades que os aproximam do povo romano (a valentia e a língua) e pelo desejo de ser celebrada. Intervém Marte, na defesa dos Lusos, por afeição a Vénus ou por genuíno reconhecimento do valor dos Portugueses, sublinhando: • o mérito dos Portugueses; • os sentimentos baixos que movem Baco, sobretudo a inveja; • a firmeza que Júpiter deverá manter relativamente à decisão já tomada. 5. Decisão [est. 41] Júpiter aceita os argumentos de Marte e reafirma a decisão anteriormente tomada.	► “Convocados, da parte do Tonante, / Pelo neto gentil do velho Atlante.” [est. 20, vv. 7-8] ► “Com gesto alto, severo e soberano” [est. 22, v. 4] ► “(Precedem os antigos, mais honrados, / Mais abaixo os menores se assentavam)” [est. 23, vv. 5-6] ► “Como é dos Fados grandes certo intento” [est. 24, v. 6] ► “Cum poder tão singelo e tão pequeno, / Tomar ao Mouro forte [...]” [est. 25, vv. 2-3]; “Pois contra o Castelhana tão temido” [est. 25, v. 5]; “[...] a fama antiga, / Que co a gente de Rómulo alcançaram” [est. 26, vv. 1-2] ► “[...] cometendo / O duvidoso mar num lenho leve” [est. 27, vv. 1-2] ► “Que tenham longos tempos o governo / Do mar [...] que lhe seja / Mostrada a nova terra que deseja” [est. 28, vv. 3-4, 7-8] ► “Que sejam, determino, agasalhados / Nesta costa Africana como amigos” [est. 29, vv. 5-6] ► “[...] esquecerão seus feitos no Oriente” [est. 30, v. 7] ► “Por quantas qualidades via nela / Da antiga, tão amada sua, Romana” [est. 33, vv. 3-4]; “[...] há de ser celebrada a clara Deia, / Onde a gente belígera se estende” [est. 34, vv. 3-4] ► “Ou porque o amor antigo o obrigava, / Ou porque a gente forte o merecia” [est. 36, vv. 3-4] ► “[...] valia e obras [...]” [est. 38, v. 4] ► “[...] nunca tirará alheia <i>enveja</i> / O bem que outrem merece [...]” [est. 39, vv. 7-8] ► “Da determinação que tens tomada / Não tornes por detrás, pois é fraqueza” [est. 40, vv. 2-3] ► “[...] consentiu / No que disse <i>Mavorte valeroso</i>” [est. 41, vv. 2-3]

INÊS DE CASTRO
(Canto III, est. 118-135)

Plano da História de Portugal

Síntese de conteúdo

Recordamos que, neste momento da obra, o narrador é Vasco da Gama e o narratário é o rei de Melinde. No âmbito do relato da História de Portugal, no reinado de D. Afonso IV, surge o episódio de Inês de Castro [est. 118].

1. Considerações do poeta [est. 119]

O episódio é introduzido por uma reflexão do poeta que responsabiliza o Amor, implacável e sedento de sofrimento, pela morte de Inês.

2. Inês nos campos do Mondego [est. 120-121]

Apaixonada, tranquila e feliz, nos campos do Mondego, suspirando pelo seu amado, D. Pedro, Inês é descrita como bela, jovem e ingénua. Surgem indícios de tragédia.

3. A decisão do Rei [est. 122-123]

D. Afonso IV ordena o assassinato de Inês por questões de governação:

- o povo opunha-se à união de Inês e D. Pedro;
- D. Pedro recusava uma ligação matrimonial mais conveniente para os interesses do reino.

4. Inês, no palácio, perante o Rei [est. 124-125]

Inês é levada ao Rei pelos seus carrascos. Amarrada, fraca, frágil, chorando, pede misericórdia ao Rei.

• Súplicas de Inês [est. 126-129]

- Apela à humanidade do Rei, invocando casos famosos de animais selvagens que cuidaram de crianças.
- Alega inocência, sublinhando que o seu crime foi tão-somente amar.
- Pede clemência para com os filhos.
- Sugere o desterro, como castigo, insinuando que achará mais piedade entre as feras do que entre os homens.

• A morte de Inês [est. 130-132]

- O Rei comove-se, mas as razões de Estado e o murmurar do povo falam mais alto.
- Inês é executada.

Citações

- ▶ “O caso triste e *dino* da memória, / Que do sepulcro os homens desenterra, / Aconteceu da mísera e mesquinha / Que *despois* de ser morta foi Rainha.” [est. 118, vv. 5-8]
- ▶ “Tu, só tu, puro amor, com força crua, / [...] Deste causa à molesta morte sua” [est. 119, vv. 1, 3]
- ▶ “Estavas, linda Inês, posta em sossego, / De teus anos colhendo doce *fruto*” [est. 120, vv. 1-2]
- ▶ “Aos montes *insinando* e às ervinhas / O nome que no peito escrito tinhas.” [est. 120, vv. 7-8]
- ▶ “O velho pai *sesudo*, que respeita / O murmurar do povo e a fantasia / Do filho, que casar-se não queria” [est. 122, vv. 6-8]; “Tirar Inês ao mundo determina” [est. 123, v. 1]
- ▶ “Traziam-na os horríficos algozes / [...] Ela, com tristes e piedosas vozes” [est. 124, vv. 1, 5]
- ▶ “Com lágrimas, os olhos piedosos / *Pera* o avô cruel *assi* dizia” [est. 125, vv. 2, 8]
- ▶ “Se já nas brutas feras [...] / Com pequenas crianças viu a gente / Terem tão *piadoso* sentimento” [est. 126, vv. 1, 5-6]; “Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito / [...] Mova-te a piedade [...]” [est. 127, vv. 1, 7]
- ▶ “[...] matar *hũa* donzela, / [...] só por ter sujeito / o coração” [est. 127, vv. 2-4]
- ▶ “A estas criancinhas tem respeito” [est. 127, v. 5]
- ▶ “Põe-me em perpétuo e mísero desterro” [est. 128, v. 6]; “Põe-me [...] / Entre leões e tigres, e verei / Se neles achar posso a piedade / Que entre peitos humanos não achei.” [est. 129, vv. 1-4]
- ▶ “Queria perdoar-lhe o Rei *benino* / [...] Mas o pertinaz povo e seu destino / [...] lhe não perdoam” [est. 130, vv. 1, 3-4]
- ▶ “Arrancam das espadas de aço fino” [est. 130, v. 5]

5. Considerações finais do poeta [est. 133-135]

O poeta intervém, condenando a crueldade do ato e o uso indigno da espada, manifestando o desejo de que aquele dia seja apagado da História. A Natureza solidariza-se, chora a morte de Inês e as suas lágrimas dão origem à Fonte dos Amores.

Nota: O episódio diz-se trágico-lírico porque contempla os momentos típicos de uma tragédia clássica e porque o sujeito poético expressa os seus sentimentos ao comentar os factos narrados e ao condená-los explicitamente. Ele questiona a sua moralidade através de perguntas retóricas, atribui responsabilidades, sublinha, por meio de comparações e adjetivações, a oposição entre a fragilidade e delicadeza de Inês e a dura crueldade dos carrascos. Critica, ainda, a ferocidade do povo, indignando-se e repudiando o caso.

- ▶ “Bem puderas, ó Sol, da vista destes, / Teus raios apartar aquele dia” [est. 133, vv. 1-2]
- ▶ “As filhas do Mondego a morte escura / Longo tempo chorando memoraram, / E, *por* memória eterna, em fonte pura / As lágrimas choradas transformaram” [est. 135, vv. 1-4]
- ▶ “Que furor consentiu que a espada fina, / Que pôde sustentar o grande peso / Do furor Mauro, fosse alevantada / Contra *hũa* fraca dama delicada?” [est. 123, vv. 5-8]
- ▶ “Contra *hũa* dama, ó peitos carnicieiros, / Feros vos amostrais e cavaleiros?” [est. 130, vv. 7-8]

DESPEDIDAS EM BELÉM (Canto IV, est. 84-93)

Plano da Viagem

Este episódio insere-se, como o anterior, no relato de Vasco da Gama ao rei de Melinde. Retrata a partida das naus de Lisboa, o início da viagem liderada por Vasco da Gama. Assim, são várias as marcas da presença do narrador: “seguir-me”, “aparelhámos”, “implorámos”, “nós”, etc.

Síntese de conteúdo

1. Porto de Lisboa: o ambiente [est. 84-85]

As naus estão prontas para partir. Os navegadores e os guerreiros mostram-se firmes em seguir Vasco da Gama e sem receio da viagem. A praia veste-se de cor, com marinheiros e soldados a desfilar nos seus trajes. As naus robustas prometem imortalizar-se pela glória.

2. O estado de espírito dos que partem [est. 86-87]

Apetrechadas as naus, os navegadores preparam a sua alma para a árdua e ousada empreitada, rogando pela proteção e orientação de Deus, na capela de Belém. Vasco da Gama confessa o seu estado interior de dúvida e receio.

3. A dor dos que ficam [est. 88-92]

Familiares e amigos acorrem à praia. A tristeza e saudade antecipada são notórias nos seus rostos. Navegadores encaminham-se para os batéis. As mulheres (mães e esposas) choram pelo receio de não mais reencontrar os seus filhos e maridos, exclamando palavras de dor e de dúvida aflitiva.

Citações

- ▶ “[...] e não refreia / Temor nenhum o juvenil despejo” [est. 84, vv. 5-6]
- ▶ “[...] a gente marítima e a de Marte / Estão *pera* seguir-me a toda a parte.” [est. 84, vv. 7-8]
- ▶ “Pelas praias vestidos os soldados / De várias cores *vem* [...]” [est. 85, vv. 1-2]
- ▶ “[...] fortes naus [...] prometem [...] / De ser no Olimpo estrelas [...]” [est. 85, vv. 5-8]
- ▶ “Aparelhámos a alma *pera* a morte;” [est. 86, v. 3]
- ▶ “*Pera* o sumo Poder [...] Implorámos favor que nos guiasse” [est. 86, vv. 5, 7]
- ▶ “Como fui destas praias apartado, / Cheio dentro de dúvida e receio” [est. 87, vv. 6-7]
- ▶ “Saudosos na vista e descontentes” [est. 88, v. 4]
- ▶ “Em procissão solene, [...] / *Pera* os batéis viemos caminhando” [est. 88, vv. 7-8]
- ▶ “As mulheres *cum* choro *piadoso*” [est. 89, v. 3]



4. O embarque [est. 93]

Vasco da Gama determina que não haja despedidas para não intensificar a dor dos que partem e para evitar desistências.

- “Por nos não magoarmos, ou mudarmos /
Do propósito firme começado, /
Determinei de *assi* nos embarcarmos, /
Sem o despedimento costumado” [vv. 3-6]

ADAMASTOR
(Canto V, est. 37-60)

Plano da Viagem; Plano da Mitologia

Este episódio, incluído no relato de Vasco da Gama ao rei de Melinde, retrata um momento da viagem (a passagem do Cabo das Tormentas) em que também há intervenção de seres mitológicos. Trata-se, pois, de um episódio que se insere no **Plano da Viagem** e no **Plano da Mitologia**.

Síntese de conteúdo

1. Indícios da chegada de Adamastor [est. 37-38]

Cinco dias depois da saída da Baía de Santa Helena, a armada aproxima-se do Cabo das Tormentas. A viagem decorre tranquilamente quando, de repente, surge uma nuvem escura e o mar enegrecido começa a agitar-se.

Vasco da Gama, assustado, invoca Deus.

2. Descrição de Adamastor [est. 39-40]

Surge no ar uma figura disforme, gigantesca, de barba e cabelos sujos, dentes amarelados e aspeto e voz pavorosos, um ser monstruoso e colossal. Os tripulantes sentem-se aterrorizados.

3. Discurso de Adamastor [est. 41-48]

Irado, o monstro inicia o seu discurso num tom de voz medonho e ameaçador. O gigante começa por censurar a ambição, a persistência e a ousadia da gente lusa por querer domar os mares de que é senhor e onde muitos já perderam a vida. De seguida, apresenta, como castigo para tamanho atrevimento, profecias de tragédias marítimas que assolarão os Portugueses: tempestades (como a que iria fustigar a armada de Pedro Álvares Cabral, na viagem de descoberta do Brasil, em 1500), derrotas (alusão a D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, que viria a morrer, em 1510, num conflito com indígenas em localidade próxima) e naufrágios (o navio de Bartolomeu Dias – quem primeiro dobrou o Cabo –, que viria a integrar a armada de Pedro Álvares Cabral; a embarcação de Manuel de Sousa Sepúlveda que naufragaria e este e sua mulher e filhos viriam a morrer nas mãos de povos indígenas).

Citações

- “[...] já cinco Sóis eram passados.”
[est. 37, v. 1]
- “Prosperamente os ventos assoprando, /
Quando *hũa* noite, [...] / *Hũa* nuvem,
que os ares escurece, / [...] aparece.”
[est. 37, vv. 4-8]
- “[...] o negro mar de longe brada”
[est. 38, v. 3]
- “«Ó Potestade [...] Que ameaço divino
[...] este mar nos apresenta [...]?»”
[est. 38, vv. 5-8]
- “[...] *hũa* figura / [...] robusta e válida, /
De disforme e grandíssima estatura; [...] Medonha e má [...] / Cheios de terra e crespos os cabelos, / [...] os dentes amarelos” [est. 39, vv. 1-8]
- “[...] «Ó gente ousada, [...] / [...] os vedados términos quebrantas / E navegar meus longos mares ousas, / [...] / Nunca arados de estranho ou próprio lenho:”
[est. 41, vv. 1-8]
- “Sabe que quantas naus esta viagem /
[...] fizerem, de atrevidas, / Inimiga terão esta paragem, / Com ventos e tormentas desmedidas!” [est. 43, vv. 1-4]
- “Aqui espero tomar, [...] / De quem me descobriu suma vingança. / E não se acabará só nisto o dano / [...] em vossas naus vereis [...] / Naufrágios, perdições de toda sorte, / Que o menor mal de todos seja a morte!” [est. 44, vv. 1-8]

4. Interpelação de Vasco da Gama [est. 49] Vasco da Gama enfrenta a ameaça e interrompe o discurso de Adamastor, questionando-o sobre a sua identidade. 5. Relato autobiográfico de Adamastor [est. 49-59] O gigante inicia a sua história num tom de amargura e tristeza. Identifica-se como o Cabo das Tormentas, o ponto da costa africana que ninguém antes (de Bartolomeu Dias) ultrapassara. Relata a sua paixão por Tétis, deusa das águas, a sua guerra com os Deuses do Olimpo e a cilada que conduziu à sua transformação em rocha, perpetuando eternamente o seu castigo, desonra e vergonha. 6. Desaparecimento do Adamastor [est. 60] Emocionalmente fragilizado pelo reconto da sua história de frustração amorosa e castigo divino, o monstro humanizado afasta-se, chorando. Vasco da Gama invoca Deus, pedindo que as profecias de Adamastor não se concretizem.	▶ “Lhe disse eu: «Quem és tu? [...]», [v. 3] ▶ “Me respondeu, com voz pesada e amara” [est. 49, v. 7] ▶ “Eu sou aquele oculto e grande Cabo” [est. 50, v. 1] ▶ “[...] fui na guerra / Contra o que vibra os raios de Vulcano / [...] / Fui capitão do mar, por onde andava / A armada de Neptuno, que eu buscava” [est. 51, vv. 3-8] ▶ “Amores [...] / Me fizeram tomar tamanha empresa. / [...] / Só <i>por</i> amar das águas a Princesa” [est. 52, vv. 1-4] ▶ “Já néscio, já da guerra desistindo” [est. 55, v. 1] ▶ “Que, crendo ter nos braços quem amava, / Abraçado me achei <i>cum</i> duro monte / [...] / Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo / [...] outro penedo!” [est. 56 vv. 2-8] ▶ “<i>Assi</i> contava; e, <i>cum</i> medonho choro, / Súbito de ante os olhos se apartou.” [est. 60, vv. 1-2] ▶ “A Deus pedi que removesse os duros / Casos, que Adamastor contou futuros.” [est. 60, vv. 7-8]
Nota: Simbolicamente, o Adamastor representa todos os perigos e dificuldades que os Portugueses tiveram de ultrapassar. É importante atentares na evolução do comportamento do gigante, identificando dois momentos perfeitamente distintos no seu discurso, quanto ao conteúdo, tom e intenção.	

TEMPESTADE E CHEGADA À ÍNDIA (Canto VI, est. 70-94)	
Plano da Viagem; Plano da Mitologia	
No canto VI, a armada portuguesa sai de Melinde e navega em direção a Calecute, Índia.	
Síntese de conteúdo	Citações
1. Início da tempestade [est. 70] Notando a intensificação dos ventos e o escurecer das nuvens, o Mestre (Vasco da Gama) emite um sinal de alerta aos marinheiros e manda recolher as velas.	▶ “Eis o Mestre [...] / O apito toca: acordam, despertando, / Os marinheiros [...] / «Alerta (disse) estai, que o vento <i>crece</i> / Daquela nuvem negra que aparece!».” [vv. 2-8]



2. Tempestade: a atividade dos marinheiros [est. 71-72]

A tempestade instala-se subitamente. Uma vela é destruída. A fúria dos ventos cria um barulho ensurdecedor e assustador. Marinheiros correm, ao ritmo das ordens do mestre, e gritam, receosos da destruição total.

3. Tempestade: estragos nas naus e efeitos sobre a Natureza [est. 72-79]

Uma nau é inundada, alguns marinheiros são derrubados e é muito difícil controlar o leme. Há mastros partidos. Todos invocam Deus, pedindo salvação. Sublinha-se a incapacidade dos marinheiros de fazer frente a tão violenta demonstração de força da Natureza: os ventos furiosos, as ondas gigantes, os relâmpagos e trovões.

As aves entristecem-se, os golfinhos refugiam-se. Em terra, há montes destruídos e árvores arrancadas. As areias do fundo do mar são revolvidas.

4. Súplica de Gama [est. 80-84]

Depois de tantos perigos vencidos e já tão perto da terra sonhada, Vasco da Gama, temendo pela vida, pede a intervenção divina, reconhecendo a fragilidade humana perante a onipotência da Natureza e de Deus e sublinhando a causa que move a viagem: a expansão da fé cristã, o serviço a Deus. Contudo, a tempestade não abrandou.

5. Intervenção de Vénus e das ninfas [est. 85-91]

Apercebendo-se das dificuldades da sua tão cara gente lusa e concluindo tratar-se de mais uma manobra vil de Baco, Vénus manda as ninfas seduzirem os ventos para amansar a sua ira, sob ameaça de não mais poderem amá-los.

Os ventos obedecem.

6. Chegada à Índia [est. 92-94]

Passada a tempestade, os marinheiros avistam a Índia. Recebendo a notícia, Vasco da Gama, num misto de contentamento e dor pelas dificuldades enfrentadas, ajoelha-se e agradece a Deus a concretização do projeto e a morte de quem se livra.

- ▶ “Quando dá a grande e súbita procela.”
[est. 71, v. 2]
- ▶ “«Amaina (disse o mestre a grandes brados), / Amaina (disse), amaina a grande vela!» / Não esperam os ventos *indinados* / [...] mas, juntos dando nela, / Em pedaços a fazem [...]” [est. 71, vv. 3-7]
- ▶ “O céu fere com gritos nisto a gente”
[est. 72, v. 1]
- ▶ “[...] a nau pendente / Toma [...] água pelo bordo.” [est. 72, vv. 3-4]
- ▶ “Os balanços, que os mares temerosos / Deram à nau, num bordo os derribaram. / Três marinheiros, duros e forçosos, / A menear o leme não bastaram” [est. 73, vv. 3-6]
- ▶ “A nau grande, em que vai Paulo da Gama, / Quebrado leva o *masto* [...] a gente chama / Aquele que a salvar o mundo veio” [est. 75, vv. 1-4]
- ▶ “As Alcíóneas aves triste canto / [...] levantaram [...] Os delfins namorados, entretanto, / Lá nas covas marítimas entraram” [est. 77, vv. 1-2, 5-6]
- ▶ “Quantos montes [...] derribaram / [...] Quantas árvores velhas arrancaram”
[est. 79, vv. 1, 3]
- ▶ “Vendo Vasco da Gama que tão perto / Do fim de seu desejo se perdia, / [...] Confuso de temor, da vida incerto, / [...] Chama aquele Remédio santo e forte”
[est. 80, vv. 1-2, 5, 7]
- ▶ “«[Divina Guarda] Porque somos de Ti *desemparedados*, / Se este nosso trabalho não Te ofende, / Mas antes Teu serviço só pretende?” [est. 82, vv. 6-8]
- ▶ “«Estas obras de Baco são, por certo, / (Disse) [...]” [est. 86, vv. 1-2]
- ▶ “Abrandar determina, por amores, / Dos ventos a nojosa companhia, / Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas”
[est. 87, vv. 5-7]
- ▶ “Enxergaram terra alta [...]” [est. 92, v. 4]
- ▶ “Sofrer aqui não pôde o Gama mais, / De ledó em ver que a terra se conhece: / Os *geolhos* no chão, as mãos ao Céu, / A mercê grande a Deus *agradece*” [est. 93, vv. 5-8]

ILHA DOS AMORES, A RECOMPENSA: A UNIÃO ENTRE NINFAS E NAVEGANTES
(Canto IX, est. 18-29; 75-84)

Plano da Viagem; Plano da Mitologia

Síntese de conteúdo

O prémio de Vénus: a Ilha dos Amores [est. 18-29]

Afeiçoada aos Lusos, Vénus, depois de brevemente recordar os trabalhos e perigos sofridos pelos Portugueses nos mares, pretende recompensar os heróis, dando-lhes no mar alegria, repouso e deleite.

Com a ajuda de Cupido, Vénus inicia todos os preparativos necessários para oferecer aos Portugueses uma ilha divina, cristalina, no meio dos mares, onde as ninfas os receberão e os recompensarão amorosamente por todos os sacrifícios vividos.

A aventura de Lionardo e a união entre ninfas e navegantes [est. 75-84]

Estando já os Portugueses na ilha divina, Lionardo, um navegante pouco afortunado no amor, tenta conquistar Efire, uma bela ninfa aquática. Correndo em seu alcance, vai contando a sua história de infortúnio amoroso, pedindo-lhe que espere, que o aceite e o ajude a contrariar a má sorte. Encantada com as palavras de Lionardo, a ninfa rende-se e os dois entregam-se ao amor. Também os restantes marinheiros se unem às ninfas em encontros amorosos, concretizando-se assim a união humano-divino que só os heróis premeia.

Citações

- ▶ “[...] a Deusa Cípria [...] pretendia / Dar-lhe, nos mares tristes, alegria” [est. 18, vv. 1-8]
- ▶ “Despois de ter um pouco revolvido / Na mente o largo mar que navegaram, [...] / Já trazia de longe no sentido, / Pera prémio de quanto mal passaram, / Buscar-lhe algum deleite, algum descanso” [est. 19, vv. 1-7]
- ▶ “[...] determina / De ter-lhe aparelhada, lá no meio / Das águas, *algũa* insula divina” [est. 21, vv. 1-3]
- ▶ “Ali quer que as aquáticas donzelas / Esperem os fortíssimos *barões*” [est. 22, vv. 1-2]
- ▶ “Lionardo [...] tinha já por firme *prosuposto* / Ser com amores mal-afortunado” [est. 75, vv. 1, 5-6]
- ▶ “[...] corria / Após Efire, exemplo de beleza” [est. 76, vv. 1-2]
- ▶ “Oh! Não me fujas! [...] só com refrear o passo leve / Vencerás da Fortuna a força dura” [est. 79, vv. 1, 3-4]
- ▶ “Já não fugia a bela Ninfa [...] / Cair se deixa aos pés do vencedor, / Que todo se desfaz em puro amor” [est. 82, vv. 1, 7-8]
- ▶ “[...] já as *fermosas* / Ninfas *cos* seus amados navegantes [...] Se prometem eterna companhia” [est. 84, vv. 1-2, 7]

DESPEDIDA DE TÉTIS, PARTIDA DA ARMADA E CHEGADA A PORTUGAL
(Canto X, est. 142-144)

Plano da Viagem; Plano da Mitologia

Síntese de conteúdo

Despedida de Tétis [est. 142-143]

Aludindo aos feitos gloriosos do futuro e à recompensa divina pelo heroísmo até aí revelado, Tétis despede-se dos Portugueses, assegurando que estes farão uma viagem tranquila até à sua pátria.

Citações

- ▶ “[...] concedido / Vos é saberdes os futuros feitos / [...] pois que tendes aprendido / Trabalhos que vos façam ser aceitos / Às eternas esposas e *fermosas*” [est. 142, vv. 1-2, 5-7]
- ▶ “Podeis vos embarcar, que tendes vento / E mar tranquilo, *pera* a pátria amada” [est. 143, vv. 1-2]

Chegada a Portugal [est. 143-144]

Os marinheiros abastecem as naus de mantimentos e partem reconfortados pela lembrança da sublime recompensa e reconhecimento da sua glória. Fazem uma viagem tranquila de regresso a casa.

- ▶ “Levam refresco e nobre mantimento” [est. 143, v. 5]
- ▶ “Assi foram cortando o mar sereno, / Com vento sempre manso e nunca irado, / Até que houveram vista do terreno / Em que *naceram*, sempre desejado” [est. 144, vv. 1-4]

LAMENTAÇÕES DO POETA E EXORTAÇÃO A D. SEBASTIÃO

(Canto X, est. 145-146)

Plano das Reflexões do Poeta**Síntese de conteúdo****Lamentação do poeta** [est. 145]

O poeta intervém para manifestar a sua tristeza e desencanto face ao menosprezo a que a Arte é votada na sua pátria e à cobiça e maldade que a corrompem.

Exortação a D. Sebastião [est. 146]

O poeta apela ao rei D. Sebastião que reconheça a excelência e singularidade do seu povo.

Citações

- ▶ “[...] a Lira tenho / Destemperada e a voz enrouquecida, / E não do canto, mas de ver que venho / Cantar a gente surda e endurecida” (vv. 1-4)
- ▶ “[...] a pátria [...] que está metida / No gosto da cobiça e da rudeza” (vv. 6-7)
- ▶ “[...] vós, ó Rei, [...] / Olhai que sois [...] Senhor só de vassalos excelentes” (vv. 5-8)

GLÓRIAS FUTURAS

(Canto X, est. 154-156)

Plano das Reflexões do Poeta**Síntese de conteúdo****As glórias futuras e o poeta** [est. 154-156]

O poeta alude às suas qualidades artísticas e exprime o desejo de ver a sua virtude reconhecida para que possa continuar a cantar condignamente, no futuro, os feitos gloriosos já vaticinados.

Citações

- ▶ “Nem me falta na vida honesto estudo, / Com longa *esperiencia* misturado, / Nem engenho” [est. 154, vv. 5-7]
- ▶ “Só me falece ser a vós aceito, / De quem virtude deve ser prezada” [est. 155, vv. 3-4]

Etapa Final

Lê o excerto e responde, de forma completa e estruturada, aos itens que se seguem. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

119 Tu, só tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta¹ morte sua,
Como se fora pérfida² inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga³,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras⁴ banhar em sangue humano.

120 Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce *fruto*,
Naquele engano da alma, ledo⁵ e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus *fermosos* olhos nunca *enxuto*,
Aos montes *insinuando* e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

121 Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus *fermosos* se apartavam⁶;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

[...]

124 Traziam-na os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saudade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

125 *Pera* o céu cristalino⁷ alevantando,
 Com lágrimas, os olhos piedosos
 (Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
 Um dos duros ministros *rigurosos*);
 E *despois*, nos *mininos* atentando,
 Que tão queridos tinha e tão mimosos,
 Cuja *orfindade* como mãe temia,
Pera o avô cruel *assi* dizia:

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, organização de Emanuel Paulo Ramos,
 Porto, Porto Editora, 2011 (excerto com supressões)

Vocabulário

1 *molesta*: perversa, lastimosa; 2 *pérfida*: traiçoeira; 3 *mitiga*: alivia; 4 *aras*: altares; 5 *ledo*: feliz;
 6 *apartavam*: afastavam; 7 *cristalino*: puro, límpido.

1. Identifica o episódio e o plano a que pertencem, na obra *Os Lusíadas*, as estrofes transcritas.
2. Situa o episódio na ação principal.
3. Explicita a evolução do estado emotivo de D. Inês, relacionando-a com os factos narrados.
4. Há indícios de desfecho trágico neste episódio.
 - 4.1. Transcreve três versos que comprovem a veracidade da afirmação.
5. Explicita o conteúdo da primeira estrofe transcrita e relaciona-o com a classificação do narrador quanto à posição.
6. Transcreve uma apóstrofe identificativa do responsável pela morte de Inês, segundo o narrador.
7. Transcreve o(s) verso(s) que alude(m) a uma das motivações, de natureza política, para a execução de D. Inês.
8. Indica os referentes das palavras que se seguem:

a. "sua" (est. 119, v. 3)	d. "teu" (est. 121, v. 1)
b. "tua" (est. 119, v. 5)	e. "na" (est. 124, v. 1)
c. "Que" (est. 120, v. 4)	f. "Cuja" (est. 125, v. 7)
9. Atendendo aos recursos expressivos utilizados, estabelece a associação correta entre as colunas.

- | |
|--|
| a. "De teus anos colhendo doce <i>fruito</i> " (est. 120, v. 2) |
| b. "Nos saudosos campos do Mondego" (est. 120, v. 5) |
| c. "De teus <i>fermosos</i> olhos nunca <i>enxuito</i> " (est. 120, v. 6) |
| d. "O nome que no peito escrito tinhas." (est. 120, v. 8) |
| e. "De noite, em doces sonhos que mentiam, / De dia,
em pensamentos que voavam" (est. 121, vv. 5-6) |
| f. "com tristes e piedosas vozes" (est. 124, v. 5) |

- | |
|----------------------|
| 1. Dupla adjetivação |
| 2. Antítese |
| 3. Hipálage |
| 4. Perífrase |
| 5. Hipérbole |
| 6. Metáfora |

Texto Poético



Situa-te

Estrutura externa

Rima	Estrofes
• Cruzada • Emparelhada • Interpolada • Verso solto ou branco	• Monóstico • Dístico • Terceto • Quadra • Quintilha • Sextilha • Sétima • Oitava • Nona • Décima

Versos	
• Monossílabo • Dissílabo • Trissílabo • Tetrassílabo • Pentassílabo • Hexassílabo	• Heptassílabo • Octossílabo • Eneassílabo • Decassílabo • Hendecassílabo • Dodecassílabo

Estrutura interna

Estratégias de leitura do texto poético
• Relação entre forma e conteúdo

O texto lírico caracteriza-se pela sua subjetividade, uma vez que é através dele que o “eu” poético exprime a sua visão do Mundo.

Trata-se de um tipo de texto que, ao nível da forma (estrutura externa), normalmente, se encontra organizado em **versos** e **estrofes** e com uma musicalidade própria marcada pela **rima**.

No entanto, os aspetos relativos à forma do poema não podem ser dissociados do seu conteúdo (estrutura interna) e será importante que tenhas em atenção algumas **estratégias de leitura do texto poético** que te poderão ser úteis. Entre elas incluem-se aspetos tão importantes como a identificação dos recursos expressivos, a observação da pontuação e das classes de palavras predominantes, entre outros.



ESTRUTURA EXTERNA

RIMA

Consiste na repetição de sons no final de dois ou mais versos. Nem todos os poemas apresentam rima, mas, quando utilizada, as composições poéticas tornam-se mais ritmadas e musicais. Existem vários tipos de rima.

Cruzada

Os versos rimam alternadamente.

Emparelhada

A rima verifica-se em versos consecutivos.

Interpolada

A rima incide em versos intercalados por dois ou mais versos.

Verso solto ou branco

Verso que não tem semelhança fonética com outro do mesmo poema.

Atenção!

O **esquema rimático** é obtido através da atribuição de uma letra a cada terminação de verso. Essa letra terá de ser repetida sempre que a mesma terminação aparece.

Exemplo

Frieza

Os teus olhos são frios como espadas,
E claros como os trágicos punhais;
Têm brilhos cortantes de metais
E fulgores de lâminas geladas.

Vejo neles imagens retratadas
De abandonos cruéis e desleais.
Fantásticos desejos irreais,
E todo o oiro e o sol das madrugadas!

Mas não te invejo, Amor, essa indiferença,
Que viver neste mundo sem amar
É pior que ser cego de nascença!

Tu invejas a dor que vive em mim!
E quanta vez dirás a soluçar:
“Ah! Quem me dera, Irmã, amar assim!...”

Florbela Espanca, *Sonetos*, Porto, Porto Editora, 2009

Repara que os segmentos destacados identificam as semelhanças de sons entre o final das palavras de cada verso. Desse modo, existe no poema:

- rima **interpolada**: “espadas” / “geladas”; “retratadas” / “madrugadas”;
- rima **emparelhada**: “punhais” / “metais”; “desleais” / “irreais”;
- rima **cruzada**: “indiferença” / “nascença”; “amar” / “soluçar”; “mim” / “assim”.

Neste caso, temos o esquema rimático abba abba cdc ede.



Questão-modelo

Apresenta o esquema rimático do poema e explicita os tipos de rima aí presentes.

E tudo era possível

Na minha juventude antes de ter saído
da casa de meus pais disposto a viajar
eu conhecia já o rebentar do mar
das páginas dos livros que já tinha lido

Chegava o mês de maio era tudo florido
o rolo das manhãs punha-se a circular
e era só ouvir o sonhador falar
da vida como se ela houvesse acontecido

E tudo se passava numa outra vida
e havia para as coisas sempre uma saída
Quando foi isso? Eu próprio não o sei dizer

Só sei que tinha o poder duma criança
entre as coisas e mim havia vizinhança
e tudo era possível era só querer

Ruy Belo, *Homem de Palavra[s]*, Lisboa, Dom Quixote, 1970

Percurso

- Sublinha o final de cada palavra e atribui-lhe uma letra. Lembra-te que, sempre que se verifica semelhança de sons, essa letra terá de repetir-se ao longo do poema (Ex.: "saído" / "lido" [a]; "viajar" / "mar" [b] → esquema rimático da 1.ª estrofe: abba).
- A partir do esquema rimático poderás facilmente identificar o tipo de rima (Ex.: **abba** – nas duas primeiras quadras, existe rima **interpolada** e **emparelhada**; **ccd eed** – nos dois tercetos temos rima **emparelhada** e **interpolada**). Se ainda assim tiveres dúvidas,

une, através de um traço, os versos que apresentam o mesmo som, uma vez que esse esquema te poderá ajudar a visualizar os tipos de rima. Na tua resposta, nunca te esqueças de identificar claramente a estrofe a que se refere o tipo de rima que indicaste.

Resposta

O esquema rimático do poema é abba abba ccd eed, por isso verifica-se rima interpolada e emparelhada nas duas quadras e, nos tercetos, rima emparelhada e interpolada.



Agora Tu • Questão 1

Apresenta o esquema rimático do poema, explicitando os tipos de rima presentes.

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E pera mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado:
Assim que, só pera mim
Anda o Mundo concertado.

Luís de Camões, *Lírica*, 10.ª ed.,
Círculo de Leitores, 1984

Cf. soluções • p. 249

ESTROFE

Corresponde a cada um dos grupos de versos que constituem um poema. As estrofes surgem separadas por um espaço em branco e, em função do número de versos que apresentam, têm diferentes designações.

N.º de versos	1	2	3	4	5
Designação	Monóstico	Dístico	Terceto	Quadra	Quintilha

N.º de versos	6	7	8	9	10
Designação	Sextilha	Sétima	Oitava	Nona	Décima

Atenção!

Às estrofes com mais de dez versos não é atribuída uma designação específica.

Recorda ainda que um **soneto** é uma composição poética com catorze versos distribuídos por duas quadras e dois tercetos.

VERSO

Cada uma das linhas do poema constitui um verso que pode expressar uma ideia completa ou não. É através da escansão que identificamos o número de sílabas métricas de cada verso.

N.º de sílabas métricas	Designação
1	Monossílabo
2	Dissílabo
3	Trissílabo
4	Tetrassílabo
5	Pentassílabo (ou redondilha menor)
6	Hexassílabo
7	Heptassílabo (ou redondilha maior)
8	Octossílabo
9	Eneassílabo
10	Decassílabo
11	Hendecassílabo
12	Dodecassílabo (ou verso alexandrino)

Atenção!

Para contares as sílabas métricas não te esqueças de que:

- a contagem é feita apenas até à última sílaba tónica da última palavra de cada verso;
- ocorre a elisão da vogal da última sílaba átona sempre que se segue uma palavra iniciada por vogal, ditongo ou *h*.

Exemplo

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem um som de repetida.

Por mais que me tanjas¹ perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho.
Soas-me na alma distante...

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

Fernando Pessoa, *Poesias Ortónimo*, Porto,
Porto Editora, 2010

Vocabulário

¹ *tanjas*: toques.

Para verificares o número de estrofes, deves contabilizar cada grupo de versos que surge separado por um espaço em branco. Assim, podemos comprovar que neste poema existem quatro estrofes.

Em seguida, deverás contabilizar o número de versos de cada estrofe a fim de poderes classificá-las. Repara que, neste caso, o poema apresenta uma estrutura bastante regular, pois todas as estrofes têm o mesmo número de versos (4). Por esse motivo, estas estrofes designam-se *quadrás*.

Finalmente, para classificar os versos, no que diz respeito à métrica, deverás proceder à contagem das sílabas, seguindo as regras anteriormente enunciadas:

- contar apenas até à última sílaba tónica da última palavra de cada verso;
- contabilizar as vogais contíguas numa só sílaba, uma vez que há uma supressão da vogal da última sílaba átona.

Atenta no exemplo da primeira estrofe:

Ó si no da mi nha al dei a ,	} 7 sílabas métricas
Do len te na tar de cal ma ,	
Ca da tu a ba da la da	
So a den tro da mi nha al ma .	

Podemos então concluir que, neste poema, os versos são heptassílabos, porque têm 7 sílabas métricas. Trata-se da redondilha maior.



Questão • Exame nacional 2010 (1.ª chamada)

Classifica as estrofes quanto ao número de versos que as constituem.

Para escrever um poema

[...]

E quando o poeta pousou a caneta,
o pássaro começou a voar,
Eva correu por entre as macieiras
e todas as flores nasceram da terra.

O poeta voltou a pegar na caneta,
escreveu o que tinha visto,
e o poema ficou feito.

Nuno Júdice, *A Matéria do Poema*, Lisboa, Dom Quixote, 2008

Percurso

Embora aqui se apresentem apenas as estrofes em análise, no teste ou exame deverás ser rigoroso na contagem de estrofes (cada grupo de versos), pois essa simples falha poderá desvalorizar totalmente a tua resposta. Depois de verificares o número de versos em cada estrofe, já estarás em condições de classificá-la. Assim,

a primeira estrofe apresenta 4 versos, logo é uma quadra, e a segunda, com 3 versos, é um terceto.

Resposta

A primeira estrofe é uma quadra (4 versos) e a segunda, um terceto (3 versos).



Agora Tu • Questão 2

Classifica as estrofes do poema quanto ao número de versos que as constituem.
Em seguida, refere se existe regularidade métrica nesta composição poética.
Justifica a tua resposta com exemplos concretos.

A porta

Alguma coisa fora de mim
está escondida em mim
como um coração exterior

Às vezes canta mesmo a meu lado
com a minha voz
como se tivesse eu cantado

Talvez estas lágrimas
não me pertençam nem este momento
nem este sentimento de este sentimento

Que rosto real
me olha e se vê?
Que porta física
tenho que passar?

Manuel António Pina, *Algo parecido com isto, da mesma substância* – Poesia Reunida 1974/1992, Porto, Afrontamento, 1992

Cf. soluções • p. 249

ESTRUTURA INTERNA

Quando analisamos um poema ao nível da sua estrutura interna, focamo-nos no seu conteúdo, ainda que as questões da forma estejam, muitas vezes, com ele relacionadas. Se reparares, esta é a parte a que é dada maior relevância na análise do texto poético e esta tarefa nem sempre se revela fácil, por estarmos a trabalhar com um tipo de texto subjetivo em que predomina a linguagem conotativa.

Para ficares mais seguro em situação de avaliação, apresentamos-te alguns passos fundamentais que deves ir aplicando sempre que analisares um poema.

ESTRATÉGIAS DE LEITURA DO TEXTO POÉTICO

- Identifica o tema do poema através, por exemplo, do levantamento de palavras que pertençam ao mesmo campo lexical (cf. p. 169).
- Verifica de que modo se processa o desenvolvimento do assunto nas diferentes estrofes, fazendo o levantamento dos conectores (cf. p. 121) que indiciam as ligações de sentido existentes entre as mesmas. Em seguida, procede à sua divisão em partes.
- Comprova se a forma do poema (rima, estrofes, sílabas métricas) contribui para o desenvolvimento do conteúdo.
- Confirma se existe alguma classe predominante de palavras, pois ela poderá associar-se a determinado recurso expressivo; por exemplo, os nomes poderão estar associados à enumeração, os adjetivos, à adjetivação.
- Verifica se a pontuação é utilizada de forma significativa.
- Identifica e comenta a expressividade dos diferentes recursos expressivos usados (cf. pp. 124-125).

Exemplo

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, *Mensagem*,
Lisboa, Ática/Guimarães Editores, 2009

Através do título do poema (“Mar Português”) e das palavras pertencentes ao **campo lexical** de “sofrimento” (“lágrimas”, “choraram”, “dor”, “perigo”, “abismo”), podemos depreender que o poema retrata o sofrimento do povo português causado pela conquista do “Mar”.

Lê atentamente as estrofes que constituem o poema e identifica, para cada uma, a **ideia-chave** que lhe pode ser associada (Ex.: 1.ª estrofe – invocação dirigida ao “mar” e consequências da vontade de o dominar; 2.ª estrofe – reflexão sobre o valor dos sacrifícios dos Portugueses). Caso te fosse pedido que procedesses à divisão do poema, deverias referir que este apresenta uma **estrutura bipartida**: a primeira parte corresponde à primeira estrofe, que começa com uma apóstrofe (cf. p. 124) dirigida ao mar, sendo que este é identificado como responsável por todo o sofrimento causado aquando da sua conquista; a segunda parte corresponde à segunda estrofe e nela o sujeito poético procura responder à questão com que se inicia esse momento, isto é, se o valor dos sacrifícios se justifica tendo em conta aquilo que se alcançou.

Atenta nos **conectores** (cf. p. 121) para identificares as relações entre as frases:

- verso 3 (“Por”) – conjunção subordinativa que exprime valor de causa;
- verso 6 (“Para que”) – locução subordinativa que exprime valor de finalidade;
- verso 8 (“Se”) – conjunção subordinativa que expressa condição;
- verso 12 (“Mas”) – conjunção coordenativa que expressa oposição.

Neste poema, verificamos que a **pontuação** tem também um papel relevante, uma vez que transmite, no caso das frases exclamativas da primeira estrofe, a emotividade com que o sujeito poético interpela o mar. A interrogação com que se inicia a segunda parte funciona como elemento que desencadeia a reflexão e conclusão do sujeito poético. Em oposição ao discurso emotivo da primeira estrofe, temos frases declarativas, que respondem à questão colocada, na segunda estrofe.

Repara que existe uma evolução nos **tempos verbais** usados em cada uma das estrofes: na 1.ª predominam as formas do passado (“choraram”, “rezaram”, “ficaram” – pretérito perfeito do indicativo; “fosses” – pretérito imperfeito do conjuntivo); na segunda estrofe, predomina o presente do indicativo utilizado em frases de carácter sentencioso.

Em seguida, deverás fazer o levantamento de todos os **recursos expressivos** e comentar o seu significado. Neste poema, identificamos:

- nos versos 1 e 6 (1.ª estrofe), a apóstrofe que evidencia uma relação de proximidade entre o sujeito poético e o mar;
- nos versos 1-2 (1.ª estrofe), a metáfora hiperbólica que associa as “lágrimas” ao “sal” do mar e pretende realçar a dimensão do sofrimento vivido pelo povo português;
- nos versos 4-5 (1.ª estrofe), uma anáfora que reforça a quantidade de pessoas que choram e realça a dimensão da tragédia.

Quanto à **forma**, este texto é constituído por duas sextilhas, com rima emparelhada (aa bb cc dd ee ff). No que diz respeito às sílabas métricas, existe regularidade ao longo de todo o poema, marcada pela alternância entre os decassílabos e octossílabos (Ó | mar | sal | ga | do, | quan | to | do | teu | sal – 10 sílabas métricas; São | lá | gri | mas | de | Por | tu | gal – 8 sílabas métricas). Esta estrutura contribui para o ritmo compassado do texto.



Para escrever um poema

O poeta quer escrever sobre um pássaro:
e o pássaro foge-lhe do verso.

O poeta quer escrever sobre a maçã:
e a maçã cai-lhe do ramo onde a pousou.

- 5 O poeta quer escrever sobre uma flor;
e a flor murcha no jarro da estrofe.

Então, o poeta faz uma gaiola de palavras
para o pássaro não fugir.

- 10 Então, o poeta chama pela serpente
para que ela convença Eva a morder a maçã.

Então, o poeta põe água na estrofe
para que a flor não murche.

Mas um pássaro não canta
quando o fecham na gaiola.

- 15 A serpente não sai da terra
porque Eva tem medo de serpentes.

E a água que devia manter viva a flor
escorre por entre os versos.

Nuno Júdice, *A Matéria do Poema*, Lisboa, Dom Quixote, 2008

- A.** A sétima estrofe começa com a conjunção “Mas” (verso 13).

Que relação estabelece esta conjunção entre o que ficou dito nas três estrofes anteriores (versos 7 a 12) e o que se diz nos versos 13 a 18?

Justifica a tua resposta, referindo todos os aspetos que, nos versos mencionados, ilustram essa relação.

▶ Percurso

A. Como sabes, a palavra “mas” é uma conjunção coordenativa adversativa, logo, neste poema, ela estabelece uma relação de contraste entre o que foi referido nos versos 7 a 12 (as decisões tomadas pelo poeta) e os versos que se seguem (os resultados dessas ações). Repara que as ações de fazer uma gaiola, chamar uma serpente e pôr água na estrofe não têm o resultado esperado, uma vez que o pássaro não canta quando está preso, Eva tem medo de serpentes e os versos não retêm a água.

Resposta

A. A conjunção “Mas” estabelece uma relação de contraste entre as ações tomadas pelo poeta (versos 7 a 12) e os resultados obtidos (versos 13 a 18). Assim, o poeta: constrói uma gaiola, mas o pássaro não canta; chama a serpente, mas Eva tem medo dela; põe água na estrofe, mas os versos não a retêm.

- B. Explica por que motivo a expressão “uma gaiola de palavras” (verso 7) pode ser considerada metáfora de “texto”.

▶ Percurso

B. Como referimos anteriormente, é mais importante conseguires comentar a utilização de determinado recurso expressivo do que limitares-te a identificá-lo. Repara que a questão já refere qual é o recurso expressivo presente no verso.

Para seres capaz de responder corretamente, não te podes limitar a ler o verso em causa; necessitas de ler as estrofes precedentes para, assim, apreenderes o conteúdo em que surge a metáfora. De facto, se anteriormente se refere

as palavras “verso” (v. 2) e “estrofe” (v. 6), é lógico que a expressão “gaiola de palavras” signifique, numa gradação crescente, “texto”, isto é, o local que “aprisiona” as palavras.

Resposta

B. A expressão “uma gaiola de pássaro” pode ser entendida como metáfora de “texto”, tendo em conta que, tal como uma gaiola, o texto permite “prender”, isto é, fixar as ideias contidas nas suas palavras.



Agora Tu • Questão 3

Identifica o tema do poema.

Justifica a importância da utilização da comparação para a construção da mensagem veiculada pelo poema.

Lua Adversa

Tenho fases, como a lua.
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.

Fases que vão e que vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.

E roda a melancolia
seu interminável fuso!

Não me encontro com ninguém
(tenho fases, como a lua...)
No dia de alguém ser meu
não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...

Cf. soluções • p. 249

Cecília Meireles, *Viagem: vaga Música*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982



Etapa Final

Lê o soneto de António Nobre e responde, de forma completa e estruturada, aos itens que se seguem. Em caso de necessidade, consulta a nota apresentada.

Aqui, sobre estas águas cor de azeite,
Cismo em meu Lar, na paz que lá havia.
Carlota, à noite, ia ver se eu dormia
E vinha, de manhã, trazer-me o leite.
Aqui, não tenho um único deleite!
Talvez... baixando, em breve, à Água fria,
Sem um beijo, sem uma Ave-Maria,
Sem uma flor, sem o menor enfeite!

Ah pudesse eu voltar à minha infância!
Lar adorado, em fumos, a distância,
Ao pé de minha Irmã, vendo-a bordar:
Minha velha Aia! conta-me essa história
Que principiava, tenho-a na memória,
“Era uma vez...”
Ah deixem-me chorar!

António Nobre, *Só*, Porto, Porto Editora, 2010

Nota

Repara que as duas últimas linhas do poema constituem um único verso, daí que possamos considerar esta composição um soneto (14 versos).

1. No poema existe claramente a evocação de dois lugares e épocas distintos.
 - 1.1. Refere-os, fundamentando a tua resposta com a transcrição de marcas espaciais e temporais presentes no texto.
2. O sujeito poético manifesta dois estados de espírito diferentes.
 - 2.1. Comenta a afirmação.
3. Atenta no verso 2 da segunda estrofe.
 - 3.1. Explicita o valor do modificador que inicia essa frase, associado às reticências.
 - 3.2. Relaciona o significado da expressão “baixando, em breve, à Água fria” com o recurso expressivo aí realizado.
4. Identifica, no poema, outros dois recursos expressivos e explica o seu valor para a construção de sentidos.
5. Tendo em conta a mensagem do texto, divide-o em partes, justificando as tuas opções.
6. Apresenta o esquema rimático do poema, explicitando os tipos de rima aí presentes.
7. Como denominas as estrofes quanto ao número de versos que as constituem?
8. Classifica o primeiro verso da primeira quadra quanto ao número de sílabas métricas.
9. Selecciona, de entre as duas expressões seguintes, aquela que, na tua opinião, se adequa melhor ao sentido do poema.
 - a) A saudade da infância
 - b) O passado e o presente
 - 9.1. Justifica a tua opção, fundamentando-a na leitura do texto.

Texto Dramático



Situa-te

Categorias do texto dramático

Ação		Espaço	Tempo
Estrutura externa	Estrutura interna	• Físico • Social • Psicológico	• Cronológico • Histórico • Psicológico
• Ato • Cena	• Exposição • Conflito • Desenlace		

Personagens		
Importância	Conceção	Caracterização
• Principal (protagonista) • Secundária • Figurante	• Plana • Modelada • Tipo	• Tipos · física / psicológica • Processos · direta / indireta

Discurso	
Principal	Secundário
• Diálogo • Monólogo • Aparte	• Didascálias ou indicações cénicas

O texto dramático, à semelhança do género narrativo, também nos conta uma história, mas apresenta como principais traços distintivos o facto de ser um texto concebido para ser representado e de não existir um narrador.

Assim, o texto dramático é composto por **ações** interpretadas por determinadas **personagens**, cujas falas podem surgir sob a forma de **diálogos**, **monólogos** ou **apartes**. As **didascálias** constituem o texto secundário que orienta a representação das personagens. Tradicionalmente, os acontecimentos representados distribuem-se em **atos** e **cenas** que ocorrem num determinado **espaço** e **tempo**.

Uma peça teatral divide-se em três grandes momentos: o primeiro, que corresponde à apresentação das personagens (**exposição**), o segundo, em que ocorrem determinadas peripécias que fazem evoluir a ação (**conflito**), e, finalmente, o **desenlace**, com o qual se conclui a ação.

Nas páginas que se seguem, daremos especial atenção aos aspetos específicos do texto dramático.



Explora

▶ AÇÃO

Estrutura externa

- **Ato** – Corresponde a cada uma das partes em que se divide o texto dramático e que é determinada pela mudança de cenário.
- **Cena** – Trata-se dos momentos em que se dividem os atos, resultando essa divisão da entrada e saída de personagens.

Estrutura interna (Consulta a página 16)

▶ ESPAÇO (Consulta as páginas 25 a 29)

▶ TEMPO (Consulta as páginas 29 a 32)

▶ PERSONAGENS

Importância (Consulta a página 19)

Conceção (Consulta a página 21)

• Personagens-tipo

São personagens representativas de um grupo social ou profissional ou de certas características comportamentais e que, por isso, não apresentam traços individualizados. Não evoluem psicologicamente, tal como as personagens planas, e, geralmente, são reconhecidas através dos adereços ou da linguagem que utilizam.

Caracterização (Consulta as páginas 21 a 24)

▶ DISCURSO

Principal

Diz respeito às falas das personagens que são reproduzidas em discurso direto; podem surgir em forma de **diálogo**, quando as personagens falam entre si, e de **monólogo**, sempre que a personagem fala sozinha em cena. O **aparte** corresponde a uma outra forma de comunicação, através do qual a personagem fala diretamente com o público, sem que as outras personagens em cena a ouçam.

Secundário

As **didascálias** ou **indicações cénicas**, que surgem entre parênteses ou itálico, destinam-se a orientar o encenador da peça e os atores ou até mesmo o próprio leitor, o que significa que elas não devem ser ditas em palco. Elas contêm informações importantes relativamente à entrada e saída de personagens, à sua movimentação e gestos, à entoação ou referem-se a questões de sonoplastia, luminotecnica e cenografia.

Exemplo

ATO II

(Uma varanda com uma mesa e duas cadeiras. Entra a Condessa Zeti agarrada a uma bengala com um criado chamado Bruno atrás)

CONDESSA ZETI – Traz um copo de *champanhe* com uma rodela de pêssego e diz à Josefa que traga o meu espelho. *(O criado sai e a Condessa fica só)* Que bela noite, que noite de veludo e uma bonita noite para uma serenata. Mas não dou nada por este casamento – tudo um teatro de ilusões e desilusões, iludidos e desiludidos.

(Entra Bruno com um copo de champanhe numa bandeja que pousa em cima da mesa)

CONDESSA ZETI – Obrigada. *(Bebe um gole)* Está uma maravilha – a medida certa de champanhe, de pêssego e de gelo. Não há ninguém que faça isto como tu. Obrigada, podes ir.

BRUNO – Obrigado, Senhora. *(Sai)*

CONDESSA ZETI *(sozinha)* – Mesmo com este sabor gelado, a vinho e pêssego, este noivado não me agrada. Quando era novo o meu sobrinho nunca teve sucesso com as raparigas – não era que fosse feio – mas era muito maçador, muito comendador. E agora aos sessenta anos, o meu sobrinho sensato tornou-se insensato. [...]

(Ouvem-se vozes de pessoas que se aproximam)

CONDESSA ZETI – Estão a chegar. *(Põe-se em pé)*

(Entram o Comendador, Vanina, D. Geraldina)

COMENDADOR – Tia, esta é a Vanina de que tanto lhe tenho falado.

VANINA – Boa tarde, Senhora. *(Faz uma pequena reverência)*

Sophia de Mello Breyner Andresen, *O Colar*, Porto, Porto Editora, 2012 (excerto com supressões)

Repara que, neste excerto, podemos identificar dois tipos de discurso:

- o **principal**: constituído pelas falas das personagens e que podem ser identificadas com facilidade já que são precedidas pelos seus nomes;
- o **secundário**: diz respeito às didascálias, grafadas em itálico e entre parênteses, e que corresponde a indicações variadas:
 - entrada e saída de personagens: "*([...] Entra a Condessa Zeti agarrada a uma bengala com um criado chamado Bruno atrás)*"; "*(O criado sai e a Condessa fica só)*";
 - movimentação e gestos das personagens: "*(Põe-se em pé)*"; "*(Faz uma pequena reverência)*";
 - descrição do cenário: "*(Uma varanda com uma mesa e duas cadeiras. [...])*".

No discurso principal, podemos distinguir ainda momentos de **diálogo** e de **monólogo**. Neste excerto, predomina o monólogo, a partir do qual a Condessa Zeti vai tecendo reflexões variadas que contribuem não só para contextualizar o momento na ação deste texto dramático (1.ª fala), mas também para a caracterização das personagens (3.ª fala).



Identifica as personagens referidas na indicação cénica "(Para os outros.)".

Palácio do conde de Vidigueira. D. Vasco da Gama¹, a condessa D. Maria de Ataíde, Luís de Camões, frei Manuel da Encarnação, aias, moços de câmara.

CONDE DE VIDIGUEIRA

(A quem o criado veio dar um recado em voz baixa)

Trá-lo cá. (Para a condessa.) Vem aí Luís Vaz de Camões saber a resposta à sua carta. (Para os outros.) Não vos retireis, que o negócio é de pouca monta² e nenhum segredo...

José Saramago, *Que Farei com Este Livro?*, Lisboa, Caminho, 1980

Vocabulário e Notas

1 D. Vasco da Gama: terceiro Conde de Vidigueira, neto do navegador Vasco da Gama; 2 monta: importância.

Percurso

Embora esta questão seja aparentemente fácil, ela exige que analises cuidadosamente todas as didascálias, uma vez que estas possuem informações necessárias para que respondas acertadamente. De igual modo, a leitura da Nota, apresentada no final do texto, é importante, pois é através dela que ficas a saber que o conde de Vidigueira e D. Vasco da Gama são a mesma pessoa. Assim, verificamos que, das personagens referidas na didascália inicial, as únicas a quem se pode dirigir o conde de

Vidigueira são o frei Manuel da Encarnação, as aias e os moços. A didascália anterior já faz referência à condessa D. Maria de Ataíde e Luís de Camões ainda não entrou em cena e é sobre ele que o conde fala.

Resposta

As personagens referidas através do pronome indefinido são o frei Manuel da Encarnação, as aias e os moços.



Baseando-te no excerto acima, transcreve duas didascálias com funcionalidades diferentes e explicita essa diferença.

Percurso

Deverás analisar com cuidado todas as didascálias presentes no excerto. Assim, facilmente perceberás que:

1. a primeira ("Palácio do conde [...] câmara") se destina a localizar a ação no espaço e a indicar as personagens em cena;
2. a segunda ("A quem o criado [...] baixa") refere-se à movimentação de uma personagem em cena;
3. as terceira e quarta ("Para a condessa"; "Para os outros") indicam gestos de uma persona-

gem em cena (o virar da cabeça para a personagem a quem o conde dirige a palavra naquele momento).

Resposta

A primeira didascália ("Palácio do conde [...] câmara") fornece indicações sobre o espaço onde decorre a ação e as personagens em cena. A segunda didascália ("A quem o criado [...] baixa") contém informação sobre a movimentação de uma personagem em cena.

 Agora Tu
• **Questão 1**

Transcreve, do texto abaixo, três exemplos de indicações cénicas com funções distintas e explicita-as.

• **Questão 2**

Refere a importância do aparte presente neste excerto enquanto elemento que contribui para a caracterização das personagens do Bobo e do Rei.

PRÍNCIPE REGINALDO – Cheira a violetas, meu senhor, que é a flor que enche os jardins do meu reino!

REI (*estremece*) – Esta voz... Quem me fala? Quem está junto de mim? Bobo, bobo, quem foi que falou?

BOBO (*olhando para Reginaldo, também intrigado*) – Onde é que eu já vi esta cara?

PRÍNCIPE REGINALDO – Sou o rei deste reino que agora vos acolhe.

REI (*desconfiado*) – Como soubeste que eu vinha?

PRÍNCIPE REGINALDO – Um pastor dos nossos rebanhos encontrou-vos numa gruta, e prometeu-vos guarida.

REI – E pode um pastor falar assim em nome do seu senhor?

PRÍNCIPE REGINALDO – No meu reino nunca se recusou entrada a quem estivesse necessitado de descanso.

VIOLETA – E vós bem precisado estais de descansar.

REI – Esta voz... esta voz...

BOBO – Esta voz... Estes olhos... Esta maneira de andar... Mas onde é que já a vi?

VIOLETA – Irei mandar que vos deem um novo manto, que esse que trazeis tem mais rasgões do que tecido. (*Sai.*)

REI – Não quero outro manto. O manto que um dia tive, entreguei-o a quem não o mereceu. Este manto me tem servido desde então, já não saberia viver com outro.

PRÍNCIPE REGINALDO – Mas disse-me, senhor: quem sois, e por que andais por estes sítios? No meu reino não há dragões para matar, não há maldições de bruxas para quebrar, e os ogres e lobisomens há muito que daqui fugiram. Não é lugar que dê glória a ninguém, como podeis verificar.

REI – Já não tenho idade para essas glórias... Quanto ao meu nome, sou Leandro, rei de...

BOBO (*aparte*) – Pronto, lá lhe voltaram as manias de grandeza... (*Baixinho para o rei*): Senhor, onde é que isso já vai! *Foste* rei, *foste*, mas há tanto tempo que eu nem sei, ao certo, se isso aconteceu de verdade, ou se fui eu que sonhei e me convenci de que tinha vivido o que era só fantasia da minha cabeça de pouco tino.

Cf. soluções • p. 249

Alice Vieira, *Leandro, Rei da Helíria*, Lisboa, Caminho, 2010 (excerto adaptado)

Etapa Final

Lê um excerto do texto dramático *Falar Verdade a Mentir*, de Almeida Garrett, e responde, de forma completa e estruturada, aos itens que se seguem. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

CRIADO, trazendo uma carta – Para o senhor Brás Ferreira, do Porto.

BRÁS FERREIRA – Sou eu: dá cá. (*abre*) Ah! é para o tal pagamento. (*O criado sai.*)
Vejam as minhas contas: quanto tenho eu em dinheiro?... Dá-me licença,
Duarte; tenho uns papéis que arranjar. Conversa com minha filha. (*Tira a sua car-*
5 *teira, e vai sentar-se à esquerda.*)

AMÁLIA, baixo a Duarte – Não se emenda, está visto.

DUARTE – De a adorar? não decerto.

AMÁLIA – Não é disso, é do seu maldito vício que nos deita a perder: meu pai jurou
que desfazia o nosso casamento se daqui até à noite o apanhasse numa mentira.

10 **DUARTE** – Oh, meu Deus, o que fiz eu!

AMÁLIA – Pois que é, Duarte? Tudo quanto tem estado a dizer?...

DUARTE – É verdade no fundo; acredite: agora os detalhes... os pormenores... eu
não sei como isto é... não é com má tenção... mas a maior parte das vezes, as coi-
sas contadas tais como elas são... ficam numa sensaboria¹ tal...

15 **AMÁLIA**, com ironia – Que não pode resistir ao desejo de as enfeitar, e de mostrar a
riqueza da sua imaginação.

DUARTE – Não torno mais. Juro-lhe que nunca mais.

AMÁLIA – Cale-se, que pode ouvir meu pai.

20 **DUARTE** – Não me importa, não tenho medo: estou emendado e para sempre. Amá-
lia, prometo, hei de ser o modelo dos maridos, leal, sincero, verdadeiro, sempre...

AMÁLIA – Sempre! Se meu pai ouvisse essa palavra, desfazia logo o nosso casa-
mento.

DUARTE – Amália, isso também é de mais!...

25 **BRÁS FERREIRA**, chegando com um papel – Não tenho dinheiro que chegue. E eu
sem me lembrar! Duarte, hás de me fazer um favor.

DUARTE – Qual? Estou pronto.

BRÁS FERREIRA – Uma letra de três contos de réis para descontar.

DUARTE – Em bem má ocasião, co' a fortuna! não tenho um pinto.

BRÁS FERREIRA – Não tens!... e aquele dinheiro?

30 **DUARTE** – Qual dinheiro?

BRÁS FERREIRA – O da tua casa.

DUARTE – Da minha casa?... Ah sim, é verdade. É que atualmente...

BRÁS FERREIRA – Já dispuseste dele?

DUARTE – Não, não, isto é, de certo modo já; mas propriamente...

35 **AMÁLIA**, *baixo a Duarte* – Vê o que é mentir.

DUARTE – [...] Ora sucedeu, por uma coincidência esquisita, que o comprador da minha casa, o tal senhor José Marques...

BRÁS FERREIRA – Ainda agora disseste Tomás...

40 **DUARTE** – Tomás José Marques, um fino agiota de gema... [...] era o que me tinha emprestado o dinheiro. [...]

BRÁS FERREIRA – E tu devias ao comprador?

DUARTE – Uns dez a doze contos de réis.

BRÁS FERREIRA – Então vendeste por trinta e três; tem de te dar ainda de tomas vinte e um contos.

45 **DUARTE**, *atrapalhado* – Vinte contos de réis... É o que lhe eu dizia (*aparte*) Como hei de eu sair desta?

BRÁS FERREIRA, *olhando para ele* – Dar-se-á o caso que tu me pregasses uma das tuas?... que tal comprador não exista?...

Almeida Garrett, *Falar Verdade a Mentir*, Col. Oficina dos Sonhos, Porto, Porto Editora, 2007 (excerto com supressões)

Vocabulário

1 numa *sensaboria*: enfadonho; maçador.

1. São várias as personagens que participam neste excerto dramático.
 - 1.1. Identifica-as e refere que relação existe entre elas, comprovando a tua resposta com elementos textuais.
 - 1.2. Tendo em conta o desenvolvimento do excerto, refere se Duarte é, quanto à conceção, uma personagem plana ou modelada. Justifica a tua resposta.
2. Explicita a peripécia que influencia o desenvolvimento da ação.
 - 2.1. Baseando-te no texto, parece-te que esse obstáculo pode ser facilmente ultrapassado? Justifica.
3. O tempo cronológico da ação concentra-se num curto espaço de tempo.
 - 3.1. Justifica esta afirmação, comprovando a tua resposta com uma transcrição textual.
 - 3.2. Quanto ao tempo histórico, não é possível determinar a época em que a ação decorre, mas há referências que nos permitem perceber que a mesma não tem lugar na atualidade.
 - 3.2.1. Transcreve do texto dois exemplos.
4. Explicita a função do *aparte* na última fala de Duarte.
5. Lê o comentário seguinte.

Pela leitura das últimas falas de Brás Ferreira, percebe-se que ele mantém a sua desconfiança em relação a Duarte.

 - 5.1. Apresenta dois argumentos a favor deste comentário, considerando as falas de Brás Ferreira.



Auto da Barca do Inferno / Auto da Índia

Os Autos de Gil Vicente

O quê? **A moralidade**

Trata-se de uma composição de inspiração religiosa, que tem uma missão didática e moralizadora, como o próprio nome indica. Rege-se pela máxima *ridendo castigat mores* ("a rir se castigam os costumes"). O *Auto da Barca do Inferno*, de 1517, é a moralidade mais conhecida de Gil Vicente.

A farsa

É uma peça cômica, de carácter profano, que trata de assuntos do quotidiano, de uma forma satírica. Trata-se de uma representação curta e com poucas personagens. O *Auto da Índia* é considerada a primeira farsa da literatura portuguesa.

Quem? **O autor**

Sobre os dados biográficos de Gil Vicente não existem grandes certezas, ainda que seja habitual considerar-se o ano de 1465 como o da sua data de nascimento e 1536, o da sua morte. Guimarães é referido como um dos possíveis locais onde nasceu. Escreveu a sua primeira peça teatral, *O Monólogo do Vaqueiro*, em 1502 (considerada a primeira peça do teatro português), obtendo proteção da rainha D. Leonor. Esteve ao serviço da corte durante 35 anos. A compilação da sua obra foi feita depois da sua morte pelos seus filhos, Paula e Luís Vicente.

Quando? **A época**

A sociedade quinhentista ficou marcada pelos Descobrimentos, um período de mudanças sociais (a burguesia surge como nova classe social), económicas (o enriquecimento da sociedade graças à descoberta do caminho marítimo para a Índia) e políticas (a diminuição progressiva do poder da Igreja e da nobreza). Todo este contexto de prosperidade fez com que a população se deixasse corromper pelo luxo e ociosidade, o que serviu de matéria-prima ao nosso dramaturgo. Já o início do século XVI torna-se uma época difícil, quer pela crise económica que se sentiu no reinado de D. João III quer pela chegada da Inquisição a Portugal.

Auto da Barca do Inferno

O *Auto da Barca do Inferno* é um texto dramático, de temática religiosa. Escrito em verso, foi criado por Gil Vicente com o intuito de criticar a sociedade do seu tempo, mas de uma forma ligeira e divertida, já que, desse modo, era possível transmitir alguns ensinamentos que contribuíssem para mudar os hábitos e costumes decadentes da população quinhentista portuguesa. Assim, procurou seguir o princípio latino *ridendo castigat mores* ("a rir se castigam os costumes") para denunciar os vícios e defeitos da sua sociedade com o intuito de moralizar, de educar.

Para alcançar esse objetivo, o autor recorreu a diferentes tipos de cómico.

TIPOS DE CÓMICO		
Situação As ações da personagem são desajustadas em relação à situação em que se encontra.	Carácter A maneira de ser da personagem não se coaduna com aquilo que se espera de si.	Linguagem A linguagem usada pela personagem é desadequada relativamente ao contexto.

A temática do *Auto da Barca do Inferno* continua a manter-se atual, apesar de este texto já ter sido escrito há mais de quinhentos anos, o que revela a genialidade de Gil Vicente.

Conceitos-chave

- **Tipos de personagem:**
- **tipo:** representa um grupo social ou profissional ou características comportamentais.
- **alegórica:** personagem simbólica (o Anjo e o Diabo simbolizam o bem e o mal).
- **figurante:** ajuda a caracterizar as personagens que acompanha.
- **Simbolos cénicos:** adereços usados pelas personagens e que contribuem para a sua caracterização e reconhecimento pelo público.

Estrutura externa

- Embora não exista uma divisão formal do texto em atos e cenas, podemos considerar que:
- a peça é constituída por um único ato, tendo em conta que o cenário se mantém desde o início até ao final da encenação (cais onde estão ancoradas as barcas do Diabo e do Anjo);
- este ato se divide em onze cenas, que resultam da entrada e saída das diferentes personagens.
- O *Auto da Barca do Inferno* foi escrito em verso.

Estrutura interna

- Esta peça não apresenta a estrutura clássica do texto dramático, uma vez que é constituída por cenas que funcionam de forma independente. No entanto, é possível encontrar em cada uma delas os seguintes momentos:
- **exposição** apresentação da personagem;
- **conflito** argumentos de defesa e de acusação;
- **desenlace** sentença aplicada.

Todos os excertos citados da obra *Auto da Barca do Inferno* seguem a edição da Biblioteca Digital, Porto Editora, disponível em <http://www.portoeditora.pt/assets/classicos/barca/index.html>.

MAPA-RESUMO DE AUTO DA BARCA DO INFERNO	
Cena I	Anjo, Diabo e Companheiro Contextualização do local onde decorrerá a ação e apresentação das personagens que se mantêm sempre em cena.
Cena II	Anjo, Diabo, Fidalgo e Pajem O Fidalgo representa a nobreza; é condenado por ter gozado a vida de forma leviana e por não se ter preocupado com os mais fracos.
Cena III	Anjo, Diabo, Onzeneiro O Onzeneiro representa a burguesia; é condenado pela sua avareza e por explorar os mais necessitados.
Cena IV	Anjo, Diabo, Parvo O Parvo representa a ingenuidade própria dos que são desprovidos de sensatez; fica a aguardar no cais, a pedido do Anjo, e acaba por embarcar na Barca da Glória.
Cena V	Anjo, Diabo, Sapateiro O Sapateiro representa os artesãos; é condenado pela sua desonestidade e pela sua falsa religiosidade.
Cena VI	Anjo, Diabo, Frade e Moça O Frade representa o clero; é condenado por levar uma vida libertina, contrária aos princípios que professa.
Cena VII	Anjo, Diabo, Alcoviteira Brísida Vaz pertence ao povo; é condenada por ser responsável pela exploração sexual de raparigas e pela sua falsidade.
Cena VIII	Anjo, Diabo, Judeu O Judeu é condenado pelo seu desrespeito para com os preceitos da religião cristã; refere-se ainda o seu materialismo.
Cena IX	Anjo, Diabo, Corregedor e Procurador O Corregedor e o Procurador são representantes da justiça; são acusados por terem sido corruptos na sua prática profissional, aproveitando-se do seu estatuto para receber subornos.
Cena X	Anjo, Diabo, Enforcado O Enforcado é um criminoso, pertencente à classe popular; é condenado pela sua ignorância e, indiretamente, pelos seus crimes, uma vez que foi convencido de que lhe seriam perdoados os seus pecados caso se enforcasse.
Cena XI	Anjo, Diabo, Quatro Cavaleiros Os Quatro Cavaleiros representam todos os que lutaram para propagar a fé cristã, entrando, por isso, na Barca da Glória.

Análise cena a cena

CENA I	
Introdução	Citações
- A primeira cena tem uma função distinta das subsequentes, uma vez que nela se faz uma apresentação do espaço/cenário onde se desenrolará a ação da peça e das personagens fixas. - As palavras que o Diabo dirige ao seu companheiro refletem a sua excitação por prever a chegada de tripulantes para a sua barca.	“[...] chegamos supitamente a um rio [...] tem cada um seu arrais na proa: o do Paraíso um Anjo, e o do Inferno um Arrais infernal e um Companheiro.” “[...] despeja aquele banco, / pera a gente que vinrá.”

CENA II		
	Fidalgo	Citações
Características da personagem	arrogante; tirano	“Parece-me isso cortiço...”; “Pera senhor de tal marca / nom há aqui mais cortesia?” (Fidalgo); “desprezastes os pequenos” (Anjo)
Símbolos cénicos	pajem, manto e cadeira	
Movimentação cénica	barca do Diabo → barca do Anjo → barca do Diabo	“Sou fidalgo de solar, / é bem que me recolhais.”; “Que leixo na outra vida / quem reze sempre por mi.” “Mandai meter a cadeira, / que assi passou vosso pai.” (Diabo); “Não se embarca tirania / neste batel divinal” (Anjo)
Argumentos de defesa	estatuto social; tem na Terra quem reze por ele	
Argumentos de acusação	antecedentes familiares; arrogância; tirania	“Esperar-me-ês vós aqui, / tornarei à outra vida / ver minha dama querida / que se quer matar por mi.” “Pera lá vai a senhora?” (Fidalgo confunde o Diabo com uma mulher) “Que giricocins, salvaror!” “Vai pera a ilha perdida” “Embarqu’a vossa doçura vossa doçura / que cá nos entenderemos...”
Tipos de cómico	cómico de carácter cómico de situação cómico de linguagem	
Alguns recursos expressivos	eufemismo ironia	“Não entras cá! Vai-te d’i! / A cadeira é cá sobeja”
Nota: O pajem não entra na barca do Diabo.		

CENA III		
Onzeneiro		Citações
Características da personagem	materialista e explorador dos mais necessitados	▶ “Mais quisera eu lá tardar... / Na safra de apanhar / me deu Saturno quebranto.”
Símbolos cénicos	bolsão	
Movimentação cénica	barca do Diabo → barca do Anjo → barca do Diabo	
Argumentos de defesa	o dinheiro que poderá comprar a sua passagem na Barca da Glória	▶ “Quero lá tornar ao mundo / e trarei o meu dinheiro.”
Argumentos de acusação	avareza e falta de princípios morais	▶ “Porque esse bolsão / tomara todo o navio” (Anjo); “Irás servir Satanás / pois que sempre te ajudou.” (Diabo)
Tipos de cómico	cómico de carácter	▶ “Quero lá tornar ao mundo / e trarei o meu dinheiro.”
	cómico de situação	▶ “Santa Joana de Valdês! / Cá é vossa senhoria?” (Onzeneiro para Fidalgo)
Alguns recursos expressivos	metáfora	▶ “Pera a infernal comarca”
	ironia	▶ “onzeneiro, meu parente!”; “Ora mui muito m’espanto / nom vos livrar o dinheiro!”

CENA IV		
Joane, o Parvo		Citações
Características da personagem	inocente; desprovido de senso; irrefletido	▶ “Eu sô.”; “É esta a naviarra nossa?”
Símbolos cénicos	_____	
Movimentação cénica	barca do Diabo → barca do Anjo → cais	
Argumentos de defesa	inocência e simplicidade	▶ “[...] em todos teus fazeres / per malícia nom erraste. / Tua simpreza t’abaste / pera gozar dos prazeres.” (Anjo)
Argumentos de acusação	_____	
Tipos de cómico	cómico de carácter	▶ “Eu sô.”; “De pulo ou de voo?”
	cómico de linguagem	▶ “Samicas de caganeira”
Nota: Embora o Anjo diga ao Parvo que pode entrar na sua barca, pede-lhe que aguarde. Deste modo, ele contribuirá para a caracterização das personagens que se lhe seguem.		▶ “Espera entanto per i; / veremos se vem alguém / merecedor de tal bem, / que deva de entrar aqui.”

CENA V		
	Sapateiro	Citações
Características da personagem	ladrão; mentiroso; falso moralista	▶ “calaste dous mil enganos / Tu roubaste bem trint’anos” (Diabo); “Ouvir missa, então roubar – / é caminho per’aqui” (Diabo)
Símbolos cénicos	aventil e formas	
Movimentação cénica	barca do Diabo → barca do Anjo → barca do Diabo	
Argumentos de defesa	o facto de se ter confessado e comungado; as missas que rezou e as oferendas que fez aos santos	▶ “Como poderá isso ser, / confessado e comungado?!...”; “Quantas missas eu ouvi, / nom me hão elas de prestar?”; “E as ofertas, que darão?”
Argumentos de acusação	desonestidade profissional e falsa religiosidade	▶ “Essa barca que lá está / leva quem rouba de praça.” (Anjo); “Tu morreste excomungado: / [...] / calaste dous mil enganos.” (Diabo)
Tipos de cómico	cómico de linguagem	▶ “Arrenegaria eu da festa / e da puta da barcagem!”
	cómico de situação	▶ “Santo sapateiro honrado!”
Alguns recursos expressivos	jogo de palavras	▶ “Assi que determinais / que vá cozer ò Inferno?” (<i>cozer</i> – tarefa do sapateiro; <i>cozer</i> – castigo resultante das suas ações)
	ironia	▶ “Santo sapateiro honrado!”

CENA VI		
	Frade	Citações
Características da personagem	devasso; inconsciente; dado aos prazeres do mundo	▶ “Eu hei de ser condenado? / Um padre tão namorado / e tanto dado à virtude?”
Símbolos cénicos	moça, broquel, espada, casco	
Movimentação cénica	barca do Diabo → barca do Anjo → barca do Diabo	
Argumentos de defesa	o hábito; as orações que rezou; o facto de os seus colegas fazerem o mesmo	▶ “E este hábito no me val?”; “se há um frade de perder, / com tanto salmo rezado?”; “E eles fazem outro tanto!”
Argumentos de acusação	imoralidade e devassidão	▶ “Gentil padre mundanal”; “Devoto padre marido” (Diabo); “Furtaste o trinchão, frade?” (Parvo)
Tipos de cómico	cómico de carácter	▶ “ <i>Deo gratias!</i> Sou cortesão.”; “Por minha la tenho eu, / e sempre a tive de meu.”
	cómico de situação	▶ “ <i>Começou o Frade a dar lição d’esgrima</i> ”
Alguns recursos expressivos	ironia	▶ “Fezeste bem, que é fermosa!”
Nota: O Anjo não responde ao Frade, sendo substituído pelo Parvo que denuncia a quebra do voto de castidade por parte do clero; a moça, Florença, ao contrário do pajem, na cena II, também entra na Barca do Inferno.		▶ “Agasalhai-me lá Florença” (Frade)

CENA VII		
Alcoviteira		Citações
Características da personagem	prática profissional devassa; exploradora de inocentes; bajuladora	▶ “Santa Úrsula nom converteo / tantas cachopas como eu”; “Barqueiro mano, meus olhos, / prancha a Brísida Vaz!”
Símbolos cénicos	virgos postiços, arcas de feitiços, almários de mentir, joias	
Movimentação cénica	barca do Diabo → barca do Anjo → barca do Diabo	
Argumentos de defesa	o facto de ter sido uma mártir e de as suas ações não serem mais graves do que as das outras pessoas	▶ “Eu sô ùa mártela tal, / açoutes tenho levados / e tormentos suportados”; “Se fosse ò fogo infernal, lá iria todo o mundo!”
Argumentos de acusação	devassidão; inconsciência; falta de princípios morais	▶ “Eu sô aquela preciosa / que dava as moças a molhos, / a que criava as meni-nas / pera os cónegos da Sé...” (Brísida Vaz)
Tipos de cómico	cómico de carácter	▶ “Barqueiro mano, meus olhos, / prancha a Brísida Vaz!”
Alguns recursos expressivos	ironia	▶ “Que sabroso arrecear!” (Diabo)

CENA VIII		
Judeu		Citações
Características da personagem	materialista; afeiçoado aos seus princípios religiosos	▶ “Passai-me, por meu dinheiro.”; “Sem bode, como irei lá?”
Símbolos cénicos	bode	
Movimentação cénica	barca do Diabo	
Argumentos de defesa	—	
Argumentos de acusação	desrespeitador em relação à religião católica	▶ “E ele mijou nos finados / n’ergueja de São Gião! / E comia a carne da panela / no dia de Nosso Senhor!” (Parvo)
Tipos de cómico	cómico de situação cómico de linguagem	▶ “Vós, Judeu, irês à toa.” (Diabo) ▶ “Par el Deu, que te sacuda / co’a beca nos focinhos!”
Alguns recursos expressivos	jogo de palavras	▶ “Nem eu nom passo cabrões” (Diabo)
Nota: O Judeu não chega a dirigir-se à barca do Anjo e nem mesmo o Diabo o quer levar no seu batel, uma vez que ele não merece acompanhar os cristãos, ainda que pecadores. Por esse motivo, vai a reboque.		▶ “Vós, Judeu, irês à toa, / que sois mui ruim pessoa.” (Diabo)

CENA IX		
Corregedor e Procurador		Citações
Características das personagens	oficiais da justiça corruptos	► “Oh amador de perdiz” (Diabo)
Símbolos cénicos	feitos (processos), livros	
Movimentação cénica	barca do Diabo → barca do Anjo → barca do Diabo	
Argumentos de defesa	a confissão antes da morte; a sua inocência em relação aos subornos	► “Eu mui bem me confessei”; “Nom som <i>peccatus meus</i> , / <i>peccavit uxor mea</i> ” (Corregedor)
Argumentos de acusação	a sua parcialidade e corrupção	► “ <i>quia judicastis malitia</i> ”; “E as peitas dos judeus / que vossa mulher levava?” (Diabo)
Tipos de cómico	cómico de carácter	► “Eu mui bem me confessei, / mais tudo quanto roubei / encobri ao confessor...” (Corregedor para Procurador)
	cómico de situação	► “Há ‘qui meirinho do mar?’” (Corregedor para o Diabo)
	cómico de linguagem	► “Quando éreis ouvidor / <i>nonne accepistis rapina</i> ?” (latim deturpado usado pelo Diabo)
Alguns recursos expressivos	jogo de palavras	► “Santo descorregedor”

CENA X		
Enforcado		Citações
Características da personagem	criminoso e crédulo, em virtude da sua ignorância	► “fui bem aventurado, / em morrer dependurado / [...] / e diz que os feitos que eu fiz / me fazem canonizado.”
Símbolos cénicos	baraço ao pescoço	
Movimentação cénica	barca do Diabo	
Argumentos de defesa	a absolvição garantida por Garcia Moniz	► “Se Garcia Moniz diz / que os que morrem como eu fiz / São livres de Satanás...”
Argumentos de acusação	_____	
Tipos de cómico	_____	
Alguns recursos expressivos	comparação	► “[...] fui bem-aventurado / em morrer dependurado / como o tordo na buiz.”

CENA XI		
Quatro Cavaleiros		Citações
Características da personagem	cavaleiros que morreram ao serviço da fé cristã	▶ “[...] morremos nas Partes d’Além” (2.º Cavaleiro); “[...] morrestes pelejando / por Cristo [...]” (Anjo)
Símbolos cénicos	cruz de Cristo	
Movimentação cénica	barca do Anjo	▶ “Quem morre por Jesu Cristo / não vai em tal barca [...]” (Cavaleiro); “[...] quem morre em tal peleja / merece paz” (Anjo)
Argumentos de defesa	lutaram e morreram por Cristo	
Argumentos de acusação	_____	
Tipos de cómico	_____	

Linguagem no *Auto da Barca do Inferno*

Como certamente terás reparado, esta peça, apesar de escrita em português, contém inúmeros vocábulos que não usamos ou que não conhecemos: arcaísmos, isto é, palavras que já não existem na língua atual.

É também importante referir que, ao longo da peça, as personagens vão usando diferentes registos de língua (cf. p. 106). Vê o quadro que se segue.

REGISTOS DE LÍNGUA	EXEMPLOS
Cuidado: vocabulário mais rebuscado e construções mais complexas	“Vós ireis mais espaçoso / com fumosa senhoria.” (Anjo)
Corrente: vocabulário utilizado e compreendido pela maioria das pessoas no quotidiano	“Pera onde é a passagem?” (Onzeneiro)
Popular: linguagem oral, com regionalismos e provérbios e algumas construções desviantes	“Hou da barca! Houlá! Hou!” (Onzeneiro)
Calão: palavrões e expressões grosseiras	“Barca do cornudo” (Parvo) “Caga no sapato, / filho da grande aleivosa!” (Parvo)
Gíria: linguagem específica de determinado grupo profissional ou social	O latim do Procurador e do Corregedor

Saliente-se que o Diabo tem a capacidade de adequar o seu registo às diferentes personagens com que dialoga. Encontramos, ainda, diversos vocábulos técnicos relacionados com a esgrima, a náutica, etc.

Etapa Final

Lê um excerto do texto dramático *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, e responde, de forma completa e estruturada, aos itens que se seguem.

Vem um Frade com ùa Moça pela mão, e um broquel e ùa espada na outra, e um casco debaixo do capelo; e, ele mes- mo fazendo a baixa, começou de dançar, 5 dizendo:	FRADE E eles fazem outro tanto! 20 DIABO Que cousa tão preciosa!
FRADE Tai-rai-rai-ra-rão; ta-ri-ri [-rão, [...]] DIABO Que é isso, padre? Que vai lá? FRADE <i>Deo gratias!</i> Sou cortesão. DIABO Sabês também o tordião? 10 FRADE Porque não? Como ora sei! DIABO Pois, entrai! Eu tangerei e faremos um serão.	Entrai, padre reverendo! FRADE Para onde levais gente? DIABO Pera aquele fogo ardente que nom temestes vivendo. 25 FRADE Juro a Deus que nom t'entendo! E est'hábito no me vale? DIABO Gentil padre mundanal, a Berzabu vos encomendo! [...]
Essa dama, ela é vossa? FRADE Por minha la tenho eu, 15 e sempre a tive de meu. DIABO Fezestes bem, que é fermosa! E não vos punham lá grosa no vosso convento santo?	FRADE Como? Por ser namorado e folgar com uma mulher se há um frade de perder, com tanto salmo rezado? Gil Vicente, <i>Auto da Barca do Inferno</i>, in http://www.portoeditora.pt/assets/classicos/barca/index.html (excerto com supressões)

1. Na linha 8 verifica-se uma contradição.
 - 1.1. Comenta a afirmação apresentada.
 - 1.2. Transcreve do texto outro exemplo deste tipo de incoerência.
2. O Frade reage com surpresa ao convite do Diabo.
 - 2.1. Identifica os argumentos que ele utiliza para recusar o seu convite.
3. A caracterização desta personagem é feita de modo direto e indireto.
 - 3.1. Transcreve exemplos que permitam distinguir cada um desses processos de caracterização.
 - 3.2. Justifica a importância dos adereços que o Frade utiliza.
4. Gil Vicente foi um hábil criador de personagens-tipo.
 - 4.1. Refere se a personagem do Frade corresponde a este protótipo.
 - 4.1.1. Transcreve uma frase do texto que comprove a tua opção.
 - 4.2. Explica qual terá sido a intencionalidade do autor usar, no seu texto, este tipo de personagens.

Auto da Índia

O *Auto da Índia* é uma farsa que apresenta um número reduzido de personagens. Trata-se de uma sátira da vida quotidiana, retratando a degradação de costumes da sociedade quinhentista, mais concretamente, a prática comum do adultério por parte das mulheres, facilitada pela ausência dos maridos que partiam à procura de riqueza. Através dos diferentes tipos de cómico (cf. pág. 79), Gil Vicente critica ao mesmo tempo que faz rir o seu público.

Personagens

Principal

- Ama (Constança) – devassa, falsa

Secundárias

- Moça – esperta, irónica, cúmplice;
- Castelhana – fanfarrão e gabarola;
- Lemos – pelintra e oportunista;
- Marido – ingénuo e ambicioso.

Espaço

Toda a acção da peça decorre num único espaço, a casa da Ama, onde é possível reconhecer locais distintos:

- a cozinha, que tem uma janela que comunica com o exterior;
- o quarto;
- o exterior/quintal.

Tempo

Cenas

I a III

IV a VII

VIII (1.ª fala da Moça)

VIII (2.ª fala da Moça) a XII

Acontecimentos

Partida da armada

Visitas do Castelhana e do Lemos

Fala da Moça

Regresso do Marido

Tempo dramático

Num domingo de maio, de madrugada

Primeira terça-feira, após a partida

Dois anos, após a partida

Mais de três anos após a partida

Gil Vicente, *Auto da Índia*, edição didática de Mário Fiúza, Porto, Porto Editora, 2011 (adaptado)

Estrutura externa

- Embora este texto não apresente uma divisão clássica, podemos afirmar que é constituído por:
- um ato, tendo em conta que a acção decorre sempre no mesmo lugar (a casa da Ama);
- doze cenas, se tivermos em atenção a entrada e saída de personagens.

Estrutura interna

- É possível dividir a peça em três momentos:
- a exposição (cenas I a III): os momentos que antecedem a partida do marido da Ama;
- o conflito (cenas IV a VIII): o período que decorre entre a partida do marido da Ama e o seu regresso;
- o desenlace (cenas IX a XII): o regresso do marido da Ama.

MAPA-RESUMO DE AUTO DA ÍNDIA

Cena I	Moça e Ama A Ama chora, porque ouviu rumores de que o marido não partirá para a Índia. A Moça vai procurar saber mais novidades.
Cena II	Ama Monólogo da personagem que deseja que o marido nunca mais regresse.
Cena III	Moça e Ama A Moça confirma que a armada já partiu, ao que a Ama reage de forma efusiva.
Cena IV	Ama, Castelhana e Moça O Castelhana declara o seu amor pela Ama e aproveita para elogiar a sua própria valentia. Os dois marcam encontro para mais tarde.
Cena V	Moça e Ama A Moça critica o Castelhana. A Ama recorda-se de um antigo namorado seu, o Lemos.
Cena VI	Lemos, Ama, Moça e Castelhana Enquanto a Ama conversa com Lemos, chega o Castelhana. Ela leva o primeiro para a cozinha, evitando assim que eles percebam a presença um do outro. O Castelhana fica à espera fora de casa, no quintal. A Ama convida Lemos para cear com ela, mas este dá pouco dinheiro à Moça para fazer compras.
Cena VII	Lemos, Ama, Castelhana e Moça A Moça regressa. Mais uma vez, a Ama tem necessidade de arranjar estratégias para esconder os dois pretendentes um do outro. O Castelhana parte furioso, porque esperou toda a noite debaixo da janela da cozinha.
Cena VIII	Moça e Ama Nesta cena, dá-se conta da passagem do tempo: a Ama refere, em duas falas distintas, que passaram dois e três anos respetivamente desde a partida do marido. A Moça sai para fazer compras.
Cena IX	Ama A Ama, sozinha, coloca a hipótese de o seu marido regressar, mas afasta de imediato esse pensamento.
Cena X	Moça e Ama Chega a Moça, que traz a notícia de que regressou o marido da Ama. Esta reage muito mal à novidade.
Cena XI	Marido, Ama e Moça O marido chega e a Ama manda a Moça às compras.
Cena XII	Marido e Ama O marido conta as aventuras e desventuras da sua viagem, enquanto a Ama descreve a vida de castidade que levou na sua ausência.

Etapa Final

Lê um excerto do texto dramático *Auto da Índia*, de Gil Vicente, e responde, de forma completa e estruturada, aos itens que se seguem.

MOÇA Jesu! como é rebolão!	MOÇA Seria, mas bem safado;
Dai, dai ó demo o ladrão.	não suspirava o coitado
AMA Muito bem me parece ele.	senão por algum dinheiro.
MOÇA Não vos fieis vós naquele	AMA Não é ele homem dessa arte.
5 porque aquilo é refião.	MOÇA Pois inda ele não esquece?
AMA Já lhe eu tenho prometido.	Há muito que não parece.
MOÇA Muito embora, seja assi.	AMA Quanto eu não sei dele parte.
AMA Um Lemos andava aqui	MOÇA Como ele souber, a fé,
meu namorado perdido.	Que nosso amo aqui não é,
10 MOÇA Quem? O rascão do sombreiro?	Lemos vos vesitará.
AMA Mas antes era escudeiro.	Gil Vicente, <i>Auto da Índia</i> , edição didática
	de Mário Fiúza, Porto, Porto Editora, 2011
	(excerto)

1. Identifica o momento em que se insere este excerto na estrutura externa e interna da obra. Justifica a tua resposta.
2. Através deste pequeno excerto, é possível caracterizar quatro personagens da obra.
 - 2.1. Refere-as e explicita as características evidenciadas.
 - 2.1.1. Associa-as aos processos de caracterização usados para cada personagem. Transcreve do texto um exemplo para cada um desses casos.
3. Transcreve um exemplo de um tipo de cómico usado neste excerto e classifica-o.
4. Gil Vicente criticou os vícios e principais problemas da sociedade do seu tempo, através do humor.
 - 4.1. Identifica a intenção crítica desta obra.
 - 4.2. Refere se, na tua opinião, a obra a que pertence o texto em análise pode considerar-se atual. Justifica a tua resposta.

Texto Não Literário

Outros Textos



Situa-te

Reportagem Objetivo • informar Estrutura • título/ <i>LEAD</i> / corpo / conclusão / caixa	Entrevista Objetivo • informar Estrutura • introdução / corpo / conclusão	Notícia Objetivo • informar Estrutura • título/ <i>LEAD</i> / corpo • técnica da pirâmide
Texto de opinião Objetivo • informar e influenciar Estrutura • introdução / desenvolvimento / conclusão Subgéneros • editorial / comentário / crónica / texto de apreciação crítica	Texto expositivo Objetivo • expor e/ou convencer Estrutura • introdução / desenvolvimento / conclusão Subgéneros • texto informativo-expositivo • texto expositivo-argumentativo	

Como sabes, a avaliação da competência de Leitura em exame prevê o trabalho com um texto de carácter informativo que poderá ou não ter relação, a nível temático, com o texto literário apresentado no Grupo I.

Incluímos, nesta subunidade, alguns tipos de textos informativos que trabalhaste ao longo do 3.º ciclo. Assim, deverás recordar que a **reportagem** se distingue da **notícia**, dado que, enquanto na primeira encontras marcas de subjetividade do autor, na segunda, o discurso caracteriza-se pela imparcialidade e objetividade de quem escreve. A **entrevista** dá a conhecer informações relevantes sobre alguma personalidade ou figura pública importante. Por outro lado, os **textos de opinião**, nos quais se incluem os **textos de apreciação crítica**, são escritos com o objetivo de veicular o ponto de vista dos seus autores, que usam argumentos para fundamentar a sua posição. Finalmente, o **texto expositivo** distingue-se dos anteriores por nele se apresentar um tema, desenvolvido de forma pormenorizada, seguindo-se uma sequência lógica na exposição das ideias.

É importante que conheças as características de cada um destes géneros textuais, pois deves estar atento às suas especificidades, ainda que, em situação de exame, não se preveja a existência de questões que incidam sobre aspetos estruturais. Por essa razão, nas páginas que se seguem, depois da apresentação sucinta das suas características, explicitamos alguns aspetos que deverás ter em atenção para te preparares para a prova.



REPORTAGEM

É um tipo de texto jornalístico que tem como principal objetivo informar sobre determinado facto ou situação de modo detalhado. A fim de cumprir esse objetivo, o repórter faz uma pesquisa aprofundada, deslocando-se ao local de ocorrência dos acontecimentos, onde entrevista as diferentes pessoas envolvidas e recolhe imagens (normalmente legendadas) que complementam o texto escrito. O repórter pode fazer comentários pessoais e usar expressões valorativas que mostram o seu ponto de vista.

A reportagem apresenta a seguinte estrutura:

Título	pode ser antecedido por antetítulo ou seguido por subtítulo
LEAD	parágrafo introdutório em que se responde às seguintes questões: Quem? Quando? Onde? O quê?
Corpo	desenvolvimento pormenorizado do assunto, através da apresentação de relações de causa-efeito, dados estatísticos, etc.
Conclusão	fecho do texto, em que se sintetiza o assunto abordado
Caixa	elemento facultativo que apresenta informação complementar, não essencial para a compreensão do texto

CRF-PP-00 Porto Editora

ENTREVISTA

Trata-se de um texto informativo/conversacional, oral ou escrito, em que o jornalista, através de perguntas previamente elaboradas (em guião), procura dar a conhecer informações interessantes sobre o entrevistado ou a sua opinião sobre determinado assunto. É habitual utilizar-se um registo mais formal.

A estrutura da entrevista inclui os seguintes momentos:

Introdução	apresentação do entrevistado e/ou do assunto de forma breve
Corpo	diálogo entre entrevistador e entrevistado, do género pergunta-resposta
Conclusão	síntese dos temas tratados ou destaque de algum aspeto mais relevante

NOTÍCIA

Trata-se de um texto informativo que pretende dar a conhecer um acontecimento atual e relevante, com interesse para o público em geral. Deve ser um relato breve, com linguagem clara e objetiva, e respeitar a técnica da pirâmide invertida, isto é, apresentar os factos por ordem decrescente de importância.

A notícia apresenta uma estrutura comum à reportagem, destacando-se:

Título	deve ser conciso e direto de modo a captar a atenção do público
LEAD	parágrafo inicial que responde às questões: Quem? Quando? Onde? O quê?
Corpo	desenvolvimento do assunto, em que se apresentam as causas que motivaram o acontecimento (Porquê?) e se descrevem as circunstâncias em que o mesmo ocorreu (Como?)

TEXTO DE OPINIÃO

É um texto argumentativo que, para além de informar os leitores, pretende influenciá-los, usando-se, para esse efeito, um discurso persuasivo e uma linguagem apelativa. O editorial, o comentário, a crónica e o artigo de apreciação crítica podem ser considerados subgéneros do texto de opinião.

A estrutura do texto de opinião deve conter os seguintes momentos:

Título	através do qual, às vezes, se subentende a opinião do crítico
Introdução	apresentação dos factos e respetivo enquadramento
Desenvolvimento	exposição da ideia que se vai defender, bem como dos argumentos que validam o ponto de vista do autor
Conclusão	reforço da opinião, podendo destacar-se o argumento mais forte

Texto de apreciação crítica

Trata-se de um subgénero do texto de opinião, cuja especificidade consiste no facto de incidir sobre uma novidade cultural, como, por exemplo, um filme, uma peça de teatro, uma exposição de pintura, etc. A apreciação crítica de um livro pode ser também designada por *recensão*.

Exemplo

Reportagem e Entrevista

A marca de Joana Vasconcelos

A artista do croché, do lustre com tampões e dos corações de Viana em talheres de plástico acaba de inaugurar uma exposição individual em Paris e promete conquistar o mercado

REPORTAGEM E ENTREVISTA DE Ana Soromenho FOTOGRAFIAS DE Tiago Miranda ENVIADOS A PARIS

“Oh-la-la!” Muito parisiense no seu casaco de caxe-
 5 mira até aos pés e carteira *Dior* no ombro, madame Tou-
 bon arregala os olhos de espanto perante o enorme
 coração que roda majestoso ao som de Amália Rodrigues.
 Tinha, naquele preciso instante, acabado de constatar que
 a matéria-prima da obra era uma composição complexa
 10 de talheres translúcidos de plástico vermelho: “Os artistas
 são as únicas criaturas à face da terra que eu admiro!”

Minutos depois, Lise Toubon – mulher de Jacques
 Toubon, ex-ministro da Cultura [...], e colecionadora e
 impulsionadora de arte contemporânea – está em frente a Joana Vasconcelos,
 15 ambas as mãos a agarrar-lhe os braços, interrogando-a num cumprimento: “C’est
 vous? C’était vous qui à fait ça?”. A artista, que acabara de entrar na galeria no centro
 de Paris, abre um sorriso, ligeiramente surpreendido, ligeiramente irónico, e



responde mostrando-lhe o coração em filigrana que traz ao peito: “Sou eu mesma. Está aqui a prova!” [...]

- 20 Nathalie Obadia, 45 anos, que há década e meia gere a sua galeria situada mesmo ao lado do Centro Pompidou, manobrava discretamente a movimentação que se gerava em torno da obra da portuguesa, lançando-lhe rápidos olhares sempre que alguém influente se aproximava. Para ela, Joana tem os traços fundamentais para caminhar longe na cena internacional: enorme potencial artístico;
- 25 capacidade de produção; sentido absoluto de organização e de gestão de obra. Justifica a parceria: “Atraiu-me a pujança plástica e a forma como trabalha a sua identidade como um valor artístico. Eu tinha a ideia que a arte portuguesa era sobretudo minimal... nela sente-se o mundo de onde vem. É nova, é mulher e tem uma visão muito ambiciosa da sua obra. Não há na Europa muitas artistas assim. Conseguiu
- 30 montar a sua estrutura de modo a poder rapidamente levar uma peça a qualquer lugar, o que não é fácil porque trabalha em grande escala. [...]”

A artista ‘made in Portugal’

- Nasceu em Paris mas foi de Portugal que Joana Vasconcelos partiu para os palcos mundiais de arte contemporânea. Uma das mais internacionais artistas da sua geração, quase a celebrar 15 anos de carreira, fala de como mol-
- 35 dou a matéria de que é feita a sua obra [...]

Fez parte da Galeria 111 e depois optou por sair. A partir daí deixou de trabalhar com galerias em Portugal. Porquê?

É simples. Eu queria fazer um percurso internacional e a 111 faz um caminho nacional. Para mim não era a galeria que estava errada. Eu é que estava errada na galeria. [...]

40 Como surgiu a internacionalização?

Comecei a viajar e umas coisas puxam as outras. Conheci uma galerista espanhola, Elba Benites, com quem comecei a trabalhar e que me levou à Ar.Co, em 2002. Aí experimentei a dinâmica de uma feira e percebi que o mundo era muito maior do que Portugal. [...]

45 O dinheiro é importante?

É uma ferramenta de trabalho. Não tenho o objetivo de ter muito dinheiro ou de ser rica. O meu objetivo é fazer obra. Portanto, há uma relação direta.

in revista *Única* (do jornal *Expresso*), 19 de janeiro de 2008 (excerto com supressões)

Atenta nas características da **reportagem**:

- para informar de modo detalhado sobre a exposição de Joana Vasconcelos em Paris, a repórter deslocou-se a esse local (“Enviados a Paris”);
- II. 1, 10-11, 15-16, 26-31 – incluem-se, no corpo da reportagem, testemunhos (entrevistas) de pessoas relacionadas com os factos descritos, devidamente identificadas através das aspas (ex.: Lise Toubon, Nathalie Obadia);
- II. 1-3 – parágrafo introdutório (*LEAD*) em que se responde às questões: Quem? (“A artista do croché”), Quando?/O quê? (“acaba de inaugurar uma exposição individual”), Onde? (“em Paris”);

- marcas da subjetividade do repórter (“Muito parisiense”, l. 4; “abre um sorriso, ligeiramente surpreendido, ligeiramente irónico”, l. 17; “manobrava discretamente”, l. 21).

Repara agora nas características da **entrevista**:

- ll. 32-35 – apresentação sucinta do entrevistado;
- ll. 36-47 – a entrevistadora coloca perguntas pertinentes à entrevistada, revelando uma preparação prévia para a entrevista, já que mostra conhecer o percurso de Joana Vasconcelos, como é visível na primeira pergunta;
- utilização de tratamento formal por parte da entrevistadora (verbos na 3.ª pessoa do singular, l. 36).

Nota: Esta entrevista não apresenta conclusão.

Notícia

Exposição de Joana Vasconcelos recebeu 20 mil visitantes em duas semanas

A exposição da artista plástica Joana Vasconcelos, inaugurada há duas semanas no Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa, recebeu mais de 20 mil visitantes, indicou hoje à agência *Lusa* fonte da empresa responsável pela produção.



A mostra apresenta 38 obras criadas na última década, na maioria inéditas e outras emblemáticas no percurso criativo da artista, como o lustre “A Noiva”, os sapatos femininos “Marylin”, e “Coração Independente Vermelho”, criado com talheres de plástico.

É a primeira vez que o Palácio Nacional de Ajuda – que foi residência da família real portuguesa – exhibe uma mostra tão alargada de obras de arte contemporânea de um artista.

Depois de ter mostrado obras no Palácio de Versalhes, em Paris, no ano passado – numa exposição que recebeu 1,6 milhões de visitantes – a artista volta a um espaço que foi habitado por uma família real, e a conceção da mostra foi idealizada em torno da figura da rainha Maria Pia.

A par das peças cobertas de “crochet”, inspiradas no bestiário de Bordalo Pinheiro, estão também patentes obras mais recentes, nunca antes exibidas em Portugal, como “Lilicoptre”, “Perruque” ou “War Games”.

A peça “A Noiva”, criada com milhares de tampões higiénicos femininos e recusada na exposição de Joana Vasconcelos no Palácio de Versalhes, é uma das obras que a artista mostra no espaço, onde foi criado um percurso em dois pisos do monumento. [...]

A exposição, organizada pelo Palácio Nacional da Ajuda, monumento tutelado pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), e pela empresa organizadora de eventos *Everything is New*, ficará patente até 25 de agosto.

Nascida em Paris, em 1971, Joana Vasconcelos vive e trabalha em Lisboa. Em 2010 mostrou, no Museu Coleção Berardo, em Lisboa, a sua primeira exposição antológica, intitulada “Sem Rede”, com 37 obras, que foi visitada por 167 mil pessoas, em dois meses e meio.

Joana Vasconcelos vai representar oficialmente Portugal na Bienal de Arte de Veneza 2013, num projeto comissariado por Miguel Amado que irá levar um cacifeiro ao recinto principal da mostra internacional contemporânea.

Cristiana Reis – Lusa, in <http://sicnoticias.sapo.pt/cultura/2013/04/06/exposicao-de-joana-vasconcelos-recebeu-20-mil-visitantes-em-duas-semanas>, consultado em 16-04-2013 (com supressões)

Atenta nas características da **notícia**:

- título – conciso, direto e que capta a atenção do público;
- **¶. 1-5** – parágrafo inicial que responde às questões: Quem? (“artista plástica Joana Vasconcelos”), Quando? (“há duas semanas”), Onde? (“no Palácio Nacional da Ajuda”) e O quê? (“A exposição [...] inaugurada”);
- as informações mais importantes são dadas no início do texto:
 - no 1.º, 2.º, 4.º e 5.º parágrafos descrevem-se as circunstâncias em que o acontecimento ocorreu (Como?);
 - no 3.º parágrafo, apresentam-se as causas que motivaram esse acontecimento (Porquê?);
- no final, a jornalista acrescenta informações adicionais (últimos dois parágrafos);
- utiliza-se uma linguagem objetiva com predominância de nomes e verbos.

Texto de apreciação crítica

Joana Vasconcelos: Real Exposição

ESCRITO POR Wilson Ledo EM 2013-03-25 PARA Crítica, Destaques, Exposições, Mundos | O COMENTÁRIOS

Não é Versalhes, mas não lhe fica nada atrás. Depois de se transformar na artista mais visitada no Palácio de Versalhes dos últimos 50 anos – cerca de 1,7 milhões de visitantes em três meses – **Joana Vasconcelos** rumo agora ao Palácio Nacional da Ajuda.

Em Lisboa, a artista plástica apresenta 38 peças da sua autoria, tendo um terço delas sido criadas propositadamente para esta exposição, produzida em 5 meses (um tempo recorde a comparar com Versalhes, com um ano e meio).

A escala e o facto de o Palácio da Ajuda ser pouco conhecido dos portugueses levaram **Joana Vasconcelos** a responder afirmativamente ao desafio. Uma “*grande ousadia*” mas também um “*privilégio*”, assegura a artista, que sente “*um gosto especial*” por trabalhar com o património nacional.

Basta entrar na primeira divisão para perceber que nos aguarda uma visita memorável. **Petit Gateau**, um bolo criado com formas plásticas de praia em formato de morangos, peras e maçãs, é a primeira peça.

[...] Por vários momentos, é-se assolado pela sensação de que a beleza do Palácio não deixa respirar as obras, pelo menos nesta ala. A fusão é tão perfeita que

chega a ser necessário procurar as obras no meio de toda aquela decoração real. Mas, quando se encontra, a sensação é de que a peça ali faz todo o sentido.

Mas é no primeiro piso que a exposição atinge o seu estado apoteótico. [...] Aqui se encontram peças que vieram de Versalhes, mas também uma especial por lá ter sido censurada. *A Noiva*, o lustre gigante feito com tampões, marca presença nesta mostra da artista assumindo a criatividade e a visão arrojada de Joana. [...]

Goste-se ou não de **Joana Vasconcelos** é impossível negar a intimidade que se sente ao percorrer um palácio com tanta história e património. Alie-se isto a uma visão arrojada, a obras criativas, às tradições portuguesas reinventadas. Sim, a mistura é deliciosa e vale muito a pena ver. Porque a diferença é o verdadeiro lugar onde habita a arte.

in <http://www.espalhafactos.com/2013/03/25/joana-vasconcelos-uma-real-exposicao>,
blogue consultado em 12-04-2013 (com supressões)

Repara agora nas características do **texto de apreciação crítica**:

- o título pode indiciar desde logo a opinião do crítico, uma vez que o adjetivo anteposto ao nome cria um trocadilho: por um lado, refere-se ao facto de a exposição ter lugar num palácio real; por outro, poderá adjetivar o nome que acompanha como algo *magnificante, magnífico*;
- ll. 1-4 – apresenta-se o assunto que será alvo do comentário do seu autor;
- ll. 5-22 – expõe-se os argumentos que justificam o ponto de vista do crítico;
- ll. 23-27 – reforça-se a opinião, destacando-se o argumento mais forte;
- discurso persuasivo (“Basta entrar na primeira divisão para perceber que nos aguarda uma visita memorável.”, ll. 12-13; “A fusão é tão perfeita”, l. 16; “a sensação é de que a peça ali faz todo o sentido.”, l. 18) e linguagem apelativa (“Não é Versalhes, mas não lhe fica nada atrás.”, l. 1).

TEXTOS EXPOSITIVOS

Refere-se a um tipo de texto que tem como principal objetivo explicar ou esclarecer determinado tema, de forma pormenorizada e objetiva, o que implica um trabalho de pesquisa aprofundada por parte do seu autor. Normalmente, a linguagem caracteriza-se pela utilização de vocabulário específico/especializado, pertencente a determinado campo lexical (cf. p. 169). A ordenação da informação assume uma grande importância, sendo que os conectores (cf. p. 121) desempenham um papel fundamental na explicitação das relações existentes entre as ideias do texto. Existem dois subgéneros de texto expositivo: o **informativo-expositivo**, que tem uma função meramente informativa, e o **expositivo-argumentativo**, através do qual se defende determinada tese. O texto científico é considerado um texto expositivo.

O texto expositivo, em termos genéricos, apresenta a seguinte estrutura:

Introdução	apresentação do tema a explorar
Desenvolvimento	enumeração dos argumentos e/ou dados que constituem a exposição
Conclusão	síntese das principais ideias expostas

TEXTO NÃO LITERÁRIO EM PROVA

Apresentamos-te abaixo um exemplo de análise de um texto não literário que reúne as questões mais frequentes que podem surgir na Parte A do Grupo I da Prova Final.

CPPI-F9 © Porto Editora



Questão · Prova final 2012 (2.ª chamada)

Parte A

Lê o texto seguinte. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

A costa do coral

Em tempos, a Península Ibérica foi uma ilha de latitudes mais próximas do equador. Em terra, reinavam os dinossauros. No mar, havia corais.

Antigamente, alguns pescadores, no Pontal da Carrapateira, costumavam entreter os turistas mais crédulos com uma lenda de monstros marinhos. Contavam eles que, em certos dias do ano, emergiam das águas desta aldeia no concelho de Aljezur monstros marinhos capazes de jorrar água até ao céu. A lenda não é despicienda¹. Terá sido inspirada pelas rotas de cetáceos² que por aqui passavam há algumas gerações e pelas arribas³ que delimitam a maioria das praias, repletas de fósseis que remetem para o passado marinho da aldeia algarvia.

O geólogo alemão Stefan Rosendahl já aqui esteve dezenas de vezes. Chegou a Portugal em 1983 para concluir o doutoramento em ambientes coralíferos do Jurássico superior e nunca mais partiu. Docente de Biónica⁴, possui uma narrativa já testada para ultrapassar a estranheza de muitos interlocutores quando lhes conta que existiram corais na Carrapateira.

“Não pense nos recifes⁵ em fórmula de cúpula nos documentários. Aqui existia um tapete plano de corais”, diz. “O nível da água era muito estável. Quando ele aumenta ou o fundo desce, os corais formam cúpulas. Aqui não sucedia isso. Os corais estariam sempre sob o nível da maré, em zonas com luminosidade, em simbiose⁶ com as algas, que lhes forneciam energia e oxigénio”, afirma o geólogo alemão.

As provas desse passado ainda existem. No topo das arribas, enterrados na areia fina ou incrustados na rocha, há milhares de fragmentos de coral. “No final do Jurássico, esta porção de terra estava em latitudes mais a sul, equivalentes às das atuais Caraíbas”, explica Stefan Rosendahl. “Na Alemanha também havia corais. Já pensou nisso? Corais tropicais no Norte da Alemanha? Toda esta região ficava mais perto do equador do que hoje. As temperaturas do mar e da superfície eram superiores às atuais. No que hoje chamamos Carrapateira, existiria uma zona costeira tropical com uma planície de coral adjacente. As águas cristalinas e quentes estariam repletas de seres típicos dos mares tropicais”, acrescenta. Pela região, deambulavam invertebrados, como as estrelas-do-mar, os ouriços-do-mar, as amêijoas ou os búzios, pequenos vertebrados e até grandes vertebrados, como os dinossauros.

A erosão tem feito ruir grandes blocos de rocha diretamente para o mar. Os corais voltam assim novamente para dentro de água, mas, desta vez, em “versão fóssil”. Em

pleno Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, vastas áreas do fundo marinho são hoje constituídas por grandes blocos de rocha.

Muito mudou desde então na Terra. A Ibéria deslocou-se para norte. O nível do mar subiu e desceu ao longo destes milhões de anos. Os movimentos verticais das placas⁷ facilitaram a dispersão dos depósitos de planícies de corais desde o topo da falésia até perto da linha de água.

Voltamos a olhar para a falésia. Ali estão, imóveis, há alguns milhões de anos, ao alcance de uma curta escalada de dez minutos.

Luís Quinta, *National Geographic*, agosto de 2011 (texto adaptado)

Vocabulário e Notas

1 *despicienda*: desprezável; 2 *cetáceos*: mamíferos adaptados ao meio aquático, de aspeto pisciforme, como as baleias; 3 *arribas*: zonas rochosas escarpadas e íngremes, na costa; falésias; 4 *Biónica*: ciência que estuda mecanismos biológicos, com vista ao desenvolvimento tecnológico e à aplicação industrial; 5 *recifes*: formações que resultam do crescimento de colónias de pólipos de corais; 6 *simbiose*: associação entre dois organismos de espécies diferentes, com benefício para ambos; 7 *placas*: placas tectónicas.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. As afirmações apresentadas de **A.** a **G.** baseiam-se em informações do texto sobre a história da zona da Carrapateira.

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas ideias aparecem no texto. Começa a sequência pela letra **C.**

- A.** Os corais fossilizados nas rochas voltam ao mar, por efeito da erosão, a qual provoca a queda de grandes blocos de rocha.
- B.** Os fragmentos de coral que podem ser encontrados aos milhares no topo das arribas, na areia fina e nas rochas são provas de ter existido uma zona costeira tropical.
- C.** A Península Ibérica, no Jurássico superior, foi uma ilha com uma costa coralífera.
- D.** Os movimentos verticais das placas contribuíram para espalhar os vestígios de corais.
- E.** Os corais que existiram no Jurássico superior não apresentavam a fórmula de cúpula a que normalmente se associam estes organismos.
- F.** As antigas rotas de cetáceos e as arribas repletas de fósseis terão inspirado uma lenda de monstros marinhos.
- G.** As estrelas-do-mar, os ouriços-do-mar, as amêijoas e os búzios são exemplos de seres que coexistiram com os corais.

Percurso

Este exercício não é complexo, mas exige um elevado nível de concentração, já que a cotação total só é atribuída às respostas em que a sequência apresentada está integralmente correta e completa. Isto significa que são classificadas com zero pontos as respostas em que é apresentada uma sequência incorreta ou omitido qualquer um dos elementos da sequência solicitada.

Poderás recorrer a algumas estratégias para evitares o erro, tais como:

- procurar, no texto, palavras repetidas, sinónimos, antónimos, hipónimos/hiperónimos, holónimos/merónimos, uma vez que eles constituem mecanismos de coesão lexical (cf. pp. 120-121). **(Exemplos:** sequência **F.** – As antigas rotas de cetáceos e as arribas repletas de fósseis terão inspirado uma lenda de monstros marinhos; texto – “Contavam eles que, em certos dias do ano, emergiam das águas desta aldeia no concelho de Aljezur monstros marinhos capazes de jorrar água até ao

céu. [...] Terá sido inspirada pelas rotas de cetáceos que por aqui passavam há algumas gerações e pelas arribas que delimitam a maioria das praias [...]; sequência E. – Os corais que existiram no Jurássico superior não apresentavam a fórmula de cúpula a que normalmente se associam estes organismos; texto - “«Não pense nos recifes em fórmula de cúpula nos documentários [...]”;

• colocar, ao lado da frase ou parágrafo, a letra que corresponde à sequência identificada; desse modo, quando terminares, só necessitas de transcrever para a folha de respostas as letras pela ordem com que as colocaste na margem do texto.

Resposta

1. C., F., E., B., G., A., D. ou F., E., B., G., A.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1. a 2.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

2.1. Pela leitura do texto, pode afirmar-se que

- A. as lendas de monstros marinhos contadas por pescadores se inspiravam nas rotas de cetáceos provenientes das Caraíbas.
- B. os fósseis de corais das arribas da Carrapateira são de organismos contemporâneos dos dinossauros.
- C. os blocos de rocha do fundo marinho do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina têm fósseis de dinossauros.
- D. as regiões atualmente correspondentes à Península Ibérica e à Alemanha eram, no Jurássico superior, uma única ilha.

2.2. A expressão “monstros marinhos capazes de jorrar água até ao céu” (linhas 5 e 6), contém uma

- A. antítese.
- B. comparação.
- C. hipérbole.
- D. personificação.

2.3. Com a sua “narrativa já testada” (linhas 12-13), o geólogo alemão Stefan Rosendahl pretende

- A. explicar convincentemente a existência de fósseis de corais.
- B. convencer os seus interlocutores da veracidade de lendas de cetáceos.
- C. divulgar documentários científicos sobre a história do Jurássico superior.
- D. colocar hipóteses relativamente à existência de dinossauros.

2.4. Na frase “Ali estão, imóveis, há alguns milhões de anos, ao alcance de uma curta escalada de dez minutos.” (linhas 39 e 40), destaca-se a

- A. imobilidade dos fósseis do Jurássico superior.
- B. proximidade de vestígios de um passado longínquo.
- C. rapidez com que é possível escalar as falésias.
- D. transformação rápida por que passa a arriba fóssil.

Percurso

Nos itens de escolha múltipla, são testados aspetos de carácter muito variado, diretamente relacionados com a temática do texto. Para teres uma prestação positiva nesta parte da prova, debes:

- ler atentamente todas as questões e delimitar, no texto, o excerto a que se referem;
- excluir alíneas que possam ser imediatamente postas de parte;

Exemplo: No exercício 2.1., podemos eliminar as alíneas C. e D., porque em nenhum parágrafo do texto estão contidas estas ideias, isto é, a existência de fósseis de dinossauros e de uma ilha formada pela atual Península Ibérica e Alemanha;

- seleccionar a alínea correta, comprovando que se trata da única opção possível;

Exemplo: No exercício 2.4., a alínea B. é a única que traduz o sentido da expressão utilizada pelo repórter.

Além destes aspetos genéricos, existe alguma recorrência na apresentação de questões relacionadas com os conectores e com os recursos expressivos, razão pela qual debes rever cuidadosamente estes conteúdos (cf. p. 121 e pp. 124-125).

Resposta

2.1. B.; 2.2. C.; 2.3. A.; 2.4. B.

3. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- A. O pronome “eles” (linha 4) refere-se a “alguns pescadores”.
- B. O pronome “lhes” (linha 13) refere-se a “muitos interlocutores”.
- C. O pronome “ele” (linha 19) refere-se a “O nível da água”.
- D. O pronome “lhes” (linha 19) refere-se a “as algas”.

Percurso

O trabalho ao nível da coesão textual é recorrente em exame, nomeadamente através da análise dos pronomes e seus antecedentes.

É necessário seguir alguns procedimentos que podem determinar a correção da tua resposta:

- em primeiro lugar, sublinha, no texto, os pronomes, bem como os referentes indicados nas alíneas; **Exemplo:** “Antigamente, alguns pescadores, no Pontal da Carrapateira, costumavam entreter os turistas mais crédulos [...]. Contavam eles [...]”;
- em seguida, deverás procurar obter a resposta às perguntas “Quem?”, no caso de o pronome ter a função de sujeito na frase, ou “A quem?”, se tiver a função de complemento indirecto;

Exemplos: a) “Docente de Biónica, possui uma narrativa já testada para ultrapassar a estranheza de muitos interlocutores quando lhes conta que existiram corais na Carrapateira.” – Conta a quem? → ... (a) muitos interlocutores...;

b) “«O nível da água era muito estável. Quando ele aumenta ou o fundo desce, os corais formam cúpulas.» – Quem aumenta? → ... O nível da água;

- lê a(s) frase(s) que antecede(m) e precede(m) o pronome, evitando cometer o erro comum de considerar como referente o elemento mais próximo do pronome;

Exemplo: na expressão da alínea D. poderás cometer esse erro. Evita-o, seguindo o método do ponto anterior. – “Os corais estariam sempre sob o nível da maré, em zonas com luminosidade, em simbiose com as algas, que lhes forneciam energia e oxigénio”, afirma o geólogo alemão.” – Forneciam a quem? → ... (a) os corais...).

Resposta

3. D.

Etapa Final

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas apresentadas.

A extinção é para sempre

Quando pensamos na extinção biológica, é provável que recordemos de imediato a imagem do panda-gigante. No entanto, o animal escolhido para símbolo da WWF¹, desde a criação desta organização internacional para a conservação da Natureza, em 1961, é somente mais uma espécie entre as muitas em risco.

Em 2010, a WWF salientou (apenas) dez entre aquelas que deveriam receber maior atenção dos esforços de conservação: o tigre, o urso-polar, a morsa do Pacífico, o pinguim de Magalhães, a tartaruga-de-couro, o atum-rabilho, o gorila-da-montanha, a borboleta-monarca, o rinoceronte-de-Java e o próprio panda-gigante, ainda considerado em perigo (de extinção) pela *Lista Vermelha* da UICN², apesar de todos os esforços que têm sido envidados para a sua preservação.

Estas listagens são interessantes para os meios de comunicação e até para fins pedagógicos, mas têm muito mais de simbólico e de *marketing* do que valor científico. O seu papel concentra-se principalmente na elevada capacidade destas espécies geralmente carismáticas para criarem laços afetivos e/ou arquétipos com o público, motivando-o para a ação em favor da sua preservação e, por consequência, dos respetivos ecossistemas e das espécies biológicas com as quais coabitam.

[...] Talvez a atribuição de uma menor importância pela espécie humana aos animais de “sangue frio” – anfíbios, répteis, peixes, invertebrados e outros, ou às plantas, fungos e outros organismos vivos seja o fator-chave que se acrescenta às várias ameaças atuantes sobre as espécies biológicas, pressionando-as mais ainda no sentido do declínio e tornando o seu desaparecimento também mais silencioso, embora não menos preocupante ou prejudicial para a sobrevivência da nossa espécie.

Não é fácil escolher apenas algumas entre tantas outras. Quais escolheria o leitor se pudesse salvar apenas dez da extinção? As mais impressionantes, as mais úteis ou mais belas? Com pelos, penas ou escamas? Ou seriam animais sem coluna vertebral? E as plantas e fungos?

Para ser sincera, eu preferia nunca ter de passar por tão dura prova!

No entanto, acredito que, se cada um de nós escolhesse, agora mesmo, as “suas” dez espécies e tentasse, por todos os meios, ajudar a evitar a sua extinção, talvez fosse possível salvar as restantes. Talvez. Quem sabe?

Lucília Tibério, “A extinção é para sempre”, in revista *Super Interessante*, n.º 175, novembro de 2012 (excerto adaptado e com supressões)

Notas

¹ *World Wildlife Fund*: Fundo Mundial para a Natureza; ² *UICN*: União Internacional para a Conservação da Natureza.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações dadas.

1. As afirmações apresentadas de **A.** a **G.** baseiam-se em informações do texto sobre as espécies mais ameaçadas do planeta.
Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas ideias aparecem no texto. Começa a sequência pela letra **E.**
 - A.** As pessoas tendem a ficar mais sensíveis para as questões de preservação das espécies quanto maior for a ligação emocional com certo grupo de seres vivos.
 - B.** Foi publicada a lista que apresenta as dez espécies mais ameaçadas do planeta.
 - C.** Determinar os fatores que nos levam a considerar determinada espécie mais importante do que outra é uma tarefa muito complexa.
 - D.** O desaparecimento de algumas espécies acontece sem que se dê conta disso.
 - E.** O panda-gigante é uma entre as muitas espécies biológicas em risco.
 - F.** A desvalorização de certos seres vivos por parte das pessoas é mais um dos fatores que põem em causa a sobrevivência das espécies.
 - G.** Em termos científicos, as listas publicadas têm pouco valor.
2. Selecciona, para responderes a cada item (**2.1.** a **2.4.**), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.
 - 2.1. Na linha 9, a jornalista utiliza os parênteses para
 - A.** apresentar uma informação complementar.
 - B.** delimitar uma citação.
 - C.** atribuir um sentido expressivo à palavra “circunscrita”.
 - D.** inserir um exemplo relativamente à ideia anteriormente expressa.
 - 2.2. A palavra sublinhada na expressão “apesar de todos os esforços que têm sido envidados para a sua preservação” (linhas 10-11) pode ser substituída pelo vocábulo
 - A.** esquecidos.
 - B.** fomentados.
 - C.** minimizados.
 - D.** empregues.
 - 2.3. A palavra “embora” (linha 24) indica que, em relação às ideias contidas no parágrafo, a oração apresenta uma
 - A.** oposição.
 - B.** alternativa.
 - C.** explicação.
 - D.** consequência.
 - 2.4. No último parágrafo, a repetição do advérbio conectivo “Talvez”, associada à questão final “Quem sabe?”, corresponde a uma estratégia discursiva da autora que revela
 - A.** a convicção com que profere as afirmações.
 - B.** a sua perplexidade perante a situação que descreve.
 - C.** a motivação contida nas suas asserções.
 - D.** as suas reservas em relação ao que poderá ocorrer.
3. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação **falsa**, de acordo com o texto.
 - A.** O pronome “sua” (linha 10) refere-se a “dez entre aquelas que deveriam receber maior atenção dos esforços de conservação”.
 - B.** O pronome “o” (linha 16) refere-se a “o público”.
 - C.** O pronome “as” (linha 22) refere-se a “as espécies biológicas”.
 - D.** O pronome “sua” (linha 32) refere-se a “as «suas» dez espécies”.

TIPOS DE FRASE

→ DECLARATIVO

→ INTERROGATIVO

→ EXCLAMATIVO

→ IMPERATIVO

Capítulo 2

Gramática

A Língua

O Texto

A Frase

A Palavra

JORNALME

ESPAGO EM

ESTAMOS A AD

NOVO PARA'GRAC

A Língua

Situa-te

Variação e mudança linguística

Variação linguística

- Variedades geográficas / situacionais / sociais

Normalização linguística e língua padrão

Mudança linguística

- fatores de mudança (internos e externos)
- a origem do português
 - variação histórica
- evolução fonética
 - fenómenos de inserção, supressão e alteração de segmentos
- evolução semântica
- palavras convergentes e divergentes

Representação gráfica da língua

Sinais de pontuação

- ponto final, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, ponto de interrogação, ponto de exclamação, travessão, reticências

Sinais auxiliares de escrita

- parênteses, aspas, asterisco, barra, chaveta

Relações de grafia e fonia entre palavras

- palavras homónimas, homófonas, homógrafas, parónimas

A **língua** é um sistema de comunicação composto por vocabulário e regras gramaticais próprios, utilizados por determinada comunidade linguística. Qualquer língua viva sofre alterações, decorrentes de **fatores internos e externos**, não só a nível do significado das palavras (**evolução semântica**), mas também dos sons que as constituem (**evolução fonética**). O estudo da origem e da evolução de uma língua (etimologia) distingue as palavras que derivam de vocábulos diferentes, embora apresentem atualmente a mesma forma (**palavras convergentes**), das que apresentam uma forma diferente, mas derivam de um étimo comum (**palavras divergentes**).

A par da **variação histórica** de uma língua, podem existir ainda **variantes geográficas, sociais e situacionais**. A **língua padrão** corresponde à variante social utilizada como modelo de língua escrita e oral (na escola, nos meios de comunicação social).

A representação gráfica da língua é concretizada pela utilização de **sinais auxiliares de escrita**. Importa ainda estudar as **relações de grafia e fonia entre palavras**.



VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Variação linguística

O português é uma língua falada por mais de 250 milhões de pessoas em todo o Mundo, por isso é natural que existam diferenças resultantes do contexto geográfico, situacional e social em que se inserem os seus falantes.

VARIEDADES		
Geográficas	Situacionais	Sociais
Variedade europeia Português falado em Portugal continental e nos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Variedade brasileira Português falado no Brasil. Variedades africanas Português falado nos países africanos de língua oficial portuguesa. Nota: Os dialetos também se incluem nas variedades geográficas (ex.: dialetos das ilhas da Madeira e dos Açores, do Norte, Centro e Sul de Portugal).	Registo cuidado Utiliza-se em situações formais; caracteriza-se pelo uso de vocabulário cuidado. Registo corrente Usa-se em situações do quotidiano e nos meios de comunicação social. Registo familiar Caracteriza-se pelo uso de frases e vocabulário simples em contexto familiar e/ou informal. Registo popular Ocorre em situações orais; pode apresentar incorreções.	Gíria Linguagem específica de determinado grupo profissional (ex.: gíria dos jornalistas) ou social (ex.: gíria dos estudantes). Calão Linguagem que se caracteriza pelo uso de palavrões e expressões grosseiras. Registo técnico Uso de vocabulário rigoroso, específico de uma área técnica ou científica.

CEPE-PP e Porto Editora

Normalização linguística e língua padrão

A língua padrão, de entre todas as variedades geográficas e sociais, é considerada a mais prestigiada do ponto de vista social. Em Portugal, a norma corresponde à variedade falada pela população mais escolarizada da capital do país, Lisboa, e que é a veiculada pela escola e meios de comunicação social.

Embora todas as variedades sejam legítimas, o domínio da norma pode revelar-se útil no âmbito profissional ou em situações mais formais.

Mudança linguística

A língua é um organismo vivo que está em constante evolução, acompanhando as necessidades de comunicação dos seus falantes. As alterações sofridas podem dever-se a diferentes fatores.

• Fatores de mudança

Fatores internos: fatores que se encontram dentro da própria estrutura da língua (evolução fonológica e semântica).

Fatores externos: fatores exteriores à estrutura da língua, sobretudo, de natureza geográfica e social.

• Origem do português

O português é uma língua românica que deriva do latim, idioma usado em regiões muito distintas durante vários séculos, em virtude da expansão do Império Romano. O francês, o castelhano, o italiano, o romeno fazem parte da **família de línguas** românicas, entre outros idiomas.

Variação histórica

Consiste nas diferenças que podemos encontrar na gramática de uma língua. Consideram-se três grandes períodos no português.

Português antigo

Português falado na Idade Média (entre os séculos XII e XV).

Português clássico

Português falado na Idade Moderna (entre os séculos XVI e XVIII).

Português contemporâneo

Português falado a partir do século XIX).

Embora o português derive do latim vulgar, existem também vocábulos na nossa língua cuja origem resultou do contacto com os povos que viviam na Península Ibérica antes da chegada dos Romanos (ex.: *sapo* tem origem pré-romana), bem como do contacto com os invasores germânicos e árabes que ocuparam esta região (ex.: *luva* tem origem gótica e *alfaiate* tem origem árabe).

Atenção!

Substrato: língua indígena desaparecida como resultado do contacto com uma língua invasora.

Superestrato: língua dos invasores que desaparece no contacto com uma língua indígena.

Adstrato: língua que sobrevive e coexiste com outra, influenciando-a e sendo influenciada por ela.

A **etimologia** é a parte da gramática que estuda a origem e evolução das palavras, pois, como já referimos, as línguas são dinâmicas e sofrem alterações a diferentes níveis que importa compreender.

• Evolução fonética

As palavras são constituídas por fonemas que sofrem alterações ao longo dos tempos, decorrentes das modificações que os falantes introduzem na oralidade e que acabam por ser introduzidas na grafia.

Poderá ser interessante conhecer a etimologia de certas palavras, para compreendermos a sua forma escrita atual. Veja-se o exemplo da flexão em número das palavras que terminam em *-ão*: *mão* > *mãos* (*manu* > *manus*); *cão* > *cães* (*cane* > *canes*).

PROCESSOS FONOLÓGICOS			
Inserção	Prótese	No início da palavra	<i>spiritu</i> > espírito
	Epêntese	No meio da palavra	<i>humile</i> > humilde
	Paragoge	No fim da palavra	<i>ante</i> > antes
Supressão	Aférese	No início da palavra	<i>episcopu</i> > bispo
	Síncope	No meio da palavra	<i>luna</i> > lua
	Apócope	No fim da palavra	<i>rosam</i> > rosa
Alteração de segmentos	Assimilação	Dois fonemas contíguos tornam-se iguais	<i>ipsu</i> > isso
	Dissimilação	Dois fonemas próximos e idênticos tornam-se diferentes	<i>liliu</i> > lírio
	Metátese	Troca de fonemas ou de sílabas	<i>semper</i> > sempre
	Redução vocálica	Enfraquecimento de uma vogal em posição átona	<i>mata</i> > matagal

• Evolução semântica

Embora algumas palavras mantenham a sua grafia, elas podem evoluir em termos de significado.

Ex.: *salarium* > salário
 soldo para comprar sal ordenado; vencimento

• Palavras convergentes e divergentes

O vocabulário que compõe a língua portuguesa deriva, essencialmente, do latim vulgar usado pelas diferentes classes sociais, desde os soldados até à população em geral. No entanto, no português existem também palavras que provêm do latim clássico, utilizado pelas classes mais cultas, em situações formais. As diferentes influências explicam a existência de palavras convergentes e divergentes na língua portuguesa.

Palavras convergentes: palavras com a mesma forma, mas que derivam de étimos diferentes.

Ex.: *rivum* (nome) — rio
rideo (verbo *rir*) — rio

Palavras divergentes: vocábulos que têm o mesmo étimo, mas apresentam formas diferentes.

Ex.: macula — *mancha* (via popular)
 — *mácula* (via erudita)

Atenção!

Repara que a forma que mais se aproxima do étimo é a que chega até nós por via erudita.

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA LÍNGUA

Sinais de pontuação

Quando comunicamos com os outros, fazemos pausas, baixamos ou elevamos o tom da voz, atribuímos certas entoações às palavras que pronunciamos. Na escrita, todas estas variações são expressas pelos sinais de pontuação.

Ponto final	Utiliza-se no final de uma frase e marca uma pausa prolongada. Também pode ser utilizado em abreviaturas.
Vírgula	Marca uma pausa pequena e utiliza-se para separar elementos de uma enumeração, o vocativo ou o modificador apositivo do nome, para isolar uma oração subordinada adverbial numa frase, entre outras situações. Nota: Nunca coloques uma vírgula entre o sujeito e o predicado ou entre o predicado e os seus complementos.
Ponto e vírgula	Pode utilizar-se para separar elementos de uma enumeração ou frases ligadas por advérbios conectivos dentro do mesmo período.
Dois pontos	Introduzem as falas em discurso direto ou antecedem a enumeração de vários elementos de um conjunto.
Ponto de interrogação	Exprime uma interrogação.
Ponto de exclamação	Exprime uma exclamação que pode traduzir admiração, entusiasmo, ironia, desilusão.
Travessão	Indica a mudança de falante em situação de discurso direto. Numa frase, separa uma palavra, expressão ou oração.
Reticências	Indicam que alguma coisa ficou por dizer, exprimem uma ideia inacabada. Podem significar hesitação, ironia, dúvida...

Sinais auxiliares de escrita

Utilizam-se tendo em conta as funções que lhes estão associadas em determinado contexto.

Parênteses	Destacam uma frase ou um elemento da frase que tem um carácter explicativo. Nota: Os parênteses retos utilizam-se para delimitar um segmento que já está entre parênteses curvos ou para marcar, juntamente com as reticências, uma supressão de texto.
Aspas	Delimitam o início e o fim de citações e reproduções de discurso (palavra, expressão, frases, títulos, etc.).
Asterisco	Utiliza-se para indicar uma informação em nota.
Barra	É utilizada para separar elementos.
Chaveta	É frequentemente utilizada em esquemas, pois permite organizar, sequencializar e/ou hierarquizar a informação.



Questão • Exame nacional 2005 (2.ª chamada)

Preenche os espaços em branco, utilizando corretamente os sinais de pontuação e outros sinais auxiliares de escrita.

Na Praça João do Rio, juntavam-se muitos pedintes, porque era uma zona bem frequentada ☐

Carlos ☐ apesar de ser amigo de Janeiro ☐ não queria continuar a viver assim.

Às vezes, perguntava-lhe ☐

☐ Será que nunca sairemos desta situação ☐

☐ Que dizes ☐ ☐ respondeu escandalizado Janeiro ☐ ☐ Melhor vida do que esta não há ☐

Percurso

Procura entender o sentido do texto e tem em atenção os seguintes aspetos:

- o 1.º parágrafo deve terminar com um ponto final, já que se trata de uma frase declarativa;
- no 2.º parágrafo, a oração subordinada adverbial concessiva (“apesar de ser amigo de Janeiro”) deve estar entre vírgulas;
- no final do 3.º parágrafo, os dois pontos introduzem uma fala em discurso direto;
- o 4.º parágrafo inicia-se com um travessão, por se tratar de uma fala em discurso direto e termina com um ponto de interrogação. Repara que o verbo introdutor do discurso do parágrafo anterior não deixa dúvidas quanto ao tipo de frase aqui presente (“perguntava-lhe”);
- o 5.º e último parágrafo inicia-se com um travessão, para assinalar a mudança de falante; no final dessa frase, poderá usar-se o ponto de interrogação ou o ponto de exclamação ou a combinação dos dois, já que qualquer

uma destas opções reflete a atitude do falante (“escandalizado”). Logo a seguir, temos o travessão e, depois, o ponto final, que marca o final da frase em discurso indireto intercalada na fala da personagem. O travessão volta a introduzir a passagem em discurso direto. O texto pode terminar com um ponto de exclamação, um ponto final ou reticências; a primeira opção é a que reflete de modo mais expressivo a subjetividade da afirmação do locutor.

Resposta

Na Praça João do Rio, juntavam-se muitos pedintes, porque era uma zona bem frequentada. Carlos, apesar de ser amigo de Janeiro, não queria continuar a viver assim.

Às vezes, perguntava-lhe:

– Será que nunca sairemos desta situação?

– Que dizes?!/?! – respondeu escandalizado Janeiro. – Melhor vida do que esta não há!/.//...



Questão • Prova final 2012 (2.ª chamada)

Explicita a regra que torna obrigatório o uso de vírgulas na frase seguinte, indicando a função sintática da expressão “ciência que estuda rochas e minerais”.

A Geologia, ciência que estuda rochas e minerais, interessa a muitos alunos.

Percurso

O constituinte delimitado por vírgulas associa-se ao grupo nominal “A Geologia”. Trata-se de um elemento que acrescenta informação, mas pode ser suprimido. Assim, a expressão desempenha a função sintática de modificador apositivo e, por isso, tem de estar separada por vírgulas do nome que modifica (cf. p. 134).

Resposta

A expressão “ciência que estuda as rochas e minerais” desempenha a função sintática de modificador apositivo, sendo obrigatória a sua delimitação por vírgulas.

**Agora Tu · Questão 1**

Explicita a regra que torna obrigatório o uso da vírgula na frase seguinte.

- António, traz-me o livro de Saramago na sexta-feira.

Cf. soluções · p. 250

Relações de grafia e fonia entre palavras

Trata-se da identificação que existe entre determinados pares de palavras, em virtude da sua semelhança ao nível da grafia e da pronúncia.

Palavras homónimas	Partilham a mesma grafia e pronunciam-se do mesmo modo, mas têm significados diferentes.	Ele nada vários estilos, desde mariposa a bruços. Sempre que te faço uma pergunta, nunca sabes de nada !
Palavras homófonas	Pronunciam-se da mesma forma, apesar de terem grafia e significados distintos.	– António, traz um copo de água, por favor. – Joana e Andreia, sentem-se na fila de trás .
Palavras homógrafas	Têm a mesma grafia, embora a sua pronúncia e significado sejam diferentes.	Os molhos que compraste para o fondue são ótimos. Os molhos de lenha que estão no alpendre são para guardar.
Palavras parónimas	Escrevem-se e pronunciam-se de maneira muito próxima, ainda que o significado seja distinto.	Hoje de manhã, havia muito tráfego no IC19. A PSP descobriu uma rede de tráfico internacional esta semana.

**Vê****Questão · Exame nacional 2010 (2.ª chamada)**

Completa cada uma das frases seguintes, escolhendo uma das duas palavras apresentadas entre parênteses. Escreve a alínea e a palavra que lhe corresponde.

O Manuel adora ler enquanto toma banho de **a)** (emersão/imersão).

A Rita sabe distinguir o determinante “a” da **b)** (preposição/proposição) “a”.

O meu melhor amigo sabe guardar um segredo. Por isso, posso contar sempre com a sua **c)** (descrição/discricção).

Os alunos debateram ontem a falta de **d)** (comprimento/cumprimento) do regulamento da biblioteca.

Todos os anos, a Fundação **e)** (cede/sede) livros à biblioteca da escola.

Percurso

Neste tipo de exercício, terás um bom desempenho caso possuas um bom domínio ortográfico da língua portuguesa. No entanto, poderás recorrer a algumas estratégias que te permitirão dissipar dúvidas. Essas estratégias incluem, por exemplo, refletir sobre a formação da palavra ou verificar se o nome/verbo correspondente faz sentido no mesmo contexto. Assim:

- na alínea **a)**, pensa nos verbos *imersir* e *emergir* e nos seus significados: *imersir* significa *mergulhar*, enquanto *emergir* é antónimo de *imersir* e significa *sair da água*; no exercício, a palavra refere-se à entrada na água.
- na alínea **b)**, através do contexto da frase, sabemos que a palavra que completa o espaço corresponde a uma classe de palavras. Repara que se decompusermos os elementos da palavra *preposição* obtemos (pre) (posição), isto é, *posição anterior*; por outro lado, ao vocábulo *proposição* corresponde o verbo *propor*;

- a alínea **c)** apresenta o par *descrição/discricção* que origina erros ortográficos frequentes. Para evitá-los, recorda: é comum utilizarmos a expressão *descrever alguém*, assim como *ser discreto*. Seria impossível dizer “*discrever*” *alguém* ou *ser “descreto”*; no exercício, a palavra refere-se à qualidade de quem é discreto;
- na alínea **d)**, verificamos, pelo contexto, que a única opção possível é *cumprimento*, do verbo *cumprir* (“*cumprir o regulamento*”); *cumprimento* refere-se a uma medida;
- na alínea **e)** estamos perante um par de palavras homófonas: *cede* deriva do verbo *ceder* e *sede* refere-se a um espaço físico; sabendo que temos de completar a frase com um verbo e que não existe “*seder*”, a opção correta é a primeira.

Resposta

a) imersão; b) preposição; c) discricção; d) cumprimento; e) cede



Agora Tu • Questão 2

Completa cada uma das frases seguintes, escolhendo uma das duas palavras apresentadas entre parênteses. Escreve a alínea e a palavra que lhe corresponde.

O Sr. Alfredo é uma figura **a)** (eminente/iminente) que se destaca dos demais.

Eu guardei as compras do supermercado na **b)** (despensa/dispensa).

A caligrafia do João é praticamente **c)** (elegível/ilegível).

A **d)** (apóstrofo/apóstrofe) é um recurso expressivo que consiste na interpelação de uma entidade real ou fictícia, através da utilização do vocativo.

O seu trabalho artístico é **e)** (percussor/precursor) na sua área.

Cf. soluções • p. 250

Outros pares de palavras problemáticos!

- COZER – preparar ao calor; cozinhar vs COSER – dar pontos de agulha
- CONCELHO – região administrativa vs CONSELHO – opinião; sugestão
- CONCERTO – atuação musical vs CONSERTO – reparação; arranjo



Etapa Final

1. Atenta nos étimos apresentados e completa os espaços com as palavras abaixo, de acordo com a forma como chegaram até nós (via popular ou erudita).

madre · solitário · coroa · átrio · solteiro · coronha · adro · mãe

solitarium		matre		corona		atriu	
Via popular	Via erudita	Via popular	Via erudita	Via popular	Via erudita	Via popular	Via erudita
a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)

2. Os étimos *natat* e *nata* deram origem à palavra “nada”.

2.1. Classifica este vocábulo, tendo em conta os étimos que lhe deram origem.

2.2. Cria duas frases em que a palavra “nada” tenha sentidos diferentes.

3. Atenta nas seguintes frases:

As lágrimas, minha senhora, correm por vosso gesto.

Um pequeno gesto vale mais do que mil palavras.

3.1. Reescreve as frases, substituindo as palavras sublinhadas por sinónimos.

3.2. Como se designa o processo que consiste na modificação do significado de algumas palavras em relação ao que tinham na sua origem?

4. Identifica os processos fonológicos destacados nas alíneas abaixo.

a) *creo* > creio

d) *calido* > caldo

g) *malu* > mau

b) *stilu* > estilo

e) *persona* > pessoa

h) *stella* > estrela

c) *fatum* > fado

f) *legale* > legal

i) *merulum* > merlo > melro

5. Assinala a alínea em que não se verifica redução vocálica.

a) ☐ bolo > bolinho

b) ☐ caixa > caixote

c) ☐ coro > coral

6. Explicita a regra que torna obrigatório o uso de vírgulas na seguinte frase:

D. Dinis, o Lavrador, instituiu a língua portuguesa como língua oficial da corte.

7. Completa cada uma das frases seguintes, escolhendo uma das duas palavras apresentadas entre parênteses.

A a) (discriminação/discriminação) racial é inaceitável.

O b) (mandato/mandado) de captura foi emitido pelo juiz.

O Texto



Discurso	Texto
Marcas de enunciação • pessoa • tempo • espaço Modos de apresentação • discurso direto • discurso indireto • discurso indireto livre	Mecanismos de • coerência textual · integridade temática · progressão temática · adequação pragmática · não contradição • coesão textual · lexical / interfrásica / temporoaspetual · conectores discursivos

Recursos expressivos	
Recursos fónicos (ou sonoros) • aliteração • onomatopeia • assonância	Recursos semânticos (ou de significação) • alegoria • metáfora • antítese • metonímia • comparação • personificação • eufemismo • pleonasma • hipérbole • símbolo • ironia • sinédoque
Recursos sintáticos (ou gramaticais) • anáfora • hipérbato • apóstrofe • perífrase • enumeração	

O **discurso** é um ato de enunciação (produção de enunciados linguísticos) oral ou escrita, realizado por um enunciador e dirigido a um destinatário (presente ou ausente, real ou fictício). Todo o ato discursivo é condicionado por fatores linguísticos e não linguísticos em que se incluem, por exemplo, o contexto comunicativo, a intenção, o saber partilhado pelos intervenientes, as convenções culturais, etc. O discurso pode conter marcas do processo de enunciação, isto é, marcas que remetem para a pessoa que produziu a enunciação e/ou para o espaço e tempo da enunciação, e pode representar-se de três modos distintos: discurso direto, indireto e indireto livre.

O **texto**, entendido como produto escrito constituído por frases ligadas entre si, é uma forma de discurso. Para que um texto seja uma unidade com sentido, é necessário assegurar determinados mecanismos de coerência e coesão textuais.

Finalmente, para imprimir ao discurso, na forma de texto ou outras, uma maior expressividade e riqueza estilística, podemos recorrer a vários **recursos expressivos** ao nível do som, da estrutura frásica e do significado.



DISCURSO

Marcas de enunciação

No discurso/texto, usamos, por vezes, palavras cujo significado só pode ser compreendido se conhecermos a situação em que foram ditas. São marcas que apontam para a pessoa que produz ou a quem se dirige o discurso, para o espaço ou tempo em que o mesmo foi produzido.

Pessoa

Palavras que apontam para os participantes no ato comunicativo:

- pronomes pessoais (*eu, me, mim, tu, te, ti, nós, nos, vós, vos*)
- pronomes/determinantes possessivos (*meu(s), minha(s), teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), nosso(s), nossa(s), vosso(s), vossa(s)*)
- flexão verbal (1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural)

Tempo

Palavras que apontam para o tempo da enunciação:

- tempos verbais (presente, pretéritos e futuro)
- advérbios/expressões de tempo (*ontem, agora, neste momento, etc.*)

Espaço

Palavras que remetem para o espaço de enunciação:

- advérbios/expressões de lugar (*cá, ali, naquele lugar, aqui, etc.*)
- pronomes/determinantes demonstrativos (*este(s), esta(s), aquele(s), aquela(s), aquilo, etc.*)

Modos de apresentação

O discurso de alguém pode ser representado textualmente de diferentes formas.

Discurso direto

- o discurso é reproduzido tal como foi dito depois de um **verbo introdutor** (*afirmar, dizer, inquirir, excluir...*) seguido de **dois pontos**, parágrafo e **travessão** ou delimitado por aspas
- as falas em discurso direto mantêm palavras como *aqui, agora, este*, etc. (marcas de enunciação)

Exemplo

O Carlos esclareceu:

– José Saramago ganhou o Prémio Nobel da Literatura em 1998.

Discurso indireto

- o discurso é transmitido sem reprodução exata, com recurso a:
 - orações subordinadas substantivas completivas, iniciadas pelas conjunções completivas *que* e *se*
 - 3.ª pessoa gramatical
 - tempos verbais específicos

Exemplo

O Carlos esclareceu que José Saramago tinha ganhado o Prémio Nobel da Literatura em 1998.

Discurso indireto livre

- o discurso consiste numa fusão do discurso direto com o indireto;
- conservam-se as marcas de enunciação do discurso direto, mas retira-se o travessão, a marcação de parágrafo, etc.;
- recorre-se à 3.ª pessoa gramatical e aos tempos verbais do discurso indireto, mas sem a oração subordinada substantiva completiva

Exemplo

O Carlos esclareceu a Sara: José Saramago tinha ganhado o Prémio Nobel da Literatura em 1998.

A passagem do discurso direto para o discurso indireto implica transformações nas formas verbais (tempo e pessoa), nos pronomes pessoais e nos pronomes e determinantes possessivos e, ainda, em todas as palavras que remetam para a situação de enunciação (advérbios/expressões de tempo e de lugar, determinantes e pronomes demonstrativos).

	DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
Marcas	verbo introdutor (<i>dizer, afirmar, perguntar, exclamar, retorquir, responder...</i>) seguido de dois pontos, travessão e parágrafo A Sara disse: – O Carlos esteve cá ontem e, a propósito de um livro que está a ler, contou-me que José Saramago é o único Nobel da Literatura português.	verbo introdutor seguido de oração substantiva completiva iniciada, habitualmente, pela conjunção <i>que</i> ou <i>se</i> A Sara disse que o Carlos tinha estado lá no dia anterior e que este, a propósito de um livro que estava a ler, lhe contara que José Saramago era o único Nobel da Literatura português.
Tempos verbais	presente do indicativo conto	pretérito imperfeito do indicativo contava
	pretérito perfeito do indicativo contei	pretérito mais-que-perfeito do indicativo (simples ou composto) contara / tinha contado
	futuro do indicativo contarei	condicional contaria
	imperativo conta	conjuntivo / infinitivo conte / contar
	presente do conjuntivo conte	pretérito imperfeito do conjuntivo contasse
Pronomes pessoais	1.ª e 2.ª pessoas	3.ª pessoa
Determinantes e pronomes possessivos	1.ª e 2.ª pessoas	3.ª pessoa
Determinantes e pronomes demonstrativos	este(a), esse(a)	aquele(a)
	isto, isso	aquilo
Advérbios e expressões de tempo e espaço	ontem , hoje, amanhã, na semana passada, na próxima semana, neste momento/agora, aqui, cá	no dia anterior , naquele dia, no dia seguinte, na semana anterior, na semana seguinte, naquele momento, ali, lá

No caso de teres de reescrever uma sequência de frases simples em discurso indireto, deverás ter em atenção os seguintes aspetos:

- repetir a conjunção completiva para cada uma das frases;
- utilizar diferentes verbos introdutores do relato do discurso;
- acrescentar conectores adequados ao contexto.

Atenta no exemplo:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
Tendo em conta a melhoria de resultados na prova final, o professor disse aos alunos: – O elevado número de exames com nota superior a 70% revela um empenho excecional no final do ano letivo e uma grande segurança no dia da prova. Não posso deixar de vos congratular pelo vosso desempenho.	Tendo em conta a melhoria de resultados na prova final, o professor <u>disse</u> aos alunos <u>que</u> o elevado número de exames com nota superior a 70% tinha revelado um empenho excecional no final do ano letivo e uma grande segurança no dia da prova e <u>frisou</u> <u>ainda</u> <u>que</u> não podia deixar de os congratular pelo seu desempenho.



Questão · Exame nacional 2011 (2.ª chamada)

Lê o enunciado seguinte.

A Rita perguntou:

- Alguém sabe quantos anos tem esta oliveira?

Reescreve em discurso indireto a fala da Rita.

Percurso

Propomos-te um percurso baseado em algumas estratégias que, embora possam parecer desnecessárias, são importantes para que nenhuma alteração seja esquecida. Relembramos que a cotação, neste tipo de item, é atribuída em função do número de transformações introduzidas. Deves:

- primeiro, eliminar os dois pontos, o parágrafo e o travessão;
- depois, deves prestar atenção ao verbo introdutor para decidir a conjunção completiva a usar; trata-se neste caso do verbo *perguntar*; assim, a conjunção completiva a usar para reproduzires a fala da Rita, é a conjunção *se*. Podes iniciar a tua resposta: *A Rita perguntou se...*
- de seguida, deverás sublinhar na fala em discurso direto:
 - 1.º – todas as formas verbais com indicação do tempo e modo em que se encontram;
 - 2.º – todas as palavras ou expressões, para além dos verbos, que remetam para pessoa, tempo e lugar.

- o passo seguinte será registar junto das palavras sublinhadas a sua forma de discurso indireto. Obterás um registo como o que se segue:
 - *sabe* (presente do indicativo) → *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo);
 - *tem* (presente do indicativo) → *tinha* (pretérito imperfeito do indicativo);
 - *esta* (determinante demonstrativo) → *aquela*.

Estás, agora, em condições de reescrever a fala da Rita em discurso indireto, pois já registaste de forma esquemática as alterações obrigatórias.

Não te esqueças de que, ao reescreveres a pergunta da Rita, obterás, no discurso indireto, uma frase declarativa; assim, deves substituir o ponto de interrogação por um ponto final.

Resposta

A Rita perguntou se alguém sabia quantos anos tinha aquela oliveira.



• Questão 1

Considerando a frase “– Não, infelizmente nunca visitei a China. Costumo passar as minhas férias em Portugal, mas um dia irei certamente conhecer três países asiáticos”, proferida pela Anabela, seleciona a opção que permite obter uma representação correta em discurso indireto.

- a) A Anabela afirmou que nunca visitou a China, pois costumava passar as suas férias em Portugal, mas que um dia irá certamente conhecer três países asiáticos.
- b) A Anabela afirmou que nunca tinha visitado a China, pois costumava passar as suas férias em Portugal, mas que um dia irá certamente conhecer três países asiáticos.
- c) A Anabela afirmou que nunca visitara a China, pois costumava passar as suas férias em Portugal, mas que um dia iria certamente conhecer três países asiáticos.
- d) A Anabela disse que não, que nunca tinha visitado a China, pois costuma passar as suas férias em Portugal, mas que na semana seguinte iria certamente conhecer três países asiáticos.

• Questão 2

Lê os enunciados seguintes e reescreve-os no discurso indireto, procedendo a todas as alterações necessárias.

- a) A Antónia afirmou:
 - Eça de Queirós, escritor do século XIX, autor da famosa obra *Os Maias*, é apreciado por um significativo número de alunos cá da escola, pelo que amanhã haverá uma sessão de leitura e comentário de alguns excertos da sua obra.
- b) Os estudantes confirmaram:
 - Sim, participámos na comemoração do Dia Internacional da Música com a apresentação multimédia acerca da vida e obra do conhecido compositor Chopin. Fomos convidados a repetir a apresentação no próximo mês, no Festival de Música que se realizará na nossa escola.
- c) O Luís exclamou:
 - Visitem a exposição da Joana Vasconcelos, no Palácio da Ajuda. É fantástica! Para além disso, é importante que valorizemos o trabalho dos nossos artistas.

• Questão 3

Lê as seguintes frases e reescreve-as no discurso direto.

O Ricardo contou-me que no mês anterior tinha visitado a China e tinha ficado impressionado com a projeção internacional do nosso Galo de Barcelos e dos nossos pastéis de nata. Acrescentou que estava, naquele momento, a desenvolver um projeto de cooperação na área do ensino do Português, que teria novidades na semana seguinte.

Cf. soluções • p. 250

TEXTO

Um texto é um conjunto de palavras, organizadas em frases que, por sua vez, compõem unidades maiores de estruturação textual: os parágrafos. Contudo, para que possamos entender um produto escrito como um texto é necessário que todos os elementos que o constituem se articulem de forma coerente (**coerência textual**) e coesa (**coesão textual**) de modo que o texto seja uma unidade com sentido.

Mecanismos de coerência textual

É a propriedade que resulta da articulação harmoniosa entre os elementos textuais e o contexto de comunicação e que permite ao leitor perceber o texto como uma unidade com sentido, com lógica, e adequada à situação que representa. Para tal, é necessário que o texto respeite uma série de regras:

Integridade temática: é necessário que haja um fio condutor no que diz respeito ao tema; é em torno desse tema que o texto se desenvolve; fugas ao tema apresentadas de forma injustificada são consideradas desviantes.

Progressão temática: à medida que o texto se desenvolve devem surgir ideias, factos, sentidos novos; por outro lado, deve evitar-se a repetição desnecessária de informação.

Adequação pragmática: os elementos linguísticos do texto devem estar em sintonia com a situação de comunicação que é reproduzida, com o contexto, pessoa, espaço e tempo de enunciação.

Não contradição: não devem surgir no texto elementos que contradigam informação apresentada antes.

Exemplo

Saíra de casa a correr, atrasada como era seu costume e, quando chegou à sala de aula, estavam já todos sentados, alinhados, em silêncio, aguardando nervosamente a entrega dos enunciados do teste de que todos esperavam alguma simpatia e benevolência. **Só um lugar permanecia vazio** para o único atrevido que ousara chegar apenas três minutos antes do início do exame: ela mesma. Era o exame final do “cadeirão” do curso, como se ouvia dizer pelos corredores, a prova que todos temiam e para a qual só um aluno ousado e despreocupado com a inveja alheia se diria bem preparado. **O João, o marrão da turma, já lá estava. A Adriana soubera depois que ele tinha saído na noite anterior com uns amigos e que se tinha divertido muito numa sessão de Karaoke na qual não teve receio de participar apesar das suas miseráveis habilidades vocais.** O professor colocou, um a um, os enunciados com a face voltada para baixo em cima das secretárias. Fê-lo com o seu habitual rosto impenetrável, com uma segurança e um vagar que tornavam ainda mais nervoso o desespero dos examinandos. Fechou a porta. Pousou o relógio de pulso em cima da secretária, alinhando-o milimetricamente pelo centro do seu tronco, do seu rosto, como se, dali para a frente, fosse, sem desviar o olhar, contar **hora por hora** até ao momento em que terrivelmente anunciaria com uma pancada na mesa: “O exame terminou”. Apenas se ouvia o soluçar do ponteiro dos segundos. No entanto, o silêncio pesado foi

quebrado por um bater receoso na porta. Hesitante, a Antónia pede licença para entrar com voz trémula, faces coradas como dois pimentos e olhos envergonhados. “Sente-se no seu lugar” concede o professor em voz seca e contrariada.

Das autoras

Integridade temática

Todo o texto se desenvolve em torno de um tema: o exame. O fio condutor é, neste excerto, a preparação para o exame, os sentimentos provocados pelo mesmo na generalidade dos alunos: a angústia, o nervosismo, o receio. Há, no entanto, um elemento dissonante, um dado que surge descontextualizado por não se encaixar no tema que está a ser desenvolvido e não é apresentada qualquer justificação que torne plausível a introdução de tal informação. Trata-se da referência à ida do João a uma sessão de *Karaoke*. É um desvio ao tema que é sentido como um elemento estranho.

Progressão temática

A indicação “O João já lá estava” é redundante, isto é, é repetitiva e, por isso, desnecessária. Repara que já se tinha afirmado antes que apenas um lugar estava vazio, que a Adriana tinha sido a última aluna a chegar ao exame.

Adequação pragmática

A expressão “hora por hora” é usada para reforçar a sugestão de que o professor estaria ansioso pelo fim do exame e, como tal, iria estar concentrado no avanço do tempo. Tendo em conta que um exame demora, habitualmente, entre uma e duas horas, não faz sentido dizer que o professor estaria a contar o tempo hora por hora como se o exame fosse demorar muitas horas. Seria mais adequado, dada a duração de um exame, usar a expressão “segundo por segundo” ou “minuto por minuto”.

Não contradição

As informações “só um lugar permanecia vazio” e “«Sente-se no seu lugar»” são contraditórias, opõem-se logicamente; se havia apenas um lugar disponível e este tinha sido ocupado por Adriana, não havia lugar para a Antónia se sentar. Por outro lado, dada a ordem do professor, assumimos que Antónia seria mais uma aluna atrasada, o que é contrário à ideia inicial de que apenas Adriana faltava.

Mecanismos de coesão textual

É o conjunto de mecanismos que asseguram a continuidade de sentido entre os diferentes elementos do texto. Há três grandes mecanismos de coesão: coesão lexical, coesão interfrásica e coesão temporoaspetual.

Atenção!

A coerência e a coesão textuais estão intimamente ligadas. A violação dos mecanismos de coesão afeta a coerência do texto. No entanto, há uma diferença importante: a coesão relaciona-se com aspetos linguísticos, sendo interna ao texto; já a coerência, embora dependa da coesão, está dependente também do leitor, das suas capacidades interpretativas e dos seus conhecimentos sobre o contexto da enunciação.

COESÃO LEXICAL	
O que é?	Exemplo
É a recuperação de informação anterior através de palavras equivalentes (sinónimos; hiperónimos/hipónimos; holónimos/merónimos – cf. p. 169), de pronomes , de advérbios , etc.	palavras equivalentes ▶ Aguardavam nervosamente a entrega dos enunciados do teste. Era o exame final. (sinónimos) ▶ Colocou o relógio de pulso em cima da secretária. Mais tarde anunciaria o fim do exame com uma pancada na mesa. (hipónimo – secretária / hiperónimo – mesa) pronomes ▶ Pousou o relógio de pulso em cima da secretária, alinhando-o milimetricamente pelo centro do seu tronco. advérbios ▶ Chegou à sala de aula. O João já lá estava.
COESÃO INTERFRÁSICA	
O que é?	Exemplo
É a existência de relações de sentido entre as frases (causa-efeito, síntese, explicação, adição, oposição, etc.); é um mecanismo essencialmente assegurado pelos conectores discursivos (cf. tabela abaixo).	Apenas se ouvia o soluçar dos ponteiros dos segundos. No entanto , o silêncio pesado foi quebrado por um bater receoso na porta.
COESÃO TEMPOROASPETUAL	
O que é?	Exemplo
Diz respeito à articulação temporal dos acontecimentos; pressupõe um uso adequado dos valores temporais e aspetuais dos verbos (cf. pp. 156-157) e a adequação destes a outros elementos lexicais com significado temporal.	▶ Quando chegou à sala de aula, <u>estavam</u> já todos sentados. ✓ ▶ Quando chegou à sala de aula, <u>estiveram</u> já todos sentados. ✗ Nota: Repara que o pretérito imperfeito, para além do valor temporal de “passado”, marca o aspeto durativo da ação, isto é, indica um facto passado que durava quando outro aconteceu. Daí que o uso do pretérito perfeito seja incorreto e quebre a coesão temporoaspetual da frase/texto.

Os conectores discursivos são um importante mecanismo de coesão textual, estabelecendo relações de sentido entre as diferentes partes do texto.

CONECTORES DISCURSIVOS		
aditivos	conclusivos	explicativos
e, além disso, ainda, também, do mesmo modo	em suma, assim, em conclusão, em síntese	isto é, ou seja, quer dizer, por outras palavras, por exemplo, a saber
contrastivos	consecutivos	enumerativos
contudo, todavia, no entanto, mas, pelo contrário, em contrapartida	assim, logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, então	em primeiro lugar, por um lado / por outro lado, de seguida, por último, por fim



Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Quase na extremidade da cidade, erguia-se a mansão dos Hamblin, uma casa de estilo um tanto rústico, com um só andar sobre o pavimento, que rasava quase com o terreno. Uma grande mancha de hera alastrava pela parede, espontada¹ porém o bastante para que não chegasse a cobri-la por completo. As janelas eram baixas, algumas amoreiras de jardim erguiam sobre elas os ramos sobranceiros. Clement retirou do táxi a manta mosqueada², a maleta de tapete, o guarda-chuva de seda, e quis pagar.

- Não tenho troco - disse o homem. E atirou para a nuca o boné de pala de oleado.
- Pode esperar, espere então.
- Oh, sim, senhor!

Clement precipitou-se para dentro, deixando a porta aberta atrás de si. Atravessou o átrio, cujo piso era de tijolo vermelho, encontrou-se no vestíbulo que era a base daquela escadaria, coração da casa inteira para onde convergiam todas as portas, ao longo da qual se exibiam preciosas cópias de Turner³ e vitrinas cujo conteúdo era como uma pintura chinesa, paisagens marítimas com ramos de coral cor-de-rosa, peixes tão alados⁴ como aves, conchas como templos, crustáceos como dragões listrados de negro e cor de fogo entre bivalves abertos como escrínios⁵ com uma pérola, um nácar⁶ multicolor, uma pitada de areia cor de oiro ou de cinza, tudo como que flutuando numa neblina, uma atmosfera doce e solene onde os sentidos se afinam e simultaneamente se desvanecem.

- Manfred!? - chamou Clement. Sabia que ele estava ali perto, tanto conhecia os seus hábitos de ser hibernante, os seus prazeres sedentários, com os seus livros de naturalista e o seu aquário. Penetrou no aposento que antecedia a sala do aquário e que estava, como sempre, às escuras, recebendo apenas a luz duma reixa⁷ de ferro que comunicava para o átrio. Ali, a tonalidade era verdosa, exceto nos cantos que permaneciam nas trevas.

- Está aí alguém? - disse Clement. Ouvira um suspiro, um arfar contido, como alguém que sustém a respiração ou vai deixando que o ar se escape lentamente dos pulmões. Não obteve, porém, resposta.

Agustina Bessa-Luís, *Aquário e Sagitário*, Lisboa, Contexto Editora, 1995

Vocabulário

1 *espontada*: com as pontas cortadas; 2 *mosqueada*: com pintas ou manchas; 3 *Turner*: pintor inglês (1775-1851); 4 *alados*: com asas; 5 *escrínios*: cofres; 6 *nácar*: substância que reveste a parte interior de algumas conchas, madrepérola; 7 *reixa*: grade.

O parágrafo que se segue não pode ser a continuação da narrativa que acabaste de ler, pois apresenta dois aspetos incoerentes com o conteúdo do texto.

Clement recuou até ao aposento que antecedia a sala do aquário. Só então notou, em contraste com a luminosidade abundante que entrava pelas vidraças das janelas baixas, a presença de uma figura. Era o homem do táxi, com o seu gorro de lã, que assistira à sua descoberta, atónito.

Identifica dois aspetos que provocam essa incoerência, fundamentando a tua resposta em elementos textuais.

Percurso

A incoerência pode resultar de desvios ao tema, de repetição desnecessária de informação, de desadequação à situação representada ou de contradições. Existem duas contradições entre o texto e o parágrafo de continuação proposto: 1.º – a luminosidade abundante contradiz a indicação de que aquela divisão estava, habitualmente, às escuras (“Penetrou no aposento [...] que estava, como sempre, às escuras”); 2.º – o homem do táxi não poderia aparecer com um gorro de lã dado que tinha colocado na cabeça o seu “boné de pala de oleado”.

Resposta

A divisão não poderia estar abundantemente iluminada, pois, de acordo com o texto, aquele aposento encontrava-se, como era habitual, às escuras (“Penetrou no aposento [...] que estava, como sempre, às escuras”). O taxista usava, de acordo com o texto, um “boné de pala de oleado”, pelo que não poderia aparecer com um gorro de lã.

Nota: Este VÊ integra um exercício de exame da Parte B do Grupo I. De facto, é nesta secção que habitualmente surgem questões relacionadas com a coesão e coerência textuais.

Agora Tu

• Questão 4

Identifica o antecedente das palavras sublinhadas.

Hoje escolhi falar da minha terra [...]. Se bem que tenha umas vagas minas (fenícias, romanas?) de estanho e umas menos vagas de volfrâmio, talvez só se possa verdadeiramente gabar do seu rio, [...] um afluente do Minho [...]. O Coura é um rio como o do poema de Fernando Pessoa: o rio da minha aldeia. Nenhum outro se lhe equipara: nadar nele, pescar nele (trutas e bogas), ficar sentado na margem a vê-lo correr [...] é das coisas mais agradáveis que por lá se podem arranjar.

Salvato Teles de Menezes, “A Minha Terra”

in *A Página da Educação*, série II, n.º 200, primavera 2013 (excerto com supressões)

• Questão 5

Seleciona o conector adequado para cada espaço. Utiliza a maiúscula quando necessário.

mas • por exemplo • primeiro • portanto

[...] Amo-te, _____, por não seres outro país. Amo-te por seres Portugal e estares cheio de portugueses a falar português. [...] Mesmo que não achasse em ti senão defeitos e razões para deixar de te amar, preferia isso, mesmo deixando de te amar, a que não existisses. [...] _____, já viste, ó Portugal: não preciso de nenhuma razão para te amar. Amo-te sem razão. Amo-te às cegas, antes sequer de olhar para ti. Podes ser o pior país do mundo, ou o melhor, ou o mais monotona-mente assim-assim. Não me interessa. Amo-te. Amo-te à mesma. [...] _____, uma das razões por que te amo é o teu clima. Acho que tens um bom clima. Mas não julgues que há muitos portugueses apaixonados por ti que concordam comigo. Esses julgam o teu clima dia a dia e hora a hora e gostam dele, quando muito, vinte por cento do ano. [...] não preciso de razões para te amar. _____ tenho muitas.

Miguel Esteves Cardoso, in jornal *Público*, 10 de junho de 2011
(excerto adaptado e com supressões)

Cf. soluções • p. 250

RECURSOS EXPRESSIVOS

Conjunto de mecanismos de uso das características fónicas, sintáticas e semânticas da língua para embelezamento e reforço da capacidade expressiva do texto; o uso de recursos expressivos confere um determinado estilo ao texto ou ao seu autor.

RECURSOS FÓNICOS (ou sonoros)		
Aliteração	Repetição de sons consonânticos.	“Já pelo espesso ar os estridentes Farpões, setas e vários tiros voam” Luís de Camões
Assonância	Repetição de sons vocálicos.	“Voam as palavras como águias imensas” Cecília Meireles
Onomatopeia	Utilização de palavras que imitam sons naturais.	“Passa, tempo, tic-tac Tic-tac , passa, hora Chega logo, tic-tac ” Vinicius de Moraes
RECURSOS SINTÁTICOS (ou gramaticais)		
Anáfora	Repetição de palavra(s) no início de dois ou mais versos/frases.	“ Entre o luar e a folhagem, Entre o sossego e o arvoredo, Entre o ser noite e haver aragem” Fernando Pessoa – Ortónimo
Apóstrofe	Interpelação de uma entidade real ou fictícia, através da utilização do vocativo.	“Quantas vezes, Amor , já te esqueci, Para mais doidamente me lembrar, Mais doidamente me lembrar de ti” Florbela Espanca
Enumeração	Apresentação sucessiva de elementos que possuem alguma ligação nesse contexto.	“Tome-se um poeta não cansado, Uma nuvem de sonho e uma flor, Três gotas de tristeza, um tom dourado” José Saramago
Hipérbato	Alteração da ordem normal das palavras no verso/frase.	“É porque queres [...] Tuas aras banhar em sangue humano.” Luís de Camões
Perífrase	Substituição de uma palavra por uma expressão mais longa, mas com o mesmo sentido.	“O nome que no peito escrito tinhas” Luís de Camões (= D. Pedro)
RECURSOS SEMÂNTICOS (ou de significação)		
Alegoria	Materialização de um conceito abstrato por meio de sucessivas comparações, metáforas ou símbolos.	A representação do “Bem” e do “Mal” pelas figuras do Anjo e do Diabo, respetivamente, no <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.
Antítese	Expressão de duas realidades opostas.	“O esforço é grande e o homem é pequeno.” Fernando Pessoa
Comparação	Aproximação de duas realidades de forma explícita, através da utilização de uma expressão comparativa.	“A tempestade, como uma boa orquestra, afinava os seus instrumentos.” Sophia de Mello B. Andresen
Eufemismo	Ação de suavizar uma realidade desagradável.	“Tirar Inês ao mundo determina” Luís de Camões (tirar Inês ao mundo = ordena executar Inês)

>>>

Hipérbole	Exagero de determinada ideia ou realidade que pode ser positivo ou negativo.	“Atroando tudo com o barulho de todos os bombos e tambores do universo” Almeida Faria
Ironia	Uso de palavra ou expressão que transmite o contrário do que é dito.	“Caro desempregado, Em nome de Portugal, gostaria de agradecer o teu contributo para o sucesso económico do nosso país.” Ricardo Araújo Pereira
Metáfora	Aproximação de duas realidades com características comuns. Sem partícula comparativa, combina numa única expressão os dois termos de uma comparação.	“Tomai a rédeas vós do Reino vosso.” Luís de Camões (o governar de um reino aproximado ao domar de um cavalo)
Metonímia	Substituição de uma palavra por outra com a qual mantém uma relação.	“Bebeu quase toda uma garrafa de Chambertin” Eça de Queirós (a garrafa pela bebida)
Personificação	Atribuição de características humanas a objetos, animais ou entidades abstratas.	“O medo corria atrás dele.” Sophia de Mello B. Andresen
Pleonasmo	Utilização de palavras ou expressões repetitivas.	“Entre cá para dentro!” Aquilino Ribeiro
Símbolo	Associação de um objeto ou ser animado a uma ideia ou sentimento.	Um bebé (símbolo da inocência) A serpente (símbolo do pecado)
Sinédoque	Transferência do significado de uma palavra para outra, baseando-se na relação entre a parte e o todo ou vice-versa.	“As armas e os barões assinalados Que da Ocidental praia Lusitana” Luís de Camões (praia Lusitana = Portugal)



Vê

Questão • Exame nacional 2011 (2.ª chamada)

Indica a razão pela qual a expressão “[Era o castanheiro da entrada,] gigante de outro século, que desafiara os raios de muitos invernos sucessivos” pode ser considerada uma hipérbole, referindo duas características do castanheiro evidenciadas através desse recurso expressivo.

Percurso

Uma hipérbole consiste num exagero. Esse exagero reside na aproximação entre o castanheiro e um gigante (temos aqui, também, uma metáfora). A palavra “gigante” designa um ser de dimensão colossal e associa-se, regra geral, a força, a invencibilidade, a resistência (“desafiara os raios de muitos invernos sucessivos”). Pretende-se, assim, com esta hipérbole metaforizada, sublinhar, por um lado, a dimensão da árvore e, por outro, a sua resistência.

Resposta

A expressão pode ser considerada uma hipérbole pelo exagero da aproximação entre o castanheiro e o gigante, sublinhando-se, através dela, a dimensão e a resistência excecionais da árvore.



Etapa Final

1. Reescreve as frases seguintes no discurso indireto.
 - a) – Foste ao concerto dos Deolinda ontem?
 - b) – Eu sei que não é muito frequente encontrar jovens que apreciem música clássica, mas, de facto, sou um admirador de Beethoven.
 - c) – Sim, Eduardo Agualusa é um autor angolano. Coloca, por favor, essa obra na estante da literatura de países de expressão portuguesa.
 - d) – Ontem não pude assistir à representação de *Falar Verdade a Mentir*, de Almeida Garrett, mas amanhã irei de certeza.
2. Identifica o antecedente das palavras sublinhadas no texto abaixo.

O que os Censos nos dizem é que na soma dos três lugares que compõem a freguesia de Soutelo de Mourisco [...] são 31 habitantes [...]. É das povoações mais pequenas do país. [...] A pobreza deste lugar de pastorícia e criação de gado conta-se, aliás, pelas estatísticas da educação. [...] Abílio até foi dos que andaram pela escola [...]. “Andei lá até aos 14 anos, mas para escrever o meu nome tenho de o copiar do Bilhete de Identidade. [...] Olhe, não aprendia e é interessante porque conheço as letras todinhas. E fazê-las também as faço. Só não sou é capaz de as juntar para ler. [...] Uma pessoa tendo televisão sempre vai percebendo mais das coisas. Mas o dinheiro não chega [...]. A crise chega a todo o lado, mas quem vive da terra está habituado a cultivar e não nota tanto que não há dinheiro. Olhe este repolho, ainda ontem o fui buscar à horta”.

Abílio pega no meio repolho pousado sobre um corredor de metal, ao lado, uma grade cheia de batatas, feijões e tomates – não faltam hortícolas nesta cozinha de paredes negras de fumo.

Natália Faria, “A aldeia mais pequena do país a olhar para a crise”, in *Revista 2*, do jornal *Público*, 23 de setembro 2012 (excerto com supressões)

3. Tendo em conta os recursos expressivos utilizados, estabelece a associação correta entre as colunas.

- a) “Casos que Adamastor contou futuros.” Luís de Camões
- b) “subhufo fugia com o elefante através de planícies, colinas e montanhas” José Saramago
- c) “E todo o mundo é um grande livro aberto / Que em ignorada língua me sorri.” Fernando Pessoa
- d) “sob uma estranha luz, simultaneamente sombria e cintilante, os espaços se transfiguravam.”
Sophia de Mello B. Andresen
- e) “Ó poderoso dom Anrique” Gil Vicente

1. metáfora
2. apóstrofe
3. hipérbato
4. adjetivação
5. enumeração

A Frase



Situa-te

Constituintes da frase

- Grupo nominal
- Grupo verbal
- Grupo adjetival
- Grupo preposicional
- Grupo adverbial

Tipos de frase

- Tipo declarativo
- Tipo interrogativo
- Tipo exclamativo
- Tipo imperativo
- Ativa/Passiva

Funções sintáticas

Ao nível da frase

- sujeito
- predicado
- modificador
- vocativo

Internas ao grupo verbal

- **complemento**
 - direto / indireto / oblíquo / agente da passiva
- **modificador**
- **predicativo**
 - do sujeito / do complemento direto

Internas ao grupo nominal

- modificador restritivo do nome
- modificador apositivo do nome

Articulação entre frases

Frase simples / frase complexa

Coordenação

- orações coordenadas
 - copulativa / adversativa / disjuntiva / conclusiva / explicativa

Subordinação

- oração subordinada substantiva
 - completiva
- orações subordinadas adjetivas relativas
 - restritiva / explicativa
- orações subordinadas adverbiais
 - temporal / causal / condicional / consecutiva / concessiva / comparativa / final

A sintaxe é a disciplina da linguística que estuda a forma como as palavras se combinam para formar unidades maiores. A unidade máxima de análise sintática é a **frase**. Aos grupos de palavras que podem associar-se, constituindo uma unidade, chamamos **constituintes da frase**. Por outro lado, estes estabelecem entre si uma relação gramatical, possuem determinada **função sintática** dentro da frase.

A intenção comunicativa do emissor determina o **tipo de frase** utilizada. É possível distinguir **frases simples**, com um verbo principal ou copulativo, de **frases complexas**, constituídas por mais do que uma oração. A **articulação entre frases** realiza-se através de dois processos distintos: a **coordenação** e a **subordinação**.



CONSTITUINTES DA FRASE

Conjunto de palavras que, relacionadas entre si, formam uma unidade sintática.

Grupo nominal	Grupo cujo constituinte principal é um nome ou um pronome. Pode ser constituído: • exclusivamente por um nome ou pronome; • por um nome que coocorre com determinantes, quantificadores, complementos e/ou modificadores.	<i>Cabo Verde integra a CPLP.</i> <i>Eles viajaram até à ilha do Sal.</i> <i>O arquipélago de Cabo Verde é constituído por dez ilhas.</i> <i>Todas as ilhas que conheceste são belíssimas.</i>
Grupo verbal	Grupo cujo constituinte principal é um verbo. Pode ser constituído: • apenas pelo verbo ou complexo verbal (cf. pp. 156-157); • por um verbo e seus complementos e modificadores.	<i>O Pedro nadou.</i> <i>O Pedro esteve a nadar.</i> <i>O Pedro foi ao rio ontem.</i>
Grupo adjetival	Grupo cujo constituinte principal é o adjetivo. Pode ser constituído: • exclusivamente por um adjetivo; • por um adjetivo que coocorre com um complemento e/ou advérbios de quantidade e grau.	<i>Tomar é uma cidade emblemática.</i> <i>É difícil ficar indiferente à sua beleza.</i> <i>A visita ao Convento de Cristo é altamente recomendada.</i>
Grupo preposicional	Grupo cujo constituinte principal é uma preposição. Todos os grupos preposicionais são constituídos pelo núcleo preposicional e pelo seu complemento que pode ser um grupo nominal, um advérbio ou uma oração.	<i>A minha tia trabalha em Paris.</i> <i>Ela fala bem francês, por isso foi viver para lá.</i> <i>Gostaria de visitar a minha tia.</i>
Grupo adverbial	Grupo cujo constituinte principal é um advérbio. Pode ser constituído: • exclusivamente por um advérbio; • por um advérbio e pelo seu complemento; • por um advérbio e outro(s) advérbio(s) que o preceda(m).	<i>Esta semana, tenho dormido mal.</i> <i>Independentemente de estar cansado, não consigo dormir bem.</i> <i>Na semana passada, também já tinha dormido muito mal.</i>



Questão-modelo

Lê as frases seguintes e reescreve-as, substituindo o grupo nominal pelo pronome pessoal adequado. Faz apenas as alterações necessárias.

- a) Participarão os alunos do 9.º A no concurso?
- b) Põe o carro na garagem.

Percurso

Começa por identificar os grupos nominais das frases:

- na alínea a), “os alunos do 9.º A” é o grupo nominal; lembra-te que nem sempre uma frase é iniciada pelo sujeito, função sintática representada, geralmente, por um grupo nominal;
- na alínea b), o grupo nominal é “o carro”.

Repara que em cada uma das frases o grupo nominal desempenha uma função sintática distinta: na alínea a) é sujeito e na b), comple-

mento direto. Assim, saberás que para cada frase terás de optar pelo pronome pessoal correspondente (cf. p. 163) (*Eles* e *-o*, sendo que este último deverá apresentar a forma *-no*, tendo em conta que a forma verbal termina em ditongo nasal “õe”).

Resposta

a) Participarão eles no concurso?; b) Põe-no na garagem.



Agora Tu • Questão 1

Lê as frases seguintes e reescreve-as, substituindo o(s) grupo(s) nominal(is) pelo(s) pronome(s) pessoal(is) adequado(s). Faz apenas as alterações necessárias.

- a) A minha irmã comerá a sopa muito devagar.
- b) Faz isso mais depressa!

Cf. soluções • p. 250

Tipos de frase

O tipo de frase é determinado pela intenção comunicativa do emissor. Na oralidade, a entoação permite perceber essa intenção comunicativa.

Tipo declarativo	Frase através da qual o emissor faz uma afirmação ou declaração.	<i>A ONU foi fundada em 1945, após a Segunda Guerra Mundial.</i>
Tipo interrogativo	Frase através da qual o emissor formula uma questão, pede informações ou expõe uma dúvida.	<i>É verdade que atualmente são 193 os países membros da ONU?</i>
Tipo exclamativo	Frase através da qual o emissor exprime as suas emoções e sentimentos.	<i>Fico impressionado com o trabalho que a ONU desenvolve ao fomentar as relações de amizade entre as nações.</i>
Tipo imperativo	Frase através da qual o emissor exprime uma ordem, dá um conselho ou faz um pedido.	<i>Devas ler mais sobre a história da ONU!</i>

Atenção!

As frases podem ainda ser classificadas como afirmativas, no caso de terem um valor de afirmação, ou negativas, quando incluem palavras com valor de negação como *não*, *nunca*, *jamais*.

Ex.: *A sede da ONU fica em Nova Iorque.* (afirmativa)

Infelizmente, nunca visitei Nova Iorque. (negativa)

CPPE 2010 Porto Editora

Frase ativa e frase passiva

Frase ativa	Frase em que o sujeito pratica a ação enunciada pelo verbo.	<i>A ONU promove a saúde materna, salvando a vida de 30 milhões de mulheres todos os anos.</i>
Frase passiva	Frase em que o sujeito sofre a ação, sendo que esta é praticada pelo complemento agente da passiva (cf. p. 133). A forma verbal na frase passiva é construída com o verbo auxiliar <i>ser</i> . Neste tipo de frase, destaca-se a ação, passando o agente para segundo plano.	<i>A saúde materna é promovida pela ONU, salvando a vida de 30 milhões de mulheres todos os anos.</i>

Atenção!

Existem algumas regras na transposição de uma frase ativa para uma frase passiva que convém conheceres.

- 1.º O sujeito da frase ativa passa a complemento agente da passiva na frase passiva, introduzido pela preposição *por*.
- 2.º O complemento direto da frase ativa passa a sujeito da frase passiva.
- 3.º Na frase passiva, o verbo principal passa a particípio passado e é acompanhado do verbo auxiliar *ser* que mantém o tempo e o modo do verbo da frase ativa.
- 4.º Apenas as frases com verbos transitivos diretos, transitivos diretos e indiretos e transitivo-predicativos (cf. p. 156) admitem esta transformação.



Vê

Questão • Teste intermédio 2011

Lê a frase seguinte.

Vários dicionários bilingues foram catalogados pela bibliotecária.

Reescreve a frase na ativa, respeitando, na frase que escreveres, o tempo e o modo verbais.

Percurso

Recorda-te das regras da transposição de uma frase ativa para uma frase passiva e identifica as funções sintáticas da frase em análise:

- 1.º O sujeito da passiva ("Vários dicionários bilingues") passa a complemento direto na ativa;
- 2.º O complemento agente da passiva ("pela bibliotecária") passa a sujeito da frase ativa; se tiveres dúvidas em identificá-lo não te esqueças de que esta função sintática é sempre intro-

duzida pela preposição *por* (contraída ou não);

- 3.º O verbo auxiliar *ser* ("foram") desaparece e o verbo principal ("catalogados") é conjugado no tempo e modo do verbo auxiliar da frase passiva (*catalogou*).

Resposta

A bibliotecária catalogou vários dicionários bilingues.



Questão · Teste intermédio 2013

Selecione a opção que corresponde à forma passiva da frase “A Maria vai entrevistar o poeta, por causa do trabalho de Português”.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- a) “A entrevista da Maria ao poeta vai ser feita, por causa do trabalho de Português.”
- b) “Quem vai entrevistar o poeta, por causa do trabalho de Português, é a Maria.”
- c) “Por causa do trabalho de Português, o poeta vai dar uma entrevista à Maria.”
- d) “O poeta vai ser entrevistado pela Maria, por causa do trabalho de Português.”

► Percurso

A opção d) é a única que apresenta a transposição da frase ativa para a frase passiva:

1.º O sujeito da frase ativa (“A Maria”) passa a complemento agente da passiva na frase passiva (“pela Maria”), introduzido pela preposição *por* contraída.

2.º O complemento direto da frase ativa (“o poeta”) passa a sujeito da frase passiva.

3.º Na frase passiva, o verbo principal é acompanhado do verbo auxiliar *ser* que mantém o tempo e o modo do verbo da frase ativa (“vai entrevistar” → “vai ser entrevistado”).

Resposta

d)



Agora Tu

• Questão 2

Lê a frase seguinte.

Os alunos do projeto “Ser +” organizaram uma recolha de alimentos para as famílias mais carenciadas do concelho.

Reescreve a frase na forma passiva, respeitando, na frase que escreveres, o tempo e o modo verbais.

• Questão 3

Selecione a opção que corresponde à forma ativa da frase “O quadro «Os comedores de batatas» foi pintado por Vicent van Gogh, em 1885.”

- a) “Vicent van Gogh tinha pintado o quadro «Os comedores de batatas», em 1885.”
- b) “Quem pintou o quadro «Os comedores de batatas», em 1885, foi Vicent van Gogh.”
- c) “Vicent van Gogh pintou o quadro «Os comedores de batatas», em 1885.”
- d) “Vicent van Gogh foi o pintor do quadro «Os comedores de batatas», em 1885.”

Cf. soluções · p. 250

FUNÇÕES SINTÁTICAS

Trata-se das relações que os constituintes da frase estabelecem entre si.

FUNÇÕES SINTÁTICAS AO NÍVEL DA FRASE		
Sujeito Função sintática desempenhada pelo constituinte da frase que controla a concordância verbal.	Simples Constituído por: • apenas um grupo nominal; • por uma oração.	<i>Paula Rego vive em Londres.</i> <i>Quem arrisca emigrar pode ter sucesso.</i>
	Composto Constituído por: • dois ou mais grupos nominais; • duas ou mais orações; • dois ou mais pronomes.	<i>Vieira da Silva e Paula Rego são excelentes pintoras.</i> <i>Quem tem qualidade e persegue os seus sonhos acaba por triunfar.</i> <i>Tu e eu vamos este fim de semana à Casa das Histórias em Cascais.</i>
	Nulo subentendido Embora não estando expresso na frase, é possível identificá-lo pelo contexto. indeterminado Corresponde a uma entidade não específica. expletivo Não pode ser interpretado.	<i>[Nós] Fomos ver a exposição permanente de Paula Rego à Casa das Histórias.</i> <i>Diz-se que Paula Rego é uma das maiores artistas portuguesas.</i> <i>Há uma exposição permanente de Paula Rego na Casa das Histórias.</i>
Predicado	Função sintática desempenhada pelo grupo verbal, cujo núcleo é o verbo. Podem fazer parte do predicado: • os complementos direto, indireto, obliquo e agente da passiva; • o predicativo do sujeito e o predicativo do complemento direto; • o modificador [do GV].	<i>Hoje, a pintora contou-nos a sua história.</i> <i>Vive em Londres e é reconhecida por toda a comunidade internacional.</i> <i>A sua obra é impactante e é, por isso, considerada uma pintora singular.</i>
Modificador	Função sintática desempenhada por elementos que não são exigidos por nenhum constituinte da frase. A sua omissão não afeta, geralmente, a correção gramatical de uma frase. Nota: O modificador de frase distingue-se do modificador do GV por a sua presença afetar toda a frase.	<i>Certamente, a obra de Paula Rego não seria tão conhecida, caso não tivesse qualidade.</i>
Vocativo	Função sintática utilizada em contextos de chamamento ou interpelação do interlocutor. Surge sempre isolado por vírgula(s).	<i>- Ana, já foste ver a última exposição temporária à Casa das Histórias?</i>

FUNÇÕES SINTÁTICAS INTERNAS AO GRUPO VERBAL

Complemento direto	Complemento selecionado por um verbo transitivo direto. Pode ser constituído por: - um grupo nominal substituível pelos pronomes pessoais – forma de complemento direto; - uma oração subordinada substantiva completiva (cf. p. 139) que pode ser substituída pelo pronome demonstrativo <i>o</i> (com valor de <i>isso</i>).	<i>A bandeira olímpica representa os cinco continentes. → A bandeira olímpica representa-os.</i> <i>A organização afirmou que o balanço dos Jogos Olímpicos em Londres de 2012 foi positivo. → O Comité Olímpico disse-o (disse isso).</i>
Complemento indireto	Complemento selecionado por um verbo transitivo indireto que tem a forma de grupo preposicional (é sempre introduzido pela preposição <i>a</i>). Pode ser substituído pelo pronome pessoal – forma de complemento indireto.	<i>As medalhas de ouro, prata e bronze são entregues aos atletas. → As medalhas de ouro, prata e bronze são-lhes entregues.</i>
Complemento oblíquo	Complemento selecionado por um verbo transitivo indireto. A sua omissão afeta, geralmente, a gramaticalidade da frase. Pode ser constituído por: - um grupo preposicional, que não pode ser substituído pelo pronome pessoal – forma de complemento indireto. - um grupo adverbial.	<i>Os Jogos Olímpicos realizam-se de quatro em quatro anos. → Os Jogos Olímpicos realizam-se. ✗ Os Jogos Olímpicos realizam-se-lhe. ✗ Os Jogos Olímpicos nunca foram organizados aqui.</i>
Complemento agente da passiva	Função sintática desempenhada por um grupo preposicional presente numa frase passiva que corresponde ao sujeito na frase ativa com o mesmo significado (é sempre introduzido pela preposição <i>por</i>).	<i>Os Jogos Olímpicos foram inventados pelos gregos. → Os gregos [sujeito] inventaram os Jogos Olímpicos.</i>
Modificador [do GV]	Função sintática desempenhada por elementos que não são exigidos por nenhum constituinte do GV. A sua omissão não afeta, geralmente, a correção gramatical de uma frase.	<i>Em 1916, os Jogos Olímpicos foram cancelados por causa da Primeira Guerra Mundial. → Os Jogos Olímpicos foram cancelados por causa da Primeira Guerra Mundial. ✓</i>
Predicativo do sujeito	Função sintática desempenhada pelo constituinte que ocorre em frases com verbos copulativos (cf. p. 157) e que contribui para a interpretação do sujeito. Pode ser constituído por: - um grupo nominal; - um grupo adjetival; - um grupo preposicional; - um grupo adverbial.	<i>Michael Phelps é um atleta americano. Este atleta é incrível. Nos rankings, ele continua em primeiro lugar. A nível de forma física, ele está muito bem!</i>

Predicativo do complemento direto	Função sintática desempenhada pelo constituinte que ocorre em frases com verbos transitivo-predicativos (cf. p. 156) e que predica algo sobre o complemento direto. Pode ser constituído por: • um grupo nominal; • um grupo adjetival; • um grupo preposicional.	<i>Todos os meus familiares e amigos consideram os Jogos Olímpicos um acontecimento emocionante.</i> <i>Nós achamos os atletas portugueses esforçados.</i> <i>O Pedro acha a prova de lançamento do peso sem interesse.</i>
--	--	---

FUNÇÕES SINTÁTICAS INTERNAS AO GRUPO NOMINAL		
Modificador restritivo do nome	Função sintática que modifica o nome, ainda que a sua presença não seja obrigatória para a correção gramatical da frase. Restringe a referência do nome que modifica. Pode ser composto por: • um grupo adjetival; • um grupo preposicional; • uma oração subordinada adjetiva relativa restritiva (cf. p. 139). Nota: Na escrita, o modificador restritivo do nome não pode ser separado do nome a que se refere por vírgulas.	<i>Em 1936, nos Jogos Olímpicos de Berlim, Adolf Hitler, por acreditar que a raça ariana era superior a todas as outras, não assistiu à premiação do atleta norte-americano.</i> <i>O atleta de raça negra era Jesse Owens.</i> <i>O atleta que ganhou quatro medalhas de ouro era norte-americano.</i>
Modificador apositivo do nome	Constituinte que não restringe o nome que modifica. É constituído por: • um grupo nominal; • uma oração subordinada adjetiva relativa explicativa (cf. p. 139). Nota: Na escrita, o modificador apositivo do nome deve estar separado do nome a que se refere por vírgulas.	<i>O lema olímpico, "citius, altius e fortius", foi proposto por Pierre de Fredey, que é conhecido como o Barão de Coubertin.</i>

Atenção!

Repara que a mesma expressão pode desempenhar a função de modificador apositivo ou restritivo do nome caso esteja ou não delimitada por vírgulas.

Ex.: *Os atletas **que ganham medalhas** são reconhecidos publicamente.* (modificador restritivo do nome)
*Os atletas, **que ganham medalhas**, são reconhecidos publicamente.* (modificador apositivo do nome)



Questão · Exame nacional 2007 (1.ª chamada)

Indica a função sintática de cada um dos elementos sublinhados nas seguintes frases.

1. – Por favor, traga-me uma água, senhor Ribeiro.
2. A pobreza continua presente nos dias de hoje.
3. Os colaboradores voluntários do Banco Alimentar são pessoas altruístas.

Percurso

Atenta nos seguintes aspetos:

- na frase 1., a função sintática destacada encontra-se separada da frase por vírgula e é utilizada para chamamento do interlocutor; trata-se, portanto, do vocativo;
- na frase 2., deveremos estar atentos ao facto de existir um verbo copulativo (cf. p. 157) (“continua”) e que a expressão “presente” predica algo sobre o sujeito (“A pobreza”); assim, estamos na presença do predicativo do sujeito;
- a expressão destacada na frase 3. constitui um modificador restritivo do nome: em primeiro lugar, repara que se trata de uma função sintática interna ao grupo nominal e que a palavra

“voluntários” restringe a referência do nome “Os colaboradores”, isto é, define o subconjunto de colaboradores voluntários num conjunto prévio de colaboradores. É possível inferir que nem todos os colaboradores do Banco Alimentar são voluntários; por outro lado, trata-se de uma função sintática dispensável, pois a sua ausência não afeta a correção gramatical da frase (“Os colaboradores do Banco Alimentar são pessoas altruístas”).

Resposta

1. vocativo; 2. predicativo do sujeito; 3. modificador restritivo do nome.



Questão · Exame nacional 2010 (1.ª chamada)

Indica, para cada um dos itens, a função sintática que a expressão sublinhada desempenha.

1. Os ornitólogos consideram a garça-vermelha uma ave sensível.
2. A garça-vermelha, uma ave sensível, é uma espécie pouco sociável.

Percurso

Este exercício é muito interessante, porque nos mostra que uma mesma expressão pode desempenhar funções sintáticas distintas. Assim:

- na frase 1. devemos analisar os outros elementos para concluir acerca da função sintática desempenhada pela expressão “uma ave sensível”; “Os ornitólogos” é o sujeito simples que controla a concordância verbal (“consideram”); o predicado é constituído pelos restantes elementos da frase (“consideram a garça-vermelha uma ave sensível”); importa agora atentar na forma verbal que é um verbo transitivo-predicativo (cf. p. 157) (considerar), selecionando, portanto, um sujeito (“Os ornitólogos”), um complemento direto (“a garça-vermelha”) e o predicativo do com-

plemento direto (“uma ave sensível”);

- na frase 2. a expressão “uma ave sensível” desempenha a função sintática de modificador apositivo do nome, porque não restringe a referência de “A garça-vermelha”, isto é, não define o subconjunto das garças-vermelhas sensíveis num conjunto prévio de garças-vermelhas. Repara ainda que a função sintática está separada por vírgulas do nome que modifica, o que é obrigatório quando se trata de um modificador apositivo.

Resposta

1. predicativo do complemento direto; 2. modificador apositivo do nome.



Questão · Teste intermédio 2013

Associa a cada função sintática da coluna **A** uma única frase da coluna **B**, de modo a identificares a expressão sublinhada que corresponde a cada função sintática. Escreve as letras e os números correspondentes. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

Coluna A
a) complemento direto
b) complemento indireto
c) predicativo do sujeito
d) sujeito
e) vocativo

Coluna B
(1) <u>Pedro</u> , se puderes, lê o último livro deste autor.
(2) Chegaram, ontem, <u>novos livros</u> à biblioteca.
(3) Fui a casa buscar uma antologia de autores <u>brasileiros</u> .
(4) Comprei um livro de poesia, mas ainda não <u>o</u> li.
(5) Os alunos da turma <u>escreveram um poema coletivo</u> .
(6) Prestei muita atenção <u>à leitura do poema</u> .
(7) Os temas dos textos deste poeta continuam <u>atuais</u> .
(8) Este poema <u>de Camões</u> foi musicado por José Afonso.

Percurso

Antes de começares a resolver o exercício, repara que existem mais opções na coluna **B** do que na coluna **A**, motivo pelo qual deves atentar nas frases aí apresentadas e proceder à análise sintática dos elementos destacados.

- na frase (1), a expressão destacada ("Pedro") desempenha a função sintática de vocativo (e): para além de se encontrar separada da frase por vírgula, é utilizada para chamamento/interpelação do interlocutor;
- na frase (2), "novos livros" desempenha a função sintática de sujeito (d); é sobre este GN que se diz alguma coisa; este exemplo é muito importante e deverás tê-lo presente para recordares que nem sempre o sujeito está no início da frase, apesar de a ordem mais habitual ser sujeito / verbo / complemento (SVC);
- a expressão destacada na frase (3) é um modificador restritivo do nome, pois restringe a referência do nome "autores"; neste caso, não existe opção disponível na coluna **A**;
- na frase (4), o pronome pessoal "o", cujo antecedente é "um livro de poesia", apresenta a forma de complemento direto; trata-se do complemento direto (a) da segunda oração

("O que ainda não leste?" → "o" – um livro de poesia);

- a expressão destacada na frase (5) é o predicado da frase, não existindo, portanto, opção disponível na coluna **A**;
- na frase (6), "à leitura do poema" é complemento indireto (b); nota que este complemento tem a forma de um grupo preposicional introduzido pela preposição "à = a + a" e pode ser substituído pelo pronome pessoal "lhe" (Prestei-lhe muita atenção.);
- na frase (7), a expressão "atuais" desempenha a função sintática de predicativo do sujeito (c), tendo em conta a presença do verbo copulativo ("continuam") e o facto de "atuais" predicar algo sobre o sujeito "Os temas dos textos deste poeta";
- a expressão destacada na frase (8) concretiza um modificador restritivo do nome, pois restringe a referência do grupo nominal "Este poema"; assim, não existe opção disponível na coluna **A**.

Resposta

(a) (4); (b) (6); (c) (7); (d) (2); (e) (1)

 Agora Tu

• Questão 4

Indica a função sintática de cada um dos elementos sublinhados nas seguintes frases.

- a) Sherlock Holmes foi uma personagem criada por Arthur Conan Doyle.
- b) Agatha Christie, conhecida como a "rainha do crime", publicou mais de uma centena de livros.
- c) Hoje, passo por tua casa para te entregar os livros que me emprestaste.

• Questão 5

Lê as seguintes frases e escolhe a opção que completa de forma correta as alíneas abaixo.

- a) A biblioteca da escola possui uma grande variedade de obras.
- b) Chegou à biblioteca o último livro de Miguel Sousa Tavares.

1. Na frase **a)**, a expressão destacada desempenha a função sintática de

- | | |
|--|---|
| ☐ predicativo do sujeito. | ☐ predicativo do complemento direto. |
| ☐ complemento direto. | ☐ complemento oblíquo. |

2. Na frase **b)**, a expressão destacada desempenha a função sintática de

- | | |
|--|--|
| ☐ complemento direto. | ☐ predicativo do sujeito. |
| ☐ modificador restritivo do nome. | ☐ sujeito. |

• Questão 6

Associa a cada elemento da coluna **A** uma única frase da coluna **B**, de modo a identificares a expressão sublinhada que corresponde a cada função sintática.

Coluna A	Coluna B
a) complemento direto	(1) Os alunos <u>que foram ao museu</u> vão fazer o relatório.
b) complemento indireto	(2) A visita decorreu <u>normalmente</u> .
c) predicativo do sujeito	(3) O guia apresentou informações importantes <u>aos alunos</u> .
d) modificador do GV	(4) <u>Certamente</u> , a visita seria menos rica sem a sua presença.
e) modificador de frase	(5) Os alunos também visitaram <u>a exposição temporária</u> .
	(6) Os professores consideraram a visita <u>profícua</u> .
	(7) A exposição temporária foi <u>o aspeto menos apreciado</u> .
	(8) A visita não correu bem <u>no ano anterior</u> .

Cf. soluções • p. 250

ARTICULAÇÃO ENTRE FRASES

As frases podem classificar-se como simples ou complexas, dependendo do número de orações que as constituem. A articulação entre as orações de uma frase complexa pode ser feita por meio de coordenação ou de subordinação.

FRASE SIMPLES	FRASE COMPLEXA
Frase em que existe apenas um verbo principal ou copulativo. <i>Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia.</i>	Frase em que existe mais do que um verbo principal ou copulativo. A frase complexa possui mais do que uma oração. <i>O navegador partiu de Lisboa em julho de 1497 e chegou à Índia em maio de 1498.</i>

Coordenação

Processo sintático que consiste na junção de dois ou mais constituintes ou orações com a mesma função sintática, através da utilização de conjunções ou locuções coordenativas (cf. p. 167).

ORAÇÕES COORDENADAS		
Copulativa	Estabelece-se uma relação de adição entre as duas orações. Nota: As orações copulativas podem ser <i>sindéticas</i>, quando é utilizado o elemento de ligação, ou <i>assindéticas</i>, quando se encontram separadas por vírgulas e nenhuma das orações é introduzida por conjunção.	<i>Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil e Fernão de Magalhães deu início à primeira viagem de circum-navegação.</i> <i>Fernão de Magalhães partiu de Espanha, navegou rumo a sudoeste, alcançou a costa da atual Argentina, prosseguiu para sul, descobriu o estreito que une o oceano Atlântico e o oceano Pacífico.</i>
Adversativa	Estabelece-se uma relação de contraste entre as duas orações.	<i>Fernão de Magalhães é o português mais célebre da História da Humanidade, mas é pouco lembrado no seu país.</i>
Disjuntiva	Estabelece-se uma relação de alternativa entre as orações.	<i>Ou Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil por casualidade ou se desviou intencionalmente do trajeto original.</i>
Conclusiva	Transmite uma ideia de conclusão em relação ao que é dito na oração a que se liga.	<i>A proposta de Cristóvão Colombo foi rejeitada pelo monarca português, logo ele procurou outro apoiante.</i>
Explicativa	Apresenta uma justificação ou explicação que confirma o enunciado na oração com que se combina.	<i>Bartolomeu Dias, navegador português, ficou célebre, pois contornou, pela primeira vez em 1487, o cabo das Tormentas que a partir daí passou a chamar-se cabo da Boa Esperança.</i>

Subordinação

Processo sintático que consiste na junção de dois ou mais constituintes ou orações, em que a oração **subordinada**, introduzida por uma conjunção ou locução subordinativa (cf. p. 167) apresenta uma relação de dependência relativamente à oração **subordinante** na frase.

ORAÇÕES SUBORDINADAS		
SUBSTANTIVAS	Orações subordinadas que desempenham a função de sujeito ou de complemento direto em relação à oração subordinante.	
Completiva	Desempenha a função sintática de complemento direto do verbo da oração subordinante. Pode ser introduzida pelas conjunções subordinativas completivas <i>que</i> , <i>se</i> e <i>para</i> .	<i>O professor disse que Fernando Pessoa foi um grande escritor.</i> <i>O professor perguntou se já lemos algum poema seu.</i> <i>O professor pediu para lermos o poema "Menino de Sua Mãe".</i>
ADJETIVAS	Orações subordinadas que desempenham a função própria de um adjetivo.	
Relativa restritiva	Desempenha a função sintática de modificador restritivo do nome, restringindo a informação dada sobre o antecedente.	<i>O escritor que ganhou o prémio Nobel da Literatura este ano publicou um novo livro.</i>
Relativa explicativa	Desempenha a função sintática de modificador apositivo do nome, acrescentando informação adicional sobre o antecedente. Nota: Na escrita, as orações relativas explicativas são delimitadas por vírgulas.	<i>Egas Moniz, que recebeu o Nobel da Medicina em 1945, foi o primeiro português a ser distinguido com este prémio.</i>
ADVERBIAIS	Orações subordinadas que desempenham a função própria do modificador da frase ou do grupo verbal.	
Temporal	Apresenta uma referência temporal relativamente à oração subordinante.	<i>A banda Oquestrada tocou um fado de Marceneiro quando atuou na cerimónia de entrega do Nobel da Paz à União Europeia em 2013.</i>
Causal	Exprime a causa ou a justificação do acontecimento apresentado na oração subordinante.	<i>As bandas portuguesas estão a crescer, porque começam a ter visibilidade internacional.</i>
Condicional	Exprime a condição em que se verifica o facto expresso na subordinante.	<i>Se os bilhetes dos concertos não fossem tão caros, iria mais vezes.</i>
Consecutiva	Exprime a consequência de um acontecimento apresentado na oração subordinante.	<i>A fadista Mariza é tão apreciada no mundo que todos os seus concertos esgotam.</i>
Concessiva	Transmite uma ideia de contraste em relação ao enunciado na oração subordinante.	<i>Embora a guitarra portuguesa seja mais difícil de tocar, o seu som é inconfundível.</i>
Comparativa	Permite estabelecer a comparação entre as orações. Geralmente, o verbo é suprimido nesta oração.	<i>A Ana Moura é tão boa fadista como (é) a Carminho.</i>
Final	Apresenta a finalidade relativamente ao expresso na oração subordinante.	<i>Este ano vou juntar dinheiro para ir ao festival de Paredes de Coura.</i>

Atenção!

As orações coordenadas adversativas e as subordinadas concessivas podem ser confundidas. Sempre que tiveres dúvidas, faz o teste da anteposição, pois apenas a subordinada manterá a gramaticalidade da frase.

Ex.: *Eu nunca tive aulas de música, mas sei tocar viola.*

→ *Mas sei tocar viola*, eu nunca tive aulas de música. ✗

coordenada adversativa

Eu nunca tive aulas de música, ainda que saiba tocar viola.

→ *Ainda que saiba tocar viola*, eu nunca tive aulas de música. ✓

subordinada concessiva



Questão · Teste intermédio 2011

Seleciona a única opção que permite obter uma afirmação correta.
Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

1. A frase complexa que contém uma oração subordinada causal é
 - a) "Comprei vários romances policiais para ler nas férias."
 - b) "Sempre que tenho oportunidade, consulto jornais na Internet."
 - c) "Como li toda a sua obra, conheço bem este escritor."
 - d) "O professor garantiu que valia a pena adquirir esse livro."

Percurso

Neste exercício, deverás proceder à análise de cada uma das frases complexas a fim de escolheres a opção correta, isto é, aquela que contém uma oração subordinada causal:

- na alínea **a)**, para além da oração subordinante ("Comprei vários romances policiais"), temos uma oração subordinada adverbial final ("para ler nas férias") introduzida pela conjunção subordinativa final "para". Nela exprime-se o propósito da realização da situação descrita na subordinante;
- na alínea **b)**, a oração "Sempre que tenho oportunidade" é subordinada adverbial temporal e é introduzida pela locução subordinativa temporal "Sempre que". Através dela estabelece-se uma referência temporal em relação à subordinante ("consulto jornais na Internet"). Experimenta substituir a locução "Sempre que" por outra que exprima também a mesma ideia de tempo (**Quando** tenho oportunidade...);
- a alínea **c)** inclui uma oração subordinada adverbial causal ("Como li toda a sua obra"). Embora a palavra "como" seja mais facilmente

associada à subclasse das conjunções subordinativas comparativas, nesta frase complexa assume um valor causal, uma vez que exprime o motivo da informação apresentada na subordinante ("conheço bem este escritor"). Sempre que tiveres dúvidas, experimenta substituir a conjunção por uma que funcione como sinónimo no contexto. Assim, verás que a frase "Conheço bem este escritor, porque li toda a sua obra." é o mesmo que dizer "Como li toda a sua obra, conheço bem este escritor";

- na frase da alínea **d)**, identificamos uma oração subordinante ("O professor garantiu") e uma oração subordinada substantiva completiva ("que valia a pena adquirir esse livro"), que desempenha a função sintática de complemento direto do verbo da oração subordinante (Disse o quê? → "que valia a pena adquirir esse livro" → Disse-o.).

Resposta

1. c)



Questão · Prova final 2012 (2.ª chamada)

Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, utilizando conjunções das sub-classes indicadas entre parênteses. Faz apenas as alterações necessárias.

- a) A água desta praia é tão fria! / Poucas pessoas mergulham aqui.
(conjunção subordinativa consecutiva)
- b) Gosto das aulas sobre minerais. / Prefiro o estudo dos seres vivos.
(conjunção subordinativa concessiva)
- c) Os alunos estudarão os fósseis. / Interessar-se-ão pela Geologia.
(conjunção subordinativa condicional)

Percurso

Revê as conjunções e locuções coordenativas e subordinativas e tem em atenção o conteúdo de cada frase e de que modo elas se relacionam:

- na alínea a), identifica a frase que exprime a consequência e a que apresenta o facto; é a segunda frase que exprime a consequência ("Poucas pessoas mergulham aqui");
- na alínea b), o nexos que une as duas frases é concessivo, isto é, uma ideia de contraste. Atenta no tempo verbal da oração subordinada – a maior parte das conjunções e locuções subordinativas concessivas obrigam ao uso do conjuntivo ("Embora goste das aulas...");

- na alínea c), com o uso da conjunção subordinativa condicional, a forma verbal no futuro do indicativo passa para o futuro do conjuntivo ("Se os alunos estudarem...").

Resposta

- a) A água desta praia é tão fria que poucas pessoas mergulham aqui.
- b) Embora goste das aulas sobre minerais, prefiro o estudo dos seres vivos.
- c) Se os alunos estudarem os fósseis, interessar-se-ão pela Geologia.

Agora Tu

• Questão 7

Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, utilizando conjunções ou locuções das subclasses entre parênteses. Faz apenas as alterações necessárias.

- a) Há muitos jovens a emigrarem de Portugal. / Cá, há poucas oportunidades.
(conjunção coordenativa explicativa)
- b) Alguns jovens partem para o estrangeiro. / Pretendem abrir os seus horizontes.
(locução conjuncional subordinativa final)

• Questão 8

Qual das frases seguintes contém uma oração subordinada substantiva completiva?

- a) A sinfonia que Beethoven compôs é extraordinária.
- b) A música de Mozart agrada-me mais que a música de Beethoven.
- c) Todos reconhecem que Chopin é um dos maiores pianistas de todos os tempos.
- d) Compra-me os bilhetes para o concerto de jazz, que tenho muita vontade de ir.

Cf. soluções · pp. 250-251



Etapa Final

1. Classifica os sujeitos das frases seguintes.
 - a) Comprei uma coletânea de contos portugueses na Feira do Livro.
 - b) Lá, vendem-se livros muito baratos.
 - c) Havia poucas pessoas na sessão de autógrafos.
 - d) A equipa de hóquei em patins ganhou o Campeonato do Mundo.

2. Lê a frase seguinte.
Os alunos praticariam mais exercício físico, se as obras no pavilhão desportivo já tivessem sido concluídas.
 Reescreve a frase na passiva, respeitando, na frase que escreveres, o tempo e modo verbais.

3. Lê as seguintes frases e escolhe a opção que completa de forma correta as alíneas abaixo.
 - a) João Tordo, autor de *O Bom Inverno*, recebeu o Prémio José Saramago em 2009.
 - b) O trabalho deste escritor foi, felizmente, reconhecido pela crítica.
 - 3.1. Na frase **a)**, a expressão sublinhada desempenha a função sintática de
 - ☐ modificador apositivo do nome.
 - ☐ modificador restritivo do nome.
 - ☐ modificador de frase.
 - ☐ modificador do grupo verbal.
 - 3.2. Na frase **b)**, a expressão sublinhada desempenha a função sintática de
 - ☐ complemento direto.
 - ☐ complemento indireto.
 - ☐ complemento agente da passiva.
 - ☐ complemento oblíquo.

4. Classifica as orações sublinhadas nas frases seguintes.
 - a) Como estávamos cansados, não fomos ao cinema.
 - b) A atriz, enquanto o público batia palmas, agradeceu efusivamente.

5. Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, substituindo o elemento destacado pelo pronome relativo "que".
 - a) A Joana adorou o presente. Nós demos-lhe o presente.
 - b) O terceiro álbum dos Deolinda chama-se *Mundo Pequenino*. Esse álbum está a ter muito sucesso.

A Palavra



CLASSES DE PALAVRAS		
Abertas		Fechadas
Nome • variação • subclasses Adjetivo • variação • subclasses	Verbo • conjugação • flexão • tipologia • subclasses Interjeição Advérbio	• Determinante • Quantificador • Pronome • Conjunção • Preposição

Processos de formação de palavras		Relações semânticas entre palavras
Derivação • Derivação afixal • Derivação não afixal • Conversão Composição • Morfológica • Morfossintática	Processos irregulares • Sigla • Acrónimo • Onomatopeia • Empréstimo • Truncção • Amálgama • Extensão semântica	• Hiperonímia – Hiponímia • Holonímia – Meronímia • Sinonímia • Antonímia • Campo lexical • Campo semântico

As palavras da língua organizam-se em classes de acordo com as suas características morfológicas, sintáticas e semânticas.

As classes de palavras podem ser **abertas** (com um número ilimitado de vocábulos) ou **fechadas** (com número limitado de palavras). Por seu lado, os elementos de uma dada classe podem, por vezes, ser integrados em subclasses e permitir variação em género, número, grau, tempo, modo, pessoa e caso.

A renovação lexical de uma língua pode efetuar-se por meio de processos diversos, destacando-se a junção de afixos a formas de base (**derivação**) ou a associação de formas de base (**composição**).

Em função de critérios como hierarquia, relação parte-todo, semelhança e oposição, as palavras podem estabelecer vários tipos de **relações semânticas** entre si.



CLASSES ABERTAS

Nome

É uma classe aberta de palavras que designam pessoas, animais, objetos, ações, qualidades e estados. O nome constitui o núcleo do grupo nominal (cf. p. 128).

Analisaremos o nome de acordo com a variação (em género, número e grau) e em função da subclasse em que se insere.

• Variação

Quanto à variação, os nomes podem ser *variáveis* quanto ao género (masculino/feminino), número (singular/plural) e grau (normal, diminutivo e aumentativo) ou *invariáveis* (não mudam de forma).

NOME: VARIAÇÃO EM GÉNERO			
	Masculino	Feminino	Exemplo
Variáveis	-o	retira-se a vogal final do masculino (no caso dos nomes não terminados em vogal) e acrescenta-se -a	aluno – aluna
	várias possibilidades de terminação	acrescenta-se -essa, -esa, -ina, -inha, -isa (depois de suprimida ou não a vogal final do masculino e, por vezes, com outras alterações especiais)	abade – abadessa príncipe – princesa herói – heroína galo – galinha poeta – poetisa
	-ão	passa, na maior parte dos casos, para -ã, -oa ou -ona	cidadão – cidadã leão – leoa (o) chorão – (a) chorona
	-tor e -dor	nalguns casos, substituem-se por -triz ou -eira	ator – atriz lavrador – lavradeira
	uma palavra	palavra diferente	rapaz – rapariga homem – mulher
Invariáveis	Trata-se de nomes que apresentam a mesma forma para o masculino e para o feminino e dividem-se em três categorias		
	Epícenos	nomes de animais cujo género é assinalado por recurso às palavras “macho” ou “fêmea”	golfinho macho – golfinho fêmea
	Sobrecomens	nomes que designam seres do género masculino e feminino, sem que seja possível identificar o género natural através dos determinantes	a vítima a pessoa a testemunha
	Comuns de dois	nomes em que o género é indicado pelos determinantes	o estudante – a estudante o chefe – a chefe o jornalista – a jornalista

NOME: VARIAÇÃO EM NÚMERO			
REGRA GERAL			
Variáveis	Singular	Plural	Exemplo
	termina em vogal ou ditongo Nota: Considera-se aqui algumas vogais nasais (vogal + -m → -ns)	acrescenta-se -s	<i>prato – pratos</i> <i>pau – paus</i> <i>homem – homens</i>
	termina em consoante	acrescenta-se -es	<i>país – países</i> <i>professor – professores</i>
	REGRAS ESPECIAIS		
	Singular	Plural	Exemplo
	termina em -ão	altera-se para -ãos, -ães ou -ões Nota: Estas variações relacionam-se com questões etimológicas.	<i>irmão – irmãos</i> <i>cão – cães</i> <i>canção – canções</i>
	Nota: Há nomes que podem ter duas ou três formas: <i>ancião – anciãos, anciães ou anciões</i> .		
	termina em -al, -el, -ol, -ul	retira-se o -l e acrescenta-se -is	<i>jornal – jornais</i> <i>papel – papéis</i> <i>anzol – anzóis</i> <i>paul – paus</i> <i>fóssil – fósseis</i> <i>funil – funis</i>
	termina em -il (átono) termina em -il (tónico)	retira-se o -l e acrescenta-se -eis retira-se o -l e acrescenta-se -s	
	Nota: Alguns nomes terminados em -l não obedecem a esta regra: <i>mal – males</i> .		
Invariáveis	Nomes cuja forma do plural é igual à do singular (distinguindo-se através de determinantes) ou que só têm forma do plural.		<i>o lápis – os lápis</i> <i>os óculos</i> <i>as calças</i>

O plural dos **nomes compostos** obedece a regras especiais.

COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA (radical + radical ou radical + palavra)	
O plural obtém-se pela aplicação das regras gerais e especiais acima.	<i>automóvel – automóveis</i>

COMPOSIÇÃO MORFOSSINTÁTICA (palavra + palavra)			
Variáveis	Singular	Plural	Exemplo
	a) os dois elementos têm igual valor na interpretação da palavra		
	• nome + nome • nome + adjetivo	os dois elementos assumem o plural	<i>surdo-mudo – surdos-mudos</i> <i>chave-inglesa – chaves-inglesas</i>
	b) o 1.º nome é modificado pelo valor semântico do 2.º		
	• nome + nome • nome + preposição + nome	só o primeiro elemento passa para o plural	<i>palavra-chave – palavras-chave</i> <i>fim de semana – fins de semana</i> <i>estrela-do-mar – estrelas-do-mar</i>
	c) outros compostos morfosintáticos		
	forma verbal ou palavra invariável + nome ou adjetivo	só o segundo elemento passa para o plural	<i>quebra-noz – quebra-nozes</i> <i>vice-reitor – vice-reitores</i>
Invariáveis	nomes só usados no singular ou no plural		<i>tira-nódoas</i> <i>belas-artes</i>

NOME: VARIAÇÃO EM GRAU		
Diminutivo	Pode exprimir pequenez, carinho, ironia, menosprezo.	<i>casa – casinha</i> <i>gato – gatito</i> <i>homem – homenzinho</i>
Aumentativo	Pode exprimir grandeza ou um sentido afetivo ou depreciativo.	<i>casa – casarão</i> <i>voz – vozeirão</i> <i>boca – bocarra</i>

• Subclasses

A classe dos nomes subdivide-se em *próprios* e *comuns*, sendo estes últimos divididos em *contáveis/não contáveis* e *coletivos*.

SUBCLASSES DO NOME			
Nome próprio	Referente a um ser individualizado, único. Escreve-se com maiúscula.		<i>Ana</i> <i>António</i> <i>Braga</i> <i>Tejo</i>
	Refere-se a seres, objetos, realidades não considerados na sua individualidade.		<i>casa</i> <i>gato</i> <i>rio</i> <i>sabedoria</i>
Nome comum	Contável	Designa algo que pode ser quantificado; admite singular e plural.	<i>um carro – dois carros</i>
	Não contável	Designa algo que não pode ser quantificado, dividido, logo assume, normalmente, a forma singular.	<i>dinheiro</i> <i>massa</i> <i>arroz</i>
		Nota: Os nomes não contáveis podem assumir a forma de plural em certas expressões. Ex.: <i>Bebi duas águas</i> .	
	Coletivo	Designa um conjunto de seres ou objetos pertencentes a uma mesma espécie.	<i>alcateia (de lobos)</i> <i>olival (de oliveiras)</i>
		Nota: Também há nomes coletivos não contáveis. Ex.: <i>flora; fauna</i> .	

Adjetivo

É uma classe aberta de palavras cuja função é caracterizar o nome, atribuindo-lhe qualidades/propriedades (**adjetivo qualificativo**), indicando a sua ordem (**adjetivo numeral**) ou estabelecendo com ele uma relação de agente, de posse, etc. (**adjetivo relacional**). O adjetivo constitui o núcleo do grupo adjetival e pode ter a função de modificador de nome ou de predicativo do sujeito ou do complemento direto (cf. pp. 133-134). Analisaremos o adjetivo segundo a variação em género, número e grau e de acordo com a subclasse em que se integra (qualificativo, numeral ou relacional).

O adjetivo, quando combinado com outros, dá origem a um recurso expressivo que permite tornar as descrições mais detalhadas e realistas: a **adjetivação** (dupla ou múltipla).

• Variação

Quanto à variação, os adjetivos podem ser *variáveis* quanto ao género (masculino/feminino), número (singular/plural) e grau (normal, comparativo e superlativo); alguns são *invariáveis* (não mudam de forma).

ADJETIVO: VARIAÇÃO EM GÉNERO			
	Masculino	Feminino	Exemplo
Variáveis	-o	muda para -a	bonito - bonita
	-eu	muda para -eia ou -ia	ateu - ateia judeu - judia
	-ão	muda para -ã ou -ona	campeão - campeã brincalhão - brincalhona
	-or	muda para -ora	sonhador - sonhadora
	-ês	muda para -esa	português - portuguesa
	-u	acrescenta-se -a	cru - crua
Invariáveis	Normalmente os adjetivos terminados em -a, -l, -e, -m, -s, -z, -ar, -or têm uma única forma para feminino e masculino.		modo <u>eficaz</u> - forma <u>eficaz</u> papel <u>incolor</u> - folha <u>incolor</u>

ADJETIVO: VARIAÇÃO EM NÚMERO		
Variáveis	As regras de formação do plural dos adjetivos são idênticas às dos nomes (cf. p. 145).	mau - maus belo - belos
	Regra geral, nos adjetivos compostos, a marca de plural afeta apenas o segundo elemento. Nota: Exceto compostos morfossintáticos (cf. p. 168) em que ambos os elementos têm igual valor semântico na interpretação da palavra.	comunidades <u>luso-brasileiras</u> alunos <u>surdos-mudos</u>
Invariáveis	Alguns adjetivos apresentam apenas uma forma para o singular e plural. É o caso, entre outros adjetivos, dos compostos por adjetivo + nome.	exercício <u>simples</u> - exercícios <u>simples</u> casaco <u>verde-alface</u> - casacos <u>verde-alface</u>

ADJETIVO: VARIAÇÃO EM GRAU		
Grau normal	Exprime a qualidade ou propriedade do nome que acompanha.	O António é <u>inteligente</u> .
Grau comparativo	Permite comparar dois seres/objetos/realidades no que diz respeito a uma qualidade ou propriedade. Pode apresentar três formas:	
	de superioridade	O António é <u>mais inteligente do que</u> o Jorge.
	de igualdade	O António é <u>tão inteligente como</u> o Jorge.
	de inferioridade	O António é <u>menos inteligente do que</u> o Jorge.

Atenção!

Apenas os adjetivos qualificativos (cf. p. 149) variam em grau.

Grau superlativo	Absoluto	
	A qualidade/propriedade é intensificada sem se criar qualquer relação com outros seres ou objetos; pode apresentar duas formas:	
	absoluto sintético	<i>O António é <u>inteligentíssimo</u>.</i>
	absoluto analítico	<i>O António é <u>muito inteligente</u>.</i>
	Relativo	
	Exprime a maior ou menor intensidade da qualidade/propriedade num ser/objeto em relação a outros; pode apresentar duas formas:	
	relativo de superioridade	<i>O António é <u>o mais inteligente</u> de todos.</i>
	relativo de inferioridade	<i>O António é <u>o menos inteligente</u> de todos.</i>

A seguir surgem alguns adjetivos irregulares quanto à variação em grau.

ADJETIVOS IRREGULARES			
Grau normal	Grau comparativo	Grau superlativo	
		Absoluto sintético	Relativo de superioridade
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Quanto ao grau superlativo absoluto sintético, este forma-se, como vimos, pelo acrescento do sufixo *-íssimo*. No entanto, há casos especiais como os que se apresentam abaixo.

SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO		
1. Adjetivos terminados em:	Grau normal	Grau superlativo absoluto sintético
-vel	afável amável	afabilíssimo amabilíssimo
-z	feliz atroz	felicíssimo atrocíssimo
-ão	cristão	cristianíssimo
2. Adjetivos de superlativo em -érrimo ou -ílimo	pobre célebre fácil difícil	paupérrimo celebérrimo facílimo difícilimo
3. Outros	amigo doce simples	amicíssimo dulcíssimo simplicíssimo

• Subclasses

SUBCLASSES DO ADJETIVO		
Qualificativos	Indicam uma qualidade do nome a que se referem. Regra geral, podem surgir antes ou depois do nome e variam em grau.	<i>rapaz <u>bonito</u></i> <i><u>bonito</u> rapaz</i>
Relacionais	Adjetivos que estabelecem uma relação de agente, origem, etc., relativamente ao nome. Ocorrem à direita do nome e não variam em grau. Geralmente derivam de um nome.	<i>casa <u>portuguesa</u></i> <i>dia <u>internacional</u></i>
Numerais	Indicam a ordem, posição numa série. Ocorrem sempre antes do nome e não variam em grau.	<i>primeiro, segundo, terceiro...</i>

Atenção!

Frequentemente, a colocação do adjetivo qualificativo antes do nome tem um sentido mais subjetivo enquanto a posição pós-nominal tem um valor mais objetivo. Nalguns casos, o adjetivo tem um significado diferente conforme a sua posição: falso consultor = a pessoa não era um consultor; consultor falso = consultor desonesto.

Verbo

É uma classe aberta de palavras que variam em número, pessoa, tempo, modo. O verbo exprime ações e estados e constitui o núcleo do grupo verbal (p. 128).

• Conjugação

É o conjunto de formas que um verbo assume em função da vogal temática no infinitivo (vogal antes do -r do infinitivo).

Conjugação	Vogal temática	Exemplo
1. ^a	-a	cantar
2. ^a	-e	comer
3. ^a	-i	partir

Atenção!

O verbo pôr e os seus derivados são verbos de 2.^a conjugação devido à sua etimologia: *ponere* > *poer* > *pôr*.

• Flexão

É a variação do verbo em função da pessoa, número, tempo e modo.

Número: os verbos variam em número, isto é, apresentam formas de singular e de plural.

Pessoa: os verbos assumem formas diferentes segundo a pessoa: 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoas do singular (*eu, tu, ele*) e 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoas do plural (*nós, vós, eles*).

Tempo: localiza a ação ou estado no tempo; há cinco grandes tempos verbais, três dos quais apresentam, para além da forma simples, a forma composta (cf. p. 153).

Pretérito	perfeito	→ simples
		→ composto
	imperfeito	
	mais-que-perfeito	→ simples
		→ composto
Presente		
Futuro		→ simples
		→ composto

Modo: traduz a forma como o falante encara a ação ou o estado designados pelo verbo.

Modo	Significado	Exemplo
Indicativo	Ação encarada como real, como certa.	<i>Eu canto.</i>
Conjuntivo	Ação encarada como uma possibilidade, uma dúvida, um desejo, uma eventualidade.	<i>Talvez cante.</i>
Imperativo	Ação expressa como uma ordem, pedido ou conselho.	<i>Canta.</i>
Condicional	Ação dependente de uma condição.	<i><u>Cantaria</u> se soubesse!</i>

Qual o significado dos diferentes tempos e modos? Vê agora.

INDICATIVO		
Tempo e uso		Exemplo
Presente		
• Verdade universal, ação habitual ou atual * Pode exprimir “passado” (presente histórico) e remeter para o futuro		<i>Todos os dias canto.</i>
Pretérito perfeito		
• Ação concluída no passado	SIMPLES	<i>Ontem cantei.</i>
• Ação continuada e repetida do passado ao presente	COMPOSTO	<i>Ultimamente tenho cantado.</i>
Pretérito imperfeito		
• Ação habitual no passado		<i>Quando era criança, cantava todos os dias.</i>
• Ação em progresso no passado quando outra se realiza		
Pretérito mais-que-perfeito		
• Ação anterior a outra já passada	SIMPLES	<i>Quando chegaste eu já cantara.</i>
• Ação anterior a outra já passada	COMPOSTO	<i>Quando chegaste eu já tinha cantado.</i>
Futuro		
• Ação posterior ao momento de fala	SIMPLES	<i>Amanhã cantarei.</i>
• Ação futura anterior a outra ação também futura	COMPOSTO	<i>Amanhã, quando chegares, já terei cantado.</i>
CONJUNTIVO		
Tempo e uso		Exemplo
Presente		
• Facto atual ou futuro*	SIMPLES	<i>Talvez cante hoje.</i>
Pretérito perfeito		
• Ação concluída no passado*	COMPOSTO	<i>É possível que tenha cantado ontem.</i>
Pretérito imperfeito		
• Ação eventual no passado, no presente ou no futuro	SIMPLES	<i>Se cantasse todos os dias, talvez fosse boa cantora.</i>
Pretérito mais-que-perfeito		
• Ação anterior a outra já passada*	COMPOSTO	<i>Se tivesse cantado muito no passado, talvez fosse boa cantora hoje.</i>
• Ação irreal		
Futuro		
• Ação eventual no futuro	SIMPLES	<i>Quando eu cantar vais assistir.</i>
• Ação futura anterior a outra ação também futura	COMPOSTO	<i>Quando tiver cantado dar-me-ás a tua opinião.</i>
* Dentro do sentido geral do modo conjuntivo – eventualidade		

CONDICIONAL				
Tempo e uso			Exemplo	
Presente				
• Ação dependente de condição • Ação posterior ao momento de fala * Pode exprimir desejo, dúvida, probabilidade			SIMPLES	<i>Eu cantaria agora se não estivesse rouca.</i>
Pretérito				
• Ação que teria sido possível no passado mediante certa condição * Pode exprimir incerteza sobre factos passados			COMPOSTO	<i>Eu teria cantado ontem se não estivesse rouca.</i>
IMPERATIVO	PART. PASS.	GERÚNDIO	INFINITIVO	
<i>canta</i> (tu); <i>cantai</i> (vós) * Para as restantes pessoas, exceto a 1.ª do singular, usa-se o presente do conjuntivo	<i>cantado</i>	• simples <i>cantando</i> • composto <i>tendo cantado</i>	Impessoal • simples <i>cantar</i> • composto <i>ter cantado</i>	Pessoal • simples <i>cantar, cantares...</i> • composto <i>ter cantado, teres cantado...</i>

O gerúndio, o infinitivo e o particípio passado são as chamadas **formas nominais** do verbo, usadas em complexos verbais ou em determinadas construções sintáticas.

Observa, de seguida, exemplos da conjugação de três verbos regulares.

(1.ª conjugação) CANTAR							
INDICATIVO							
Presente	Pret. Perfeito		Pret. Imperfeito	Pret. Mais-Que-Perfeito		Futuro	
	SIMPLES	COMPOSTO		SIMPLES	COMPOSTO	SIMPLES	COMPOSTO
canto	cantei	tenho cantado	cantava	cantara	tinha cantado	cantarei	terei cantado
cantas	cantaste	tens cantado	cantavas	cantaras	tinhas cantado	cantarás	terás cantado
canta	cantou	tem cantado	cantava	cantara	tinha cantado	cantará	terá cantado
cantamos	cantámos	temos cantado	cantávamos	cantáramos	tinhamos cantado	cantaremos	teremos cantado
cantais	cantastes	tendes cantado	cantáveis	cantáreis	tinheis cantado	cantareis	tereis cantado
cantam	cantaram	têm cantado	cantavam	cantaram	tinham cantado	cantarão	terão cantado
CONJUNTIVO							
Presente	Pret. Perfeito		Pret. Imperfeito	Pret. Mais-Que-Perfeito		Futuro	
						SIMPLES	COMPOSTO
cante	tenha cantado		cantasse	tivesse cantado		cantar	tiver cantado
cantes	tenhas cantado		cantasses	tivesses cantado		cantares	tiveres cantado
cante	tenha cantado		cantasse	tivesse cantado		cantar	tiver cantado
cantemos	tenhamos cantado		cantássemos	tivéssemos cantado		cantarmos	tivermos cantado
cantéis	tenhais cantado		cantásseis	tivésseis cantado		cantardes	tiverdes cantado
cantem	tenham cantado		cantassem	tivessem cantado		cantarem	tiverem cantado
CONDICIONAL		IMPER.	INFINITIVO PESSOAL		INFINITIVO IMP.		
Presente	Pret. Perfeito						
			SIMPLES	COMPOSTO	SIMPLES	COMPOSTO	
cantaria	teria cantado	—	cantar	ter cantado	cantar	ter cantado	
cantarias	terias cantado	—	cantares	teres cantado			
cantaria	teria cantado	canta	cantar	ter cantado			
cantaríamos	teríamos cantado	cante	cantarmos	termos cantado	GER.	P. PAS.	
cantaríeis	teríeis cantado	cantemos	cantardes	terdes cantado			
cantariam	teriam cantado	cantai	cantarem	terem cantado	cantando	cantado	

(2.ª conjugação) COMER							
INDICATIVO							
Presente	Pret. Perfeito		Pret. Imperfeito	Pret. Mais-Que-Perfeito		Futuro	
	SIMPLES	COMPOSTO		SIMPLES	COMPOSTO	SIMPLES	COMPOSTO
como comes come comemos comeis comem	comi comeste comeu comemos comestes comeram	tenho comido tens comido tem comido temos comido tendes comido têm comido	comia comias comia comíamos comíeis comiam	comera comeras comera comêramos comêreis comeram	tinha comido tinhas comido tinha comido tínhamos comido tínheis comido tinham comido	comerei comerás comerá comeremos comereis comerão	terei comido terás comido terá comido teremos comido tereis comido terão comido
CONJUNTIVO							
Presente	Pret. Perfeito		Pret. Imperfeito	Pret. Mais-Que-Perfeito		Futuro	
						SIMPLES	COMPOSTO
coma comas coma comamos comais comam	tenha comido tenhas comido tenha comido tenhamos comido tenhais comido tenham comido		comesse comesse comesse comêssemos comêsseis comessem	tivesse comido tivesses comido tivesse comido tivéssemos comido tivésseis comido tivessem comido		comer comeres comer comermos comerdes comerem	tiver comido tiveres comido tiver comido tivermos comido tiverdes comido tiverem comido
CONDICIONAL			IMPER.	INFINITIVO PESSOAL		INFINITIVO IMP.	
Presente	Pret. Perfeito						
				SIMPLES	COMPOSTO	SIMPLES	COMPOSTO
comeria comerias comeria comeríamos comerieis comeriam	teria comido terias comido teria comido teríamos comido terieis comido teriam comido		— come coma comamos comei comam	comer comeres comer comermos comerdes comerem	ter comido teres comido ter comido termos comido terdes comido terem comido	comer GER. comendo	 P. PAS. comido

(3.ª conjugação) PARTIR							
INDICATIVO							
Presente	Pret. Perfeito		Pret. Imperfeito	Pret. Mais-Que-Perfeito		Futuro	
	SIMPLES	COMPOSTO		SIMPLES	COMPOSTO	SIMPLES	COMPOSTO
parto partes parte partimos partis partem	parti partiste partiu partimos partistes partiram	tenho partido tens partido tem partido temos partido tendes partido têm partido	partia partias partia partíamos partieis partiam	partira partiras partira partíramos partireis partiram	tinha partido tinhas partido tinha partido tínhamos partido tínheis partido tinham partido	partirei partirás partirá partiremos partireis partirão	terei partido terás partido terá partido teremos partido tereis partido terão partido
CONJUNTIVO							
Presente	Pret. Perfeito		Pret. Imperfeito	Pret. Mais-Que-Perfeito		Futuro	
						SIMPLES	COMPOSTO
parta partas parta partamos partais partam	tenha partido tenhas partido tenha partido tenhamos partido tenhais partido tenham partido		partisse partisses partisse partíssemos partísseis partissem	tivesse partido tivesse partido tivesse partido tivéssemos partido tivésseis partido tivessem partido		partir partires partir partirmos partirdes partirem	tiver partido tiveres partido tiver partido tivermos partido tiverdes partido tiverem partido
CONDICIONAL			IMPER.	INFINITIVO PESSOAL		INFINITIVO IMP.	
Presente	Pret. Perfeito						
				SIMPLES	COMPOSTO	SIMPLES	COMPOSTO
	partiria partirias partiria partiríamos partiríeis partiriam	teria partido terias partido teria partido teríamos partido teríeis partido teriam partido		— parte parta partamos parti partam	partir partires partir partirmos partirdes partirem	ter partido teres partido ter partido termos partido terdes partido terem partido	partir ter partido
				GER.	P. PAS.	partindo	partido

Os tempos compostos formam-se com o verbo auxiliar *ter* ou *haver* seguido do participípio passado do verbo principal ou copulativo. Se reparares, o verbo auxiliar toma as seguintes formas:

TEMPOS COMPOSTOS	Forma do verbo auxiliar INDICATIVO	Forma do verbo auxiliar CONJUNTIVO
Pretérito perfeito composto	Presente do indicativo <i>tenho cantado</i>	Presente do conjuntivo <i>tenha cantado</i>
Pretérito mais-que-perfeito composto	Pretérito imperfeito do indicativo <i>tinha cantado</i>	Pretérito imperfeito do conjuntivo <i>tivesse cantado</i>
Futuro composto	Futuro do indicativo <i>tereí cantado</i>	Futuro do conjuntivo <i>tiver cantado</i>

Alguns verbos apresentam duas formas de participípio passado: a forma fraca ou regular e a forma forte ou irregular. De um modo geral, a forma fraca usa-se com os verbos auxiliares *ter* ou *haver* (ou seja, na formação dos tempos compostos) e a forma forte é usada com os verbos auxiliares *ser* e *estar*.

FORMAS DO PARTICÍPIO PASSADO		
Forma fraca	aceitado imprimido	A Maria <i>tinha aceitado</i> a tua proposta caso a <i>tivesses</i> convidado. Talvez o João <i>tenha imprimido</i> os critérios de correção da Prova Final.
Forma forte	aceite impresso	O João <i>foi aceite</i> no campeonato de vela realizado no Estoril. Os critérios de correção <i>foram impressos</i> .

• Tipologia

Quanto à tipologia, os verbos podem ser regulares, irregulares ou defetivos.

TIPOS DE VERBOS			
Regulares	O radical mantém-se em todas as formas.		cantar <i>eu canto, tu cantas...</i>
Irregulares	O radical não se mantém em todas as formas.		ser <i>eu sou, tu és...</i>
Defetivos	Verbos que só se conjugam em algumas pessoas e tempos.		
	Impessoais	Só se conjugam na 3.ª pessoa do singular e não selecionam sujeito.	chover <i>chove</i> ✓ <i>chovo</i> ✗
	Unipessoais	Só se conjugam na 3.ª pessoa e exigem um sujeito específico.	miar <i>O gato mia.</i> ✓ <i>O Rui mia.</i> ✗

VERBOS PRONOMINAIS		
Verbos pronominais	Verbos acompanhados por um pronome pessoal átono (<i>me, te, se, nos, vos, se...</i>) que faz parte do verbo e não desempenha qualquer função sintática.	rir-se <i>eu rio-me, tu ris-te, ele ri-se, nós rimo-nos, vós rides-vos, eles riem-se</i>
Verbos pronominais reflexos e recíprocos	Verbos acompanhados por um pronome pessoal átono (<i>me, te, se, nos, vos, se...</i>) que desempenha a função de complemento direto ou indireto e se refere à mesma pessoa que o sujeito. A ação do sujeito recai sobre ele próprio (reflexo) ou a ação de cada um dos sujeitos incide sobre ambos (recíproco).	lavar-se <i>eu lavo-me, tu lavas-te, ele lava-se, nós lavamo-nos, vós lavais-vos, eles lavam-se</i> cumprimentar-se <i>nós cumprimentámo-nos</i>

Os pronomes pessoais átonos *o, a, os, as* assumem, em determinadas situações, as formas *lo, la, los, las* ou *no, na, nos, nas*:

– depois de formas verbais terminadas em **-r, -s** ou **-z**.

Ex.: *Vimos a Ana. Vimo-la.*

Faz o trabalho. Fá-lo.

Não sei escrever poemas. Não sei escrevê-los.

– depois de formas verbais terminadas em **-m** ou ditongo nasal.

Ex.: *Encontraram a Ana. Encontraram-na.*

Atenção!

O **-r, -s** ou **-z** cai e as vogais tónicas *a, e, o* antes de **-lo, -la, -los, -las** levam acento gráfico, agudo ou circunflexo.

Para além disso, qualquer pronome pessoal átono (formas de complemento direto e indireto) surgirá intercalado na forma verbal sempre que esta esteja conjugada no futuro do indicativo (simples ou composto) ou no condicional (presente ou pretérito). Assim, temos:

Futuro simples do indicativo	Condicional presente
Cantarei o fado. Cantá-lo-ei. Comerei o chocolate. Comê-lo-ei. Permitirei o acesso. Permitir-lo-ei.	Cantaria o fado. Cantá-lo-ia. Comeria o chocolate. Comê-lo-ia. Permitiria o acesso. Permitir-lo-ia.

Repara que ao intercalar o pronome átono *o*, este fica antecedido por *r*. Assim, o *r* cai e o pronome assume a forma *lo*.

Apresentamos-te, na página a seguir, um exemplo de conjugação, em todos os tempos, de um verbo pronominal e de um verbo transitivo direto conjugado com o pronome *o*. Destacámos as formas que, pela posição do pronome, poderão suscitar mais dificuldades.

RIR-SE								
INDICATIVO								
Presente	Pret. Perfeito		Pret. Imperfeito	Pret. Mais-Que-Perfeito		Futuro		
	SIMPLES	COMPOSTO		SIMPLES	COMPOSTO	SIMPLES	COMPOSTO	
rio-me ris-te ri-se rimo-nos rides-vos riem-se	ri-me riste-te riu-se rimo-nos ristes-vos riam-se	tenho-me rido tens-te rido tem-se rido temo-nos rido tendes-vos rido têm-se rido	ria-me rias-te ria-se riamo-nos rieis-vos riam-se	rira-me riras-te rira-se riamo-nos rireis-vos riam-se	tinha-me rido tinhas-te rido tinha-se rido tinhamo-nos rido tinheis-vos rido tinham-se rido	rir-me-ei rir-te-ás rir-se-á rir-nos-emos rir-vos-eis rir-se-ão	ter-me-ei rido ter-te-ás rido ter-se-á rido ter-nos-emos rido ter-vos-eis rido ter-se-ão rido	
CONJUNTIVO								
Presente	Pret. Perfeito	Pret. Imperfeito	Pret. Mais-Que-Perfeito	Futuro				
				SIMPLES	COMPOSTO			
me ria te rias se ria nos ríamos vos riais se riam	tenha-me rido tenhas-te rido tenha-se rido tenhamo-nos rido tenhais-vos rido tenham-se rido	me risse te risses se risse nos ríssemos vos rísseis se rissem	tivesse-me rido tivesses-te rido tivesse-se rido tivéssemo-nos rido tivésseis-vos rido tivessem-se rido	me rir te rires se rir nos rirmos vos rirdes se rirem	me tiver rido te tiveres rido se tiver rido nos tivermos rido vos tiverdes rido se tiverem rido			
CONDICIONAL		IMPER.	INFINITIVO PESSOAL		INFINITIVO IMP.			
Presente	Pret. Perfeito				SIMPLES	COMPOSTO	SIMPLES	COMPOSTO
rir-me-ia rir-te-ias rir-se-ia rir-nos-íamos rir-vos-íeis rir-se-iam	ter-me-ia rido ter-te-ias rido ter-se-ia rido ter-nos-íamos rido ter-vos-íeis rido ter-se-iam rido	— ri-te ria-se riamo-nos ride-vos riam-se	rir-me rires-te rir-se rirmo-nos rirdes-vos rirem-se	ter-me rido teres-te rido ter-se rido termo-nos rido terdes-vos rido terem-se rido	rir-se	ter-se rido		
							GER.	P. PAS.
							rindo-se	rido

AMÁ-LO							
INDICATIVO							
Presente	Pret. Perfeito		Pret. Imperfeito	Pret. Mais-Que-Perfeito		Futuro	
	SIMPLES	COMPOSTO		SIMPLES	COMPOSTO	SIMPLES	COMPOSTO
amo-o ama-lo ama-o amamo-lo amai-lo amam-no	amei-o amaste-o amou-o amámo-lo amaste-lo amaram-no	tenho-o amado tem-lo amado tem-no amado temo-lo amado tende-lo amado têm-no amado	amava-o amava-lo amava-o amávamo-lo amávei-lo amavam-no	amara-o amara-lo amara-o amáramo-lo amárei-lo amaram-no	tinha-o amado tinha-lo amado tinha-o amado tínhamo-lo amado tínhei-lo amado tinham-no amado	amá-lo-ei amá-lo-ás amá-lo-á amá-lo-emos amá-lo-eis amá-lo-ão	tê-lo-ei amado tê-lo-ás amado tê-lo-á amado tê-lo-emos amado tê-lo-eis amado tê-lo-ão amado
CONJUNTIVO							
Presente	Pret. Perfeito		Pret. Imperfeito	Pret. Mais-Que-Perfeito		Futuro	
						SIMPLES	COMPOSTO
o ame o ames o ame o amemos o ameis o amem	tenha-o amado tenha-lo amado tenha-o amado tenhamo-lo amado tenhai-lo amado tenham-no amado		o amasse o amasses o amasse o amássemos o amásseis o amassem	tivesse-o amado tivesse-lo amado tivesse-o amado tivéssemo-lo amado tivéssei-lo amado tivessem-no amado		o amar o amares o amar o amarmos o amardes o amarem	o tiver amado o tiveres amado o tiver amado o tivermos amado o tiverdes amado o tiverem amado
CONDICIONAL			IMPER.	INFINITIVO PESSOAL		INFINITIVO IMP.	
Presente	Pret. Perfeito						
				SIMPLES	COMPOSTO	SIMPLES	COMPOSTO
amá-lo-ia amá-lo-ias amá-lo-ia amá-lo-íamos amá-lo-íeis amá-lo-iam	tê-lo-ia amado tê-lo-ias amado tê-lo-ia amado tê-lo-íamos amado tê-lo-íeis amado tê-lo-iam amado		— ama-o ame-o amemo-lo amai-o amem-no	amá-lo amare-lo amá-lo amarmo-lo amarde-lo amarem-no	tê-lo amado tere-lo amado tê-lo amado termo-lo amado terde-lo amado terem-no amado	amá-lo amando-o	tê-lo amado amado
						GER.	P. PAS.

• Subclasses

Quanto à subclasse, o verbo pode ser principal, auxiliar ou copulativo.

VERBO PRINCIPAL (núcleo do grupo verbal)		
Intransitivo	seleciona sujeito; não seleciona complementos	<i>Eu canto.</i>
Transitivo direto	além do sujeito, seleciona um complemento direto	<i>Eu comprei um tablet. ✓</i> <i>Eu comprei-o. ✓</i> <i>Eu comprei. ✗</i>
Transitivo indireto	seleciona sujeito e: – um complemento indireto ou – um complemento oblíquo	<i>Eu telefonei à Ana. ✓</i> <i>Eu telefonei-lhe. ✓</i> <i>Eu telefonei. ✗</i> <i>O António foi a Varsóvia, capital da Polónia. ✓</i> <i>O António foi. ✗</i>
Transitivo direto e indireto	seleciona sujeito e dois complementos: – um complemento direto e um indireto – um complemento direto e um oblíquo	<i>O Rodrigo dedicou um belíssimo poema de Camões à Ana. ✓</i> <i>Ele dedicou-o à Ana. ✓</i> <i>Ele dedicou-lhe um belíssimo poema de Camões. ✓</i> <i>Ele dedicou-lho. ✓</i> <i>O Rodrigo dedicou à Ana. ✗</i> <i>O Rodrigo dedicou um belíssimo poema de Camões. ✗</i> <i>O Jorge pôs o CD no leitor. ✓</i> <i>O Jorge pô-lo no leitor. ✓</i> <i>O Jorge pôs o CD. ✗</i> <i>O Jorge pôs no leitor. ✗</i>
Transitivo-predicativo	seleciona sujeito, um complemento direto e um predicativo do complemento direto	<i>A Helena considerou a questão pertinente. ✓</i> <i>A Helena considerou-a pertinente. ✓</i> <i>A Helena considerou a questão. ✗</i> <i>A Helena considerou pertinente. ✗</i>

VERBO AUXILIAR [precede o verbo principal ou copulativo, formando, com ele, um complexo verbal , isto é, uma sequência de verbos em que apenas um é principal e o(s) outro(s) é(são) auxiliar(es)]		
dos tempos compostos	seleciona sujeito; não seleciona complementos	<i>Tenho trabalhado muito.</i> <i>O Matias havia saído de casa.</i>
da passiva	verbo <i>ser</i> seguido do particípio passado do verbo principal (cf. p. 130)	<i>Cem anos de solidão foi escrito por Gabriel García Márquez.</i>
temporal	verbos <i>haver de</i> e <i>ir</i> seguidos de verbo principal no infinitivo – este complexo verbal tem valor de futuro	<i>Um dia hei de visitar a cidade do Cabo na África do Sul.</i> <i>As energias renováveis vão proliferar no futuro.</i>
aspetual	alguns complexos verbais formados por certos verbos auxiliares seguidos de verbo principal no infinitivo fornecem indicação sobre a fase de desenvolvimento da ação (valor aspetual), podendo destacar:	

	• o início da ação <i>começar a</i> + infinitivo • a continuidade da ação <i>estar a, continuar a, andar a...</i> + infinitivo • a conclusão da ação <i>acabar de, deixar de...</i> + infinitivo	<i>A Adriana começou a frequentar um curso de mandarim, a língua oficial da China.</i> <i>A Adriana continua a frequentar o curso de mandarim.</i> <i>A Adriana acabou de frequentar o curso de mandarim.</i>
modal	Alguns complexos verbais formados por certos verbos auxiliares seguidos de verbo principal no infinitivo indicam valor de: • possibilidade <i>poder</i> + infinitivo • obrigatoriedade <i>ter de</i> + infinitivo • probabilidade <i>dever</i> + infinitivo	<i>Eu posso marcar o encontro para amanhã.</i> <i>Eu tenho de marcar o encontro para amanhã.</i> <i>Eu devo marcar o encontro para amanhã.</i>

VERBO COPULATIVO	
Trata-se de um verbo que estabelece a ligação entre o sujeito e o elemento com a função sintática de predicativo do sujeito (cf. p. 133). São verbos copulativos, entre outros, os verbos: <i>ser, estar, permanecer, parecer, continuar, ficar</i>, etc.	<i>O Henrique ficou interessado em saber mais sobre o espetacular fenómeno da aurora boreal.</i>



Vê

Questão · Exame nacional 2012 (1.ª chamada)

A. Lê a frase seguinte.

Consultaremos um dicionário eletrónico.

Reescreve a frase, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado.

Faz apenas as alterações necessárias.

Percurso

A. Primeiro identifica a função sintática do constituinte sublinhado. Verifica-se que é o complemento direto. Assim, o pronome pessoal adequado, tendo em conta o género e número do nome que constitui o núcleo do grupo nominal, é *o*. De seguida, deves imediatamente verificar se a forma verbal está no condicional ou no futuro, pois, nestes dois tempos, o pronome terá de ser intercalado.

Constata-se que se trata do futuro. Ao intercalar o pronome *este* fica antecedido de *-r*. Assim, toma a forma de *lo*, o *-r* verbal cai e a vogal anterior, por se tratar de um *a*, ganha acento agudo. Assim, temos: Consultá-lo-emos.

Resposta

A. Consultá-lo-emos.

B. Classifica a forma verbal sublinhada na frase seguinte, indicando pessoa, número, tempo e modo.

Espero que a Maria tenha trazido o dicionário.

► Percurso

B. Trata-se de um tempo composto (verbo auxiliar *ter* + particípio passado do verbo principal). Quando assim for, terás de identificar o modo do verbo auxiliar: trata-se do modo conjuntivo. De seguida, deves prestar atenção ao tempo do verbo auxiliar:

- verbo auxiliar no presente do conjuntivo – pretérito perfeito composto
- verbo auxiliar no pretérito imperfeito do conjuntivo – pretérito mais-que-perfeito composto

- verbo auxiliar no futuro do conjuntivo – futuro composto

Constata-se que o tempo do auxiliar é o presente do conjuntivo, logo o tempo do complexo verbal é o pretérito perfeito composto do conjuntivo. A pessoa é a 3.^a e o número é singular.

Resposta

B. Verbo “trazer” no pretérito perfeito composto do conjuntivo, na 3.^a pessoa do singular.



Vê

Questão · Exame nacional 2012 (2.^a chamada)

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

1. A frase que inclui uma forma verbal no futuro composto do indicativo é
 - a) Os turistas poderão acreditar na lenda?
 - b) Alguns fósseis foram encontrados nas falésias.
 - c) Os turistas terão acreditado na lenda?
 - d) Alguns fósseis seriam encontrados nas falésias
2. A frase que inclui uma forma verbal no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é
 - a) Muitos vestígios de dinossauros eram encontrados nesta região.
 - b) Os dinossauros tinham vivido nesta região.
 - c) Os dinossauros tinham de viver nesta região.
 - d) Muitos vestígios de dinossauros podiam ser encontrados nesta região.

► Percurso

Nos dois casos, a pergunta incide sobre tempos compostos. Assim, a primeira estratégia comum será excluir as opções em que o verbo principal não esteja no particípio passado. Nestes dois exercícios essa estratégia será suficiente para encontrar a opção correta.

Em 1., excluem-se as opções:

- a) – o verbo principal está no infinitivo;
- b) e d) – o verbo principal encontra-se no particípio passado, é certo, mas essa forma concorda em número com o sujeito, o que não

acontece nos tempos compostos; nestes é o verbo auxiliar que estabelece a concordância com o sujeito; trata-se de uma construção passiva – cf. p. 130);

Em 2., podemos excluir as opções:

- a) e d) – pelas mesmas razões que as indicadas acima para as opções b) e d);
- c) – verbo principal no infinitivo.

Resposta

1. c); 2. b)

Interjeição

É uma classe aberta de palavras invariáveis que se utilizam para traduzir reações emocionais.

O sentido da interjeição depende do contexto e da entoação (na oralidade). Na escrita, surge acompanhada de ponto de exclamação. Incluem-se nesta classe as locuções interjetivas que são conjuntos de duas ou mais palavras com a mesma função da interjeição.

Encontras, na página seguinte, alguns exemplos de interjeições e locuções interjetivas.

REAÇÃO EMOTIVA	INTERJEIÇÃO	LOCUÇÃO INTERJETIVA
Admiração, surpresa	Ah! Oh!	Essa é boa!
Impaciência	Irra! Bolas! Poça!	Raios te partam!
Encorajamento	Força! Vamos!	Para a frente!
Cansaço	Uf! Ah!	Estou que nem posso!
Indignação	Irra!	Ora bolas!
Medo	Ai! Ui!	Cruzes credo!

Advérbio

É uma classe aberta de palavras invariáveis em género e número. O advérbio tem valores semânticos diversos e organiza-se em subclasses. As locuções adverbiais são conjuntos de palavras (normalmente compostas por preposição e nome) que funcionam como um advérbio.

ADVÉRBIOS	
Valores semânticos	
de afirmação	sim
de negação	não
de inclusão e exclusão	só, apenas, até, exceto, mesmo...
de quantidade e grau	bastante, muito, menos, apenas, demasiado...
de tempo	hoje, amanhã, tarde, cedo, agora, nunca...
de lugar	cá, ali, acolá, longe, perto, acima...
Funções	
interrogativo	onde, quando, porquê
conectivo	primeiramente, seguidamente, portanto, pois, assim
LOCUÇÕES ADVERBIAIS	
com certeza, em breve, sem dúvida, com efeito, ao acaso, em silêncio...	

- Estes advérbios desempenham a função sintática de modificadores (de grupos verbais, adjetivais, nominais, preposicionais, de frase...). No entanto, os advérbios de tempo, de lugar e de modo, para além da função de modificadores, podem constituir um complemento oblíquo ou um predicativo do sujeito.

Ex.: O Rui mora cá. → complemento oblíquo

O Rui está cá. → predicativo do sujeito

O Rui trabalha muito. → modificador de grupo verbal

- Os advérbios conectivos estabelecem diversas relações de sentido entre frases (consequência, contraste, ordenação...). Distinguem-se das conjunções do mesmo tipo (cf. p. 167) por poderem surgir, por exemplo, entre o sujeito e o predicado.

Ex.: Foi uma dura prova. A Fátima, porém, conseguiu ultrapassá-la.



• Questão 1

Lê a frase seguinte.

Foi uma bela refeição de peixe-espada grelhado e grão-de-bico.

Reescreve a frase no plural.

• Questão 2

Lê a frase seguinte.

São pessoas amáveis.

Reescreve a frase, usando o adjetivo no grau superlativo sintético.

• Questão 3

Nas frases que se seguem, substitui as expressões sublinhadas por um pronome pessoal adequado.

- a) O filho da D. Antónia entregará os livros amanhã.
- b) Faz o exercício, por favor.
- c) Faria as contas de imediato se pudesse.
- d) A Rita e o Simão apresentaram os seus relatórios.
- e) Nós teríamos visto a Daniela se tivéssemos chegado antes.

• Questão 4

Completa cada uma das frases seguintes com a forma do verbo apresentado entre parênteses, no tempo e no modo indicados.

- a) Pretérito imperfeito do conjuntivo
A Adriana pediu que _____ (*dar*) o meu melhor.
- b) Futuro simples do conjuntivo
Se _____ (*poder*), traz-me aquele *dossier*, por favor.
- c) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
O Simão já _____ (*corrigir*) o exercício quando a Sara chegou.
- d) Pretérito perfeito do indicativo
Eu não _____ (*intervir*) na discussão para ver se os ânimos acalmavam.
- e) Pretérito perfeito do indicativo
Nós _____ (*obter*) excelentes notas nas provas finais!

Cf. soluções • p. 251

CLASSES FECHADAS

Determinante

É uma classe fechada de palavras que antecedem o nome e o especificam. O determinante pode variar em gênero, número e pessoa e integra-se em diferentes subclasses.

DETERMINANTES ARTIGOS

Artigos definidos: sublinham a especificidade do nome que antecedem.	SINGULAR		PLURAL	Exemplo
	masculino	o	os	
	feminino	a	as	

O livro é meu.

Artigos indefinidos: sublinham a indeterminação do nome que antecedem.	SINGULAR		PLURAL	Exemplo
	masculino	um	uns	
	feminino	uma	umas	

Comprei um livro.

DETERMINANTES DEMONSTRATIVOS

	SINGULAR		PLURAL		Exemplo
	masculino	feminino	masculino	feminino	
	este	esta	estes	estas	
Indicam a posição de um objeto ou ser relativamente à pessoa que fala.	esse	essa	esses	essas	<u>Este</u> livro é meu.
	aquele	aquela	aqueles	aquelas	
	o mesmo	a mesma	os mesmos	as mesmas	<u>Aquela</u> casa é ecointeligente.
	o outro	a outra	os outros	as outras	
	tal	tal	tais	tais	

DETERMINANTES POSSESSIVOS

	SINGULAR		PLURAL		Exemplo
	masculino	feminino	masculino	feminino	
	meu	minha	meus	minhas	
Indicam a posse por parte de um ou mais sujeitos.	teu	tua	teus	tuas	<u>O meu</u> computador avariou.
	seu	sua	seus	suas	
	nosso	nossa	nossos	nossas	
	vosso	vossa	vossos	vossas	<u>A nossa</u> escola foi premiada.
	seu	sua	seus	suas	

DETERMINANTES INDEFINIDOS

	SINGULAR		PLURAL		Exemplo
	masculino	feminino	masculino	feminino	
	certo	certa	certos	certas	
Indicam a indeterminação do nome que antecedem.	outro	outra	outros	outras	<u>Certos</u> dias são importantes.

DETERMINANTES INTERROGATIVOS					
Ocorrem com um nome em construções interrogativas.	VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
	SINGULAR		PLURAL		Exemplo
	masculino	feminino	masculino	feminino	
	qual	qual	quais	quais	que
					<i>Que jogo compraste?</i>

DETERMINANTES RELATIVOS				
Ocorrem com um nome no início de uma oração relativa.	SINGULAR		PLURAL	Exemplo
	masculino	feminino		
		cujo	cujos	<i>Os alunos <u>cujos</u> resultados forem superiores a 75% passam para a segunda etapa.</i>
		cua	cuas	

Quantificador

É uma classe fechada de palavras que geralmente antecedem o nome e o especificam em termos de quantidade, número ou parte. O quantificador pode variar em género e número e integra-se em diferentes subclasses.

Subclasses	Elementos	Exemplo
UNIVERSAL Remete para a totalidade dos elementos de um conjunto.	todo, toda, todos, todas qualquer, quaisquer nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhuma ambos, ambas tudo, cada	<i><u>Todos</u> os alunos obtiveram sucesso escolar.</i>
EXISTENCIAL Remete para parte dos elementos de um conjunto, sem especificar quantidade.	algum, alguma, alguns, algumas bastante, bastantes muito, muita, muitos, muitas pouco, pouca, poucos, poucas tanto, tanta, tantos, tantas vário, vária, vários, várias	<i><u>Alguns</u> alunos obtiveram sucesso escolar.</i>
RELATIVO Introduz uma oração relativa, concordando em género e número com o nome que o antecede.	quanto, quanta, quantos, quantas	<i>Comi <u>tantos</u> [brócolos] <u>quantos</u> havia!</i>
INTERROGATIVO Introduz construções interrogativas; interroga sobre a quantidade de elementos designados pelo nome que surge depois dele.	quanto, quanta, quantos, quantas	<i><u>Quantos</u> discos de vinil tens?</i> <i>Não sei <u>quantos</u> dias faltam.</i>
NUMERAL Remete para uma quantidade precisa. Nota: Frequentemente, os numerais multiplicativos e fracionários são expressos por meio de locuções (metade de, dobro de...)	Cardinal: um, dois, três, quatro... Multiplicativo: dobro, triplo, quádruplo... Fracionário: meio, terço, quarto	Tenho <u>setenta</u> discos de vinil, <u>metade dos</u> meus CD.

Pronome

É uma classe fechada de palavras que substituem um grupo nominal. Pode variar em género, número, pessoa e caso e integra-se em diferentes subclasses: pessoais, demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos.

Atenção!

Ao contrário dos determinantes e quantificadores que, salvo raras exceções, precedem um nome, os pronomes substituem nomes/grupos nominais, logo **NÃO SÃO SEGUIDOS DE NOME!**

PRONOMES PESSOAIS

número / pessoa	Função sintática				
		sujeito	complemento direto	complemento indireto	complemento agente da passiva
singular	1. ^a	eu	me	me	mim, comigo
	2. ^a	tu	te	te	ti, contigo
	3. ^a	ele	o, a, se	lhe	si, ele/ela, consigo
plural	1. ^a	nós	nos	nos	nós, connosco
	2. ^a	vós	vos	vos	vós, convosco
	3. ^a	eles	os, as, se	lhes	si, eles/elas, consigo

- As formas dos complementos direto e indireto surgem habitualmente antes do verbo, mas poderão também surgir depois deste (cf. p. 164) ou no seu interior (cf. p. 154). Estas formas são designadas de átonas (por não terem acentuação própria); as restantes formas dos pronomes pessoais dizem-se tónicas (possuem acento próprio).

- Os pronomes **o, a, os, as** podem assumir formas diferentes nas seguintes situações:

– depois de formas verbais terminadas em **-r, -s** ou **-z**, passando a **lo, la, los** ou **las**.

Ex.: Não sei escrever poemas. Não sei escrevê-**los**.

Vimos a Ana. Vimo-**la**.

Faz o trabalho. Fá-**lo**.

Atenção!

O **-r, -s** ou **-z** cai e as vogais tónicas **a, e, o** antes de **-lo, -la, -los, -las** levam acento gráfico, agudo ou circunflexo.

– depois de formas verbais terminadas em **-m** ou ditongo nasal, passando a **no, na, nos, nas**

Ex.: Encontraram a Ana. Encontraram-**na**.

- É possível combinar os pronomes pessoais de complemento indireto e direto (3.^a pessoa) numa só forma: *me + o = mo, te + o = to, lhe + o = lho, nos + o = no-lo, vos + o = vo-lo, lhes + o = lho* (o mesmo procedimento se aplica às restantes formas do complemento direto – *a, os, as*).

Ex.: Ofereci dois bilhetes de cinema à Raquel.

Ofereci-os à Raquel.
CD

Ofereci-lhe os bilhetes de cinema.
CI

Ofereci-lhos.
CD + CI

- A colocação dos pronomes pessoais com função de complemento direto e indireto ocorre, regra geral, depois do verbo, mas pode surgir no interior do verbo (cf. p. 154) ou antes dele. Resumidamente, surge antes:
 - em frases negativas ou com algum elemento de sentido negativo
Ex.: Não o li. Nunca o li.
 - em frases subordinadas
Ex.: A Ana disse que o tinha lido.
 - com alguns advérbios e certos quantificadores/pronomes indefinidos
Ex.: Talvez o leia. Alguém o irá ler.
- Atenção ao pronome pessoal *se*, pois este pode desempenhar diferentes funções sintáticas ou remeter para determinadas estruturas frásicas.

se reflexo	complemento direto	<i>Ele vê-se ao espelho.</i>
se recíproco	complemento indireto	<i>Eles abraçam-se.</i>
se impessoal	sujeito indeterminado	<i>Diz-se que ele é um excelente aluno.</i> (= Há quem diga...)
se passivo	partícula apassivante	<i>Vende-se gelados.</i> (= Gelados são vendidos)

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

	VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS	
	SINGULAR		PLURAL			Exemplo
	masculino	feminino	masculino	feminino		
Indicam a posição de um objeto ou ser relativamente à pessoa que fala.	este	esta	estes	estas	isto	<i>Este livro é meu e</i>
	esse	essa	esses	essas	isso	<i>esse é teu.</i>
	aquele	aquela	aqueles	aquelas	aquilo	<i>Aquilo chateia-me.</i>
	o mesmo	a mesma	os mesmos	as mesmas		
	o outro	a outra	os outros	as outras		
	tal	tal	tais	tais		
	o	a	os	as		

Nota: Repara nos demonstrativos do primeiro exemplo. “Este” é determinante pois é seguido do nome que determina (“livro”); “esse” é pronome e, como tal, não é seguido de nome!

PRONOMES POSSESSIVOS

Indicam a posse por parte de um ou mais sujeitos.	Um possuidor	SINGULAR		PLURAL		Exemplo
		masculino	feminino	masculino	feminino	
		meu	minha	meus	minhas	
		teu	tua	teus	tuas	
	Vários possuidores	seu	sua	seus	suas	
nosso		nossa	nossos	nossas		
vosso		vossa	vossos	vossas		
		seu	sua	seus	suas	

Nota: Repara nos possessivos do exemplo. “meu” é determinante pois é seguido do nome que determina (“computador”) “teu” é pronome e, como tal, não é seguido de nome!

PRONOMES INDEFINIDOS

	VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS	Exemplo
	SINGULAR		PLURAL			
	masculino	feminino	masculino	feminino		
Indicam indeterminação ou quantidade imprecisa.	algum	alguma	alguns	algumas	alguém	<i>Ninguém é dono da verdade.</i>
	nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas	algo	
	todo	toda	todos	todas	ninguém	
	muito	muita	muitos	muitas	tudo	
	pouco	pouca	poucos	poucas	cada	
	tanto	tanta	tantos	tantas	nada	
	outro	outra	outros	outras		
	qualquer	qualquer	quaisquer	quaisquer		<i>Certas tarefas são um desafio, <u>outras</u> não.</i>
	vário	vária	vários	várias		

Nota: Repara mais uma vez na diferença entre os vocábulos “certas” e “outras” no segundo exemplo: o primeiro é um determinante, o segundo, um pronome.

PRONOMES INTERROGATIVOS

	VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS	
	SINGULAR		PLURAL			
	masculino	feminino	masculino	feminino		Exemplo
Ocorrem em construções interrogativas.	qual	qual	quais	quais	que	<u>Que</u> compraste?
	quanto	quanta	quantos	quantas	quê	
					quem	
					como	
					onde	<u>Onde</u> moras?

PRONOMES RELATIVOS

Introduzem orações relativas que caracterizam um nome antecedente.	VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS	
	SINGULAR		PLURAL		que	Exemplo
	masculino	feminino	masculino	feminino		
	o qual	a qual	os quais	as quais	quem	<i>Os alunos <u>que</u> venceram o concurso vão a Oslo, a capital da Noruega.</i>
					onde	



Questão · Exame nacional 2011 (época especial)

Reescreve cada uma das frases seguintes, iniciando a frase que escreveres pela palavra indicada entre parênteses. Faz apenas as alterações necessárias.

- a) As notícias do jornal referiam-se a catástrofes. (**Todas**)
b) Encontramo-nos logo na conferência de imprensa. (**Talvez**)
c) Disseram-me que ele tinha sido entrevistado. (**Ninguém**)

Percurso

Podes verificar que todas as palavras com que terás de iniciar a tua frase são elementos que exigem a colocação do pronome pessoal átono antes da forma verbal. No entanto, não te podes limitar a proceder a esta alteração. Nalguns casos, terás de fazer os ajustes necessários no que diz respeito à adequação do modo verbal e à concordância sujeito-verbo: na alínea b), “Talvez” introduz na frase a noção de “probabilidade”, tornando necessário o uso do modo conjuntivo; na alínea c), a palavra “Ninguém” faz com que o sujeito passe para o singular, o que implica alterar a forma verbal do plural para o singular, de forma a assegurar a concordância sujeito-verbo. Assim, temos:

- a) Todas as notícias do jornal se referiam a catástrofes.
- b) Talvez nos encontremos logo na conferência de imprensa.
- c) Ninguém me disse que ele tinha sido entrevistado.

Resposta

a) Todas as notícias do jornal se referiam a catástrofes. b) Talvez nos encontremos logo na conferência de imprensa. c) Ninguém me disse que ele tinha sido entrevistado.



Agora Tu • Questão 5

Reescreve cada uma das frases seguintes, iniciando-as pela(s) palavra(s) indicada(s) entre parênteses e substituindo o constituinte sublinhado sempre que aplicável. Faz todas as alterações necessárias para obteres frases corretas.

- a) O António encontrá-las-á.
(Julgo que)
- b) A Maria devolver-me-á os livros logo que possa.
(Não me parece que)
- c) Obteremos bons resultados.
(Talvez)
- d) Contacto-vos frequentemente.
(Nunca)
- e) Faz-lhe essa pergunta.
(Não)
- f) Disseram-me que ias participar no concurso.
(Alguém)

Cf. soluções • p. 251

Conjunção

É uma classe fechada de palavras invariáveis usadas para unir orações ou constituintes coordenados (cf. p. 138) ou para introduzir orações subordinadas (cf. p. 139). Uma conjunção pode integrar-se em diferentes subclasses de acordo com a relação de sentido que estabelece entre as partes ligadas.

As locuções conjuncionais são conjuntos de palavras com a mesma função da conjunção.

• Conjunções/Locuções coordenativas

	Conjunções	Locuções	Sentido
copulativas	e, nem	não só... mas também	adição
adversativas	mas, porém*, todavia*, contudo*	no entanto*, não obstante*, apesar disso*	oposição
disjuntivas	ou	ou...ou, quer...quer, ora...ora	alternativa
conclusivas	logo, pois*, portanto*	por conseguinte*, por consequência*	conclusão
explicativas	pois, porquanto	————	explicação

* São conjunções/locuções em início de elemento coordenado; noutras posições, podem funcionar como advérbios/locuções adverbiais conectivos.

• Conjunções/Locuções subordinativas

	Conjunções	Locuções	Sentido
temporais	quando, enquanto, mal	sempre que, à medida que, logo que, depois que, antes que, até que	oração introduzida exprime tempo
causais	porque, pois, como	uma vez que, dado que, visto que, já que	oração introduzida exprime causa
condicionais	se	contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a não ser que	oração introduzida exprime condição
 finais	que (= para que), para	a fim de que, para que	oração introduzida exprime finalidade
comparativas	como, conforme, segundo	mais... do que, menos... do que, tão... como, tanto... como, tal... qual, bem como, assim como	oração introduzida contém segundo termo da comparação
consecutivas	(tanto / tal / de tal modo) que	de modo que, de maneira que	oração introduzida exprime consequência
concessivas	embora, conquanto	se bem que, ainda que, se bem que, mesmo que	oração introduzida exprime concessão (oposição sem pos- sibilidade de impedimento)
completivas	que, se, para	————	oração introduzida completa o sentido da anterior

Atenção!

Como sabes, as conjunções e locuções coordenativas e subordinativas são usadas para formar frases complexas. Este é um tópico que frequentemente surge em prova. Consulta, por isso, as páginas 138-139.

Preposição

É uma classe fechada de palavras invariáveis usadas para estabelecer relações de sentido entre elementos de uma frase. As locuções prepositivas são conjuntos de palavras com a mesma função da preposição.

PREPOSIÇÕES			LOCUÇÕES PREPOSITIVAS	
a	contra	por	abaixo de	graças a
ante	de	segundo	acerca de	para baixo de
após	desde	sem	além de	para com
até	em	sob	ao pé de	por cima de
com	entre	sobre	atrás de	por entre
conforme	para	trás	depois de	...
consoante	perante		em vez de	

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Há dois grandes processos de formação de palavras: a **derivação** (acrescento de um afixo a uma forma de base) e a **composição** (associação de duas ou mais formas de base). Existem, ainda, processos irregulares de criação de novas palavras.

DERIVAÇÃO		
Derivação afixal	por prefixação adição de um prefixo à forma de base	<i>desigual</i>
	por sufixação adição de um sufixo à forma de base	<i>igualmente</i>
	por prefixação e sufixação adição de um prefixo e de um sufixo à forma de base	<i>desigualmente</i>
	parassíntese adição simultânea de um prefixo e de um sufixo à forma de base, não sendo possível retirar nenhum dos afixos	<i>entardecer</i> <i>entarde</i> ✗ <i>tardecer</i> ✗
Derivação não afixal	criação de nomes a partir de um radical verbal	<i>trocar</i> - <i>troca</i> <i>abraçar</i> - <i>abraço</i>
Conversão	inclusão de um vocábulo numa classe de palavras diferente sem qualquer alteração da sua forma	<i>jantar</i> (verbo) (o) <i>jantar</i> (nome)

COMPOSIÇÃO	
Morfológica associação de radicais ou de um radical e uma palavra, através, geralmente, de uma vogal de ligação (<i>i</i> ou <i>o</i>)	<i>bibliografia</i> <i>herbívoro</i>
Morfossintática associação de duas ou mais palavras	<i>guarda-chuva</i> <i>pontapé</i>

Atenção!

Uma “família de palavras” é um conjunto de palavras, formadas por derivação ou composição, com o mesmo radical. Ex: *mar*, *maré*, *maresia*, *marinheiro*, *marear*, *marítimo*, *maremoto*.

PROCESSOS IRREGULARES

Sigla	palavra formada com as letras iniciais de um conjunto de palavras; pronuncia-se letra a letra	<i>FMI = Fundo Monetário Internacional</i>
Acrônimo	palavra formada a partir das letras ou sílabas iniciais de um grupo de palavras; pronuncia-se como uma palavra	<i>ONU = Organização das Nações Unidas</i>
Onomatopeia	palavra que reproduz um som	<i>trriim</i> (despertador)
Empréstimo	palavra importada de outra língua	<i>croissant</i> (do francês)
Truncação	palavra criada pela omissão de parte do vocábulo original	<i>manif</i> (de manifestação)
Amálgama	palavra resultante da união de partes de duas ou mais palavras	<i>informática = informação + automática</i>
Extensão semântica	atribuição de um significado novo a uma palavra já existente	<i>janela</i> (no contexto informático)

RELAÇÕES SEMÂNTICAS ENTRE PALAVRAS

Algumas palavras estabelecem entre si relações de sentido (de hierarquia, de semelhança/oposição...).

RELAÇÕES SEMÂNTICAS ENTRE PALAVRAS

Hiperonímia / Hiponímia	relação de hierarquia entre palavras: o significado mais geral de uma (hiperónimo) inclui o significado de outras (hipónimos)	<i>flor</i> (hiperónimo) <i>rosa, tulipa, estrelícia</i> (hipónimos)
Holonímia / Meronímia	relação de parte-todo entre as palavras: a palavra que designa o todo é o holónimo; a palavra que designa a parte é o merónimo	<i>flor</i> (holónimo) <i>raiz, folha, caule, pétala</i> (merónimos)
Sinonímia	relação de identidade de sentido entre palavras	<i>casa = habitação</i>
Antonímia	relação de oposição de sentido entre palavras	<i>grande ≠ pequeno</i>

Atenção!

Campo lexical – conjunto de palavras relacionadas com um determinado conceito. Ex.: *escola, aluno, professor, exames, teste*.

Campo semântico – conjunto de significados possíveis para uma mesma palavra, em função do contexto. Ex.: *ter problemas de coração; ser um coração mole; ter o coração na boca*.

**Questão • Exame nacional 2011 (2.ª chamada)**

Qual dos seguintes conjuntos apresenta apenas palavras que, quanto ao processo de formação, são derivadas por sufixação?

- a) amendoeira – girassol – madressilva – malmequer
- b) arborização – cultivável – florista – jardinagem
- c) beija-flor – desflorestação – floral – florescer
- d) desfolhar – folhagem – folhear – mil-folhas

▶ Percurso

Pelo uso do hífen, percebe-se que as opções c) e d) contêm palavras compostas. Assim, podes eliminar estas duas opções. Analisando a alínea a), constata-se que há palavras constituídas por formas de base independentes que existem isoladamente (*gira + sol; madre + silva;*

mal + me + quer), ao contrário do que acontece com qualquer afixo; são palavras compostas, pelo que esta alínea tem de ser excluída.

Resposta

b)



Questão • Exame nacional 2011 (1.ª chamada)

De qual dos conjuntos de palavras está ausente uma relação entre hiperónimo e hipónimos?

- a) ator – encenador – plateia – cenário
- b) cinema – arte – pintura – teatro
- c) disciplina – História – Inglês – Matemática
- d) melancolia – mágoa – sentimento – tristeza

▶ Percurso

Em b), *pintura, cinema e teatro* (hipónimos) são formas de arte (hiperónimo). Em c), *História, Inglês e Matemática* (hipónimos) são *disciplinas* (hiperónimo) escolares. Em d), *tristeza, mágoa e melancolia* (hipónimos) são tipos de *sentimentos* (hiperónimo). Em a), não conseguimos

estabelecer esta relação hierárquica entre as palavras; estas pertencem ao mesmo campo lexical, sendo hipónimos de *teatro*.

Resposta

a)



Agora Tu

• Questão 6

Qual dos seguintes conjuntos apresenta apenas palavras que, quanto ao processo de formação, são derivadas por parassíntese?

- a) hospitalizar – aguardente – biblioteca – automatizar
- b) envelhecer – entardecer – adormecer – empobrecer
- c) felizmente – atuação – brincadeira – identificável
- d) reutilizar – rever – problematizar – desfazer

• Questão 7

Em qual dos conjuntos de palavras existe uma relação entre holónimo e merónimos?

- a) peixe – espinha – escama – guelra
- b) autocarro – bicicleta – carro – veículo
- c) sensatez – tenacidade – qualidades – honestidade
- d) rosa – cravo – macieira – árvore

Cf. soluções • p. 251



Etapa Final

- Selecione a opção em que a palavra “a” é uma preposição.
 - Encomendei a tela de que me falaste.
 - O Américo tem uma enorme coleção de livros, mas ainda não a leu toda.
 - Perdi uma chave e só ontem a encontrei.
 - A Fátima não foi almoçar a casa hoje.
- Selecione a opção em que a palavra “que” é uma conjunção subordinativa completiva.
 - O burburinho era tal que o Rui estranhou.
 - Os amigos do Rui avisaram-no de que ia haver greve nos transportes públicos.
 - Os colegas que avisaram o Rui vão de metro para o trabalho.
 - O Rui costuma ir de carro pelo que a greve não o afetará.
- Escreve uma palavra que corresponda a cada alínea, respeitando a classe de palavras identificada nas colunas. Preenche cada linha de modo que, na horizontal, figurem só palavras da mesma família.

Nome	Verbo	Adjetivo
hospital	a)	b)
c)	d)	legal
e)	internacionalizar	f)
ambiente	g)	h)

- Completa cada uma das frases seguintes: usa as formas verbais apresentadas abaixo e classifica-as (tempo, modo, número e pessoa).

___a)___ tão mal! Devias ter mais cuidado com a saúde.

___b)___ que não será fácil ultrapassar a situação atual.

Os utentes da biblioteca ___c)___ os livros ontem.

Há milhares de anos atrás ___d)___ muitos dinossauros nesta zona.

pensa-se	entregaram	havam	tratas-te
trataste	existiam	pensasse	entregarão

- Qual das frases seguintes contém a sequência de palavras cujas classes são: determinante + nome + preposição contraída + nome + verbo + determinante + adjetivo + nome + preposição contraída + nome + adjetivo?

a) Alguns alunos não participaram na atividade de expressão dramática realizada ontem.

b) Não entrevistamos na reunião de ontem, pois não tivemos nenhuma oportunidade.

c) Aquelas atividades da academia são benéficas para a melhoria da saúde.

d) A maioria dos alunos obteve uma excelente nota na prova final.

Capítulo 3

Escrita

Texto Narrativo

Texto Descritivo

Texto de Opinião

Texto Expositivo

Resumo

Diário

Carta

Situa-te

Texto Narrativo Objetivo • contar uma história Estrutura • exposição • conflito • desenlace	Texto Descritivo Objetivo • descrever pessoa, objeto, local Estrutura • flexível	Texto de Opinião Objetivo • expor um ponto de vista e influenciar Estrutura • introdução • desenvolvimento • conclusão
---	--	--

Texto Expositivo Objetivo • expor e informar Estrutura • introdução • desenvolvimento • conclusão	Resumo Objetivo • condensar informação Estrutura • de acordo com o texto-fonte	Diário Objetivo • registar acontecimentos e vivências pessoais Estrutura • indicação de data • estrutura flexível	Carta Objetivo • comunicar com alguém Estrutura • variável em função do tipo de carta (formal e informal)
---	--	---	---

A avaliação da competência da Escrita na Prova Final acontece em dois momentos distintos: na parte C do Grupo I, devers elaborar um texto expositivo que pode incidir sobre uma das obras de leitura obrigatória do 9.º ano (ou que com elas estabeleça relação) ou basear-se no texto da Parte A ou no texto da Parte B; no Grupo III, devers desenvolver um texto mais extenso, cujo tema e tipologia poderão variar.

Assim, incluímos, nesta subunidade, algumas das tipologia textuais que abordaste ao longo do 3.º ciclo, para que possas rever as características e funções específicas de cada uma delas.

Desse modo, devers recordar que o **texto narrativo** é um relato de uma história feito por um narrador, constituído por acontecimentos realizados por personagens e que ocorrem num determinado espaço e tempo. Por sua vez, o **texto descritivo** é utilizado com o intuito de dar a conhecer as características de determinada personagem, lugar, objeto ou acontecimento. O **texto de opinião** é escrito com o objetivo de veicular o ponto de vista do seu autor, que apresenta argumentos para fundamentar a sua posição. Já o **texto expositivo** distingue-se do anterior por nele se apresentar um tema, desenvolvido de forma pormenorizada e objetiva. O **resumo** consiste numa técnica de condensação de texto que respeita a estrutura e as ideias apresentadas no texto-fonte. O **diário** corresponde a um texto de carácter autobiográfico em que o seu autor faz registos pessoais sobre as suas próprias vivências ou emite a sua opinião sobre o que o rodeia, obedecendo, geralmente, a um critério cronológico. Por último, a **carta** é um escrito que permite comunicar com alguém distante. Pode ser formal ou informal.

PLANIFICAÇÃO, TEXTUALIZAÇÃO E REVISÃO

Antes de começares a redigir um texto, qualquer que seja a tipologia exigida, deves respeitar as três etapas da escrita: planificação, textualização e revisão.

Planificação

Lembra-te de que o processo de escrita começa antes de passares as tuas ideias para o papel. Não te esqueças de que deves:

- recordar as características da tipologia textual pedida (estrutura e linguagem);
- registar as ideias e informações que irão integrar o teu texto;
- estabelecer relações entre as ideias listadas, agrupando-as por categorias;
- identificar os termos mais importantes que deverás incluir no teu texto;
- realizar um plano-guia que permita prever a estrutura (introdução, desenvolvimento e conclusão) e organização do teu texto (número de parágrafos e conectores).

Atenção!

Um plano-guia não é um rascunho do texto final, mas um esquema em que se registam as ideias principais. Não percas tempo desnecessariamente!

Textualização

Depois de elaborado o plano-guia, deves começar a redigir o teu texto, dando-lhe uma forma mais definitiva. Para esse efeito:

- une os tópicos que constam do teu plano, através do auxílio de conectores (cf. p. 121) que articulem devidamente as ideias do teu texto;
- acrescenta novas ideias ao longo do texto, evitando, assim, a repetição desnecessária de informação;
- respeita o tema proposto, evitando divagações desnecessárias;
- verifica se não existem elementos contraditórios em relação às informações apresentadas anteriormente.

Revisão

Quando releres o teu texto, para além dos erros ortográficos, tem também em atenção as questões relacionadas com o conteúdo. Desse modo:

- faz todas as correções que considerares necessárias;
- reformula elementos ou partes do teu texto sempre que identificares:
 - frases demasiado extensas;
 - palavras próximas repetidas;
 - falta de coerência das ideias apresentadas.

Atenção!

Relê as páginas 119 a 121 a fim de relembrares os aspetos que deverás respeitar para manter a coerência e coesão do teu texto.



▀ TEXTO NARRATIVO

O **texto narrativo** é um relato de uma história feito por um narrador, constituído por acontecimentos realizados por personagens e que ocorrem num determinado espaço e tempo.

Atenção!

Para recordares as categorias da narrativa e outros aspetos importantes consulta as páginas 11-38.

Exemplo

Quando o **Sr. Bilbo Baggins**, **do Fundo do Saco**, **anunciou que celebraria em breve** o seu **111.º aniversário com uma festa de grande magnificência**, falou-se muito e houve muita excitação **em Hobbiton**.

Bilbo era muito rico e **não menos excêntrico** e **havia sessenta anos** que era o espanto **do Shire**, **desde o seu extraordinário desaparecimento e o seu inesperado regresso**. As riquezas que **trouxera** das **suas** viagens tinham-se entretanto tornado uma lenda local [...]. Mas, ainda que isso não fosse razão suficiente para o tornar famoso, havia também o **seu prolongado vigor**, que a todos maravilhava. **O tempo ia passando**, mas parecia produzir pouco efeito no Sr. Baggins. **Aos 90 anos**, tinha sido praticamente o mesmo que aos 50. **Aos 99**, haviam começado a dizer que **estava bem conservado, mas teriam andado mais perto da verdade se dissessem que não estava nada mudado**. Alguns abanavam a cabeça e pensavam ser aquilo demasiado bom, um exagero; parecia injusto que alguém possuísse (**aparentemente**) juventude perpétua e também (**supostamente**) riqueza inexaurível.

– Terá de pagar – diziam. – Não é natural e nada de bom virá de tal coisa!

Mas, por enquanto, ainda não acontecera nada de mal e, como o **Sr. Baggins era generoso com o seu dinheiro**, a maioria das pessoas perdoava-lhe de bom grado **as suas excentricidades** e a sua grande sorte. Mantinha boas relações

Personagem principal

Marcas do espaço físico

- referentes espaciais

Narração / Ação principal

- avanço da ação (verbos no pretérito perfeito simples do indicativo)
- acontecimento central na história (festa do 111.º aniversário de Bilbo Baggins)

Marcas de tempo cronológico

- expressões que revelam a passagem do tempo

Marcas de narrador ausente

- verbos e determinantes possessivos na 3.ª pessoa do singular

Descrição / Caracterização física direta

- pausa na ação (predomínio de verbos no pretérito imperfeito do indicativo e de adjetivos)
- atributo físico da personagem fornecido pelo narrador de forma explícita

Marcas de narrador subjetivo

- o narrador comenta os factos, dando a sua opinião

Discurso das personagens

- direto (reproduz as palavras das personagens tal como foram ditas, introduzidas por travessão ou delimitadas por aspas)

Descrição / Caracterização psicológica direta / indireta

- pausa na ação (predomínio de verbos no pretérito imperfeito do indicativo e de adjetivos)

com os seus **familiares** (tirando, evidentemente, os Bagginses de Vila do Saco) [...]. **Mas não teve amigos íntimos enquanto alguns dos seus primos mais novos não começaram a crescer.**

O mais velho desses primos, e o favorito de Bilbo, era o jovem Frodo Baggins. Aos 99 anos, Bilbo adotou Frodo como seu herdeiro e levou-o para o Fundo do Saco, para viver com ele, destruindo assim, finalmente, as esperanças dos Bagginses de Vila do Saco. Por coincidência, Bilbo e Frodo faziam anos no mesmo dia: 22 de setembro. “Acho melhor passares a viver aqui comigo, meu rapaz”, disse Bilbo, um dia. “Assim poderemos festejar juntos, agradavelmente, os nossos aniversários.” Nessa altura, Frodo estava ainda na casa dos 20, esse período irresponsável entre a infância e a maioridade, que começava para os Hobbits aos 33 anos.

J. R. R. Tolkien, *O Senhor dos Anéis I – A Irmandade do Anel*, trad. Fernanda Pinto Rodrigues, 16.ª ed., Europa-América, 2002 (excerto com supressões)

- atributos psicológicos da personagem fornecidos pelo narrador de forma **explícita** e **indireta** (embora fosse uma pessoa cordial, não tinha amigos íntimos, revelando que é reservado)

Figurantes

- não têm intervenção mas contribuem para a caracterização da personagem principal

Narração / Ação secundária

- avanço da ação (verbos no pretérito perfeito simples do indicativo)
- acontecimento de menor importância, mas que contribui para o desenvolvimento e compreensão (por parte do leitor) da ação principal

Personagem secundária

- interage com o protagonista e contribui para o desenrolar da ação

Nota: As categorias da narrativa e outros aspetos aqui analisados aplicam-se exclusivamente a este excerto e não à obra da qual o texto foi retirado. Se já leste *O Senhor dos Anéis*, saberás certamente que Frodo Baggins é a personagem principal dos volumes que compõem esta trilogia, enquanto Bilbo Baggins desempenha um papel secundário nesta história.



Vê

Questão · Exame nacional 2010 (2.ª chamada)

Através dos livros e dos filmes, conhecemos personagens que nunca esquecemos e que, frequentemente, passamos a considerar heróis da nossa vida.

Imagina que, num belo dia, encontras uma das tuas personagens preferidas.

Escreve um texto narrativo, correto e bem estruturado, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que relates esse encontro invulgar.

Na tua narrativa, deves incluir uma descrição dessa personagem e um momento de diálogo.

Percurso

Deves começar por **planificar** o teu texto, tendo em conta a tipologia e o tema indicados. Nesta fase deverás proceder à:

- seleção do herói;
- definição do espaço e do tempo em que a interação vai ocorrer;
- seleção do objeto da tua descrição: o herói, a sua forma de vestir, de falar... ou o espaço onde se encontram;

- introdução de marcadores de avanço temporal sempre que pertinente;
- escolha de um acontecimento invulgar que torne a tua história mais interessante...;
- seleção do momento mais adequado para integrar o diálogo de forma pertinente.

No final, relê o teu texto e procede à sua **revisão**:

- corrige eventuais erros ortográficos que aí detetes;
- confirma se usaste com correção os sinais de pontuação e as maiúsculas;
- evita palavras repetidas, substituindo-as por pronomes, sinónimos, hiperónimos/hipónimos, merónimos/holónimos;
- transforma frases demasiado extensas em períodos mais curtos;
- reformula ou reordena alguma frase ou parágrafo que resulte incoerente no contexto em que a inseriste primeiramente;
- contabiliza o número de palavras do teu texto para verificares se cumpriste o limite indicado na questão, já que o seu incumprimento implicará uma penalização.

Resposta (Proposta de texto)

Na semana passada, aconteceu-me algo extraordinário que nunca esquecerei. Tinha acabado de me sentar na esplanada do café *A Brasileira*, em pleno Chiado, e pedido uma chávena de chá quando, de repente, se aproximou um homem que vinha a fumar um cachimbo e envergava uma capa comprida de xadrez.

Todos os olhares seguiram a sua passada rápida, com curiosidade, o que se compreendia facilmente pelo desajuste daquela indumentária, tendo em conta que eram três da tarde, o sol estava a pique e o calor que se fazia sentir nesse dia era asfixiante.

A minha surpresa foi ainda maior quando percebi que a figura se dirigia a mim e se sentou na minha mesa, sem pedir licença. Não consegui dizer uma única palavra; fiquei totalmente perplexo, à espera que me fosse dada alguma explicação. O indivíduo parecia não estar muito incomodado com o meu olhar inquisitivo e, quando o empregado trouxe o meu chá, ele pediu-lhe que trouxesse mais uma chávena.

– Desculpe, eu não quero parecer rude – disse eu – mas conhecemo-nos?

– Boa tarde! – respondeu ele, secamente. – De facto, revela alguma deselegância da sua parte, tendo em conta que apresentou candidatura para substituir o meu ajudante, o Watson.

Só então percebi que o homem que estava à minha frente era o famoso detetive Sherlock Holmes e que, por artes mágicas, partilhámos uma chávena de chá, com a estátua de Pessoa a servir de testemunha. (238 palavras)



Agora Tu • Questão 1

Todos nós já conhecemos uma pessoa que, pela sua excecionalidade, marcou a nossa vida.

Escreve um texto narrativo, correto e bem estruturado, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que relates ou imagines um episódio em que um amigo ou familiar te tenha impressionado ou influenciado positivamente.

Constrói a tua narrativa, desenvolvendo a ação num espaço e num tempo determinados.

Inclui ainda um momento de descrição.

Cf. soluções • p. 251

Atenção!

Se quiseres praticar outros exercícios de exame sobre o texto narrativo, consulta as seguintes provas: 2013 – Teste Intermédio • 2011 – Teste Intermédio • 2009 – 2.ª chamada • 2008 – 1.ª chamada

TEXTO DESCRITIVO

O **texto descritivo** consiste na apresentação pormenorizada de determinado objeto, pessoa, local, através da explicitação das suas características, captadas através dos nossos sentidos. Esta tipologia textual surge, geralmente, articulada com outros tipos de texto, como, por exemplo, o narrativo.

Exemplo

Parque Natural do Alvão



Inserido na rede nacional de áreas protegidas, o Parque Natural do Alvão **estende-se** por Mondim de Basto e Vila Real ao longo de 7220 hectares. Criado em 1983, **junta** aldeias e bosques, **tece** mosaicos de biodiversidade. Nesta visita, as margens do rio Olo **desenham** um ponto de partida...

A quase mil metros de altitude as **folhas** do carvalho-negral ainda estão **castanhas**, **presas** aos **ramos**. Hão de acabar por cair, **esvaídas** dos nutrientes que regressaram ao metabolismo da árvore.

Os **rebentos**, apesar de **discretos**, são **visíveis**. Isto é **normal**: a primavera chega mais tarde à região, apesar do **céu azul** e do sol que satura de cor a paisagem nesta manhã de março. Vê-se um prenúncio primaveril **na terra coberta de ervas**. Com pétalas arroxeadas, eis o açafraão-bravo.

A flor tem tanta pressa que parece dispensar folhas e caule, ao erguer-se do bolbo soterrado, sem timidez...

Indicador de um carvalhal antigo, pertence a um grupo de plantas com pressa de florir antes que o arvoredo do bosque cubra a terra de sombra. Nesse tempo escasso têm de botar flor, de ser polinizadas, para depois produzirem as sementes.

Predomínio de verbos no presente do indicativo que apontam para o estatismo da situação descrita

Utilização de expressões com valor locativo

Abundância de nomes e de adjetivos

Recursos expressivos

- metáfora ("tece mosaicos de biodiversidade");
- metáfora/personificação ("as margens do rio Olo desenham um ponto de partida..."; "enquanto os ramos de salgueiros e amieiros se alinham na margem, apaixonados pelo precioso líquido");
- personificação ("A flor tem tanta pressa...")

Ao sabor da brisa ouvem-se os chocalhos das vacas maronesas¹ num prado próximo. O rio Olo segue caminho.

Olhá-lo é um privilégio. O leito pouco profundo cobre-se de plantas aquáticas diversas, com espaços preenchidos por seixos esverdeados.

Mais a montante², um açude³ gera o barulho da água a jorrar, enquanto os ramos de salgueiros e amieiros se alinham na margem, apaixonados pelo precioso líquido.

Atravessada a velha ponte de granito, há uma pequena turfeira⁴. Nada comparável às do Norte da Europa, em plena tundra⁵, infindáveis, que elevam este habitat prioritário à categoria do de maior extensão no planeta.

Apesar do contraste, bem vistas as coisas, estas turfeiras têm um valor acrescido por se encontrarem no Sul da Europa, no limite difuso da influência climática atlântica. [...]

Arnal

Pelo caminho veem-se e ouvem-se os rebanhos de ovelhas e de cabras. Pastam nas encostas, sob o zelo do pastor e do seu cão. Enquanto uma ave de rapina paira no céu, vão-se vendo de onde em onde pequenas cruzeiras de granito, por vezes em pleno vale: possivelmente sinal de que alguém ali terá morrido, quem sabe se fulminado por uma trovoadas...

Jorge Gomes, in revista *Parques e Vida Selvagem*,
edição do Parque Biológico de Gaia, n.º 31,
22 de março a 22 de junho de 2010 (excerto com supressões)

Vocabulário

1 *maronesas*: do Marão, serra do Norte de Portugal; 2 a *montante*: para o lado da nascente de um rio; 3 *açude*: represa; construção feita em rio para conter a água destinada aos moinhos; 4 *turfeira*: zona húmida em que nasce a turfa, uma rocha sedimentar carbonizada, com elevado teor de humidade; 5 *tundra*: planície musgosa que se desenvolve após os degelos nas regiões polares.

Recurso às sensações

- visuais ("as folhas do carvalho-negral estão ainda castanhas");
- tácteis e auditivas ("Ao sabor da brisa ouvem-se os chocalhos das vacas...");
- visuais e auditivas ("Pelo caminho veem-se e ouvem-se os rebanhos de ovelhas e de cabras.")



Questão • Exame nacional 2007 (1.ª chamada)

Certamente, conheces pessoas que se afastam dos padrões comuns que, no seu aspeto e modo de ser ou de agir, marcam a diferença e, por isso, se tornam figuras especiais ou mesmo inesquecíveis.

Traça o perfil de uma dessas pessoas e relata como a conheceste, num texto de 140 a 240 palavras, o que nela te impressiona ou por que razão ficaste a admirá-la.

Percurso

Deves começar por **planificar** o teu texto, tendo em conta a tipologia e o tema indicados. Nesta questão deverás redigir um texto descritivo em que:

- apresentes a personagem que escolheste;
- faças a sua caracterização física e/ou psicológica, utilizando adjetivos variados;
- utilizes predominantemente o presente e o pretérito imperfeito do indicativo;
- refiras o momento e circunstâncias em que ocorreu o contacto inicial [Nota: este tópico enquadra-se na tipologia do texto narrativo.];
- justifiques a escolha que efetuaste.

No final, relê o teu texto e procede à sua **revisão**:

- corrige eventuais erros ortográficos que aí detetes;
- confirma se usaste com correção os sinais de pontuação e as maiúsculas;
- evita palavras repetidas, substituindo-as por pronomes, sinónimos, hiperónimos/hipónimos, merónimos/holónimos;
- transforma frases demasiado extensas em períodos mais curtos;
- reformula ou reordena alguma frase ou parágrafo que resulte incoerente no contexto em que a inseriste primeiramente;
- contabiliza o número de palavras do teu texto para verificares se cumpriste o limite indicado na questão, já que o seu incumprimento implicará uma penalização.

Resposta (Proposta de texto)

No último verão, fui passar férias à aldeia dos meus pais e pude conhecer melhor os meus primos que vivem lá todo o ano. São os filhos da minha tia Elisa, irmã da minha mãe: o Filipe, o mais velho, a Raquel, a irmã do meio, e o Daniel, o mais pequeno.

Criei uma relação especial com o Filipe, pois, como não tenho irmãos, ele fez-me sentir parte do grupo.

É um rapaz alto, muito magro, tem o cabelo curto e escuro e os olhos grandes. A maneira como se veste é original, porque se recusa a usar qualquer roupa de marca. Fez dezoito anos no início do ano e, apesar de já ter tirado a carta de condução, anda de bicicleta para todo o lado, por ser mais saudável e menos poluente do que o carro.

Na aldeia, todos gostam dele, porque é um rapaz franco e preocupado com os outros. De bicicleta, percorre mais de cinquenta quilómetros todos os fins de semana, para ler clássicos portugueses à população mais idosa. Fui com ele num desses passeios e fiquei muito emocionado com o que vi: o brilho no olhar com que as pessoas o receberam e a atenção com que ouviam as suas palavras deixou-me pensativo. Às vezes não custa nada fazer os outros mais felizes: basta pensarmos menos em nós próprios, sermos menos egoístas.

Nesse verão, aprendi com o Filipe a ver o mundo de outra maneira. (239 palavras)



Agora Tu • Questão 2

Em algum momento da tua vida, já te encontraste num local que te marcou para sempre, positiva ou negativamente.

Escreve um texto descritivo, correto e bem estruturado, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que, através da sua descrição, justifiques a razão pela qual esse lugar ficou guardado na tua memória até hoje.

Cf. soluções • p. 251

TEXTO DE OPINIÃO

O **texto de opinião** é um texto em que se manifesta uma posição acerca de determinado facto. Através dele, o seu autor visa informar e obter a concordância do leitor ou persuadi-lo a adotar um comportamento. Apresenta a estrutura tripartida habitual: introdução – exposição do tema/opinião; desenvolvimento – apresentação de argumentos que suportam a opinião manifestada; conclusão – reforço da posição, com destaque para os argumentos mais fortes.

Na linguagem, são frequentes os mecanismos de persuasão que visam conquistar a adesão emotiva/intelectual do leitor.

MECANISMOS DO DISCURSO PERSUASIVO

- uso do imperativo
- uso da 1.^a pessoa do plural, *nós* (através deste pronome pessoal reforça-se a ligação autor-leitor)
- utilização de expressões que reforçam o carácter universal, científico ou inquestionável dos dados invocados nos argumentos (*não podemos negar que; está provado que; é genericamente aceite que; todos sabemos que...*)
- perguntas retóricas, isto é, perguntas que não visam uma resposta, mas pretendem apenas chamar a atenção do interlocutor para um facto ou fazê-lo refletir sobre algo

Exemplo

As relações familiares, de amizade e sociais têm vindo a transformar-se ao longo das últimas décadas devido, entre outros fatores, à generalização da comunicação virtual em plataformas cada vez mais complexas e apelativas como as redes sociais *online*. Esta transformação pode estar associada a um crescente individualismo e a uma maior indiferença pelo interesse coletivo.

De facto, estabelecendo contactos com dezenas e centenas de amigos virtuais, é inegável que as pessoas passam cada vez mais tempo em frente ao computador, solitárias, gerindo amizades com cliques, sem grandes preocupações ou responsabilidades, sem necessidade de traduzir em atos a verdadeira extensão da sua amizade. No meu entender, estes hábitos comunicativos podem conduzir a uma postura mais egocêntrica, mais centrada no “eu” e, portanto, poderão ser uma causa da raridade das demonstrações de generosidade

Introdução

- expor claramente o assunto sobre o qual se vai emitir uma opinião

Desenvolvimento

- apresentar com clareza o que se pensa sobre o assunto, isto é, o nosso ponto de vista;
- justificar devidamente o ponto de vista apresentado (*argumentos*)
- repara nas marcas do discurso persuasivo: *é inegável que* – sugere-se que o dado apresentado é inquestionável; *devemos reconhecer que* – insinua-se que uma postura sensata passa por aceitar a validade do dado apresentado

genuína e nobreza de espírito para com os outros.

No entanto, também devemos reconhecer que é precisamente nestas plataformas virtuais que, muitas vezes, se iniciam e divulgam movimentos coletivos de contestação, de participação cívica, promovendo-se a união de cidadãos na luta por um objetivo comum.

Concluindo, apesar de potenciar um maior individualismo e egocentrismo, a comunicação virtual assenta hoje em plataformas que têm sido usadas de forma bastante eficaz na criação de movimentos cívicos coletivos que defendem o bem comum. (211 palavras)

Das autoras

Conclusão

- referir resumidamente a opinião sobre o assunto, reforçando-a e destacando os argumentos mais fortes

Nota: Num texto de opinião, é possível apresentares os dois lados da questão (as vantagens e as desvantagens; as potencialidades e as fragilidades; o lado positivo e o lado negativo; os benefícios e os riscos), fazendo prevalecer um em detrimento do outro ou, pelo contrário, adotando uma posição neutra.



Vê

Questão • Exame nacional 2012 (1.ª chamada)

Descobrir mais palavras, quer palavras novas quer palavras caídas em desuso, torna mais poderosa a nossa capacidade de comunicar.

Escreve um texto de opinião, que pudesse ser publicado num jornal escolar, no qual aparesces as vantagens de conhecer cada vez mais palavras, tentando convencer outros jovens de que é importante usar um vocabulário diversificado.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Percurso

Deves começar por **planificar** o teu texto, atendendo nos aspetos abaixo:

- respeita o tema e o tipo de texto indicado na questão, isto é, um texto de opinião em que procures, de forma explícita, convencer o teu interlocutor a adotar determinado comportamento;
- regista três argumentos a favor da posição que vais assumir.

Na fase da textualização, deves:

- incluir, no teu texto, um momento de abertura (indicação do assunto sobre o qual se vai emitir uma opinião), de desenvolvimento (apresentação de argumentos) e de conclusão (reforço de opinião);

- usar conectores diversificados (cf. p. 121) que contribuam para a coesão do teu texto;
- utilizar mecanismos de persuasão como o imperativo, o uso da 1.ª pessoa do plural, expressões que reforcem a universalidade, cientificidade ou carácter inquestionável dos dados invocados nos argumentos, etc.;
- selecionar vocabulário variado e adequado ao teu texto.

No final, relê o teu texto e procede à sua **revisão**:

- corrige eventuais erros ortográficos que aí detetes;
- confirma se usaste com correção os sinais de pontuação e as maiúsculas;

- evita palavras repetidas, substituindo-as por pronomes, sinónimos, hiperónimos/hipónimos, merónimos/holónimos;
- transforma frases demasiado extensas em períodos mais curtos;
- contabiliza o número de palavras do teu texto para verificares se cumpriste o limite indicado na questão, já que o seu incumprimento implicará uma penalização.

Resposta (Proposta de texto)

Hoje, com as novas tecnologias, são inúmeras as formas e meios de comunicação. Os contextos de interação diversificam-se e exigem de nós um desempenho adequado a cada situação. Não podemos negar que a arte de dominar a palavra é um saber indispensável e, neste domínio, possuir um vocabulário variado é essencial para uma comunicação poderosa.

De facto, conhecer novas palavras permite-nos aceder a novos mundos, interpretar realidades diferentes, compreender outras formas de expressão e é, por isso, um importante

meio de valorização pessoal. Para além disso, usar um vocabulário variado e apropriado permite-nos atuar e interagir de modo mais eficaz e satisfatório, exercer de forma mais plena a nossa cidadania e melhorar a nossa capacidade de persuasão. Tornamo-nos mais confiantes, mais ativos, mais participativos e, logo, mais atrativos. Não há nada mais aborrecido do que um discurso pobre em ideias e repetitivo nas palavras.

Mas como aceder a novas palavras? Como enriquecer o nosso repertório lexical? A literatura é um excelente baú de palavras e sentidos; ler um bom livro é uma autêntica viagem num mundo garantidamente novo e ao prazer da leitura podemos aliar a vantagem da descoberta de novos vocábulos. Na Internet, à distância de um clique, temos um mundo de conhecimento infindável, incontáveis áreas de saber cada qual com seus termos próprios!

Ser jovem é, por vezes, difícil. Muitas vezes sentimos que não nos ouvem. E que tal usar o dom da(s) palavra(s) e fazermo-nos ouvir?

(239 palavras)



Agora Tu • Questão 3

As redes sociais *online* são um meio de comunicação atrativo, com inúmeras vantagens. Há, no entanto, riscos. O *cyberbullying* (ofensas à integridade psicológica do indivíduo através de tecnologias de informação e comunicação) é um deles.

Escreve um texto de opinião, que pudesse ser publicado num jornal escolar, no qual apresentes as vantagens e desvantagens do uso das redes sociais na Internet.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Cf. soluções • p. 251

Atenção!

Se quiseres praticar outros exercícios de exame sobre o texto de opinião, consulta as seguintes provas: 2012 – 2.ª chamada • 2011 – 1.ª e 2.ª chamadas e Época Especial • 2009 – 1.ª chamada

TEXTOS EXPOSITIVOS

O **texto expositivo** tem um carácter didático/informativo, na medida em que nele se apresenta e desenvolve determinado assunto ou situação de forma clara e, simultaneamente, pormenorizada. Para atingir este propósito, é fundamental que as ideias sejam apresentadas de forma lógica.

A organização deste tipo de texto implica uma pesquisa rigorosa de informação e deve ter em conta o público-alvo a que se destina, de modo que exista uma adequação da linguagem utilizada.

Exemplo

O Império do Sol Os Andes sob o domínio inca

Os Incas foram considerados um povo de aborrecidos burocratas, de socialistas utópicos do Novo Mundo, de fascistas indígenas e de romanos da América do Sul. **Obviamente**, não foram nada disto, **ainda que** não seja difícil perceber em que se baseiam estas interpretações “políticas” criadas desde o Ocidente. Com os seus minuciosos sistemas de contagem de rebanhos, de campos e de súbditos, **os Incas podiam facilmente passar por temíveis burocratas**. No seu organizado sistema de distribuição dos recursos por todo o império, **levaram** à prática certas ideias progressistas do socialismo, em que se incluem algumas mais suspeitas, na linha do “Big Brother” orwelliano¹, **como** a de controlar a população a todo o momento e reprimir, sem piedade, as rebeliões. **E** a sua aposta num exército organizado, baseado na existência de uma eficaz rede de vias de comunicação, **assim como** a imposição de um estilo de vida inca nos territórios conquistados, **lembram, de certo modo**, a civilização romana.

Sabemos muito mais sobre os Incas do que de qualquer outro povo pré-colombiano da América do Sul **devido ao facto** de em 1534 terem entrado, sem pretendê-lo, na História **por causa** dos conquistadores espanhóis, que **para além** das espadas, canhões e doenças **levaram** também papel, pluma e cronistas. Sabe-se **tanto** sobre eles **que** é fácil cair no erro de interpretar todas as

Exposição

Apresentação de determinada ideia
(Os Incas eram burocratas)

Contra-argumentação

Manifestação da opinião contrária do autor

Explicação

Apresentação da razão pela qual essa ideia (Os Incas eram burocratas) se vulgarizou

Utilização de frases declarativas

Confirmação

Argumentos que confirmam o ponto de vista apresentado
(Os Incas tinham um exército organizado e impuseram o seu estilo de vida aos povos que conquistaram)

Predomínio de verbos no presente e no pretérito perfeito do indicativo que apresentam um teor expositivo

Recurso a conectores que articulam as informações apresentadas

culturas e civilizações andinas anteriores desde a perspetiva dos Incas, **bem como** querer ver toda a história anterior **como** um precedente que acabaria por culminar, **inevitavelmente**, na criação do Império Inca, a maior entidade política de toda a história dos Andes pré-colombianos.

Jeffrey Quilter, *Tesoros de los Andes*, trad. Jorge González Batlle (tradução das autoras a partir da edição espanhola), Barcelona, Blume, 2005 (excerto com supressões)

Vocabulário

1 orwelliano: relativo a George Orwell, autor da obra *1984*, que retrata uma sociedade totalmente dominada pelo Estado, em que ninguém escapa à vigilância do “Grande Irmão” e na qual se terão inspirado os primeiros *reality shows*.



Questão · Exame nacional 2011 (2.ª chamada)

Lê as estrofes 134 e 135 do Canto III de *Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Assim como a bonina¹, que cortada
Antes do tempo foi, cândida² e bela,
Sendo das mãos lacivas³ maltratada
Da mínima que a trouxe na capela⁴,
O cheiro traz perdido e a cor murchada;
Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
10 Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram,
15 Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome Amores!

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 5.ª ed., Lisboa, MNE-IC, 2003

Vocabulário

1 bonina: flor do campo; **2 cândida**: branca; pura; **3 lacivas**: lascivas; traquinas; **4 capela**: coroa de flores; grinalda.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 134 e 135.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Identificação do episódio a que pertencem as estrofes.
- Explicitação dos dois elementos que são comparados na primeira estrofe e referência a duas características comuns a ambos.
- Indicação da reação das “filhas do Mondego” (verso 9) à situação descrita.
- Referência à origem da “fresca fonte” (verso 15).
- Explicação do nome atribuído à fonte na segunda estrofe.

Percurso

Deves começar por **planificar** o teu texto, atentando nos aspetos abaixo:

- respeita o tema e o tipo de texto indicado na questão, isto é, um texto expositivo em que explícites o conteúdo das estrofes apresentadas;
- ainda que a ordem dos itens não seja obrigatória, deverás estruturar o teu texto, associando, se possível, cada um dos tópicos orientadores à respetiva parte:
 - introdução (primeiro tópico – Identificação do episódio a que pertencem as estrofes);
 - desenvolvimento (segundo, terceiro e quarto tópicos);
 - conclusão (último tópico – Explicação do nome atribuído à fonte);
- repara que nesta questão do exame é apresentado o plano-guia do teu texto, por isso parte do teu trabalho já se encontra feito; não te esqueças, então, de que deves seguir de forma rigorosa as indicações dadas.

Na fase da textualização, deves:

- usar conectores diversificados (cf. p. 121) que evidenciem ligação entre os diferentes momentos do texto;
- selecionar vocabulário variado e adequado ao teu texto.

No final, relê o teu texto e procede à sua **revisão**:

- corrige eventuais erros ortográficos que aí detetes;
- confirma se usaste com correção os sinais de pontuação e as maiúsculas;

- evita palavras repetidas, substituindo-as por pronomes, sinónimos, hiperónimos/hipónimos, merónimos/holónimos;
- transforma frases demasiado extensas em períodos mais curtos;
- reformula ou reordena alguma frase ou parágrafo que resulte incoerente no contexto em que a inseriste primeiramente;
- contabiliza o número de palavras do teu texto para verificares se cumpriste o limite indicado na questão, já que o seu incumprimento implicará uma penalização.

Resposta (Proposta de texto)

As estrofes 134 e 135, do Canto III, pertencem ao episódio de Inês de Castro.

Na primeira estrofe, o poeta estabelece uma comparação entre a bonina e Inês de Castro ("a pálida donzela"), referindo duas características através das quais é possível estabelecer a aproximação entre ambas: a palidez ("cândida" / "pálida"), como símbolo de pureza e inocência, e a morte prematura causada pela ação de terceiros ("cortada / Antes do tempo").

Esta perda foi lamentada durante muito tempo pelas "filhas do Mondego", referindo o poeta que as suas lágrimas terão dado origem à "fresca fonte".

Assim, o nome atribuído à fonte (dos Amores) tornou possível eternizar a trágica história de amor de Inês e Pedro. (115 palavras)

Atenção!

Desde 2012, na parte C do Grupo I, em que deves redigir um texto expositivo, surge a indicação de que se não mencionares ou não tratares corretamente os dois primeiros tópicos do plano-guia apresentado, a tua resposta será classificada com zero pontos!

Estes primeiros tópicos podem relacionar-se com a identificação do episódio a que pertencem as estrofes citadas e identificação de personagens, no caso d'*Os Lusíadas*; nos autos de Gil Vicente, poderá citar-se, por exemplo, a identificação do espaço onde decorre a ação ou das personagens envolvidas. Assim, responder com sucesso a esta questão não pressupõe apenas a capacidade de redigir um texto expositivo, mas também um conhecimento profundo das obras de leitura obrigatória.

Para reveres os conteúdos das obras do Programa, relê as páginas:

- 45 a 59 para *Os Lusíadas*;
- 78 a 87 para o *Auto da Barca do Inferno*;
- 88 a 90 para o *Auto da Índia*.

**Agora Tu • Questão 4**

Lê as estrofes 70 e 71 do Canto VI de *Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Mas, neste passo, *assi* prontos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda.
O apito toca: acordam, despertando,
Os marinheiros *dhũa* e doutra banda.
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes¹ das gáveas² tomar manda.
“Alerta (disse) estai, que o vento *crece*
Daquela nuvem negra que aparece!”

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela³.
“Amaina (disse o mestre a grandes brados),
Amaina (disse), amaina a grande vela!”
Não esperam os ventos *indinados*
Que amainassem, mas, juntos dando nela,
Em pedaços a fazem *cum* ruído
Que o Mundo pareceu ser destruído!”

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição organizada
por Emanuel Paulo Ramos, Porto, Porto Editora, 2011

Vocabulário

1 *traquetes*: mastros verticais colocados mais à proa; 2 *gáveas*: velas imediatamente superiores à grande; 3 *procela*: tempestade; tormenta; temporal.

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 70 e 71.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Identificação do episódio a que pertencem as estrofes.
- O momento da ação nele apresentado e os seus intervenientes.
- A forma como a personagem que surge individualizada vive e conduz estes acontecimentos.
- O modo como dois dos recursos expressivos utilizados nestas estrofes contribuem para a descrição deste episódio.

Cf. soluções • p. 251

Atenção!

Se quiseres praticar outros exercícios de exame sobre o texto expositivo, consulta as seguintes provas:

Os Lusíadas

- 2011 – 1.ª chamada (Despedidas de Belém)
- 2011 – 2.ª chamada (Inês de Castro)
- 2010 – 1.ª chamada (Consílio dos Deuses)
- 2009 – 1.ª chamada (Inês de Castro)
- 2009 – 2.ª chamada (O Adamastor em intertextualidade com o poema “O Mostrengo”, de Fernando Pessoa)

- 2008 – 1.ª chamada (Despedidas de Belém)
- 2008 – 2.ª chamada (Inês de Castro)

Auto da Barca do Inferno / Auto da Índia

- 2012 – 1.ª chamada
- 2012 – 2.ª chamada
- 2010 – 2.ª chamada

RESUMO

Um **resumo** apresenta de forma reduzida as ideias fundamentais do texto-fonte. Para a sua elaboração, deverás ter em conta os procedimentos específicos que te apresentamos a seguir, quer na fase da planificação quer nos momentos de textualização e revisão.

Planificação

- Ler o texto-fonte e compreender o seu sentido global
- Dividir o texto em partes, atribuindo um título (ou pergunta-guia) a cada uma
- Sublinhar, em cada parte, as ideias principais e palavras-chave

Textualização

O que fazer? ✓

- Construir frases que expressem as ideias principais sublinhadas, usando as tuas próprias palavras
- Manter as palavras-chave
- Respeitar a ordem das ideias do texto-fonte
- Conservar as referências de pessoa, espaço e tempo do texto-fonte
- Estabelecer as mesmas relações entre partes existentes no texto original, através de articuladores discursivos

O que não fazer? ✗

- Não fazer transcrições do texto original
- Não introduzir comentários/opiniões pessoais
- Não reproduzir o discurso direto (usa o discurso indireto)
- Não incluir exemplos
- Não exceder um terço do número de linhas do texto-fonte

Revisão

- Ler o resumo e proceder às correções necessárias
- Verificar a conformidade com o sentido global e articulação entre partes do texto-fonte
- Avaliar a coerência global do resumo
- Verificar o cumprimento do limite de linhas



Vê

Questão-modelo

Lê o texto que se segue e elabora um resumo.

Este helicóptero é um brinquedo que voa só com a força do pensamento. Mesmo. “Eu quis criar um brinquedo educativo para as crianças e que ajudasse a sua capacidade de concentração”, explicou à revista *Wired* Steve Castellotti, o criador do Orbit Helicopter, um pequeno aparelho ativado por ondas cerebrais.

A atividade cerebral é lida por uma espécie de bandolete colocada na cabeça. Este aparelho registra as ondas cerebrais tal como um eletroencefalograma usado nos hospitais e transmite esses dados para uma app de telemóvel vulgar usando o sistema *Bluetooth*. O utilizador vê o

1.ª Parte

título

O que é

palavra-chave

helicóptero

2.ª Parte

título

Como funciona

palavra-chave

ondas cerebrais

gráfico do eletroencefalograma em tempo real e tem de se concentrar de modo a que as suas ondas cerebrais fiquem entre 12 e 29 megahertz, é esse o valor que ativa o voo do pequeno helicóptero através de infravermelhos. [...]

Além de servir para brincar, o Orbit Helicopter está já a ser usado em várias escolas nos EUA para treinar o poder de concentração das crianças. Castellotti está a adaptar o mesmo princípio para outros brinquedos e diz mesmo que a tecnologia tem potencial para ser aplicada em doentes amputados para controlar próteses artificiais biomecânicas de braços ou de pernas, por exemplo. Não é o primeiro a pensar nisso. Um dos projetos mais ambiciosos para uso deste tipo de tecnologia está a ser desenvolvido por uma equipa de cientistas e engenheiros da Universidade de Duke, nos EUA, para criar uma prótese biónica controlada por ondas cerebrais. Será usada por um rapaz tetraplégico para dar o pontapé de saída no campeonato do mundo de futebol que se realiza no Brasil no próximo ano. (265 palavras)

Luís Silvestre, "Voa só com o pensamento", in revista *Sábado*, n.º 472, 16 de maio 2013
(excerto com supressões)

3.ª Parte

título

Outras aplicações

palavras-chave

concentração;

próteses

Percurso

Começa pela **planificação** do teu resumo, de acordo com as indicações dadas na página anterior. Na barra lateral do texto encontras já uma sugestão. Assim, o texto-fonte foi dividido em três grandes partes em função de blocos informativos cujo conteúdo é expresso nos títulos que deverão guiar a redação dos diferentes parágrafos do resumo. Foram ainda sublinhadas as ideias principais e algumas palavras-chave que deverás manter. Repara que surge no 1.º parágrafo uma ideia fundamental no texto: a do estímulo da "concentração"; no entanto, esta não foi sublinhada porque se repete no 3.º parágrafo. Ainda no 2.º parágrafo, foram ignorados os exemplos "tal como um eletroencefalograma usado nos hospitais", bem como os pormenores não essenciais do modo de funcionamento do aparelho (a transmissão de dados para uma aplicação do telemóvel e o modo de transmissão – via *Bluetooth*).

Na fase da **textualização**, reformula as ideias principais, usando a tua própria linguagem. Cinge-te às frases sublinhadas, pois elas representam o essencial. Articula-as de modo coerente, evidenciando as relações entre partes.

Aquando da **revisão**, verifica o número de palavras ou linhas (não deve exceder um terço do original) e procede aos últimos ajustes e correções, garantindo a objetividade, clareza, coerência e correção do resumo bem como a fidelidade do conteúdo relativamente ao original.

Neste caso concreto, tendo em conta que o texto-fonte tem 265 palavras, o resumo não deverá exceder as 88 palavras.

Resposta (Proposta de texto)

É um helicóptero-brinquedo ativado pela mente. Um dispositivo lê as ondas cerebrais do utilizador e envia-as para o telemóvel. Neste surge a indicação da atividade cerebral; o utilizador tem, então, de se concentrar para que as ondas cerebrais se situem num intervalo de frequências pré-definido. O voo é assim acionado.

O brinquedo tem ainda potencialidades educativas e médicas. Em escolas americanas é usado para estimular a concentração dos alunos e o seu criador, Steve Castellotti, equaciona a aplicação da tecnologia ao controlo de próteses artificiais para membros amputados.

(88 palavras)

Atenção!

Repara que, pela necessidade de redução, o teu resumo terá necessariamente menos parágrafos do que o texto fonte.

Agora Tu • Questão 5

Lê o texto que se segue e elabora um resumo.

O Fórum Europeu da Juventude escolheu Braga para Capital Europeia da Juventude em 2012. Ao longo dos últimos anos, a cidade portuguesa tem servido de palco a diversas iniciativas internacionais relacionadas com a juventude, o que não fez estranhar a decisão. Do programa constam centenas de iniciativas dirigidas às camadas jovens, mas que envolvem toda a cidade e o país.

Este é, então, um bom momento para Braga investir na capacitação dos jovens e das associações juvenis e para afirmar a cidade a nível nacional e europeu, conforme Hugo Pires referiu à PÁGINA. “O título de Capital Europeia da Juventude é uma oportunidade para divulgar interna e externamente o desenvolvimento histórico e cultural e a atratividade da cidade. Estamos a aproveitar esta visibilidade para mobilizar recursos e esforços para melhorar a estrutura de apoio aos jovens e criar oportunidades para o futuro, promovendo melhorias concretas na qualidade de vida”, considera o presidente da Fundação Bracara Augusta e vereador da Juventude da autarquia bracarense, adiantando que a programação assenta em três grandes eixos: “O desenvolvimento integral do jovem, apostando nas suas qualificações, dando-lhe mais ferramentas para enfrentar o mercado de trabalho; a reflexão dos jovens sobre o futuro das cidades, a sua qualidade de vida e a inclusão social; e, por último, a dimensão europeia e internacional do evento”. [...]

A escolha da Capital Europeia da Juventude (CEJ) é feita anualmente pelo Fórum Europeu da Juventude, recaindo sobre municípios que se distinguem pelos seus programas de inclusão e capacitação da juventude, que promovem a implementação de novas ideias e projetos e que incentivem a participação ativa dos jovens. As cidades eleitas têm oportunidade de mostrar, ao longo de um ano, os desenvolvimentos culturais, sociais, políticos e económicos relacionados com os jovens.

Reunido em Bruxelas, o Conselho de Membros do Fórum Europeu da Juventude instituiu as CEJ em novembro de 2007, tendo nomeado Roterdão (Holanda) para 2009. Seguiram-se Turim (Itália) em 2010, Antuérpia (Bélgica) em 2011. E para suceder a Braga, já estão escolhidas Maribor (Eslovénia) para 2013 e Salónica (Grécia) para 2014.

A CEJ assenta em três pilares de programação: desenvolvimento integral do jovem, reflexão dos jovens sobre o futuro das cidades e dimensão europeia e internacional. Estes pilares pretendem dar aos jovens ferramentas para enfrentarem o mercado de trabalho, destacar a inovação, a educação e o empreendedorismo, estimular novas práticas na vida das sociedades do futuro, apelando à participação ativa dos jovens, e abordar questões como o multiculturalismo, o património e a mobilidade, entre outros temas. (420 palavras)

Maria João Leite, “Braga, Capital Europeia da Juventude 2012”, in revista *A Página da Educação*, série II, n.º 197, verão 2012 (excerto com supressões)

Cf. soluções • p. 252

DIÁRIO

É um texto de carácter autobiográfico em que o seu autor regista observações e experiências pessoais, em tom confessional. Geralmente, estes registos são feitos seguindo uma ordem cronológica que coincide com a ocorrência dos acontecimentos relatados.

Exemplo

Terça-feira, 29 de junho

A habitual discussão de última hora sobre onde vamos passar as férias de verão. O meu pai disse: “Provavelmente vão ser as últimas. Para o ano por esta altura estamos às voltas com as fraldas”. A minha mãe **ficou fula**, disse que o facto de ter um bebé não a ia limitar e que se para o ano lhe apetecesse ir passear para as montanhas da Índia atava o bebé às costas e ia.

As Montanhas da Índia! Ela **farta-se de refilar** se tem de ir a pé até à paragem do autocarro.

Eu sugeri a região dos lagos. **Quero** ver se viver lá por uns tempos melhora a **minha** veia poética.

O meu pai **sugериu** Skegness. A minha mãe **sugeriu** a Grécia. Ninguém **conseguiu** chegar a um acordo, portanto cada um **escreveu** a sua escolha num bocado de papel e **metêmo-los** numa caixa tupperware. Não confiávamos muito uns nos outros para tirar à sorte, por isso a minha mãe **foi** buscar a Sr^a Singh¹.

A Sr^a Singh e os Singhs pequeninos todos vieram e entraram para a nossa cozinha. A Sr^a Singh perguntou: “Porque estão a seguir este processo, senhora Mole? O seu marido não se consegue decidir?” A minha mãe explicou que o Sr. Mole não goza de nenhum estatuto especial cá em casa. A Sr^a Singh pareceu bastante chocada, mas tirou um papel da caixa. Dizia “Skegness.” **Grande galo!**

A Sr^a Singh desculpou-se e disse que tinha de ir preparar a refeição do marido. Quando se ia embora reparei que o meu pai ficou a **olhar derretido** para ela, com o seu bonito *sari*² e as sandálias com jóias.

Também reparei como ele olhou tristemente para a minha mãe, de fato-macaco e botas pelo tornezel. A minha mãe disse: “Pobre mulher oprimida.”

Registos apresentados por ordem cronológica

Apresentação de opinião sobre acontecimentos variados

Utilização do pretérito perfeito do indicativo com valor narrativo

Integração de falas de outras pessoas através do discurso direto ou discurso indireto

Marcas do narrador de 1.^a pessoa do singular (o narrador é simultaneamente protagonista): verbos, determinantes e pronomes possessivos

Registo de língua familiar e informal

O meu pai suspirou e disse “pois”.

Quarta-feira, 30 de junho

A minha mãe quer mudar-se. Quer vender esta casa onde eu passei toda a minha vida. Disse que vamos precisar de mais espaço “para o bebé”. Como se pode ser tão **estúpido**? Os bebés não ocupam espaço quase nenhum. Só medem para aí sessenta centímetros.

Quinta-feira, 1 de julho

O Nigel arranjou-me um **encontro às cegas**³ com a Sharon Botts. Vou-me encontrar com ela no ringue de patinagem no sábado. Estou nervoso **à brava**. Não sei patinar [...]

Sexta-feira, 2 de julho

Pedi os patins emprestados ao Nigel e treinei a minha patinagem no cimento do nosso beco sem saída. Estive OK enquanto tive um parapeito para me apoiar, mas não me atrevi a atravessar os jardins, onde não há nada para me agarrar.

Quis usar os patins em casa, para desenvolver a minha confiança, mas o meu pai **refilou** com as marcas que as rodas faziam no encerado⁴ da cozinha.

Sue Townsend, *Adrian Mole na crise da adolescência*, trad. Miguel Carvalho de Moura, 23.ª ed., Difel, 2010 (excerto com supressões)

Registo de experiências pessoais, em tom confessional

Registo de língua familiar e informal

Vocabulário e notas

1 *Sr.ª Singh*: vizinha indiana da família Mole; 2 *sari*: traje nacional das mulheres indianas; 3 *encontro às cegas* (do inglês *blind date*): encontro com uma pessoa desconhecida; 4 *encerado*: pavimento polido com cera.



Questão-modelo

O final de um ano letivo e de ciclo é sempre um momento importante que, geralmente, é marcado através da realização de atividades comemorativas e lúdicas, que proporcionam momentos de descontração aos professores, alunos e todos os funcionários da escola.

Escreve uma página de um diário, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que relates esse(s) dia(s) de festejo, contando alguma peripécia divertida que possa ter ocorrido.

Percurso

Deves começar por **planificar** o teu texto, atendendo nos aspetos abaixo:

- respeita o tema e o tipo de texto indicado na questão, isto é, uma página de diário em que relates as atividades comemorativas do final do ano letivo;
- inclui, no teu texto, a data e o relato dos acontecimentos ocorridos;
- expressa a tua opinião sobre determinado acontecimento;
- apresenta, de forma pertinente, a narração de um episódio caricato que tenha ocorrido nesse contexto;
- utiliza o registo familiar e uma linguagem simples e informal;
- usa marcadores da 1.ª pessoa do singular (formas verbais, determinantes e pronomes possessivos e pronomes pessoais);
- seleciona vocabulário variado e adequado ao teu texto.

No final, relê o teu texto e procede à sua **revisão**:

- corrige eventuais erros ortográficos que aí detetes;
- confirma se usaste com correção os sinais de pontuação e as maiúsculas;
- contabiliza o número de palavras do teu texto para verificares se cumpriste o limite indicado na questão, já que o seu incumprimento implicará uma penalização.

Resposta (Proposta de texto)

15 de junho de 2013

Hoje estou exausto, porque decidimos fazer um piquenique no Parque da Cidade, que organizámos com os professores da nossa turma e a DT.

Cheguei a ver o caso mal parado, quando a prof. de Matemática se lembrou que nos queria dar uma aula extra nesse dia para nos preparar para a prova final que é já na próxima semana. A malta bateu o pé e a professora lá se resignou.

O dia estava excelente, por isso passámos um bom bocado, a jogar cartas, futebol, apanhar sol, ouvir música e comer os petiscos que cada um preparou. As raparigas levaram os doces e frutas, os rapazes, os salgados. Com exceção do Pedro, cujo pai fez questão de preparar uma bola de carne mesmo boa, o resto do pessoal levou batatas-fritas. É óbvio que as raparigas começaram logo a atacar e a Vera, a cabecilha, disse que nós, rapazes, éramos muito pouco sofisticados. O António, com o seu sentido de humor certo, respondeu-lhe à altura: "Pouco sofisticados, nós! Repara: batata com sabor a presunto, a picanha, a chouriço, a *barbecue*, a queijo. Até temos uma opção para os vegetarianos, as *camponesas*!". Foi a galhofa geral, apesar de a Vera não ter achado muita piada.

Tudo estava a correr maravilhosamente, quando, de repente, o céu começou a ficar com cor de chumbo. Foi a debandada geral assim que começou a chover a cântaros. Fiquei com pena que a festa tivesse acabado mais cedo.

(240 palavras)



Agora Tu • Questão 6

As férias de verão são um período ótimo de descanso, mas, por serem mais longas, muitas vezes não sabemos como ocupar o nosso tempo.

Escreve uma página de diário, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que relates dois dias das tuas últimas férias de verão, referindo algumas estratégias que tenhas utilizado para te distraíres.

Cf. soluções • p. 252

CARTA

A **carta** é uma mensagem escrita usada para comunicar à distância, sendo geralmente entregue por uma empresa de distribuição de correio.

Há dois tipos de carta, em função do destinatário e do objetivo: a carta informal e a carta formal.

A primeira dirige-se muitas vezes a pessoas que não conhecemos, mas com as quais precisamos de contactar por motivos profissionais ou no estabelecimento de relações de natureza variada (institucionais, comerciais, empresariais, etc.). É um importante instrumento de comunicação.

Já a segunda destina-se ao contacto com pessoas com quem temos algum grau de familiaridade e, atualmente, com a evolução das novas tecnologias, como o correio eletrónico (ou *e-mail*), pode dizer-se que caiu em desuso.

O tipo de carta reflete-se na linguagem usada, como verás a seguir.

CARTA FORMAL		
Saudação inicial	Fórmula de despedida	Outras características
• Ex.mos Senhores • Ex.mo Senhor Vítor Martins • Ex.ma Senhora D. Bárbara Matias • Ex.ma Senhora Dra. Antónia Oliveira	• Com os melhores cumprimentos • Atentamente • Grato(a) pela atenção dispensada, subscrevo-me com os melhores cumprimentos • Na expectativa de notícias, apresento os meus respeitosos cumprimentos	• geralmente digitada a computador • linguagem cuidada, precisa, clara • estilo neutro, sem qualquer marca de afetividade • inclui-se no topo da página o emissor e o destinatário e a suas moradas: o primeiro no canto superior esquerdo e o segundo mais abaixo, à direita; de seguida, indica-se o local e a data • a indicação do assunto, antes da saudação inicial, é opcional

CARTA INFORMAL		
Saudação inicial	Fórmula de despedida	Outras características
• Querido Carlos • Olá! • Meu amigo... • Cara Joana	• Um abraço • Beijinhos • Até breve • Com amizade • Com muitas saudades	• preferencialmente manuscrita • linguagem simples, familiar • expressão da emotividade do autor • pode incluir-se o P.S. (<i>post scriptum</i>) que serve para referir alguma coisa que ficou esquecida

Exemplo – Carta formal

Manuela da Silva
Praça dos Restauradores, n.º 24
1250-188 Lisboa

IA – Inteligência Artificial
Avenida da Descoberta, n.º 100
4000-065 Porto

Lisboa, 15 de maio de 2013

Assunto: Candidatura oferta de emprego

Ex.mos Senhores,

Venho, por este meio, candidatar-me à oferta de emprego, publicada no sítio *EmpregoOnline*, sob a referência n.º 2347, para a função de Gestor de Projetos.

Concluí em setembro do ano transato o Mestrado Integrado em **Engenharia Biomédica**, numa universidade portuguesa de renome internacional, e, desde essa altura, tenho participado no desenvolvimento de protótipos de **próteses artificiais** de controlo cerebral, **no âmbito de projetos de investigação académica**. Tenho frequentado, igualmente, ações de formação contínua no domínio das mais recentes aplicações da **instrumentação biomédica**.

Possuo excelentes capacidades de comunicação oral e escrita, adapto-me facilmente ao trabalho em equipa e tenho **espírito de liderança**. Domino, para além do português, as línguas inglesa e espanhola e possuo bons conhecimentos de informática, **nomeadamente de utilização de software específico nesta área científica**.

Encaro com entusiasmo e responsabilidade a possibilidade de integrar o quadro profissional de uma empresa reconhecida pelo prestigioso trabalho desenvolvido na área da Engenharia Biomédica.

Junto envio o meu *Curriculum Vitae* com uma descrição mais detalhada das minhas **qualificações** académicas, experiência profissional e **aptidões** pessoais.

Agradecendo antecipadamente a atenção dispensada, manifesto a minha total disponibilidade para prestar quaisquer esclarecimentos adicionais em entrevista ou por contacto telefónico.

Com os melhores cumprimentos,

Manuela Silva

(228 palavras)
Das autoras

Nome e endereço
do emissor

Nome e endereço
do destinatário

Local e data

Indicação do assunto

Saudação

Corpo da carta

• vocabulário
especializado

• linguagem cuidada

• rigor e correção

• frases complexas
mais extensas

• frases declarativas

Fórmula de despedida

Assinatura

Exemplo – Carta informal

Lisboa, 30 de maio de 2013

Olá, Luís!

Como estás? Espero que esteja tudo bem contigo. Já não falamos há tanto tempo! Tenho muitas novidades para te contar.

Acabei o meu mestrado há uns meses atrás. Defendi a minha tese na área das próteses artificiais controladas pelo cérebro e, para além de ter tido uma excelente nota (18!!!!), fui convidada para integrar uma equipa de investigação na minha universidade. Bem, quando te contar os pormenores do nosso projeto não vais acreditar! É fantástico, mas ultrassecreto!!! Queremos garantir a inovação do mecanismo que estamos a desenvolver. Prometes que não revelas nada? ☺ Acabei também de concorrer a uma vaga na AI, aí no Porto. Quem sabe se não irei trabalhar para a tua cidade?

E tu? O que tens feito? Da última vez que falámos, estavas a preparar o teu plano de trabalhos para te candidatares a um doutoramento no estrangeiro. Era na área da linguística aplicada, salvo erro... Qualquer coisa relacionada com síntese de discurso, não era? Espero que o teu projeto tenha sido aprovado. É também uma área de investigação muito interessante e inovadora. Há tantos ramos de investigação que gostaria de experimentar!! Tudo é infinitamente mais interessante com a tecnologia de que dispomos hoje em dia!

Fico a aguardar notícias tuas. Quando for ao Porto, se ainda por cá estiveres, tomamos um café, OK?

Fica bem.

Beijinhos,

Manuela

(230 palavras)

Das autoras

Data e local

Saudação

Corpo da carta

• vocabulário corrente

• linguagem simples, registo familiar

• frases curtas

• frases exclamativas e interrogativas

• expressões/símbolos emotivos

Fórmula de despedida

Assinatura



Vê

Questão · Exame nacional 2010 (1.ª chamada)

Imagina que participaste numa viagem por terras longínquas e pouco exploradas.

Escreve uma carta, correta e bem estruturada, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que relates a uma pessoa tua amiga o que aconteceu durante a viagem e na qual descrevas o que de mais interessante observaste.

Respeita os aspetos formais da carta.

Assina a carta com a expressão “Um amigo explorador” ou “Uma amiga exploradora”.

Percurso

Deves começar por **planificar** o teu texto, atendendo nos aspetos abaixo:

- respeita o tema e o tipo de texto indicado na questão (carta informal com o relato de uma viagem e, pelo menos, um momento descritivo);
- pensa num local (destino da viagem) e no objeto da tua descrição (as pessoas? a paisagem? a vegetação? uma ave? um momento como, por exemplo, o pôr do sol?);
- regista algum vocabulário que possas usar na tua descrição, nomeadamente adjetivos;
- recorda os aspetos estruturais da carta informal (local e data, saudação, despedida).

Inicia a fase da **textualização**, atendendo ao estilo próprio deste tipo de carta e assegurando os mecanismos de coesão e coerência, bem como a correta estruturação do teu texto. No final, relê-o e procede à sua **revisão**:

- corrige erros ortográficos que aí detetes;
- confirma se usaste com correção os sinais de pontuação e as maiúsculas;
- cumpre o limite de palavras indicado.

Resposta (Proposta de texto)

Coimbra, 30 de junho de 2013

Querida Cristina,

Escrevo-te para te contar a mais extraordinária aventura que alguma vez vivi!

Como sabes, este ano foi o último da minha licenciatura em Geologia. Éramos finalistas e queríamos fazer uma viagem que fosse real-

mente marcante e estivesse ligada à nossa área de estudo. Decidimos, então, ir conhecer o famoso Grand Canyon! Já ouviste falar? É um desfiladeiro profundo, esculpido pelo rio Colorado, no estado do Arizona, nos EUA.

Resolvemos acampar lá uma semana para explorar o local, fazendo caminhadas, recolhendo amostras de rochas e fotografando tudo e mais alguma coisa! O desfiladeiro faz parte de um Parque Nacional com o mesmo nome que presta um ótimo serviço de assistência a jovens exploradores! Há trilhos assinalados, vigilância por *webcam*, ações de formação... Foi uma aventura responsável, como vês!

Bem, mas o mais fantástico é mesmo a paisagem! Estar no topo do desfiladeiro com mais de 1500 metros de profundidade e uma extensão de centenas de quilómetros é uma experiência avassaladora! Sentimo-nos ínfimos perante tamanha imensidão. Tinha a ideia de que a paisagem seria de um acastanhado invariável e monótono, mas a verdade é que há zonas em que rochas avermelhadas contrastam com o verde da vegetação sob o azul límpido do céu e a beleza é de cortar a respiração! É uma viagem que recomendo, definitivamente!

E tu? Que novidades tens?

Um beijo,

Um amigo explorador

(233 palavras)



Agora Tu • Questão 7

Imagina que viajaste para um país distante, com uma cultura e paisagem exóticas.

Escreve uma carta, correta e bem estruturada, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que relates a uma pessoa tua amiga o que aconteceu durante a viagem e na qual descrevas o que de mais interessante observaste.

Respeita os aspetos formais da carta.

Assina a carta com a expressão "O teu amigo" ou "A tua amiga".

Cf. soluções • p. 252

Atenção!

Se quiseres praticar outros exercícios de exame sobre a carta, consulta as seguintes provas:
2008 – 2.ª chamada • 2006 – 1.ª chamada

Parte II

Prova Final

Informações / Conselhos úteis

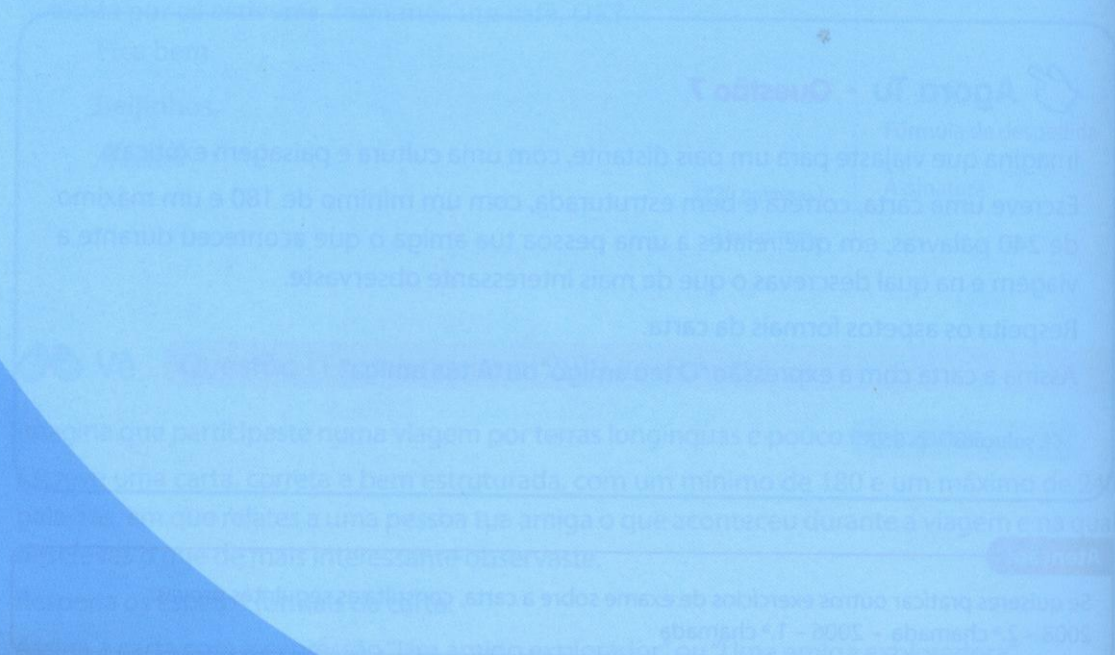
O que não fazer?

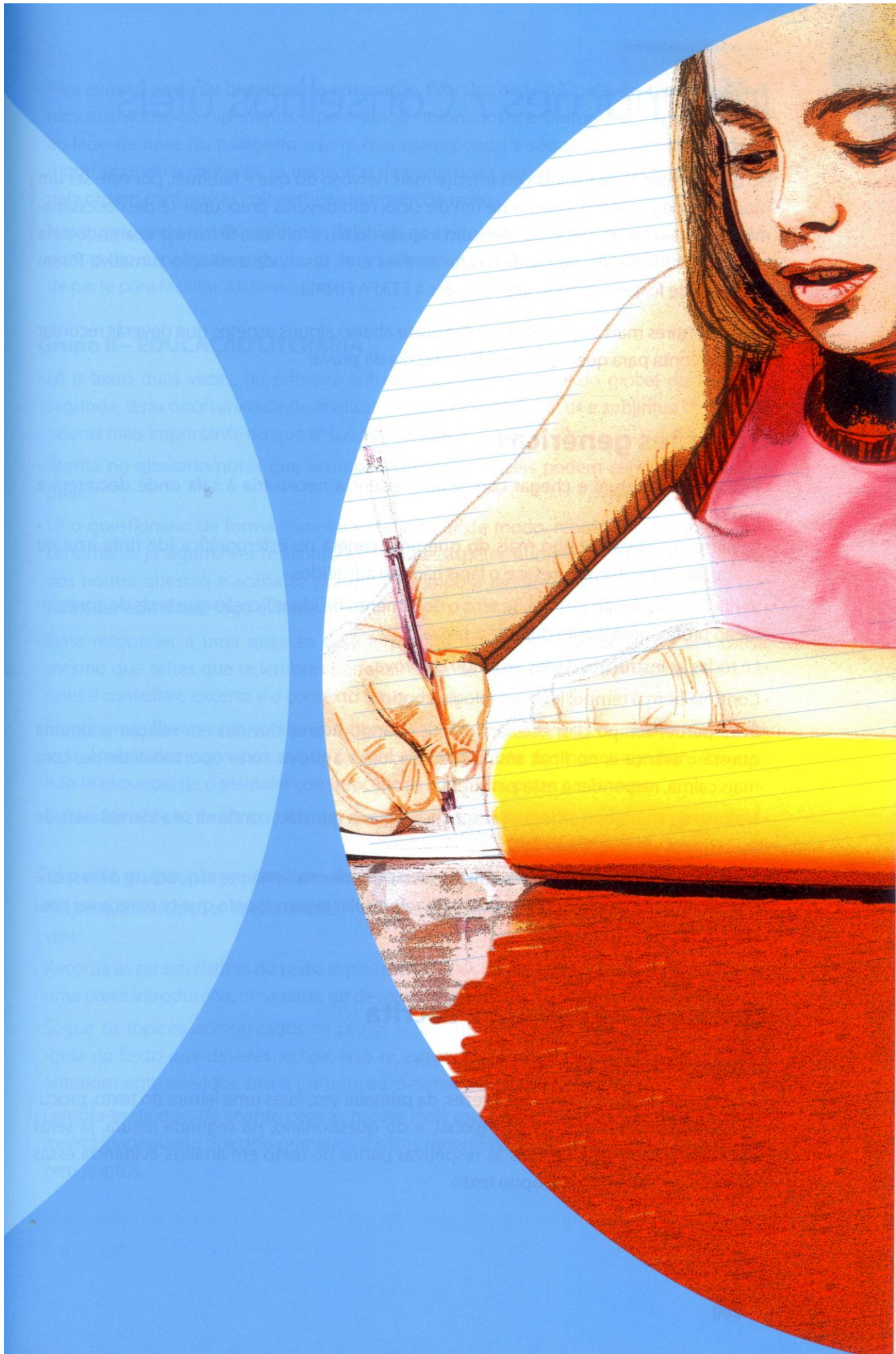
Guia de exploração de erros comuns

Provas-tipo

Prova Final de 2013

- 1.ª chamada
- 2.ª chamada





Informações / Conselhos úteis

No dia da Prova Final estarás certamente mais nervoso do que é habitual, por este ser um momento de avaliação externa de fim de ciclo. Não deverás preocupar-te desnecessariamente. Pensa que ao longo do ano, com a ajuda do teu professor, te foste preparando para este momento, sendo que as fichas formativas e os testes de avaliação sumativa foram degraus que foste escalando até chegares à ETAPA FINAL!

Para te sentires mais seguro, apresentamos-te abaixo alguns aspetos que deverás recordar e ter em conta para que tudo corra bem no dia da prova!

Questões genéricas

- Procura ser pontual e chegar com a antecedência necessária à sala onde decorrerá a prova.
- Confirma se levas contigo mais do que uma caneta ou esferográfica (de tinta azul ou preta); já sabes que o corretor e o lápis não são admitidos.
- Verifica, antes de sair de casa, se tens o documento de identificação que terás de apresentar ao professor-vigilante durante a prova.
- Lê todas as instruções dadas ao longo da prova.
- Controla bem o tempo; leva um relógio contigo.
- Evita perder tempo desnecessariamente quando tiveres dúvidas em relação a alguma questão; avança e, no final, assim que concluíres a prova, terás oportunidade de, com mais calma, responder a essa pergunta.
- No caso de alterares a ordem de resposta a alguma questão, confirma se a identificaste de forma clara.
- No final da prova, relê a tua folha de respostas e confirma se não te esqueceste de responder a nenhuma questão e aproveita para reformular algum aspeto que te pareça ser possível melhorar.

Questões de Leitura e Escrita

Grupo I – LEITURA

- Lê o texto e o questionário duas vezes: da primeira vez, farás uma leitura do texto, procurando apreender o seu sentido global, e do questionário; na segunda leitura, já serás capaz de associar as questões às respetivas partes do texto em análise; evidencia essas ligações, sublinhando o próprio texto.

- Para evitar o erro, nas questões de ordenação, procura, no texto, palavras repetidas, sinónimos, antónimos, hipónimos/hiperónimos, holónimos/merónimos; de seguida, coloca ao lado da frase ou parágrafo a letra que corresponde à sequência identificada; desse modo, quando terminares, só necessitas de transcrever para a folha de respostas as letras pela ordem com que as colocaste na margem do texto.
- Nas questões de escolha múltipla, delimita, no texto, o excerto a que cada uma das perguntas diz respeito; de seguida, exclui as alíneas que possam ser imediatamente postas de parte para facilitar a tua escolha.

Grupo II – EDUCAÇÃO LITERÁRIA

- Lê o texto duas vezes: na primeira leitura apreenderás o sentido global do texto; na segunda, terás oportunidade de analisar aspetos mais específicos e sublinhar o que consideras mais importante ou que te suscita dúvidas.
- Atenta no glossário/notas que acompanham o texto, pois podem conter informações úteis.
- Lê o questionário de forma completa; evitarás, deste modo, repetições desnecessárias; certamente já alguma vez te aconteceu incluíres aspetos numa resposta que são solicitados noutra questão e acabaste por perder tempo a tentar resolver um problema que podia ter sido desde logo evitado.
- Evita responder a uma questão de interpretação sem releres a passagem em causa; mesmo que aches que te lembras perfeitamente do texto e saibas a resposta, não arrisques e consulta o excerto e o contexto em que se insere.
- Sempre que fizeres uma transcrição textual, confirma se esta está devidamente assinalada, através das aspas; no caso de fazeres algum corte na passagem que transcreveres; não te esqueças de o assinalar com reticências colocadas entre parênteses.
- Evita a transcrição de texto, a não ser que isso seja explicitamente pedido na pergunta.

Caso este grupo integre um item de resposta extensa:

- Respeita as instruções apresentadas, nomeadamente quanto ao número limite de palavras;
- Recorda as características do texto expositivo (cf. pp. 184-185) e inclui, na tua produção escrita, uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão;
- Segue os tópicos apresentados na prova; repara que eles funcionam como um plano-guia do texto que deverás redigir. Não te esqueças de os articular com os momentos anteriormente referidos, isto é, introdução, desenvolvimento e conclusão.
- Lembra-te de que, de acordo com as provas mais recentes, o não tratamento ou o tratamento inadequado dos dois primeiros tópicos determina a classificação da resposta com zero pontos.

Questões de Gramática (Grupo III)

- Revê os teus conhecimentos dos conteúdos de gramática que estudaste ao longo do 3.º ciclo, nas áreas abaixo listadas:
 - texto (cf. pp. 114-126);
 - estrutura da frase (cf. pp. 127-142);
 - classes de palavras (cf. pp. 143-168);
 - relações entre palavras (cf. pp. 111 e 169);
 - processos de formação de palavras (cf. pp. 168-169);
 - processos fonológicos (cf. pp. 107-108);
 - modos de representação do discurso (cf. p. 115);
 - pontuação (cf. pp. 109-111).
- Recorda que as perguntas são realizadas sob a forma de itens de seleção (escolha múltipla) e de construção (reescrita de frases).

Questões de Escrita (Grupo IV)

- Relembra as características da tipologia textual solicitada e, em função disso, faz a planificação do teu texto.
- Repara que o texto narrativo, o texto de opinião e a carta são tipologias que surgem com muita frequência em exame, por isso, trabalha e prepara bem estes géneros textuais.
- Faz um rascunho do texto, a partir do plano-guia que elaboraste.
- Respeita o tema e a tipologia propostas, já que, se não o fizeres, o teu texto será classificado com zero pontos.
- Cumpre o limite de extensão indicado, pois se escreveres palavras a mais ou a menos o teu texto pode sofrer uma penalização. No caso de o teu texto apresentar uma extensão inferior a 60 palavras, será classificado com zero pontos.

Atenção!

Para evitar que a contagem do número de palavras te atrapalhe, faz uma média das palavras com que, geralmente, ocupas uma linha. Imagina que, por exemplo, a tua média corresponde a dez palavras por linha; desse modo, ficas a saber que o teu texto vai ocupar mais ou menos 18 a 24 linhas. Poderás, inclusivamente, delimitar, na tua folha de rascunho, com um pequeno ponto, as linhas que reservarás para cada uma das partes. Tendo como valor de referência as dez palavras por linha, para a introdução e conclusão, três a quatro linhas são suficientes; assim, o desenvolvimento ocupará entre 12 e 16 linhas. Esta esquematização pode ajudar-te a perceber a importância que deverás dar a cada uma das partes.

- Escreve com correção ortográfica.
- Encadeia as ideias de forma lógica, recorrendo a conectores interfrásicos variados (cf. p. 121).

O que não fazer?

Guia de exploração de erros comuns

1. Transcrever em vez de parafrasear

Não | Transcrever, isto é, copiar partes do texto, a não ser que tal seja explicitamente pedido (Ex.: Transcreve; Fundamenta a tua resposta com elementos do texto; etc.)

Detalhes

Este é um erro clássico: sempre que a resposta que queremos está no texto, a nossa primeira tendência é... copiá-la! Afinal de contas, diz exatamente o que queremos referir, então porque não transcrevê-la? Porque, como sabes, há uma desvalorização prevista para estes casos. De facto, se o objetivo da prova é avaliar, entre outras coisas, a tua compreensão do texto e a tua expressão escrita, o que inclui a capacidade de reformulação, não faz muito sentido apresentares frases que não são da tua autoria! A não ser que haja uma indicação clara para transcreveres, deves fazer um esforço de paráfrase. Vê o exemplo abaixo.

Sim | Reformular, parafrasear, isto é, dizer o mesmo por outras palavras

Exemplo

**[Prova Final 2012
1.ª chamada]**

Repara no seguinte excerto:

“Mães, esposas, filhos que se tinham de desarreigar dos braços dos que partiam!... Bem se esforçavam estes por sorrir [...]. Via-se-lhes bem no brilho do olhar e no embargo da fala o que lhes ia lá por dentro”

Fernando Campos, *A Casa do Pó*, 2.ª ed. Lisboa, Difel, 1987

Uma das questões colocadas acerca deste texto é a seguinte:

Explica esta afirmação, começando por identificar as personagens referidas.

Uma resposta do género “As personagens referidas são as que estão de partida. Via-se-lhes bem no brilho do olhar e no embargo da fala o que sentiam” contém uma incorreção/imprecisão: a explicitação dada é uma cópia quase integral de parte do excerto.

Sugestão de correção

As personagens referidas são as que estão de partida. Estas têm o olhar brilhante, o que indicia a existência de lágrimas nos olhos, e revelam dificuldade em falar. Estes dois aspetos denunciam o estado emocional em que se encontravam.

- “brilho do olhar” substituído por “olhar brilhante, o que indicia a existência de lágrimas” ✓
- “embargo da fala” substituído por “dificuldade em falar” ✓
- “o que lhes ia lá por dentro” substituído por “estado emocional em que se encontravam” ✓

2. Parafrasear em vez de explicar

Não Se a instrução é do tipo “Explica como/de que forma/a relação entre...”, “Relaciona A e B...”, não parafrasear apenas, isto é, não dizer exatamente o mesmo por outras palavras

Detalhes

Se te é pedido para explicares uma relação que está implícita, isto é, que não é estabelecida objetivamente pelo texto, não adianta parafraseares o excerto em análise, pois se a relação não está presente no original, vai faltar com certeza na tua paráfrase. Deves comparar os elementos que te pedem para relacionar, perceber em que medida se aproximam e/ou se afastam e estabelecer, pelas tuas palavras, a relação existente.

Sim Comparar os elementos, procurar semelhanças e diferenças, perceber como se relacionam e explicitar essa relação

Exemplo

Exame Nacional 2009
1.ª chamada

Repara no seguinte excerto:

“O rei está sentado no cadeirão do trono. É um rei velho, de longas barbas brancas. [...] A sala grande do palácio tem um ar desolado, mais parece um deserto, e nela vão circulando alguns (poucos) cortesãos e criados. [...] O rei, tristonho e distraído, brinca com a coroa, que ora tira ora põe na cabeça.”

Yvette Centeno, *As Três Cidras do Amor*, Lisboa, Edições Cotovia, 1991

Uma das colocadas acerca deste texto é a seguinte:

É possível estabelecer uma relação entre o espaço descrito e a caracterização psicológica do rei. Em que consiste essa relação?

Com uma resposta do tipo “O rei estava triste e o espaço à sua volta parecia abandonado, desértico” não acrescentamos nada de novo. O único trabalho de interpretação que demonstramos fazer foi substituir “desolado” por um sinónimo, o que significa que nos limitámos a parafrasear, não estabelecendo a relação pedida.

O percurso de leitura que te conduz à resposta pretendida deve incluir as seguintes fases:

- 1.ª) quanto ao palácio, o “ar desolado” sugere descuido, desleixo, abandono, apatia e a palavra “deserto” remete para a falta de objetos decorativos, sugerindo um espaço despido;
- 2.ª) o facto de o rei, triste e distraído, fazer movimentos sucessivos e repetitivos, sem finalidade, com a coroa aponta para um estado de alheamento da realidade, desinteresse pelo que o rodeia, fechamento relativamente ao exterior;
- 3.ª) conclusão: o estado emocional da personagem e o estado do espaço físico são semelhantes.

Sugestão de correção

Há uma relação de semelhança/identificação entre os sentimentos de tristeza e alheamento do rei e o estado descuidado e aspeto despido do espaço que o envolve. O espaço físico envolvente é um reflexo do estado espírito do rei.

3. As enumerações

Não

Utilizar formulações variadas para os termos de uma mesma enumeração

Detalhes

Um dos usos dos dois pontos é introduzir enumerações. Regra geral, os alunos aplicam os dois pontos com esta finalidade de forma correta e quase intuitiva. Muitas vezes o problema surge na formulação dos diferentes termos da enumeração (normalmente separados por vírgula ou ponto e vírgula). Há que ter em conta o seguinte:

- 1.º) os termos de uma enumeração são, normalmente, equivalentes entre si (da mesma natureza morfosintática e da mesma relevância de conteúdo);
- 2.º) a oração que os introduz, aquela que precede os dois pontos, tem de “funcionar” com todos em conjunto e com cada um individualmente.

Para assegurarmos estas duas propriedades, é necessário que a formulação dos diferentes termos seja igual ou equivalente, isto é, se o primeiro termo é um nome, os restantes serão nomes ou constituintes de valor nominal, se é uma oração, os seguintes serão, em princípio, orações (salvo as exceções que a língua sempre permite).

Sim

Assegurar que os termos da enumeração sejam sintaticamente equivalentes

Exemplo

[Exame Nacional 2010
2.ª chamada]

Atenta na seguinte questão:

Indica dois aspetos comuns às personagens “homenzinho magro” e “jovem loura”.

Agora analisa cuidadosamente a resposta à questão colocada:

“De acordo com o texto, dois aspetos comuns às personagens são: a agitação; os dois manifestam ansiedade”.

Como constataste, a enumeração introduzida pelos dois pontos contém dois termos que não são equivalentes em termos (morfo)sintáticos:

- o primeiro é um grupo nominal (grupo cujo constituinte principal é um nome – “agitação”);
- o segundo é uma oração.

Se iniciares uma enumeração com um grupo nominal, os restantes termos devem ser grupos nominais ou constituintes de valor nominal. Para além disso, repara que a formulação do segundo termo infringe a segunda regra referida acima: *De acordo com o texto, dois aspetos comuns às personagens são os dois manifestam ansiedade.* ✗

Sugestão de correção

De acordo com o texto, dois aspetos comuns às personagens são: a agitação; a manifestação de ou o manifestar de ansiedade.

Detalhes

Por vezes, no Grupo I da prova, surgem questões que incidem sobre um parágrafo ou frase e não sobre a totalidade do texto. Como direcionamos a nossa atenção para um segmento específico, esquecemo-nos frequentemente de, num segundo momento, relacionar o significado particular daquele excerto com o sentido global do texto, quando tal é necessário.

Sim

Perceber a articulação entre a parte e o todo e assegurar que a resposta evidencie essa ligação

Exemplo

Exame Nacional 2008
2.ª chamada

No exame de 2008, 2.ª chamada, no texto B, a narradora:

- no 1.º e 2.º parágrafos, reconta o episódio em que é humilhada publicamente por querer enviar uma carta numa época tecnologicamente avançada;
- a propósito desse episódio, recorda, no 3.º parágrafo, o momento em que, escrevendo à mesa de um café, uma empregada comenta, com tom de incredulidade, o uso de uma caneta e tinteiro, provocando um sentimento de humilhação, ainda que mais ténue do que na situação referida anteriormente.

Numa das questões, pede-se a atribuição de um título ao 3.º parágrafo. Um leitor menos atento ou mais apressado proporia: “A caneta e o tinteiro” ou “Escrevendo à mesa do café” ou ainda “A empregada do café”. São, sem dúvida, títulos adequados, mas que ditariam a perda de 1 ponto na classificação da resposta. Porquê? Sabemos que este é apenas um dos parágrafos do texto e que, por isso, é parte de um todo com o qual interage e no seio do qual se justifica – e essa relação não é traduzida pelos títulos apresentados. Sabemos que a recordação desse episódio no café:

- é evocada pela situação narrada no início do excerto dada a semelhança entre as duas (“Lembrei-me, então, de outra vez em que uma coisa semelhante se tinha passado comigo, embora não tão ostensivamente humilhante, coisa bem mais pacata e silenciosa”);
- é iniciada por uma comparação explícita entre as duas situações e o grau de humilhação causado por uma e outra.

Assim, os **critérios de correção** distinguem títulos que sintetizem o sentido global do episódio, como “Outro momento (não tão) humilhante” ou “A recordação de uma humilhação mais silenciosa” (cotação total – 2 pontos) de títulos que destaquem apenas um elemento significativo do episódio, como aqueles que referem a caneta, a empregada ou o café (metade da cotação total).

5. As não frases

Não

Construir (supostas) frases com formas não finitas do verbo

Detalhes

A expressão escrita é naturalmente um dos domínios de avaliação da prova e são vários os itens de resposta cuja cotação contempla o parâmetro de “organização e correção linguística”. Neste âmbito, um erro comum, que muitas vezes não resulta do desconhecimento das normas que regem a construção de frases em português, mas de lapsos na pontuação ou no encadeamento de orações subordinadas, é o uso de não frases, isto é, a apresentação de um grupo de palavras como sendo uma frase que efetivamente não é.

Tipicamente, uma frase simples ou as orações de uma frase complexa (exceto as orações subordinadas não finitas) contêm uma forma verbal finita, isto é, conjugada num determinado tempo, modo, aspeto, pessoa e número. As designadas formas não finitas do verbo (o gerúndio, o infinitivo e o particípio passado – cf. p. 151) não podem, por si só, funcionar como verbo principal e, isoladamente, constituir uma frase.

Sim

Usar as formas finitas do verbo

Exemplo

Repara no exemplo apresentado a seguir:

“Vendo uma flor bela e cheirosa, que, tal como Inês, depois de arrancada perderá a cor.”

Há três formas verbais neste enunciado, duas não finitas e outra finita:

- 1) “Vendo” – gerúndio do verbo *ver*;
- 2) “arrancada” – particípio passado de *arrancar*;
- 3) “perderá” – forma do verbo *perder* no futuro do indicativo.

Se prestares atenção, as formas 2) e 3) estão integradas numa oração subordinada adjetiva relativa explicativa que, como sabes, é equivalente a um adjetivo ou grupo adjetival. Vamos, então, substituí-la por um adjetivo:

Vendo uma flor bela e cheirosa, colorida. ✗

Este processo serviu para ilustrar que, apesar de conter uma forma verbal finita, a “frase” apresentada é uma não frase, pois essa forma está incluída num constituinte dispensável. Quando o retiramos ou substituímos por equivalente, obtemos uma frase agramatical, porque a única forma verbal que existe está no gerúndio.

Sugestão de correção

Ele admirava uma flor bela e cheirosa, que, tal como Inês, depois de arrancada perderá a cor. **ou** Vendo uma flor bela e cheirosa, que, tal como Inês, depois de arrancada perderá a cor, ele decidiu deixá-la ficar.

6. (Des)Concordâncias

Não

Ignorar a concordância entre o verbo de uma oração adjetiva relativa e o seu antecedente

Detalhes

As orações relativas não são, de uma forma geral, problemáticas em termos das regras de concordância que devem ser respeitadas. Há, no entanto, situações especiais a que deves estar atento, pois podem induzir-te em erro e ditar incorreções linguísticas que são objeto de desvalorização em prova. Vê os exemplos apresentados abaixo.

Sim

Identificar cuidadosamente o antecedente do pronome relativo e estabelecer a correta concordância entre este e o verbo da oração

Exemplo

Para perceberes o exemplo que a seguir te apresentamos, explicamos-te, em primeiro lugar, o modo de construção de frases complexas com orações adjetivas relativas. Vê as duas frases seguintes:

O diretor da escola elogiou os alunos do 9.º ano. ~~Os alunos do 9.º ano~~ alcançaram bons resultados.

que

Uma oração adjetiva relativa permite encadear duas frases numa só, evitando-se repetições desnecessárias. Assim, um pronome relativo substitui o constituinte duplicado na segunda frase e junta-se ao seu antecedente (elemento repetido), passando a ligar as duas orações numa frase só:

"O diretor da escola elogiou os alunos do 9.º ano **que** alcançaram bons resultados."

antecedente

Repara no exemplo que se segue:

"A Mariana foi uma das alunas que obteve nível 5 na prova."

O facto de o antecedente do pronome relativo ser precedido pela expressão "uma das" origina um erro de concordância que facilmente detetarás se decompuseres esta frase complexa nas duas frases simples que lhe deram origem:

"A Mariana foi uma das alunas. As alunas obteve nível 5 na prova." ✗

Na segunda frase simples, como podes constatar, o verbo (3.ª pessoa do singular) não concorda com o sujeito (as alunas – 3.ª pessoa do plural). A correção seria:

"A Mariana foi uma das alunas. As alunas obtiveram nível 5 na prova." ✓

Sugestão de correção

A Mariana foi uma das alunas que obtiveram nível 5 na prova.

7. As maiúsculas

Não

Utilizar as maiúsculas indiscriminadamente

Detalhes

Por uma questão de estilo pessoal, há caligrafias assentes no uso exclusivo de maiúsculas. No entanto, em situação de exame, esse uso não é admitido. Nos critérios gerais de classificação (pelo menos desde o exame de 2009) pode ler-se:

“A classificação das provas nas quais se apresente qualquer resposta escrita integralmente em maiúsculas é sujeita a uma desvalorização de três pontos”.

Porque a exemplificação do erro não é pertinente neste caso, enumeramos as regras de utilização de maiúsculas, que sofreram alterações com o Acordo Ortográfico de 1990. No ano letivo de 2013/2014 continuam a ser permitidas as duas grafias. No entanto, a partir daí, será obrigatório o uso da nova norma, pelo que as regras abaixo seguem o novo acordo.

Sim

Utilizar maiúsculas apenas nos casos gramaticalmente previstos

Regras e exemplos

A letra maiúscula é utilizada em situações específicas. Discriminam-se a seguir alguns usos obrigatórios e outros opcionais.

Usos obrigatórios

- em início de período.
- nos antropónimos. Ex.: Manuel, Rita
- nos topónimos. Ex.: Cabo Verde, Porto, Luxemburgo
- nomes de instituições. Ex.: Banco de Portugal
- nomes de festas e festividades. Ex.: Natal, Ramadão
- nomes de seres mitológicos. Ex.: Adamastor
- nos títulos de publicações periódicas. Ex.: *Diário de Notícias*
- em siglas, símbolos ou abreviaturas grafadas com maiúscula. Ex.: FMI, H₂O, Sr.
- nos pontos cardeais quando empregados absolutamente ou quando abreviados.
Ex.: Norte (por Norte de Portugal); SE (sudeste)

Usos opcionais

- nos nomes de livros (exceto o primeiro elemento e os nomes próprios). Ex.: *A Cidade e as Serras* ou *A cidade e as serras*
- nos nomes de disciplinas ou áreas do saber. Ex.: matemática ou Matemática
- nos nomes de ruas, templos ou edifícios. Ex.: rua da Liberdade ou Rua da Liberdade

Nota: Segundo o Novo Acordo Ortográfico, os dias, meses, estações do ano e formas de tratamento passam a grafar-se com minúscula.

8. As citações

Não | Não cumprir as regras de citação de texto alheio

Detalhes

Existem dois erros típicos no que diz respeito à citação de partes do texto e integração dos mesmos na tua resposta.

Em primeiro lugar, deves saber que, quando seleccionas uma parte do texto para fundamentar a tua resposta, é necessário que coloques a expressão/frase entre aspas. Para além disso, deverás fazer supressões no texto citado, sempre que existirem elementos dispensáveis, isto é, sem relevância para os aspetos que são solicitados na questão. No entanto, deverás fazer esses cortes respeitando duas condições:

- assinalar as supressões que efetuaste através de reticências delimitadas por parênteses [...];
- manter a coesão frásica dos excertos que foram alvo de corte, pois não é suposto que se perca a articulação entre os seus elementos.

A tua resposta será mais valorizada sempre que nela integres a citação selecionada de forma harmoniosa e articulada.

Sim | Utilizar corretamente as regras de citação de texto alheio

Exemplo

Teste Intermédio
2013

Atenta na seguinte questão:

Indica o tipo de relação que, no primeiro parágrafo, se estabelece entre as características da tia e as características da sobrinha.

Justifica a tua resposta, fundamentando-a em elementos textuais.

Agora, analisa cuidadosamente duas hipóteses de resposta à questão colocada:

- "A rapariga é miudinha e frenética e a tia é tesa e maciça. Existe, pois, uma relação de contraste."
- "Existe uma relação de contraste entre as características da tia e da sobrinha («miudinha e frenética»; «tesa e maciça»)."

Como constataste, embora a segunda opção apresente uma evolução em relação à primeira resposta, que desrespeita as regras de citação (falta de aspas), não pode ser considerada como uma resposta plenamente satisfatória, pois as passagens textuais citadas surgem de forma descontextualizada no final da resposta, sem uma articulação efetiva entre ambos os elementos.

Recomendamos-te que tentes integrar, sempre que possível, as citações na tua própria resposta.

Sugestão de correção

A tia é apresentada como sendo "tesa e maciça", enquanto a sobrinha "é miudinha e frenética", logo podemos dizer que entre as duas personagens existe uma relação de contraste.

9. É que

Não

Evitar a formulação “é que” em questões de resposta curta

Detalhes

Na Parte B do Grupo I da prova, irás responder a questões que testam a tua compreensão do texto, ao mesmo tempo que avaliam a tua expressão escrita. Embora as instruções sejam variadas, nas tuas respostas prevê-se que apresentes um discurso organizado, entre outros aspetos, do ponto de vista sintático.

Verifica-se com frequência que os alunos respondem com formulações do tipo “é que”/“foi que”, o que muito provavelmente se deve ao facto de haver uma insistência por parte dos professores na necessidade de se responder de forma completa às questões. Ora, este tipo de indicação é muito pertinente, mas é preciso que entendas que responder de forma completa não significa “copiars” a questão. Este método não resulta, já que a articulação entre o teu próprio texto e o da questão resultará numa frase sintaticamente incorreta.

Sim

Utilizar formulações mais elaboradas que revelem um domínio consistente da língua portuguesa

Exemplo

Exame Nacional 2011
1.ª chamada

Atenta na seguinte questão:

Indica a razão pela qual Luís de Camões dirige ao conde de Vidigueira o pedido de proteção.

Agora analisa cuidadosamente a seguinte resposta à questão colocada:

“A razão pela qual Luís de Camões dirige ao conde de Vidigueira o pedido de proteção **é que** há uma relação de parentesco entre o conde e Vasco da Gama, personagem da obra para a qual Camões pede proteção.”

Como verificas, a resposta apresenta uma estrutura frásica desviante a nível sintático.

Uma forma de evitares este tipo de construção é procurares, num primeiro momento, iniciar a tua frase com um grupo nominal ou colocares os elementos sintáticos pela ordem mais habitual em português (sujeito – predicado – complemento); numa segunda fase, deverás recordar as conjunções e locuções coordenativas e subordinativas (cf. p. 167) e escolher a que mais se apropria ao contexto.

Sugestão de correção

Luís de Camões dirige o pedido de proteção ao conde de Vidigueira, uma vez que existe uma relação de parentesco entre este e Vasco da Gama, personagem da obra a quem Camões pede proteção.

10. Os referentes

Não | Identificar os referentes de forma incompleta

Detalhes

Na Parte A do Grupo I da prova, é habitual surgirem questões em que se trabalha a coesão textual, nomeadamente no que diz respeito à análise dos pronomes e seus antecedentes.

Embora a resposta a uma questão deste tipo pareça simples, um erro que se verifica com alguma frequência decorre da falta de atenção que pode conduzir à seleção incorreta dos referentes por não se atender ao contexto em que o pronome surge, por um lado, ou à transcrição incompleta dos antecedentes por se considerar apenas o elemento mais próximo do pronome, por outro.

Sim | Identificar os referentes de forma completa, através da análise atenta dos elementos que antecedem o pronome e do contexto da frase

Exemplo

Exame Nacional 2008
1ª chamada

Atenta na seguinte questão:

“As políticas que favorecem o ambiente podem ser benéficas para a inovação e competitividade. Por sua vez, estas impulsionam o crescimento económico, que é fundamental para atingir os objetivos sociais.”

Indica a que se refere a palavra “estas”.

Agora analisa cuidadosamente a resposta à questão colocada:

“A palavra «estas» refere-se à expressão «As políticas que favorecem o ambiente».”

O facto de o pronome demonstrativo surgir na forma plural poderá levar os menos atentos a considerar o grupo nominal “As políticas” como seu referente; no entanto, a forma do demonstrativo “estas” implica, como sabes, uma proximidade com o antecedente textual. Deste modo, “estas” refere-se ao grupo nominal que lhe está mais próximo (“a inovação e competitividade”). Repara que, neste caso, seria imprescindível que seguissem esta linha de raciocínio, já que, se te limitasses a fazer a análise contextual em que o pronome está inserido, as duas possibilidades seriam igualmente válidas (“As políticas que favorecem o ambiente” e “a inovação e competitividade”).

Sugestão de correção

A palavra “estas” refere-se à expressão “a inovação e competitividade”.

Provas-tipo

Prova Final de Português

3.º Ciclo do Ensino Básico

Prova-tipo 1

GRUPO I

Lê o texto seguinte. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado a seguir ao texto.

Os países da União Europeia têm de combater a “crise da literacia”¹, por melhores competências de leitura e escrita, logo desde a primeira infância até à idade adulta, indica um estudo de peritos europeus divulgado hoje.

Nas vésperas de se assinalar o Dia Internacional da Literacia, a Comissão Europeia revelou hoje em Nicósia (Chipre) as conclusões de um relatório elaborado por peritos europeus com propostas concretas para os Estados-membros melhorarem os níveis de literacia.

O relatório fala em “crise de literacia”, porque um em cada cinco jovens europeus de 15 anos e quase 75 milhões de adultos ainda não têm conhecimentos de base para ler e escrever.

No documento do grupo de peritos [...] são feitas várias recomendações gerais para que, em 2020, 85 por cento dos jovens europeus com 15 anos tenham melhores níveis de literacia.

Os peritos citam vários exemplos europeus de boas práticas de promoção de literacia e entre eles estão [...] o Plano Nacional de Leitura, o projeto de promoção da leitura *Catal-Livros* e a organização não governamental *Empresários pela Inclusão Social*. [...]

O relatório elenca² medidas muito específicas para diferentes faixas etárias, desde a primeira infância, passando pela adolescência e incluindo a idade adulta, onde a iliteracia ainda é um tabu³.

Tendo por base vários indicadores científicos e estatísticos, como o Programa de Avaliação Internacional dos Estudantes (PISA) de 2009, os peritos reconhecem que há um desequilíbrio no que toca a competências de leitura entre sexos, com os rapazes a registarem níveis mais fracos (26,6%) e a lerem menos do que as raparigas (13,3%).

Por isso recomendam, a título de exemplo, que os adolescentes tenham acesso a materiais de leitura mais diversificados, como banda desenhada e livros eletrónicos, e que sejam criadas bibliotecas em ambientes não convencionais, como os centros comerciais.

Ainda assim reconhecem que Portugal, Letónia, Luxemburgo e Polónia foram os países onde houve progressos nos níveis de literacia durante a última década entre os jovens com 15 anos.

A Comissão Europeia quer que se invista em professores especialistas em leitura, que haja mais programas de promoção da leitura e da escrita que envolvam pais e filhos, porque a influência parental não se fica apenas nos primeiros anos de vida.

Há ainda a questão da pobreza – pelo menos 27 milhões de crianças estão no limiar da pobreza no espaço da UE –, do envelhecimento da população, da necessidade de renovação de competências adequadas à idade, e da vertente económica, porque o mercado de trabalho está a exigir qualificações de alto nível.

Baixos níveis de literacia significam maior dificuldade em conseguir um emprego, aumento do risco de pobreza e exclusão social, alertam os peritos.

A comissária europeia de Educação e Cultura, Androulla Vassiliou, irá apresentar e debater os resultados deste relatório a 4 e 5 de outubro no Chipre numa reunião informal com os ministros da Educação da UE.

No sábado, 8 de setembro, é celebrado o Dia Internacional da Literacia, criado pela UNESCO⁴.

in http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=58499,
consultado em 10-06-2013 (texto com supressões)

Vocabulário

1 *literacia*: capacidade de ler e escrever; **2** *elencar*: enumera; **3** *tabu*: assunto que não deve ser comentado; **4** *UNESCO*: sigla de *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

1. As afirmações apresentadas (de **A** a **G**) baseiam-se em informações do texto.
Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem de apresentação dessas informações no texto.
Começa a sequência pela letra **E**.
 - A.** Seguidas as recomendações, estima-se que, nos próximos anos, haja uma redução dos níveis de iliteracia entre os jovens.
 - B.** O aumento da literacia traduz-se numa melhoria das condições de vida das populações.
 - C.** Ainda que seja necessário continuar a trabalhar para melhorar os níveis de literacia da população, em Portugal registou-se uma evolução positiva a este respeito.
 - D.** Será necessário proporcionar formas alternativas de leitura, para combater os fracos níveis de literacia verificados entre os jovens.
 - E.** É urgente reduzir os níveis de iliteracia nos países da União Europeia.
 - F.** A fim de potenciar boas práticas de leitura, é necessário que as medidas tenham como alvo não só as crianças e os jovens, mas também a população adulta.
 - G.** Foram apontadas medidas específicas com o objetivo de melhorar as competências de leitura e de escrita da população.
2. Selecciona, em cada item (**2.1.** a **2.5.**), a opção que permite obter a afirmação adequada ao sentido do texto.
Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
 - 2.1.** A utilização do adjetivo “concretas” (linha 6) revela que as propostas apresentadas pelos peritos europeus são
 - A.** imprecisas.
 - B.** inovadoras.
 - C.** objetivas.
 - D.** significativas.

2.2. O pronome “eles” (linha 14) refere-se a

- A. “85 por cento dos jovens europeus com 15 anos” (linha 11).
- B. “Os peritos” (linha 13).
- C. “exemplos europeus” (linha 13).
- D. “vários exemplos europeus de boas práticas de promoção da literacia” (linha 13).

2.3. O relatório elaborado por peritos europeus revelou que os fracos níveis de literacia

- A. são um problema que se restringe às camadas mais jovens da população.
- B. afetam todas as camadas da população, das crianças aos adultos.
- C. verificam-se, exclusivamente, em jovens do sexo masculino.
- D. não constituem um entrave para a redução dos níveis de pobreza e de exclusão social.

2.4. O conector “Por isso” (linha 23) apresenta, em relação ao parágrafo anterior, uma ideia de

- A. confirmação.
- B. conclusão.
- C. comparação.
- D. oposição.

2.5. Pela leitura das linhas 29 a 31, podemos depreender que a Comissão Europeia, no que diz respeito à criação de hábitos de leitura nos jovens, considera que

- A. esta depende exclusivamente do envolvimento dos pais.
- B. a influência dos pais se faz sentir apenas na infância.
- C. a ação dos pais é irrelevante a este nível.
- D. os pais, junto de outros intervenientes, podem exercer uma influência muito positiva.

GRUPO II

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado a seguir ao texto.

Um grito encheu a cadeia.

Num sobressalto, o rapaz ergueu-se da sonolência em que jazia sobre a tarimba¹ e foi até às grades. Alquebrado de torpor², a princípio nada compreendeu. Viu, confusamente, os canteiros cheios de flores, as árvores e, para lá do jardim, o edifício amarelado dos Paços do Concelho.

Mas o grito ainda ecoava, morria aflito e longo. Sentiu os homens agitarem-se na cela comum do rés do chão. Perto, soltou-se uma voz lamentosa e resignada:

– Cala-te, Doninha!

Em baixo, de pé sobre o parapeito de uma das janelas, um homem completamente nu, mãos escuras enclavinhadas nos varões das grades, voltou a gritar. No corpo mirrado³, saliente de ossos, só as pernas avolumavam, ponteadas de buracos negros. Na cabeça calva, faces lívidas, queixo recuado, os olhos guardavam um terror de demência, dilatados de espanto pelo próprio grito que lhe escancarava a boca.

O rapaz, que se erguera da tarimba, abandonou a janela, acordando de vez. Doninha só gritava de noite, daí a surpresa. Olhou a manta, pensando deitar-se de novo. Mas, como de

costume, sempre que ouvia o Doninha, começou a passear de uma parede a outra. De súbito, o som seco de um corpo que cai sobre uma laje fê-lo parar. Pôs-se à escuta. Empurrou a porta gradeada e desceu para o rés do chão.

- Caiu outra vez e rachou a cabeça?... - perguntou um preso ao vê-lo passar.

20 Calado, o rapaz continuou o caminho e foi parar junto da porta de uma das celas.

Lá dentro, Doninha, todo nu, estava estirado ao comprido, de costas, pernas e braços abertos, sobre o chão imundo. A mesma expressão apavorada, mas agora baça e fria, abria-lhe os olhos para o teto. Os beiços repuxados mostravam as gengivas amarelas e sem dentes. Ao lado da cabeça, alastrava uma mancha de sangue.

25 O rapaz desandou até ao portão que dava para a casa do carcereiro⁴. Era o único preso que tinha licença de andar pela cadeia. Só à noite o fechavam na cela.

- Mateus! - chamou ele.

Um homenzinho apareceu, arrastando-se quase sem dobrar as pernas, curtas e grossas como cepos⁵. Aproximou as orelhas, muito despegadas do crânio. Uma cabeça pequenina, 30 cabelo rapado e com o maxilar inferior tão largo e comprido que parecia impedi-lo de fechar completamente a boca.

- Que há, Sr. Adriano? - inquiriu, espremendo, desconfiado, os olhinhos negros, rebrihantes.

- Há que o Doninha partiu a cabeça! - gritou-lhe o rapaz.

35 Mateus continuou a olhar para Adriano [...]. Levantou os bracinhos como se um desgosto o tomasse. Já de costas, suspirou, desaparecendo, pela porta donde viera:

- Nem uma pessoa pode jantar em sossego!...

Manuel da Fonseca, *Cerromaior*, Lisboa, Planeta DeAgostini, 2000 (excerto com supressões)

Vocabulário

1 *tarimba*: estrado alto de madeira sobre o qual dormiam os soldados em vigília ou os prisioneiros; 2 *Alquebrado de torpor*: enfraquecido pela preguiça; 3 *mirrado*: muito magro; 4 *carcereiro*: guarda de prisão; 5 *cepos*: pedaços de tronco cortados transversalmente.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

1. Atenta na frase: "Mas o grito ainda ecoava, morria aflito e longo." (linha 6).

1.1. Identifica dois recursos expressivos aí presentes e explica de que modo valorizam a descrição do grito.

2. A primeira descrição de Doninha (linhas 9 a 13) tem um forte carácter sensorial.

Identifica dois tipos de sensações aí presentes, comprovando a tua resposta com elementos do texto.

3. Relê o excerto seguinte:

"Era o único preso que tinha licença de andar pela cadeia. Só à noite o fechavam na cela." (linhas 25 e 26).

Até este momento, há elementos no texto que sustentam a hipótese de o rapaz ser um recluso e outros que sugerem a possibilidade de ser um guarda.

Explica como se cria esta incerteza, referindo um aspeto que suporte cada uma das possibilidades.

4. A descrição do Sr. Mateus recorre frequentemente ao uso do diminutivo: “homenzinho”, “(cabeça) pequenina”, “olhinhos” e “bracinhos”.

4.1. Associa este uso a uma característica física e a um traço psicológico da personagem, fundamentando a tua resposta com elementos do texto.

5. Selecciona, de entre os títulos seguintes, aquele que, na tua opinião, se adequa melhor ao sentido do texto do Grupo II.

a) O grito

b) A indiferença do ser

Justifica a tua opção, fundamentando-a na leitura do texto.

Lê as estrofes 22 e 23 do Canto I de *Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item 6. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado a seguir ao texto.

Estava o Padre ali, sublime e *dino*,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com *hũa* coroa e cetro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados¹
De ouro e de *perlas*, mais abaixo estavam
Os outros Deuses, todos assentados,
Como a Razão e a Ordem concertavam²
(Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam);
Quando Júpiter alto, *assi* dizendo,
Cum tom de voz começa, grave e horrendo:

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição organizada por
Emanuel Paulo Ramos, Porto, Porto Editora, 2011

Vocabulário

1 *marchetados*: esmaltados;

2 *concertavam*: determinavam.

6. Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 22 e 23.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos a seguir apresentados. Se não mencionares ou se não tratares corretamente os dois primeiros tópicos, a tua resposta será classificada com zero pontos.

- Identificação do episódio a que pertencem as estrofes.
- Indicação do momento da ação aí representado e os seus intervenientes.
- Relação da postura da personagem principal com o seu papel e com o motivo da reunião.
- Explicitação de dois aspetos que caracterizem o local onde decorre a ação.
- Antecipação do desenlace do episódio.

Observações relativas ao item 6:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2014/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (um ponto);
 - um texto com extensão inferior a 23 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

GRUPO III

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Completa cada uma das frases seguintes com um dos elementos do quadro apresentado. Escreve o número do item, a alínea e o elemento que lhe corresponde.

Muitos a) a iliteracia como uma questão pouco relevante.

b) também os que consideram que os fracos níveis de literacia estão relacionados com os problemas de pobreza e exclusão social.

c) na importância da literacia é acreditar na possibilidade de uma sociedade mais evoluída.

Atualmente, d) muito desta problemática.

à	falasse	querer	fala-se
veem	crer	há	vêm

2. Reescreve as frases a seguir apresentadas, de **a)** a **d)**, iniciando a oração sublinhada pela conjunção, ou pela locução, indicada entre parênteses.

Faz as alterações necessárias nas orações sublinhadas.

- a)** Mesmo se implementarmos as medidas imediatamente, a redução da iliteracia será gradual.
(Ainda que)

b) Para intervirem no debate sobre literacia, têm de se inscrever.

(Para que)

c) Devemos atuar enquanto não é tarde.

(Antes que)

d) Se requereres o subsídio de modernização da biblioteca escolar, ele ser-te-á certamente concedido.

(Caso)

3. Indica a função sintática dos elementos sublinhados nas seguintes frases.

a) Todos deveríamos considerar as questões de literacia importantes.

b) Uma intervenção rápida é crucial.

c) Pai, consideras-te um leitor fluente?

4. Transcreve a oração subordinada que integra a frase complexa que se segue.

Os programas de promoção da leitura e da escrita que envolvem pais e filhos melhoram os níveis de literacia da população.

GRUPO IV

Escreve um texto correto e bem estruturado, adequado a um jornal escolar, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que expresses a tua opinião acerca da importância da leitura para o desenvolvimento de cada indivíduo e apeles a uma alteração de comportamentos no combate aos fracos níveis de literacia no nosso país.

Não assines o teu texto.

Observações relativas ao Grupo IV:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2014/).

2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:

- a um texto com extensão inferior a 60 palavras é atribuída a classificação de 0 (zero) pontos;
- nos outros casos, um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos) do texto produzido.

FIM

Prova Final de Português

3.º Ciclo do Ensino Básico

Prova-tipo 2

GRUPO I

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado a seguir ao texto.

Como ser feliz

Por vezes, já é tarde de mais quando percebemos quais as coisas que fazem a nossa felicidade. A psicologia pode ajudar-nos a escolher as prioridades e a ter tempo para lutar por elas.

A enfermeira e escritora australiana Bronnie Ware trabalhou durante muitos anos com doentes terminais. Comovida com os testemunhos que escutara, escreveu um artigo sobre os
5 arrependimentos, os pesares e as mágoas que mais repetiam no seu leito de morte. Depois, desenvolveu o tema no livro *The Top Five Regrets of the Dying* (“Os cinco principais arrependimentos dos moribundos”). Nas suas páginas, reuniu muitos dos acontecimentos e atitudes que as pessoas que acompanhava teriam gostado de mudar ou retificar se tivessem tido tempo ou a vida lhes tivesse dado uma segunda oportunidade. Eram quase sempre decisões relacio-
10 nadas com o amor, a família, o trabalho ou os amigos.

Contudo, a vida, aquilo que nos acontece enquanto estamos ocupados a traçar outros planos, passa muito depressa e, por vezes, aprendemos as suas lições quando já é demasiado tarde para pô-las em prática. O facto de nos aproximarmos do fim, pela dificuldade que implica aceitar que tudo acaba, ajuda a compreender o que é realmente importante. Como
15 dizia Irvin Yalom, escritor e professor catedrático de psiquiatria na Universidade de Stanford (Estados Unidos), “embora o ato físico da morte nos destrua, a ideia dela pode salvar-nos”. Na sua opinião, tal como para muitos psicoterapeutas existenciais, os derradeiros instantes da nossa estada neste mundo proporcionam um estado de lucidez que nos leva a entender, subitamente, as prioridades vitais e a assimilar lições que a urgência habitual do quotidiano não
20 nos permitira integrar.

Claro que, como é lógico, seria muito melhor não chegar tão próximo da Dama de Preto para começar a tomar determinadas decisões. Como dizia Woody Allen¹ (outro dos grandes psicólogos do nosso tempo), “não tenho medo da morte, só não quero estar lá quando acontecer”.

25 Em suma, não parece ser um bom negócio que se tenha de estar internado numa unidade de cuidados paliativos² para começar a rever a escala de valores e pensar em dedicar tempo e esforço ao que realmente interessa, deixando de lado o prescindível. Atualmente, a neurociência e a psicologia dispõem de ferramentas e estudos em desenvolvimento que permitem adiantar-se ao tempo para aprender a viver melhor e a lidar com as questões quando ainda
30 existe a oportunidade de enfrentá-las com garantias. [...]

L.M., “Como ser feliz”, in revista *Super Interessante*, janeiro de 2013 (excerto)

Vocabulário

¹ *Woody Allen*: realizador norte-americano que costuma retratar nos seus filmes, de forma humorística, os dramas que afetam o ser humano; ² *cuidados paliativos*: cuidados prestados aos doentes com doenças terminais para lhes aliviar o sofrimento.

1. As afirmações apresentadas (de **A** a **G**) baseiam-se em informações do texto. Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem de apresentação dessas informações no texto.

Começa a sequência pela letra **D**.

- A.** Existe uma tendência generalizada entre os homens para perceber aquilo que é realmente importante quando já é demasiado tarde.
- B.** Estão a desenvolver-se mecanismos a fim de que a tomada de consciência, por parte do homem, aconteça mais cedo.
- C.** Geralmente, aquilo que as pessoas gostariam de mudar nas suas vidas, caso tivessem oportunidade, relaciona-se com aspetos familiares, afetivos ou laborais.
- D.** A psicologia pode ajudar o homem a compreender os aspetos da sua vida aos quais deve dar maior importância.
- E.** Quando o homem pressente que a sua vida está a chegar ao fim, consegue ver com maior clareza o mundo que o rodeia.
- F.** A morte pode ser encarada como um momento de redenção.
- G.** A escritora teve como fonte de inspiração do seu livro os pacientes que acompanhou nos momentos finais.

2. Selecciona, em cada item (**2.1.** a **2.4.**), a opção que permite obter a afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- 2.1.** Pela leitura do texto, é possível afirmar que

- A.** a psicologia pode ensinar o homem a ser mais feliz.
- B.** o homem tem tendência para perceber quais deverão ser as suas prioridades quando já é demasiado tarde.
- C.** é inevitável que a percepção do que é realmente importante apenas aconteça nos momentos derradeiros da nossa vida.
- D.** hoje em dia, já existem mecanismos, desenvolvidos pela neurociência e psicologia, que permitem ao homem ter uma maior qualidade de vida.

- 2.2.** A palavra “Contudo” (linha 11) indica que, em relação ao parágrafo anterior, este apresenta uma

- A.** alternativa.
- B.** explicação.
- C.** oposição.
- D.** consequência.

- 2.3.** A expressão “O facto de nos aproximarmos do fim” (linha 13) contém

- A.** uma personificação.
- B.** uma hipérbole.
- C.** um paradoxo.
- D.** um eufemismo.

- 2.4. Na expressão “A psicologia pode ajudar-nos a escolher as prioridades e a ter tempo para lutar por elas”, o complexo verbal tem valor
- A. aspetual de início da ação.
 - B. modal de possibilidade.
 - C. modal de probabilidade.
 - D. aspetual de continuidade da ação.
3. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
- A. “que” (linha 1) refere-se a “as coisas”.
 - B. “que” (linha 8) refere-se a “as pessoas”.
 - C. “que” (linha 19) refere-se a “a assimilar lições”.
 - D. “que” (linha 28) refere-se a “ferramentas e estudos em desenvolvimento”.

GRUPO II

Lê o texto seguinte.

- [...] *Toca a campainha da porta.* [...]
- SÁBIO** [...] – Quem é?
- Silêncio.*
- Novo toque mais impaciente da campainha da porta.*
- 5 **SÁBIO** – Seja quem for, não tem educação. (*Abrindo a porta*)
- SOMBRA** (*Entrando*) – Igual à tua será. Aprendi contigo.
- A Sombra está irreconhecível. Veste com um luxo ostentatório e exhibe relógio de ouro no colete, joias e anéis faiscantes.*
- SÁBIO** – Quem é o senhor?
- 10 **SOMBRA** – Já não me conheces?
- SÁBIO** – E, para cúmulo do descaro, trata-me por tu? Quer dizer que perdi por completo a dignidade e a consideração dos outros? Eu já não sou ninguém?
- SOMBRA** – És, apenas, alguém diante da sua própria sombra.
- SÁBIO** – Tu?
- 15 **SOMBRA** – Talvez fosse mais elegante que não nos tratássemos de uma forma tão familiar. Bem vê. Fiz-me corpo. Tenho carne. Uso fato.
- SÁBIO** – Não há dúvida. Tens um ar próspero. A vida corre-te bem... [...]
- SOMBRA** – Não me queixo. Estou rico. Tenho, por conseguinte, meios suficientes para me resgatar.
- 20 **SÁBIO** – O que queres dizer? Perdão. O que é que quer dizer?
- SOMBRA** (*Exibindo uma bolsa cheia de moedas*) – Que rompo o contrato consigo. Pago o fim da minha servidão.

SÁBIO – Mas tu... o senhor é que me fugiu. Porque é que voltou?

SOMBRA – Depois de tudo o que passei, posso dar-me ao luxo de ser de boas contas.

25 Gosto de dar de mim a imagem de homem honesto.

SÁBIO – Imagem que aprendeu comigo.

SOMBRA – Sim, devo-lhe muito. Sempre segui o seu exemplo.

SÁBIO (*Irónico*) – A ponto de passar à minha frente... Por curiosidade: como é que enriqueceu?

30 **SOMBRA** – Uma sombra dispõe de especiais regalias. Atreve-se até onde os demais não chegam. Vi o que ninguém havia de saber. Guardo segredos espantosos.

SÁBIO – E o que fez deles?

SOMBRA – Não os revelei. Mas dei a conhecer aos que tinham interesse em mantê-los soterrados que eu era o único a poder denunciá-los.

35 **SÁBIO** – Isso é chantagem. Procedimento que eu nunca lhe ensinei.

SOMBRA – Como ainda agora disse, o discípulo passou à frente do mestre... [...]

António Torrado, *O Homem sem Sombra*, Caminho, Lisboa, 2005
(excerto com supressões)

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

1. Tendo em conta a indicação cénica da linha 4, o Sábio caracteriza desde logo a figura que se encontra do outro lado da porta ainda que não saiba quem é.
Refere em que se baseia essa caracterização.
2. Na sua primeira fala, a Sombra afirma “Igual à tua será. Aprendi contigo.” (linha 6).
Explica de que modo esta expressão poderá constituir-se como um indício que permite a identificação da personagem por parte do público.
3. A Sombra refere-se a si própria como alguém que gosta de “dar [...] a imagem de homem honesto”.
Explicita o sentido desta expressão.
4. Relê as seguintes palavras da Sombra:
“Não os revelei. Mas dei a conhecer aos que tinham interesse em mantê-los soterrados que eu era o único a poder denunciá-los”.
Explica estas palavras da personagem e refere de que modo contribuem para a sua caracterização.
5. Lê o seguinte comentário:
Pela leitura das falas das duas personagens, percebe-se que não existe uma relação harmoniosa entre ambas.
Apresenta dois argumentos a favor deste comentário, considerando as falas das personagens ao longo do texto.

Lê os excertos do *Auto da Barca do Inferno* ou do *Auto da Índia*, de Gil Vicente, e responde, de forma completa e bem estruturada, apenas a um dos itens, 6. A ou 6. B. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado a seguir aos textos.

Excerto do *Auto da Barca do Inferno*

SAPATEIRO Hou da Barca?
DIABO Quem vem i?
 Santo sapateiro honrado!
 Como vens tão carregado?
SAPATEIRO Mandaram-me vir assi...
 E pera onde é a viagem?
DIABO Pera o lago dos danados¹.
SAPATEIRO Os que morrem confessados,
 onde têm sua passagem?
DIABO Nom cures de mais linguagem²!
 Esta é a tua barca - esta!
SAPATEIRO [...] Como poderá isso ser,
 confessado e comungado?
DIABO E tu morreste escomungado:
 [...] Tu roubaste bem trint'anos
 o povo com teu mester³. [...]
SAPATEIRO Quantas missas eu ouvi,
 nom me hão elas de prestar?
DIABO Ouvir missa, então roubar -
 é caminho per'aqui.

Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*,
 in <http://www.portoeditora.pt/assets/classicos/barca/index.html>

Vocabulário

1 *lago dos danados*: inferno; 2 *Nom cures de mais linguagem*: não vale a pena dizeres mais nada; 3 *mester*: ofício, profissão.

Excerto do *Auto da Índia*

AMA Ora como vos foi lá?
MARIDO Muita fortuna passei.
AMA E eu, oh quanto chorei,
 quando a armada foi de cá!
 E quando vi desferir,
 que começastes a partir,
 Jesu! eu fiquei finada¹.
 Três dias não comi nada,
 a alma se me queria sair.
MARIDO E nós cem léguas d'aqui
 saltou tanto sudoeste,
 sudoeste e oés-sudoeste²
 que nunca tal tromenta vi.
AMA Foi isso à quarta-feira,
 aquela logo primeira?
MARIDO Si e começou na alvorada.
AMA E eu fui-me de madrugada
 A Nossa Senhora d' Oliveira.
 E, com a memória da cruz,
 fiz-lhe dizer ùa missa,
 e prometi-vos em camisa
 a Santa Maria da Luz.

Gil Vicente, *Auto da Índia*, edição didática
 de Mário Fiúza, Porto, Porto Editora, 2011

Vocabulário

1 *fiquei finada*: perdi os sentidos; 2 *saltou tanto sudoeste, / sudoeste e oés-sudoeste*: ventos marítimos.

Escolhe apenas um dos itens (6. A ou 6. B) e identifica, na folha de respostas, o item a que vais responder. Se não identificares o item, a tua resposta será classificada com zero pontos.

6. A Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual presentes linhas fundamentais de leitura da peça *Auto da Barca do Inferno*.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir. Se não mencionares ou se não tratares corretamente os dois primeiros tópicos, a tua resposta será classificada com zero pontos.

- Identificação do espaço onde as personagens se encontram.
- Explicitação da pretensão do Sapateiro e de dois argumentos por ele apresentados que justifiquem essa pretensão.
- Caracterização da atitude do Diabo em relação ao Sapateiro.
- Referência ao destino da personagem, tendo em consideração o teu conhecimento da obra.
- Explicação, com base no teu conhecimento da obra, da intenção de crítica social, feita através do Sapateiro.

6. B Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual presentes linhas fundamentais de leitura da peça *Auto da Índia*.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Identificação do espaço onde as personagens se encontram.
- Contextualização da ação na estrutura externa e interna da peça.
- Explicitação de um exemplo de um tipo de cómico utilizado neste excerto.
- Explicação, com base no teu conhecimento da obra, da intenção de crítica social, feita através da Ama.

Observações relativas ao item 6:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2014/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (um ponto);
 - um texto com extensão inferior a 23 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

GRUPO III

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Completa cada uma das frases seguintes com a forma adequada do verbo apresentado entre parênteses, usando apenas tempos simples.

Escreve a letra que identifica cada espaço, seguida da forma verbal correta.

Quer o Pedro quer o Paulo __a)__ (obter) excelentes resultados na última prova.

Antigamente, __b)__ (haver) menos alunos no quadro de honra da escola.

A Joana __c)__ (intervir) no debate como moderadora.

Se eu __d)__ (estudar) mais durante o ano, não estaria tão nervoso na prova.

As primas da Luísa __e)__ (ver) o futuro de forma otimista.

2. Qual das frases seguintes contém a sequência de palavras cujas classes são: artigo + adjetivo + nome + preposição contraída + nome + advérbio + verbo + advérbio + artigo + determinante + nome?
- a) Há momentos em que sentimos necessidade de rever opções de vida.
 - b) Os principais arrependimentos do homem surgem na fase final da vida.
 - c) A maior parte das pessoas não estabelece adequadamente as suas prioridades.
 - d) O mais importante é ponderar aquilo que é mais importante atempadamente.
3. Selecciona a opção que corresponde à forma passiva da frase “O Rodrigo começou a ler o livro, para fazer o trabalho de Português”.
- Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
- a) “O livro começou a ser lido pelo Rodrigo para fazer o trabalho de Português.”
 - b) “Quem leu o livro, para fazer o trabalho de Português, foi o Rodrigo.”
 - c) “Para que o trabalho de Português fosse feito, o Rodrigo começou a ler o livro.”
 - d) “O livro foi lido pelo Rodrigo para fazer o trabalho de Português.”
4. Qual das frases complexas contém uma oração subordinada adjetiva relativa restritiva?
- Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
- a) O escritor que já publicou vários livros foi premiado pelo seu último romance.
 - b) A crítica considerou que esta obra é absolutamente soberba.
 - c) O autor comprometeu-se a lançar mais um romance até ao final deste ano.
 - d) Comprarei o romance assim que saia pois tenho muita vontade de o ler.

GRUPO IV

No texto A, aborda-se a questão da felicidade e como muitas vezes nos esquecemos dos aspetos mais importantes que podem tornar a nossa existência mais apazível.

Imagina que tens um amigo que está sempre triste e a lamentar-se de tudo o que o rodeia. Escreve-lhe uma carta em que o aconselhes a mudar a sua atitude e em que lhe dês alguns conselhos práticos de como o poderá fazer.

Respeita os aspetos formais da carta.

Escreve um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não assines a carta com o teu nome, mas com a expressão “Um amigo” ou “Uma amiga”. Não indiques a localidade em que te encontras. Em alternativa, utiliza a palavra “Localidade”.

Observações relativas ao Grupo IV:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2014/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos);
 - um texto com extensão inferior a 60 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

FIM

GRUPO I

Lê o texto seguinte.

Universo 3D

Cosmólogo da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, Joel Primack é conhecido por ter postulado a teoria da matéria escura fria, que constitui a base do modelo moderno sobre a estrutura e a formação do universo [...]. “Antes, pensávamos que as estrelas formavam todo o cosmos, mas sabemos agora que tudo o que vemos é apenas 0,5% da realidade.

O resto, além de hélio, hidrogénio e alguns átomos, é matéria e energia escuras”, afirma o cientista, esticando os braços como se pretendesse abraçar o universo. [...]

O mais recente e preciso modelo da evolução espacial em escalas gigantescas, criado precisamente pela equipa de Primack na Califórnia, chama-se *Bolshoi*, o que significa “grandioso” em russo [...]. O resultado é um belo filme tridimensional [...].

“Até onde conseguimos observar, a concordância entre o cosmos conhecido e o modelo Bolshoi é perfeita. [...].”

Graças a esta simulação, sustenta Primack, tornámo-nos a primeira geração de seres humanos a ter uma noção correta da essência e do funcionamento do cosmos. [...]

“Através das ferramentas da ciência moderna, é finalmente possível compreender qual é o nosso verdadeiro lugar no cosmos, onde encaixamos. [...] Temos a oportunidade de usar a nova imagem para podermos começar a pensar com uma perspetiva mais vasta, cósmica, sobre os problemas globais”, afirma Nancy [mulher de Primack]. [...] “Muitos dos problemas mais espinhosos surgem porque ainda contemplamos o firmamento com os olhos do século XVIII. Pensamos que somos uma partícula de pó insignificante, perdida num recanto do universo.”

No entanto, sublinha Nancy Adams, a ciência está a demonstrar que existem, pelo menos, três razões para nos convenceremos de que ocupamos uma posição central e que somos únicos. Em primeiro lugar, o nosso tamanho situa-se num ponto intermédio das escalas possíveis, quer seja medido em centímetros, nanómetros ou anos-luz. Não é um argumento tendencioso: se fôssemos mais pequenos, não teríamos átomos suficientes para desenvolver complexidade. Se fôssemos muito maiores (como uma galáxia, por exemplo), o pensamento, limitado pela velocidade da luz, seria demasiado lento para poder ser funcional. Apenas ocupando a posição intermédia de todos os tamanhos é possível surgir uma consciência tão sofisticada como a nossa. Por isso, se existirem extraterrestres inteligentes, ocuparão provavelmente um volume entre o de um cão e o de uma árvore.

Em segundo lugar, somos feitos de átomos, os quais configuram apenas 4% do universo. A biologia é mais sofisticada do que a química e, até onde conseguimos entender, somos o que de mais complexo existe no cosmos. As descobertas constantes da sonda *Kepler*, que

procura mundos noutras estrelas, confirmam que o sistema solar constitui uma raridade. A
35 própria Terra é um planeta extremamente atípico. Não encontramos nenhum sistema pla-
netário como o nosso, com Júpiter a proteger-nos em vez de nos destruir.

Por último, a terceira razão é a de que os seres humanos evoluem no meio de um período
decisivo: os mil milhões de anos desde que a Terra se tornou habitável e quando a vida do
Sol estava igualmente a meio do seu percurso. Antes de se esgotar esse lapso de tempo, a
40 nossa estrela crescerá e irá esturricar-nos, se é que não nos autodestruímos antes.

A.P.S., "Universo 3D", in revista *Super Interessante*, junho de 2013 (texto com supressões)

1. As afirmações apresentadas (de **A** a **G**) baseiam-se em informações do texto.
Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem de apresentação dessas informações
no texto.
Começa a sequência pela letra **E**.
 - A.** Crê-se que a inigualável complexidade do Homem resulta da sua composição por átomos.
 - B.** O modelo computacional de representação do universo produz imagens 3D.
 - C.** A recente produção científica contraria a perspetiva tradicionalista que ainda persiste na
forma como observamos o céu.
 - D.** A inteligência do ser humano está intimamente ligada ao seu tamanho.
 - E.** Segundo o vigente modelo de funcionamento do cosmos, as estrelas constituem uma
ínfima parte do universo.
 - F.** Somos pioneiros na compreensão exata dos mecanismos que regulam o universo.
 - G.** O modo de funcionamento do sistema solar é único.
2. Selecciona, em cada item (**2.1.** a **2.5.**), a opção que permite obter a afirmação adequada ao
sentido do texto.
Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
 - 2.1. A expressão "Muitos dos problemas mais espinhosos" (linhas 17-18) contém uma
A. comparação. **B.** hipérbole. **C.** metáfora. **D.** eufemismo.
 - 2.2. Na expressão "Não é um argumento tendencioso" (linhas 24-25), a palavra sublinhada
pode ser substituída por
A. parcial. **B.** pessoal. **C.** objetivo. **D.** frágil.
 - 2.3. No penúltimo parágrafo, a expressão "até onde conseguimos entender" (linha 32) corres-
ponde a uma estratégia discursiva da autora para
A. ocultar a incerteza dos factos que apresenta.
B. sublinhar a veracidade inquestionável dos factos que expõe.
C. salientar a controvérsia gerada pelos dados apresentados.
D. salvaguardar a possibilidade de novas descobertas alterarem os dados atuais.

- 2.4. Para Nancy Adams, dados científicos revelam que as três razões da nossa singularidade são
- A. pensamento complexo, propriedades químicas e período de evolução.
 - B. dimensão, composição e período de evolução.
 - C. consciência, emoção e idade.
 - D. velocidade da luz, proteção de Júpiter e dimensão do Sol.
- 2.5. Na frase “Antes de se esgotar esse lapso de tempo, a nossa estrela crescerá e irá esturricar-nos, se é que não nos autodestruímos antes” (linhas 39-40) destaca-se
- A. a estimativa de duração do universo.
 - B. a possibilidade de extinção do planeta Terra e/ou do Homem.
 - C. a noção de que a existência do Sol é indispensável à vida na Terra.
 - D. a certeza de que o ser humano destruirá o planeta em que vive.

GRUPO II

Lê o texto seguinte. Em caso de necessidade, consulta a nota apresentada.

Liberdade

- | | |
|--|---|
| <p>Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!</p> <p>5 Ler é maçada.
Estudar é nada.
O sol doira
Sem literatura.</p> <p>O rio corre, bem ou mal,
10 Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...</p> <p>Livros são papéis pintados com tinta.
15 Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.</p> | <p>Quanto é melhor, quanto há bruma.
Esperar por D. Sebastião¹,
Quer venha ou não!</p> <p>20 Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.</p> <p>E mais do que isto
25 É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca...</p> |
|--|---|

Fernando Pessoa, *Poesias – Ortónimo*,
Porto, Porto Editora, 2010

Nota

¹ D. Sebastião: rei português desaparecido no Norte de África em 1578, provocando uma crise de sucessão que levaria à perda da independência de Portugal. Por nunca se ter confirmado a sua morte, o povo acreditava que iria regressar num dia de nevoeiro, pelo que esta figura ficou para sempre associada ao sonho e à esperança.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

1. Nas duas primeiras estrofes, estabelece-se uma oposição entre aspetos que criam emoções distintas no sujeito poético.
 - 1.1. Explicita-os, fundamentando a tua resposta com elementos textuais.
2. Relê os versos “O rio corre bem ou mal, / Sem edição original” (versos 9-10).
 - 2.1. Explicita o seu sentido.
3. Atenta nos versos “Mas o melhor do mundo são as crianças, / Flores, música, o luar e o sol que peca” (versos 21-22).
 - 3.1. Identifica o recurso expressivo aí presente, evidenciando o seu valor significativo.
 - 3.2. Classifica, quanto ao número de versos, a estrofe em que se inserem.
4. Relê a última estrofe do poema.
 - 4.1. Relaciona o seu conteúdo com o poema na globalidade, evidenciando o valor simbólico da personagem bíblica referida.

Lê as estrofes 142 e 143 do Canto X de *Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item 5.

- | | |
|--|---|
| <p>“Até <i>qui</i>, Portugueses, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos
Que, pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer <i>barões</i> de fortes peitos.
5 Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser aceitos
Às eternas esposas e <i>fermosas</i>,
Que coroas vos tecem gloriosas,</p> | <p>Podeis vos embarcar, que tendes vento
10 E mar tranquilo, <i>pera</i> a pátria amada.”
<i>Assi lhe</i> disse; e logo movimento
Fazem da Ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
15 Das Ninfas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o Mundo aquente.</p> |
|--|---|

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição organizada por
Emanuel Paulo Ramos, Porto, Porto Editora, 2011

5. Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 142 e 143.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir. Se não mencionares ou se não tratares corretamente os dois primeiros tópicos, a tua resposta será classificada com zero pontos.

 - Identificação do episódio a que pertencem as estrofes.
 - Indicação do momento da ação aí representado e da personagem que profere o discurso parcialmente reproduzido.

- Relação entre os *trabalhos* e a *Ilha* referidos.
- Explicitação da profecia mencionada.
- Antecipação do fim da viagem que constitui a ação central de *Os Lusíadas*.

Observações relativas ao item 5:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2014/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (um ponto);
 - a um texto com extensão inferior a 23 palavras é atribuída a classificação de 0 (zero) pontos.

GRUPO III

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Classifica a forma verbal sublinhada na frase seguinte, indicando tempo, modo e voz.
Joel Primack é conhecido por ter postulado a teoria da matéria escura fria.
2. Lê o enunciado seguinte.
Nancy afirmou: “Muitos dos problemas mais espinhosos surgem porque ainda contemplamos o firmamento com os olhos do século XVIII”.
Reescreve em discurso indireto a fala de Nancy.
3. Associa cada elemento da coluna **A** ao único elemento da coluna **B** que lhe corresponde, de modo a identificares a função sintática desempenhada pela expressão sublinhada em cada frase.
Escreve as letras e os números correspondentes. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

COLUNA A	COLUNA B
(a) O pensamento seria <u>demasiado lento para poder ser funcional</u> .	1. complemento indireto
(b) O pensamento, <u>limitado pela velocidade da luz</u> , seria demasiado lento.	2. sujeito
(c) Especialistas consideram o <i>Bolshoi</i> <u>um modelo preciso de evolução espacial</u> .	3. predicativo do sujeito
(d) A nossa estrela irá esturricar- <u>nos</u> .	4. complemento direto
(e) <u>Tudo o que vemos</u> é apenas 0,5% da realidade.	5. predicativo do complemento direto
	6. modificador apositivo do nome
	7. modificador restritivo do nome

4. Reescreve a frase seguinte no futuro do indicativo, procedendo a todas as alterações necessárias.

“Graças a esta simulação, tornámo-nos a primeira geração de seres humanos a ter uma noção correta da essência e do funcionamento do cosmos.”

5. Selecciona, para responderes a cada item (5.1. e 5.2.), a única opção que permite obter uma afirmação correta.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- 5.1. Em “esticando os braços como se pretendesse abraçar o universo”, a oração sublinhada é

- a) subordinada condicional.
- b) subordinada concessiva.
- c) subordinada comparativa.
- d) subordinada causal.

- 5.2. A frase em que o vocábulo “que” é uma conjunção completiva é

- a) “somos o que de mais complexo existe no cosmos.”
- b) “Joel Primack é conhecido por ter postulado a teoria da matéria escura fria, que constitui a base do modelo moderno.”
- c) “os seres humanos evoluem no meio de um período decisivo: os mil milhões de anos desde que a Terra se tornou habitável.”
- d) “As descobertas [...] confirmam que o sistema solar constitui uma raridade.”

GRUPO IV

Com os avanços tecnológicos e científicos da nossa era, já é possível viajar pelo espaço. Imagina que embarcaste numa excursão espacial pelo sistema solar. Escreve um texto narrativo, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que relates um episódio dessa viagem. O teu texto deve incluir uma descrição e um momento de diálogo.

Não assines o teu texto.

Observações relativas ao Grupo IV:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2014/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - a um texto com extensão inferior a 60 palavras é atribuída a classificação de 0 (zero) pontos;
 - nos outros casos, um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos) do texto produzido.

FIM

Provas finais

Prova Final de Português

3.º Ciclo do Ensino Básico

Prova Oficial 2013 – 1.ª chamada

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

Neil Armstrong (1930-2012)

A primeira notícia da morte de Neil Armstrong foi preparada há 43 anos pelo *staff*¹ da Casa Branca². *Para o caso de um desastre na Lua* era o título do memorando³ enviado ao presidente Nixon⁴, com o texto que devia ler na televisão, depois de falar com as viúvas de Neil Armstrong e de Edwin Aldrin. Começava assim: “O destino dispôs que os dois homens
5 que foram à Lua para a explorar em paz ficarão na Lua para descansar em paz.”

A missão era arriscadíssima. O ritmo cardíaco de Neil Armstrong subiu para as 156 batidas por minuto quando tentava pousar o módulo lunar, batizado como *Eagle* (Águia). Nos instantes finais, superou dois problemas: primeiro, começou a soar um alarme com o código 1202 – Armstrong perguntou o que significava e teve de suspender a trajetória
10 durante 80 segundos até um engenheiro em Houston⁵ lhe garantir que podia prosseguir; depois, foi parar a seis quilómetros do local previsto para a alunagem, numa zona cheia de rochas e com uma enorme cratera – tentou procurar um solo mais adequado, mas, quando só lhe restava combustível para 30 segundos, ainda estava no ar, correndo o risco de se despenhar. Foi, por isso, com enorme alívio que as suas palavras foram recebidas na NASA⁶:

- 15 – Houston, daqui base da Tranquilidade. A Águia pousou.
- Recebido, Tranquilidade. Estavam aqui muitos tipos a ficar azuis. Estamos a respirar outra vez. Muito obrigado.

Em Lisboa, eram já 3 h 56 min da madrugada de 21 de julho de 1969 quando Neil Armstrong desceu as escadas do módulo lunar e se imortalizou como o primeiro homem a pisar
20 a Lua.

Disse então a frase em que tinha pensado instantes antes: “Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade.”

Armstrong candidatou-se a astronauta em 1962, depois da morte de uma filha de dois anos. Segundo uma irmã, a sua dor levou-o a querer aplicar as energias em algo muito positivo. Foi então um dos nove selecionados entre 250 candidatos – e era difícil encontrar alguém
25 mais vocacionado: aos dois anos, assistiu a um festival aéreo; aos seis, fez o batismo de voo, com o pai, num trimotor; aos 16, tirou o *brevet*⁷; estudou Engenharia Aeronáutica; foi piloto de testes e manobrou 200 tipos de aviões; participou em 78 missões de combate durante a guerra da Coreia e numa delas teve de se ejetar, depois de uma asa ter sido atingida.

30 O seu primeiro voo espacial foi na missão *Gemini 8*, em 1966, durante a qual um imprevisto levou a nave a girar a uns alucinantes 360 graus por segundo. Mesmo assim, teve perícia para a dominar. Depois da ida à Lua, sentiu-se culpado por ter sido alvo de tantas homenagens, quando o trabalho de 400 mil pessoas da NASA ficou na sombra, e tentou viver uma vida discreta como professor e administrador de empresas.

35 Neil Armstrong morreu no dia 25 de agosto de 2012, depois de uma cirurgia cardíaca. Barack Obama considerou-o um dos maiores heróis americanos de todos os tempos.

O texto que tinha sido preparado para Nixon ler, caso Neil Armstrong tivesse morrido na Lua em 1969, também terminava de forma épica: “Estes homens foram os primeiros e vão permanecer para sempre nos nossos corações. Porque todos os seres humanos que
40 olhem para a Lua nas noites do futuro saberão que há um canto de outro mundo que será para sempre da humanidade.”

Pedro Jorge Castro, *Sábado*, 30 de agosto de 2012 (texto adaptado)

Vocabulário e notas

1 *staff*: grupo de colaboradores diretos; 2 *Casa Branca*: residência oficial do presidente dos Estados Unidos da América; 3 *memorando*: documento oficial em que se comunicam assuntos importantes; 4 *Nixon*: presidente dos Estados Unidos da América, entre 1969 e 1974; 5 *Houston*: cidade dos Estados Unidos da América; 6 *NASA: National Aeronautics and Space Administration*, organismo do governo dos Estados Unidos da América que tem a seu cargo a exploração espacial civil; 7 *brevet*: diploma conferido a quem está apto a pilotar um avião.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. As afirmações apresentadas (de **A** a **G**) referem-se a acontecimentos da vida de Neil Armstrong.

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem cronológica desses acontecimentos, do mais antigo ao mais recente.

Termina a sequência com a letra **E**.

A. Tenta viver discretamente como professor e administrador de empresas.

B. Consegue pousar o módulo Águia, após vários problemas.

C. É o primeiro homem a pisar a Lua.

D. Integra a missão espacial *Gemini 8*.

E. Morre, após uma cirurgia cardíaca.

F. Candidata-se a astronauta e é um dos nove selecionados.

G. Participa em várias missões de combate durante a guerra da Coreia.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1. a 2.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

2.1. O “memorando” (linha 2) continha o texto que o presidente Nixon

A. escreveu, para ler na televisão após a morte dos astronautas.

B. leu aos seus colaboradores, depois de falar com as viúvas dos astronautas.

C. enviou aos seus colaboradores, alertando para o risco de um desastre na Lua.

D. recebeu, para ler no caso de a missão na Lua ser malsucedida.

2.2. Com a expressão “dois problemas” (linha 8), o autor refere-se

- A. à aceleração do ritmo cardíaco de Neil Armstrong, para 156 batidas por minuto, e às dificuldades de contacto com a NASA.
- B. ao atraso na resposta de um engenheiro em Houston e ao risco de despenhamento.
- C. ao alerta dado por um alarme e ao afastamento do módulo Águia, do local de alunagem previsto, para uma zona acidentada.
- D. à falta de combustível e à suspensão da trajetória do módulo lunar durante 80 segundos.

2.3. A frase “Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade.” (linhas 21 e 22) contém um exemplo de

- A. antítese.
- B. eufemismo.
- C. ironia.
- D. personificação.

2.4. A repetição da expressão “para sempre” (linhas 39 e 41), no texto citado pelo autor, pretende reforçar a ideia de

- A. ambição.
- B. intemporalidade.
- C. incerteza.
- D. antiguidade.

3. Seleciona a opção que corresponde à única afirmação **falsa**, de acordo com o sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- A. “que” (linha 5) refere-se a “os dois homens”.
- B. “lhe” (linha 10) refere-se a “um engenheiro em Houston”.
- C. “a” (linha 32) refere-se a “a nave”.
- D. “que” (linha 39) refere-se a “todos os seres humanos”.

Parte B

Lê o poema de Miguel Torga. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Mar

Mar!
Tinhas um nome que ninguém temia:
Era um campo macio de lavrar
Ou qualquer sugestão que apetecia...

5 Mar!
Tinhas um choro de quem sofre tanto
Que não pode calar-se, nem gritar,
Nem aumentar nem sufocar o pranto...

Mar!
10 Fomos então a ti cheios de amor!
E o fingido lameiro¹, a soluçar,
Afogava o arado² e o lavrador!

Vocabulário

1 *lameiro*: terreno húmido ou temporariamente alagado; 2 *arado*: instrumento agrícola utilizado para lavrar a terra.

Mar!
Enganosa sereia rouca e triste!
15 Foste tu quem nos veio namorar,
E foste tu depois que nos traíste!

Mar!
E quando terá fim o sofrimento!
E quando deixará de nos tentar
20 O teu encantamento!

Miguel Torga, *Antologia Poética*,
5.ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4. Identifica duas palavras diferentes, uma na primeira estrofe e a outra na última estrofe, que evidenciem a presença de um “tu” no poema.
5. Explicita dois motivos que podem ter contribuído para a decisão expressa em “Fomos então a ti cheios de amor!” (verso 10), considerando a primeira e a segunda estrofes.
6. Explica o sentido dos versos 11 e 12, referindo o que podem representar “o fingido lameiro”, “o arado” e “o lavrador”, no contexto em que ocorrem.
7. Indica a razão pela qual a expressão “Enganosa sereia” (verso 14) pode ser considerada metáfora de “Mar”.
8. Lê os últimos versos do poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa, apresentados abaixo, e o comentário que se lhes segue.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, *Mensagem*, edição de Fernando Cabral Martins,
Lisboa, Assírio & Alvim, 1997

Tanto nestes versos de “Mar Português” como no poema de Miguel Torga, é possível identificar-se um contraste no modo como o mar é apresentado.

Defende este comentário, explicitando o contraste referido.

Fundamenta a tua resposta com elementos textuais que evidenciem esse contraste.

Parte C

Lê as estrofes 41 e 42 do Canto V de *Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item 9. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

E disse: – Ó gente ousada, mais que quantas No mundo cometeram grandes cousas, Tu, que por guerras cruas, tais e tantas, E por trabalhos vão nunca repousas, 5 Pois os vedados términos quebrantas¹ E navegar meus longos mares ousas, Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho, Nunca arados² d’ estranho ou próprio lenho³;	Pois vens ver os segredos escondidos 10 Da natureza e do húmido elemento⁴, A nenhum grande humano concedidos De nobre ou de imortal merecimento, Ouve os danos de mi que apercebidos⁵ Estão a teu sobejo⁶ atrevimento, 15 Por todo o largo mar e pola terra Que inda hás de sojugar⁷ com dura guerra.
---	---

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de
 A. J. da Costa Pimpão, 5.ª ed., Lisboa, MNE/IC, 2003

Vocabulário e notas

1 *quebrantas*: quebras; violas; 2 *arados*: sulcados; percorridos; 3 *lenho*: barco; 4 *húmido elemento*: mar; 5 *apercebidos*: preparados; 6 *sobejo*: excessivo; 7 *sojugar*: subjugar.

9. Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 41 e 42.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os sete tópicos apresentados a seguir. Se não mencionares ou se não tratares corretamente os dois primeiros tópicos, a tua resposta será classificada com zero pontos.

- Indicação do episódio a que pertencem as estrofes.
- Identificação da personagem referida através da expressão “gente ousada” (verso 1).
- Explicitação de um aspeto que ilustre o carácter ousado dessa “gente” (verso 1).
- Explicação do sentido da expressão “os danos de mi que apercebidos / Estão a teu sobejo atrevimento” (versos 13 e 14).
- Indicação de um dos “danos” (verso 13) a que se faz referência, com base no teu conhecimento do episódio a que pertencem estas estrofes.
- Justificação da importância dos dois últimos versos na glorificação do herói de *Os Lusíadas*.
- Referência a uma semelhança entre estas estrofes e a Proposição de *Os Lusíadas*, relativamente à caracterização do herói.

Observações relativas ao item 9:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2013/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (um ponto);
 - um texto com extensão inferior a 23 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Qual dos conjuntos seguintes é constituído apenas por palavras cujo processo de formação é o mesmo?
Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
 - a) cata-vento – desvendar – vendaval – ventar.
 - b) cometa – galáxia – vaivém – cosmonauta.
 - c) entardecer – anoitecer – embarcar – alunar.
 - d) expedição – explorar – navegar – navio-escola.
2. Associa cada elemento da coluna **A** ao único elemento da coluna **B** que lhe corresponde, de modo a identificares a classe e a subclasse da palavra sublinhada em cada frase.
Escreve as letras e os números correspondentes. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

COLUNA A	COLUNA B
(a) <u>Enquanto</u> percorriam os oceanos, o entusiasmo dos marinheiros crescia.	1. conjunção subordinativa concessiva
(b) A imagem mais extraordinária do nosso planeta captada pelos astronautas é <u>esta</u> .	2. pronome demonstrativo
(c) As viagens por grandes espaços, sem encontrar <u>ninguém</u> , convidam à reflexão.	3. conjunção subordinativa condicional
(d) Os cientistas já <u>se</u> interrogam sobre a existência de vida extraterrestre há muito.	4. pronome indefinido
(e) <u>Embora</u> conhecesse bem os riscos, o investigador aceitou aquela missão.	5. conjunção subordinativa consecutiva
	6. pronome pessoal
	7. conjunção subordinativa temporal
	8. pronome relativo

3. Completa cada uma das frases seguintes com a forma do verbo apresentado entre parênteses, no tempo e no modo indicados.
Escreve a letra que identifica cada espaço, seguida da forma verbal correta.

Pretérito perfeito composto do indicativo

Estes cientistas são quem a (descobrir) mais vestígios de meteoritos na Terra.

Pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo

Antes da partida, os aventureiros despediram-se de quem b (fazer) questão de os apoiar.

Pretérito imperfeito do conjuntivo

Contávamos com escritores que c (intervir) de forma decisiva no debate sobre ficção científica.

Futuro simples do conjuntivo

Todos aqueles que d (ser) corajosos serão aceites nesta missão.

4. Lê a frase seguinte.

O navegador solitário contou-nos as suas peripécias com entusiasmo.

Reescreve a frase, substituindo a expressão sublinhada pela forma adequada do pronome pessoal.

Faz apenas as alterações necessárias.

5. Em qual das frases seguintes a expressão sublinhada desempenha a função sintática de vocativo?

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- a) Ouvei o capitão, um velho marinheiro, falar de monstros marinhos.
- b) Encontrei o velho marinheiro na praia, rodeado de turistas curiosos.
- c) Pedimos ao velho marinheiro que nos relatasse a sua última aventura.
- d) Diga-nos, velho marinheiro, que rota seguiu na sua última viagem.

6. Transcreve a oração subordinada relativa que integra a frase complexa que se segue.

Ainda que não tivesse sequer saído do seu país, as imagens que o repórter publicou pareciam de outro planeta.

GRUPO III

Há quem considere a exploração do espaço um objetivo prioritário para a humanidade. Outros defendem que o Homem deve, antes de mais, aprofundar o conhecimento que tem relativamente ao seu próprio planeta.

Escreve um texto de opinião, que pudesse ser publicado num jornal escolar, em que apresentes razões para defender cada uma das perspetivas indicadas no parágrafo anterior, referindo com qual dessas perspetivas mais te identificas.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não assines o teu texto.**Observações relativas ao Grupo III:**

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2013/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos);
 - um texto com extensão inferior a 60 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

FIM

Prova Final de Português

3.º Ciclo do Ensino Básico

Prova Oficial 2013 – 2.ª chamada

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

Marte na literatura

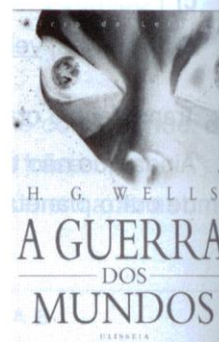
À boleia da exploração do robô *Curiosity*¹, fomos ver como o planeta vermelho tem sido tratado na ficção. Eis alguns casos exemplares.

Por **Sílvia Souto Cunha**

A Guerra dos Mundos

5 De H. G. WELLS
(Ulissea)

Clássico escrito na euforia da pós-industrialização, narra uma invasão marciana hostil: na sequência de explosões em Marte, caem uns cilindros metálicos em Londres, de onde emergem, armados com
10 raios mortíferos, alienígenas² que se deslocam em trípodes³. Por ironia, são dizimados por uma bactéria terrestre, microscópica defesa face ao desconhecido.

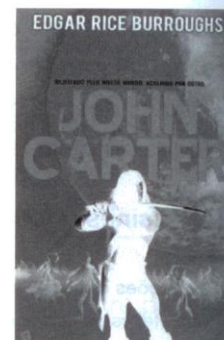


John Carter

De EDGAR RICE BURROUGHS

15 (Saída de Emergência)

O criador de Tarzan inventou um herói ao gosto do público rendido ao cinema, nas décadas de 20 e 30: um John Ninguém, que, ao fugir de índios apaches, é transportado inexplicavelmente para Marte, planeta de princesas, guerreiros bárbaros e monstros surpreendentes.
20 John Carter ganha poderes extraordinários e salva o planeta – à maneira de Flash Gordon ou de Super-Homem, que, dizem, influenciou.



Crônicas Marcianas

De RAY BRADBURY

25 (Publicações Europa-América)

Publicada originalmente em 1950, trata-se de uma obra que ecoa a realidade da Guerra Fria e os receios da era atômica. Bradbury efabula⁴ sobre as várias colonizações humanas de Marte, traçando o retrato do planeta como ruína abandonada, civilização quase extinta, paisagem invadida – um aviso, com paralelismos óbvios com a Terra.

**Regresso a Marte**

De BEN BOVA

(Publicações Europa-América)

Uma anterior expedição terrestre ao planeta desabitado revelara uma forma de vida e um mistério. Seis anos depois, uma segunda missão é encabeçada por um cientista, interessado em descobrir o que aconteceu a Marte, colidindo com os interesses de um patrocinador bilionário que quer explorar os recursos do planeta. Onde é que já ouvimos isto?

Sílvia Souto Cunha, in *Visão*, 16 de agosto de 2012 (texto adaptado)**Vocabulário e notas**

1 *Curiosity*: nome do veículo móvel não tripulado, utilizado para uma missão de investigação em Marte; 2 *alienígenas*: extraterrestres; 3 *trípodes*: estruturas móveis assentes em três pés; 4 *efabula*: narra histórias fabulosas.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1. a 1.4.), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- 1.1. A leitura do texto permite afirmar que as quatro obras apresentadas têm em comum o facto de fazerem referência

- A. à invasão da Terra por marcianos.
- B. à colonização de Marte por seres humanos.
- C. a heróis humanos com poderes extraordinários.
- D. a viagens entre dois planetas.

- 1.2. Com a expressão “Por ironia” (linhas 10-11), pretende salientar-se

- A. o poder destruidor dos marcianos perante a fraca resistência dos seres humanos.
- B. a intensidade do medo sentido pelos humanos perante a força das armas alienígenas.
- C. a desproporção entre o poder dos alienígenas e a pequenez daquilo que os destrói.
- D. o contraste entre a fraca resistência dos marcianos e a vitória que acabam por conseguir.

- 1.3. Com a pergunta “Onde é que já ouvimos isto?” (linhas 38-39), a autora pretende
- A. relacionar a história narrada na obra com os conhecimentos dos leitores.
 - B. desaconselhar a leitura da obra pela falta de originalidade do tema.
 - C. estabelecer um paralelo com as outras obras apresentadas no texto.
 - D. conduzir à reflexão sobre os elevados custos da exploração espacial.
- 1.4. De acordo com o texto, Marte é tratado como um planeta
- A. destruído pela ação dos seres humanos, em *A Guerra dos Mundos*.
 - B. que constitui uma ameaça para a vida na Terra, em John Carter.
 - C. habitado por seres que se assemelham a personagens de fábulas, em *Crónicas Marcianas*.
 - D. que desperta interesse do ponto de vista da investigação científica, em *Regresso a Marte*.
2. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação **falsa**, de acordo com o sentido do texto.
- Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
- A. “que” (linha 17) refere-se a “um John Ninguém”.
 - B. “que” (linha 21) refere-se a “o planeta”.
 - C. “que” (linha 26) refere-se a “uma obra”.
 - D. “que” (linha 38) refere-se a “um patrocinador bilionário”.

Responde, de forma completa e bem estruturada, ao item que se segue.

3. Lê o excerto seguinte.

Havia uma cidade pequena, branca e silenciosa à beira do mar morto de Marte. A cidade estava deserta. Ninguém se movia. Luzes solitárias ardiam nas lojas todo o dia. As portas das lojas estavam escancaradas, como se as pessoas tivessem fugido sem se servirem das chaves. Revistas trazidas da Terra no foguete prateado, há um mês, flutuavam ao vento, intactas, castanhas, em cavaletes de arame colocados em frente das lojas silenciosas.

Ray Bradbury, *Crónicas Marcianas*, trad. de M. Teresa C. P. Pereira, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2002 (texto adaptado)

Identifica dois aspetos que evidenciem que este excerto pertence à obra *Crónicas Marcianas*, considerando a informação apresentada nas linhas 26 a 30 do texto da Parte A.

Justifica a tua resposta com duas expressões retiradas do texto da Parte A (linhas 26 a 30).

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Tomei o comboio na estação de Castanheira, depois que o Calhau deixou de me abraçar.

Foi ele que me trouxe no carro de bois de D. Estefânia [...]. Sozinhos no carro, Calhau abismava-se no grande silêncio da manhã. Apenas de vez em quando, emergindo da solidão, mas fixo ainda na radiação de tudo, dizia coisas naturais da terra e das sementes, ou perguntava de novo a que horas era o comboio.

– Às nove – respondia eu.

– Chegamos a tempo.

E outra vez se calava, de capote às orelhas, sentado na borda do carro, com as pernas suspensas.

Mas logo depois murmurava de novo:

– Tens sorte. Olha eu que nunca pus os pés num comboio. Já o vi três vezes com esta. Mas nunca lá pus os pés. Tens sorte.

A névoa da madrugada desprendia-se dos campos, ia envolvendo a montanha. Dobrado de frio, o queixo nos joelhos, a saca da roupa ao lado, eu sentia-me quase feliz, mas de uma estranha felicidade inquietante. Perturbavam-me de prazer a trepidação¹ da partida, o halo² da novidade e sobretudo o apelo intrínseco³ e doce de todas as pequenas coisas que ficavam mais perto de mim, como o fato novo, estreado esse dia, e o farnel da merenda para comer no comboio. Fechado nestas quimeras⁴, eu calava-me também, como se com o silêncio me defendesse de tudo o que era ameaça à minha roda. Porque tudo para mim era estranho e ameaçador, desde a montanha imóvel na enorme manhã circular até ao espectro⁵ do Calhau e dos bois, tão insólitos⁶ na sua placidez⁷ inicial, como se viessem carregando o carro, submissamente, através de longos séculos...

Afinal chegámos meia hora antes do comboio. De modo que, aproveitando esse bónus de espera, Calhau e eu pusemo-nos a estudar as linhas, os vagões nos desvios, a engrenagem das agulhas. Como achava tudo aquilo maravilhoso, estranhei que o Calhau só três vezes tivesse visto o comboio.

– Há pior – disse-me ele, sossegado. – Conheces a Felícia? Pois é mais velha do que eu e nunca o viu.

– E aqui tão perto! – admirei-me eu, condoído.

Mas Calhau não se perturbou, convencido, decerto, de que isso de ver comboios não era assim muito importante para a vida...

Um homem fardado veio à plataforma dar avisos de corneta, uma inquietação nova centrou a atenção de todos. E, bruscamente, entre dois grandes penhascos, o comboio rompeu enfim como um rancor⁸ subterrâneo, alucinado de ferros e fumarada. E tive medo. Pela primeira vez estremeci de medo até aos limites da vida, não tanto, porém, da fúria do comboio, como dessa coisa insondável⁹ e enorme, tão grande para mim, que era partir.

Vergílio Ferreira, *Manhã Submersa*, 7.ª ed., Amadora, Livraria Bertrand, 1979

Vocabulário

1 *trepidação*: agitação; 2 *halo*: brilho; 3 *intrínseco*: inerente; próprio; 4 *quimeras*: fantasias; 5 *espectro*: imagem fantasmagórica; 6 *insólitos*: estranhos; 7 *placidez*: serenidade; 8 *rancor*: raiva; 9 *insondável*: misteriosa.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4. Identifica dois aspetos que, no texto, evidenciem o facto de o comboio constituir uma novidade.
5. Indica a razão pela qual o mundo exterior aparece, aos olhos do narrador, como “estranho e ameaçador” (linha 21) e transcreve uma expressão que ilustre esta perspetiva subjetiva do narrador.
6. Explica o sentido da expressão “o comboio rompeu enfim como um rancor subterrâneo” (linhas 34 e 35).
7. Explicita a diferença que se verifica entre a ordem real dos acontecimentos e a ordem pela qual esses acontecimentos são narrados no texto, considerando elementos textuais.
8. Lê o comentário seguinte.

Pela leitura do texto, percebe-se que a partida provoca, no narrador, sentimentos de natureza diferente, apesar de, no final, o medo predominar.

Apresenta dois argumentos a favor deste comentário, considerando as informações que surgem ao longo do texto.

Parte C

Lê as estrofes 75 e 76 do Canto VI de *Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item 9. Em caso de necessidade, consulta as notas e o vocabulário apresentados.

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o masto¹ pelo meio,
Quási toda alagada; a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
5 Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Conquanto teve o mestre tanto tento
Que primeiro amainou² que desse o vento.

Agora sobre as nuvens os subiam
10 As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que deciam³
As íntimas entranhas do Profundo.
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo⁴ queriam
Arruinar a máquina do Mundo;
15 A noite negra e feia se alumia
Cos raios em que o Polo todo ardia!

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 5.ª ed., Lisboa, MNE/IC, 2003

Vocabulário e Notas

1 *masto*: mastro; 2 *amainou*: colheu as velas; 3 *deciam*: desciam; 4 *Noto, Austro, Bóreas, Áquilo*: ventos do sul e do norte.

9. Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 75 e 76.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os sete tópicos apresentados a seguir. Se não mencionares ou se não tratares corretamente os dois primeiros tópicos, a tua resposta será classificada com zero pontos.

- Indicação do episódio a que pertencem as estrofes.
- Identificação de uma das alterações nos elementos da Natureza.
- Descrição do estado da “nau grande” (verso 1).
- Explicitação da decisão tomada pelo mestre da “nau de Coelho” (verso 6).
- Descrição do movimento a que estão sujeitas as naus.
- Explicitação do sentimento que domina os navegadores.
- Referência a outro episódio de *Os Lusíadas* em que o mesmo sentimento esteja presente, fundamentando a tua escolha.

Observações relativas ao item 9:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2013/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (um ponto);
 - um texto com extensão inferior a 23 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Qual das frases seguintes contém a sequência de palavras cujas classes são “determinante – nome – pronome – verbo – determinante – nome – verbo – nome – advérbio – adjetivo”?

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

- a) Essa história que humaniza os extraterrestres inspirou vários filmes conhecidos.
- b) O viajante que chegou a Lisboa relatou aventuras verdadeiramente impressionantes.
- c) Certos cientistas que investigam o espaço fazem descobertas bem interessantes.
- d) A possibilidade de viajarmos até Marte não deixa ninguém indiferente.

2. Completa cada uma das frases seguintes com a preposição adequada.

Escreve a letra que identifica cada espaço, seguida da preposição que lhe corresponde.

Os perigos a que contávamos durante a viagem não surgiram.

A paisagem b que mais gosto já inspirou vários artistas.

Uma aurora boreal é um espetáculo c que sempre sonhei assistir.

O cargo d que o comandante me nomeou é de muita responsabilidade.

As razões e que ele decidiu viajar constituem um mistério.

Um herói é capaz de arriscar a vida por aquilo f que acredita.

3. Classifica a forma verbal sublinhada na frase seguinte, indicando pessoa, número, tempo e modo.

Se tivéssemos sabido que o cientista iria estar presente, teríamos assistido à palestra.

4. Lê a frase seguinte.

Emocionado com a fotografia, o astronauta mostrou-a a uma jornalista sua amiga.

Reescreve a frase, substituindo a expressão sublinhada pela forma adequada do pronome pessoal.

Faz apenas as alterações necessárias.

5. Classifica, de forma completa, a oração sublinhada na frase seguinte.

Os alunos asseguraram ao professor que havia novos dados sobre o robô Curiosity.

6. Os segmentos **A**, **B**, **C**, **D** e **E** constituem partes de um texto e estão desordenados.

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem correta dos segmentos, de modo a reconstituíres o texto.

Começa a sequência pela letra **E**.

A

Devido às correntes contrárias e às condições especiais dos ventos, não era possível navegar sempre na direção pretendida, e muito menos ainda seguir uma rota exata. Por exemplo, quem desejasse navegar da Europa à Índia devia rumar primeiramente ao Brasil, e dali deixar-se conduzir pelos ventos alísios até contornar o cabo da Boa Esperança.

B

Fosse qual fosse o sistema utilizado para a sua conservação, os alimentos, passado algum tempo e em contacto com o ar contaminado dos porões, deterioravam-se dentro das barricas onde eram armazenados.

C

Se a tudo isto acrescentarmos que frequentemente decorriam meses, e mesmo anos, até que um navio regressasse à sua pátria, que a tripulação recebia um tratamento duro e frequentemente injusto e era mal remunerada, teremos, por fim, uma ideia mais completa de como então era difícil a vida a bordo.

D

Além disso, a vida dos marinheiros a bordo era também extremamente árdua. As condições de alojamento da tripulação eram muito precárias, dado que os marinheiros dormiam praticamente amontoados. No entanto, as piores dificuldades diziam respeito à alimentação.

E

É difícil imaginar as grandes dificuldades que uma viagem por mar quase sempre implicava nos séculos XVII e XVIII, e mesmo no século XIX, ao nível das condições de navegação, por um lado, e ao nível das condições de vida dos marinheiros, por outro.

Heinz Conradis, "Navios e Descobridores", *O Grande Livro dos Oceanos*, Lisboa, Seleções do Reader's Digest, 1972 (texto adaptado)

GRUPO III

Em muitos textos, o herói é retratado como alguém que se destaca pelos seus feitos extraordinários.

Escreve um texto, que pudesse ser divulgado no jornal de uma biblioteca escolar, no qual refiras as características que consideras mais importantes num herói, justificando a tua opinião e apresentando, com base na tua experiência de leitura, um exemplo de personagem que ilustre o teu ponto de vista.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não assines o teu texto.

Observações relativas ao Grupo III:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2013/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos);
 - um texto com extensão inferior a 60 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

FIM

Parte I – Conteúdos do Programa

Capítulo 1 – Leitura

Texto Narrativo

► Agora Tu

Questão 1

Pág. 13

As três palavras que evidenciam a presença do narrador neste excerto são os pronomes pessoais na 1.ª pessoa do singular “mim” e “eu” (3x), o determinante possessivo “minha”, na 1.ª pessoa do singular, e a forma verbal “tínhamos” (1.ª pessoa do plural).

Questão 2

Pág. 15

É possível identificar uma perspetiva subjetiva por parte do narrador que levanta hipóteses, emitindo a sua opinião sobre a decisão tomada pela personagem (“Se soubesse o que o destino lhe reservava nos próximos tempos, talvez Luís Bernardo Valença nunca tivesse apanhado o comboio [...]”).

Questão 3

Pág. 24

A descrição que o narrador-personagem nos faz da sua rotina revela uma atitude de preguiça e desleixo, como podemos verificar através da expressão “comi-os [...] sem pão, porque já não havia nenhum e porque não queria descer para o ir comprar”.

Questão 4

Pág. 27

Através da descrição das indumentárias das pessoas que passam na rua (tecidos nobres como a seda do vestido e a riqueza de acessórios e calçado), percebemos que se trata de um espaço social favorecido (“uma rapariguinha com um grande laço de cor-de-rosa e sapatos pretos envernizados”; “uma mãe enorme, com um vestido de seda castanho”; “Vendo-o com a mulher, percebi porque é que, no bairro, se dizia que era uma pessoa distinta.”).

Questão 5

Pág. 29

Através da imaginação, a personagem é transportada para ambientes longínquos e misteriosos no Sul (“Quería navegar para o Sul. Imaginava as grandes solidões do oceano [...] as ilhas de coral azul [...]”).

Questão 6

Pág. 32

A expressão evidencia que a passagem do tempo era percecionada pelo narrador de forma lenta, não coincidente com o tempo real. Por se tratar de uma situação desagradável para o narrador (“Eu saía de casa [...] sentindo que aquilo era pior que ir para a escola”), talvez pela total imobilidade a que era obrigado (“Eu não podia mexer-me, não podia bocejar sequer.”), era natural que a passagem do tempo fosse sentida de modo mais demorado.

Questão 7

Pág. 35

Neste excerto, podemos identificar expressões que sugerem sensações visuais (“uma escuridão de estanho esfumado”), auditivas (“atroando tudo com o barulho de todos os bombos e tambores do universo”) e tácteis (“a terra tremera”). Estas passagens, associadas a determinados recursos expressivos (metáfora, na 1.ª expressão, e aliteração, na 2.ª e 3.ª expressões), tornam a descrição mais realista e sugestiva, já que deste modo se ilustra o efeito devastador da Natureza.

Questão 8

Pág. 38

Neste excerto, as dúvidas do miúdo surgem em forma de monólogo integrado no discurso do narrador, havendo, por esse motivo, uma confluência de vozes numa só. Trata-se do discurso indireto livre, uma vez que as questões levantadas pela personagem não estão assinaladas como discurso direto, nem são introduzidas por orações subordinadas completivas nem têm os tempos verbais característicos do discurso indireto.

Questão 9

Pág. 42

A. No último período do texto, é possível verificar a forma como eram vividos os acontecimentos pelos presentes: uns abandonavam o local com enorme tristeza (“pranteado regresso”), enquanto outros se manifestavam mais animados (“tagarelado debandar”). Este contraste poderá ser explicado pelo grau de familiaridade ou

parentesco que existia ou não entre as pessoas que assistiam à largada da armada os que partiam.

B. O parágrafo não pode ser a continuação da narrativa apresentada, dado que, por um lado, não seria possível ao narrador avistar a armada, de acordo com a informação presente na expressão “consumado o ato, já se não avistava a armada, encoberta pela terra, ultrapassada a barra”; por outro lado, o mosteiro dos frades Jerónimos referido, no excerto, como “recente e formoso mosteiro”.

► Etapa Final

Pág. 41

1.1. Guilherme cruza-se com pessoas que atribuem uma dimensão social ao espaço, pois são um conjunto indistinto de trabalhadores, que se deslocam em massa, à hora de almoço, com pressa (“Ninguém se conhece. Todos têm pressa.” – ll. 28-29). Absorvidos nas suas preocupações, estas pessoas circulam alheadas relativamente aos problemas dos outros (“E lá vão, entaipados, solitários, na multidão” – l. 22).

1.2. As personagens com que Guilherme se cruza são figurantes. Não têm relevância na ação; funcionam como elementos caracterizadores do espaço em que a personagem principal se movimenta.

2.1. O discurso de algumas personagens com quem Guilherme se cruza surge em discurso direto, em forma de monólogo (“– Não e não!” – l. 14; “– Hão de acabar por ouvir!” – l. 20).

3.1. No sétimo parágrafo, o narrador levanta hipóteses sobre a forma como as pessoas reagem perante os que falam sozinhos na rua. Na sua opinião, o riso pode ser uma forma de evasão perante os próprios problemas (“Maneira de escapar-se, de fugir aos problemas. Sorrir e esquecer o que se ouve na rua é estar dormindo.” – ll. 16-18).

3.2. Trata-se de um narrador subjetivo.

4. As expressões “Há quem fale alto” (l. 10) e “ambiente ruidoso” (l. 11) remetem para sensações auditivas.

5. Podemos depreender que Guilherme se sente infeliz, possivelmente pela vida rotineira que leva (ll. 46-47), e preocupado com o sustento da família que está a aumentar (ll. 23-25).

6.1. Guilherme, “carrancudo” (l. 26), movimenta-se pela rua, absorto nos problemas, dirigindo-se à taberna onde almoça sozinho. No entanto, quando sai, parece haver uma mudança súbita no seu estado de espírito; tranquiliza-se ao olhar com atenção para os lugares que o cercam (“apercebe-se pela primeira vez, nitidamente, de tudo quanto o cerca. Aquieta-se, como perante uma novidade” – ll. 36-37).

7.1. Trata-se do conector “De súbito” (ll. 43-44).

7.2. Ao ver “um rosto jovem e fresco de mulher” (l. 44), Guilherme parece sair do estado de apatia em que se encontra, visível na forma mecânica como se movimenta durante a hora de almoço. A imagem de um rosto que se distingue da massa anónima e “cinzenta” que o circunda dá-lhe a esperança e expectativa de um futuro melhor.

► Etapa Final

Págs. 58-59

1. As estrofes pertencem ao episódio de Inês de Castro que faz parte do plano da História de Portugal.

2. Este episódio surge encaixado no plano da viagem. Vasco da Gama está a narrar ao rei de Melinde acontecimentos da História de Portugal.

3. Nas duas primeiras estrofes, verifica-se que Inês vive feliz, na sua inocência de mulher apaixonada. No entanto, há uma alteração do seu estado de espírito nas estrofes 124 e 125, pois, nesse momento, Inês é levada à presença do rei pelos seus carrascos. Desesperada, apela à humanidade do avô dos seus filhos.

4.1. “Naquele engano da alma, ledo e cego, / Que a Fortuna não deixa durar muito” (est. 120, vv. 3-4); “De noite, em doces sonhos que mentiam” (est. 121, v. 5).

5. Na primeira estrofe, o poeta reflete sobre a tragédia, responsabilizando o Amor (através da apóstrofe) pela morte de Inês. Trata-se, portanto, de um narrador subjetivo que emite juízos de valor sobre os acontecimentos que relata.

6. “Tu, só tu, puro amor” (est. 119, v. 1); “fero Amor” (est. 119, v. 5).

7. “Mas o povo, com falsas e ferozes / Razões, à morte crua o persuade.” (est. 124, vv. 3-4)

8. a. Inês de Castro; b. “fero Amor”; c. “Naquele engano da alma”; d. Inês de Castro; e. Inês de Castro; f. “mininos”.

9. a. 6; b. 3; c. 5; d. 4; e. 2; f. 1

Texto Poético

Agora Tu

Questão 1

Pág. 62

O esquema rimático do poema é **abaabccddcd**. Assim, verifica-se rima cruzada e emparelhada.

Questão 2

Pág. 65

As três primeiras estrofes são tercetos (3 versos) e a última é uma quadra (4 versos). No que diz respeito às sílabas métricas, não existe regularidade métrica. No primeiro terceto, por exemplo, o primeiro verso é eneassílabo (Al | gu | ma | coi | sa | fo | ra | de | mim – 9 sílabas métricas), o segundo verso é heptassílabo (es | tá | es | con | di | da | em | mim – 7 sílabas métricas) e o último é eneassílabo (co | mo | um | co | ra | ção | ex | te | ri | or – 9 sílabas métricas); já no segundo terceto, temos 9 sílabas métricas no primeiro verso (Às | ve | zes | can | ta | mes | mo | a | meu | la – eneassílabo), 5 no segundo verso (com | a | mi | nha | voz – pentassílabo) e 8 no último (co | mo | se | ti | ve | sse eu | can | ta – octossílabo).

Questão 3

Pág. 69

O poema aborda os desejos variáveis e, por vezes, opostos do sujeito poético. A mudança de vontades acontece com alguma regularidade na vida do “eu” poético, tal como as diferentes fases da lua se vão sucedendo de forma regular. Os diversos estados do sujeito poético são, por isso, comparados às diferentes fases da lua.

Etapa Final

Pág. 70

1.1. Os dois lugares são o espaço em que o sujeito poético se encontra no momento presente (“Aqui [...] Cismo”) e o lar da sua infância (“Lar, na paz que lá havia”). Os momentos evocados são, pois, o presente (“não tenho”) e o passado (“dormia”).

2.1. A infância é associada a tranquilidade, felicidade e companhia (“paz que lá havia”; “Lar adorado”; “Ao pé de minha Irmã”). O momento presente é de solidão (“Sem um beijo”) e tristeza (“não tenho um único deleite”; “deixem-me chorar”).

3.1. O modificador “Talvez” exprime dúvida, incerteza, valor reforçado pelo uso das reticências.

3.2. A expressão “baixar à água fria” significa “morrer”; trata-se, pois, de uma metáfora eufemística.

4. Nos dois últimos versos da segunda quadra temos uma anáfora que consiste na repetição da palavra “sem” no início dos versos. A palavra repetida traduz a ideia de ausência, de carência, sublinhando a solidão do sujeito poético. A última estrofe do poema é iniciada por uma apóstrofe, isto é, pela invocação de um familiar querido do “eu” poético. Este recurso reforça o sentimento de saudade expresso no poema.

5. A primeira parte corresponde às duas primeiras estrofes em que se destaca a oposição entre o presente (“Aqui”; “Cismo”; “não tenho”) e o passado (“havia”, “dormia”, “vinha”). Os dois últimos tercetos compõem a segunda parte do poema, mais centrada nas recordações da infância acompanhadas da expressão dos desejos do sujeito poético através do pretérito imperfeito do conjuntivo (“pudesse eu voltar”) e do imperativo (“conta-me”; “deixem-me”).

6. O poema apresenta o seguinte esquema rimático: abba abba ccd eed. Assim, temos rima interpolada e emparelhada nas duas primeiras estrofes e rima emparelhada e interpolada nos tercetos.

7. As duas primeiras estrofes são quadras (4 versos) e as duas últimas são tercetos (3 versos).

8. O primeiro verso da primeira estrofe é um decassílabo (A | qui | so | bre | es | tas | á | guas | cor | de | a | ze | i).

9.1. a) A expressão que, na minha opinião, se adequa melhor ao sentido do poema é “A saudade da infância”, pois todo o poema se desenvolve em torno desta nostalgia relativamente a um passado feliz: o poeta recorda momentos, lugares e pessoas da sua infância, opondo a alegria do passado à tristeza que sente no presente (“Cismo em meu Lar, na paz que lá havia”), e exprime o desejo de regressar à infância (“Ah pudesse eu voltar à minha infância”). ou b) A expressão que, na minha opinião, se adequa melhor ao sentido do poema é “O passado e o presente”, pois todo o poema se desenvolve em torno da oposição entre estes dois momentos e respetivos

lugares, associados a diferentes estados emocionais do sujeito poético: a alegria e tranquilidade do passado, da infância no seio familiar, e a infelicidade e solidão da fase atual. Esta oposição é construída por um uso adequado de tempos verbais; assim, temos o presente do indicativo por um lado (“Cismo”, “não tenho”) e o pretérito imperfeito do indicativo, por outro (“havia”, “dormia”, “vinha”).

Texto Dramático

Questão 1

Pág. 75

A didascália (“*olhando para Reginaldo, também intrigado*”) fornece indicações sobre os gestos do Bobo (olhar para Reginaldo). Já a didascália (“*desconfiado*”) refere-se a uma atitude do Rei, traduzida, em princípio, pelo tom de voz. Finalmente, a indicação cénica (“*Sai*”) informa sobre a saída de cena de uma personagem.

Questão 2

Pág. 75

O aparte “Pronto, lá lhe voltaram as manias de grandeza...” evidencia o espírito crítico e a atitude sarcástica do Bobo, por um lado, e, por outro lado, revela o estado perturbado do Rei que não parece estar consciente de uma alteração no seu estatuto ou função.

Etapa Final

Pág. 77

1.1. As personagens que intervêm neste excerto são Amália, Duarte e Brás Ferreira. Os dois primeiros são noivos (“meu pai jurou que desfazia o nosso casamento”, ll. 8-9) e Brás Ferreira é o pai de Amália, futuro sogro de Duarte (“Conversa com minha filha”, l. 4).

1.2. Duarte é uma personagem modelada, pois, para além das variações de atitude ao longo do excerto (preocupado, arrependido, atrapalhado) que evidenciam a densidade psicológica da personagem, o noivo de Amália manifesta a intenção de alterar o seu comportamento.

2. A peripécia é o pedido de dinheiro a Duarte por parte do pai de Amália. A partir daí, Duarte vê-se obrigado a mentir novamente para justificar a falta de dinheiro de forma coerente com as histórias contadas anteriormente.

2.1. Duarte parece ter a habilidade de improvisar, de forma mais ou menos convincente, quando questionado sobre as suas mentiras. Assim, é provável que ultrapasse este obstáculo facilmente.

3.1. A ação decorre essencialmente enquanto Brás Ferreira se retira para analisar uns papéis (“*vai sentar-se à esquerda*”, l. 5; “*chegando com um papel*”, l. 24). Na sua ausência, Duarte e Amália estabelecem uma conversa que terá durado alguns minutos apenas.

3.2.1. As referências ao “agiota” (alguém que empresta dinheiro a juros) e à moeda “contos de réis” evidenciam que a história não decorre na atualidade.

4. Através deste aparte, Duarte dirige-se ao público, manifestando a sua inquietação sobre como resolver o problema.

5.1. Percebemos que Brás Ferreira se mantém desconfiado pela insistência com que coloca perguntas acerca da venda da casa e porque, no final, põe a hipótese de Duarte estar a mentir, revelando não estar convencido da veracidade das respostas.

Etapa Final

Pág. 87

1.1. Na linha 8 há, de facto, uma contradição já que o frade, elemento do clero, se apresenta como membro da corte, o que evidencia o modo leviano de encarar as suas funções.

1.2. “Por minha la tenho eu, / e sempre a tive de meu.” (ll. 14-15), “[...] Por ser namorado / e folgar com uma mulher / se há um frade de perder [...]” (ll. 29-31)

2.1. O Frade invoca o seu hábito, isto é, o facto de ser um membro do clero (“E est’hábito nom me vale?”, l. 26), alega ter rezado muito (“com tanto salmo rezado?”, l. 32) e ter-se limitado a fazer o mesmo que todos os outros elementos da igreja fazem (“E eles fazem outro tanto!”, l. 19).

3.1. A expressão “Gentil padre mundanal” (l. 27) é um exemplo de caracterização direta, pois é uma característica apontada pelo Diabo que descreve o Frade como uma pessoa com interesses e desejos contrários aos princípios espirituais da Igreja. O facto de o Frade achar que não deve ser condenado pela sua relação amorosa com a mulher (“[...] Por ser namorado / e folgar com uma mulher / se há um frade de perder”, ll. 29-31) revela a sua inconsciência (caracterização indireta).

3.2. Os adereços de que o Frade se faz acompanhar (broquel, espada e casco) são importantes porque denunciavam, por si só, as atividades não espirituais a que ele se dedicava e que determinarão a sua condenação.

4.1. Sim, o Frade é uma personagem-tipo, pois representa um grupo social: o clero. Sabemo-lo pelo hábito que veste, mas também porque, de acordo com as suas palavras, o seu comportamento, os seus vícios morais são representativos da atuação dos outros membros da Igreja.

4.1.1. “E eles fazem outro tanto!” (l. 19)

4.2. A intenção do autor é criticar vários grupos profissionais e sociais, demonstrando, assim, a corrupção moral de toda a sociedade.

▶ Etapa Final

Pág. 90

1. O excerto situa-se na cena V, altura em que a Ama relembra um antigo namorado, o Lemos. Em termos de estrutura interna, este momento da ação integra o conflito, que corresponde às peripécias decorridas enquanto o marido da Ama se encontra ausente, em viagem.

2.1. As personagens que intervêm na ação são a Ama (devassa, por se mostrar interessada noutros homens que não o marido) e a Moça (perspicaz e irónica). As personagens referidas são o Castelhana (caracterizado como fanfarrão e gabarola) e Lemos (descrito como impostor).

2.1.1. Quer a Ama, quer a Moça são caracterizadas de forma indireta, ou seja, através dos seus atos e falas (Ama – “Muito bem me parece ele”, l. 3; Moça – “Não vos fieis vós naquele / porque aquilo é refião”, ll. 4-5). O Lemos e o Castelhana são caracterizados de forma direta, sobretudo pela Moça (Castelhana – “aquilo é refião”, l. 5; Lemos – “não suspirava o coitado / senão por algum dinheiro”, ll. 13-14).

3. A fala “Quem? O rascão do sombreiro?” (l. 10) ilustra o cómico de linguagem.

4.1. A obra critica a desestruturação das famílias causada pela partida dos homens à procura de riqueza e a infidelidade das mulheres que ficavam sós.

4.2. Julgo que a obra pode considerar-se atual, pois está-lhe subjacente a crítica a comportamentos de moralidade questionável, como o adultério e a ambição, que continuam a verificar-se na sociedade de hoje.

▶ Etapa Final

Págs. 102-103

1. E., B., G., A., F., D., C. ou B., G., A., F., D., C.

2.1. A. **2.2.** D. **2.3.** A. **2.4.** D.

3. A.

Capítulo 2 – Gramática

A Língua

▶ Agora Tu

Questão 1

Pág. 111

A palavra “António” encontra-se separada por vírgula por se tratar de um vocativo.

Questão 2

Pág. 112

a) eminente; **b)** despena; **c)** ilegível; **d)** apóstrofe; **e)** precursor

▶ Etapa Final

Pág. 113

1. **a.** solteiro; **b.** solitário; **c.** mãe; **d.** madre; **e.** coroa; **f.** coronha; **g.** adro; **h.** átrio

2.1. Trata-se de uma palavra convergente.

2.2. O António nada muito bem. Não tenho nada de novo para te dizer.

3.1. As lágrimas, minha senhora, correm por vosso rosto. Um pequeno ato vale mais do que mil palavras.

3.2. O processo designa-se de evolução semântica.

4. **a)** epêntese; **b)** prótese; **c)** apócope; **d)** síncope; **e)** assimilação; **f)** apócope; **g)** síncope; **h)** prótese e epêntese; **i)** síncope, apócope e metátese.

5. b)

6. O constituinte “o Lavrador” é um modificador apositivo do nome, daí que surja, obrigatoriamente, entre vírgulas.

7. **a)** discriminação; **b)** mandado

O Texto

▶ Agora Tu

Questão 1

Pág. 118

c)

Questão 2

Pág. 118

a) A Antónia afirmou que Eça de Queirós, escritor do século XIX, autor da famosa obra *Os Maias*, era apreciado por um número significativo de alunos lá da escola, pelo que no dia seguinte haveria uma sessão de leitura e comentário de alguns excertos da sua obra. **b)** Os estudantes confirmaram que tinham participado na comemoração do Dia Internacional da Música com a apresentação multimédia acerca da vida e obra do conhecido compositor Chopin. Referiram ainda que tinham sido convidados a repetir a apresentação no mês seguinte, no Festival de Música que se realizaria na sua escola. **c)** O Luís exclamou que visitassem a exposição da Joana Vasconcelos, no Palácio da Ajuda, pois era fantástica. Acrescentou ainda que era importante que valorizássemos o trabalho dos nossos artistas.

Questão 3

Pág. 118

O Ricardo contou-me:

— No mês passado, visitei a China e fiquei impressionado com a projeção internacional do nosso Galo de Barcelos e dos nossos pastéis de nata. Para além disso, estou, neste momento, a desenvolver um projeto de cooperação na área do ensino do Português e terei novidades na próxima semana.

Questão 4

Pág. 123

seu rio — da minha terra; O Coura — seu rio; se lhe equipara — ao Coura; vê-lo comer — o Coura; por lá se podem arranjar — minha aldeia.

Questão 5

Pág. 123

primeiro; Portanto; Por exemplo; Mas.

▶ Etapa Final

Pág. 126

1. a) Ela perguntou se eu tinha ido ao concerto dos Deolinda no dia anterior. **b)** Ele comentou que não era muito frequente encontrar jovens que apreciassem música clássica, mas confessou que era um admirador de Beethoven. **c)** A professora confirmou que Eduardo Agualusa é um autor angolano e pediu que colocasse aquela obra na estante da literatura de países de expressão portuguesa. **d)** Ele explicou que não tinha podido assistir à representação de *Falar Verdade a Mentir*, de Almeida Garrett, no dia anterior, mas que iria no dia seguinte de certeza.

2. povoações — a freguesia de Soutelo de Mourisco; lá — pela escola; las — letras todinhas; hortícolas — batatas, feijões e tomates.

3. a) 3; **b)** 5; **c)** 1; **d)** 4; **e)** 2

A Frase

▶ Agora Tu

Questão 1

Pág. 129

a) Ela comê-la-á muito devagar. **b)** Fá-lo mais depressa!

Questão 2

Pág. 131

Uma recolha de alimentos para as famílias mais carenciadas do concelho foi organizada pelos alunos do projeto “Ser+”.

Questão 3

Pág. 131

c)

Questão 4

Pág. 137

a) complemento agente da passiva; **b)** modificador apositivo do nome; **c)** complemento oblíquo

Questão 5

Pág. 137

1. complemento direto; **2.** sujeito

Questão 6

Pág. 137

(a) (5); **(b)** (3); **(c)** (7); **(d)** (8); **(e)** (4)

Questão 7

Pág. 141

a) Há muitos jovens a emigrarem de Portugal, pois cá há poucas oportunidades. **b)** Alguns jovens partem para o estrangeiro para que abram os seus horizontes.

Questão 8

Pág. 141

d)

Etapa Final

Pág. 142

1. a) sujeito subentendido; b) sujeito indeterminado; c) sujeito expletivo; d) sujeito simples

2. Mais exercício físico seria praticado pelos alunos, se as obras no pavilhão desportivo já tivessem sido concluídas.

3.1. modificador apositivo do nome

3.2. complemento agente da passiva

4. a) oração subordinada causal; b) oração subordinada temporal

5. a) A Joana adorou o presente que nós lhe demos.; b) O terceiro álbum dos Deolinda, que está a ter muito sucesso, chama-se *Mundo Pequeno*.

A Palavra

Agora Tu

Questão 1

Pág. 160

Foram umas belas refeições de peixes-espada grelhados e grãos-de-bico.

Nota: Também se aceita a forma *peixes-espadas*.

Questão 2

Pág. 160

São pessoas amabilíssimas.

Questão 3

Pág. 160

a) entregá-los-á; b) Fã-lo; c) Fã-las-ia; d) apresentaram-nos; e) tê-la-íamos

Questão 4

Pág. 160

a) desse; b) puderes; c) tinha corrigido ou corrigira; d) intervim; e) obtivemos

Questão 5

Pág. 166

a) Julgo que o António as encontrará. b) Não me parece que a Maria mos devolva logo que possa. c) Talvez os obtenhamos. d) Nunca vos contacto. e) Não lha façás. f) Alguém me disse que ias participar no concurso.

Questão 6

Pág. 170

b)

Questão 7

Pág. 170

a)

Etapa Final

Pág. 171

1. d)

2. b)

3. a) hospitalizar; b) hospitalizado; c) legalidade; legalização; d) legalizar; e) internacionalização; f) internacional; g) ambiental; h) ambiental.

4. a) Tratas-te (presente do indicativo, 2.ª pessoa do singular); b) Pensa-se (presente do indicativo, 3.ª pessoa do singular); c) entregaram (pretérito perfeito do indicativo, 3.ª pessoa do plural); d) existiam (pretérito imperfeito do indicativo, 3.ª pessoa do plural)

5. d)

Capítulo 3 – Escrita

Agora Tu

Questão 1

Pág. 177

Proposta de resposta: Eram 8:12 da manhã. As aulas começavam às 8:30 e ainda tínhamos 15 km para percorrer. Como habitual, esperava pelo meu pai, sentada no banco de trás do carro, contando cada minuto que passava. À cabeça vinham-me as palavras que todos os dias, em tom de desafio, o meu pai me dirigia quando, olhando para o relógio, constatava novamente o atraso:

— O carro já podia estar lá fora...

Não tinha carta de condução. Nunca tinha conduzido um carro, a não ser ao colo do meu pai, muitos anos antes, quando era ainda uma criança e acreditava piamente que era eu a valente e única responsável por colocar o veículo em marcha! Mas sabia o que era necessário fazer para arrancar, o cuidado a levantar vagarosamente o pé do pedal da embraiagem, num jogo de equilíbrio de forças entre o pedal que sobe e o

pedal do acelerador que desce. Era o suficiente para mim. Decidi avançar.

No banco da frente, espelho retrovisor regulado, marcha-atrás metida, começo a viagem. Dos segundos seguintes só me lembro da saída disparada do carro e do embate contra uma laranjeira. Fiquei gélida, perplexa, em estado de choque... Quando chegou e viu o aparato, o meu pai disse-me descontradamente:

— Vais-me fazer gastar umas patacas... Acontece. Não te preocupes. Não quero que fiques com medo de conduzir. Amanhã podes tirar o carro outra vez.

Nunca tive medo de conduzir. [234 palavras]

Questão 2

Pág. 180

Proposta de resposta: As férias de verão são uma excelente oportunidade para conhecer novos locais. Os dias de sol, quentes e longos, são deliciosos e convidativos. Há muito que queria conhecer Sintra, uma vila portuguesa na região de Lisboa. Famosa pela sua serra verdejante e pelo imponente palácio da Pena, a vila é um importante ponto turístico nacional e é muitas vezes mencionada na literatura. “Os Maias”, de Eça de Queirós, tinham, sem dúvida, contribuído para despertar a minha curiosidade e vontade de conhecer tão carismático local.

No último verão, um grupo de amigos e eu decidimos acampar em Sintra. A experiência foi fabulosa e as minhas mais altas expectativas foram superadas.

À entrada da vila, destacam-se o colorido do casario, as esplanadas dos cafés e as bancas de doces num cenário contornado pelo verde da vegetação que cobre a serra. Subindo em direção ao palácio, o percurso por estradas estreitas e sinuosas é escuro, pois os raios de sol apenas timidamente conseguem atravessar as copas frondosas das árvores gigantes. À medida que nos aproximamos do topo, o nevoeiro começa a envolver a paisagem e é aos poucos que o palácio se vai desocultando, mostrando o colorido harmonioso das suas fachadas e os recortes das suas formas. A magnificência do edifício e imponência da vegetação são indescritivelmente belas, daí que este local me tenha causado sensações únicas e que, por isso, vá ficar para sempre na minha memória. [235 palavras]

Questão 3

Pág. 183

Proposta de resposta: Hoje em dia, as redes sociais e a Internet fazem parte do nosso quotidiano e é difícil imaginarmos como seria a nossa vida sem elas.

De facto, são inúmeras as vantagens decorrentes da utilização desta nova forma de estar no mundo. A rapidez com que a informação circula permite aos que têm acesso a um computador e à Internet estarem mais atualizados. No entanto, existem perigos associados a este ponto: a circulação de vírus na Internet é também muito mais célere e, por isso, o seu impacto faz-se sentir a larga escala.

Outro aspeto positivo das redes sociais é o facto de elas permitirem manter contacto em tempo real com familiares e amigos que estão fisicamente afastados. Neste mundo virtual, as distâncias deixam de existir, o que pode ser muito útil para estreitar relações com pessoas que deixámos de ver há muito tempo e de quem gostamos. Porém, há quem abra o seu “mundo”, a sua intimidade a estranhos, expondo-se de maneira perigosa. São conhecidos vários casos de pessoas que viram as suas informações pessoais utilizadas de forma incorreta, como, por exemplo, fotografias postadas em sítios menos aconselhados. Todo o cuidado é pouco quando decidimos abrir “a porta” da nossa vida.

Assim, embora o acesso alargado às redes sociais seja um aspeto positivo, é importante que haja um maior investimento na educação das pessoas no sentido de saberem utilizar estes meios de comunicação de forma mais segura. [236 palavras]

Questão 4

Pág. 187

Proposta de resposta: As estrofes transcritas pertencem ao episódio “Tempestade”, que retrata o temporal que assola a armada portuguesa, depois da sua saída de Melinde.

A personagem que surge individualizada, o mestre, é Vasco da Gama que se mostra vigilante (“olhando os mares anda”) e que, perante o intensificar dos ventos e o escurecer das nuvens, atua rapidamente, em conformidade com o seu papel de líder, emitindo um sinal de alerta e dando instruções aos marinheiros.

A descrição da tempestade é favorecida pelo recurso à personificação dos ventos, sublinhando-se a sua força (“Não esperam os ventos indinados”) e à hipérbole que enfatiza o barulho ensurdecedor e a violência do temporal (“cum ruído / Que o Mundo pareceu ser destruído”). [116 palavras]

Questão 5

Pág. 190

Proposta de resposta: Braga foi escolhida para Capital Europeia da Juventude (CEJ) em 2012, em virtude das atividades dirigidas às camadas mais jovens que já aí se faziam. Trata-se, portanto, de um bom momento para que a cidade ganhe visibilidade a nível nacional e europeu.

Os membros da entidade responsável pela seleção da CEJ, o Fórum Europeu da Juventude, reúnem em Bruxelas e escolhem, anualmente, um município que se destaque pelos seus programas de inclusão e capacitação dos jovens, como a implementação de novos projetos que permitem envolvimento da juventude.

O programa da CEJ deve promover o desenvolvimento integral do jovem, a reflexão entre os jovens sobre o futuro das cidades e dimensão europeia e internacional, dando-lhes ferramentas que os tornem mais competitivos. [120 palavras]

Questão 6

Pág. 193

Proposta de resposta:

23 de agosto de 2013

Que pasmeira! Que calor insuportável! É sexta-feira à noite e não tenho nada de interessante para fazer... Já não aguento ver televisão ou ler ou jogar na consola! Estou mesmo farto. O artista do meu irmão é um sortudo de primeira! Vai sair com os amigos hoje. Ah... quando eu tiver 18 anos ninguém me põe as mãos em cima! Estudei todo o ano, fui aluno de mérito e a recompensa? A semana de férias na casa de praia dos meus avós foi divertida, ok... Mas e os outros dias?

Tinha combinado com a malta aqui do bairro fazer um *peddy paper* ontem! Claro que tive de me oferecer para organizar tudo, as pistas, o percurso... Deu-me uma trabalhadeira que nem imaginas! Mas até foi interessante. Fiquei a saber de coisas muito curiosas acerca de umas lendas aqui da terra. Está explicado o porquê do Sr. Manuel aqui do lado ir todos os dias, às 9:00 em ponto da noite, até ao adro da igreja... Um dia destes conto-te. Agora tenho de te dizer o que os espertos dos meus amigos fizeram! Como estava um calor abrasador, decidiram ir para a lagoa tomar banho e esqueceram-se do *peddy paper*... e de ME AVISAR! Agora desfazem-se em desculpas, mas não quero saber! Os cartões do *peddy paper* são meus e só os vamos utilizar quando o João me ensinar a andar de skate! [232 palavras]

Questão 7

Pág. 197

Proposta de resposta:

Évora, 15 de setembro de 2013

Olá, Pedro!

De acordo com o prometido, escrevo-te para te contar sobre as minhas últimas férias de verão. Como sabes, os meus pais já há muito tempo que queriam ir ao Brasil e este ano reuniram-se as condições para que fizéssemos as malas e partíssemos.

Ficámos o mês completo, em casa de alguns familiares nossos que nos deram estadia. Gostei muito de ouvir pessoas que estão do outro lado do Atlântico a falar a língua de Camões.

Começámos por Salvador da Bahia onde nos cruzávamos com baianas e mães de santo em cada esquina. Gostei muito da comida em Salvador que tem influências africanas. Experimentei a moqueca, o vatapá e o acarajé.

Em seguida, fomos para o Rio de Janeiro. Aí, o ambiente é muito diferente, mais citadino e um pouco mais perigoso, também. Não podes imaginar qual a sensação de estar no monte do Corcovado a 700 metros de altitude e visitar o Cristo Redentor ou de passear no calçadão em Ipanema. Parece que caímos no meio de uma telenovela.

Terminámos a nossa viagem na Amazônia. Ficámos instalados em Manaus e, depois, partimos para a floresta. Foi a parte mais bonita da viagem, pois vimos animais exóticos no seu habitat natural. A única parte chata foram os mosquitos e o clima, que é muito quente e húmido.

E tu? Que contas?

Um abraço,

O teu amigo

[230 palavras]

Parte II – Prova Final**Prova-tipo 1**

Págs. 213-219

GRUPO I

1. E, G, A, F, D, C, B ou G, A, F, D, C, B

2.1. C; 2.2. D; 2.3. B; 2.4. B; 2.5. D.

GRUPO II

1.1. Os dois recursos expressivos presentes são a personificação ("Mas o grito [...] morria") e a dupla adjetivação ("afrito e longo"). A personificação revela que o grito escapa ao controlo de quem o emite, frisa o progressivo enfraquecimento do som através do uso do verbo *morrer*, o que comprova a debilidade física e psíquica de Doninha. A dupla adjetivação, por sua vez, confere detalhe à descrição do grito e sublinha a intensidade e/ou carácter permanente ("longo") da agonia ("afrito") de Doninha.

Percurso de leitura

1.º Recorda o conceito de "personificação" (cf. p. 125);

2.º Procura perceber qual o efeito produzido ao sugerir-se que determinado objeto ou ideia possui faculdades humanas; neste caso, a personificação confere uma força própria ao grito, como se não estivesse ao alcance de Doninha atuar sobre o grito que ele próprio produziu;

3.º Atenta na faculdade que é atribuída ao objeto/ideia e relaciona-a com o sentido do texto; neste caso, o facto de o grito estar a morrer está em consonância com a ideia de crescente debilidade e agonia de Doninha;

4.º Recorda o conceito de "dupla adjetivação" (cf. p. 146);

5.º Procura perceber qual o efeito produzido pelo uso não de um mas de dois adjetivos para caracterizar uma única realidade: reforça-se o detalhe da descrição, tornando-a mais pormenorizada, realista e completa;

6.º Analisa cuidadosamente os adjetivos usados e relaciona o seu significado com o sentido do texto; neste caso, os adjetivos "afrito" e "longo" sublinham a ideia de desespero contínuo.

2. É possível identificar sensações visuais ("faces lívidas", "mãos escuras", "pernas [...] ponteadas de buracos negros") e auditivas ("gritar", "grito").

Percurso de leitura

1.º Recorda o conceito de "descrição" (cf. pp. 33-34);

2.º Verifica se a descrição integra termos associáveis a diferentes sensações.

3. A incerteza é criada pela alternância de elementos que ora apontam para uma hipótese ora para outra. Por um lado, o facto de o rapaz se encontrar num compartimento com grades ("foi até às grades") e o facto de a sua permanência na cadeia ser, aparentemente, contínua/ininterrupta ("Doninha só gritava de noite") sugerem que se trata de um recluso. Por outro lado, a vista para o exterior a partir da suposta cela ("Viu, confusamente, os canteiros cheios de flores, as árvores e, para lá do jardim, o edifício amarelado dos Paços do Concelho") e a liberdade de movimentos no espaço ("Empurrou a porta gradeada e desceu para o rés do chão") fazem-nos crer que este rapaz é um jovem guarda.

Percurso de leitura

1.º Relacionando o texto com o teu conhecimento do mundo e, neste caso específico, com o que sabes acerca do contexto prisional (os edifícios, os objetivos da sua existência, os diferentes atores e seus papéis), sublinha no texto todos os elementos que, até àquela linha do texto, sugiram ações ou espaços relacionados com os diferentes papéis e estatutos daqueles que habitualmente ocupam as cadeias;

2.º Associa os atos ou movimentos particulares das personagens a conceitos ou características que genericamente atribuis a estes espaços. Por exemplo, não te limites a escrever: "Era um guarda porque saiu da suposta cela" — esta resposta é uma paráfrase da ação indicada no texto ("Empurrou a porta gradeada e desceu para o rés do chão"); a resposta não explica por que motivo é que o sair da cela

sugere que a personagem é um guarda (até porque os reclusos também saem das celas); é preciso referir que o sair da cela a qualquer momento evidencia uma liberdade de movimentos que não é habitual para um recluso.

4.1. O uso do diminutivo pode remeter para a pequena estatura do Sr. Mateus (“pernas [...] curtas”) e/ou sugerir, através da ironia, a pequenez de espírito de quem se mostra insensível ao sofrimento alheio (“– Nem uma pessoa pode jantar em sossego!...”).

Percorso de leitura

- 1.º Recorda os usos do “diminutivo” (cf. p. 146);
- 2.º Verifica se, para além do uso do diminutivo, há outras referências à característica física “tamanho”; neste caso, surge a indicação de que Mateus tinha as pernas curtas, o que se pode associar a baixa estatura;
- 3.º Independentemente da existência ou não de referências à estatura/altura da personagem, analisa o seu comportamento e vê se, a partir dele, é possível aferir um traço psicológico, que possa suscitar no narrador carinho, saudade, desprezo, ...; neste caso, constata-se que a indiferença revelada por Mateus perante a dor de Doninha pode ser indiciadora de uma atitude habitualmente insensível que leva o narrador a sentir desprezo pela personagem.

5. **Opção a)** O título “O grito” adequa-se ao texto, pois é o grito aterrador de Doninha que, naquele momento, desencadeia a ação e é o facto de este grito ser habitual na cadeia que nos deixa perceber certas atitudes e comportamentos das restantes personagens, como, por exemplo, o andar de um lado para o outro do Adriano, a resignação da voz que manda calar Doninha e a indiferença do Mateus. **Opção b)** “A indiferença do ser” é um título adequado ao excerto, pois, apesar da descrição aterrador do grito e da própria figura de Doninha e da sensação que esta cria no leitor de que é necessário fazer algo, percebe-se que o sentimento quase generalizado na cadeia é de indiferença, de apatia, de incómodo pela perturbação que o grito impõe às rotinas estabelecidas. Esta atitude é visível no guarda Mateus e na resignação da voz que manda calar Doninha.

Percorso de leitura

Recorda que nesta questão as duas hipóteses apresentadas são possíveis, o que significa que deverás apresentar argumentos que validem a tua escolha.

6. **Proposta de resposta:** Estas estrofes integram o episódio “Consílio dos Deuses”, uma reunião dos Deuses do Olimpo sobre a viagem dos portugueses.

No Olimpo luminoso, os deuses estão dispostos segundo a hierarquia, em assentos de pedras e metais preciosos. Júpiter apresenta uma postura séria e altiva, de acordo com a importância do assunto e com o seu papel de líder soberano, quando dá início ao seu discurso, determinando o auxílio aos lusos.

Surgem posições contra (Baco) e a favor (Vénus) dos portugueses, gerando-se uma discórdia que só terminará com a intervenção de Marte, que relembra Júpiter da sua posição inicial e sublinha o seu poder de decisão. Desse modo, o pai dos deuses declara que os portugueses serão bem-sucedidos na sua viagem. [119 palavras]

GRUPO III

1. a) veem; b) Há; c) Crer; d) fala-se
2. a) Ainda que implementemos as medidas imediatamente, a redução da iliteracia será gradual. b) Para que intervenham no debate sobre literacia, têm de se inscrever. c) Devemos atuar antes que seja tarde. d) Caso requeiras o subsídio de modernização da biblioteca escolar, ele ser-te-á certamente concedido.
3. a) predicativo do complemento direto; b) predicativo do sujeito; c) vocativo
4. que envolvem pais e filhos

GRUPO IV

Proposta de resposta: Apesar de já ter sido provado que a leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano, quer em termos cognitivos,

quer sociais e culturais, existem ainda nos nossos dias crianças em todo o mundo que não sabem ler nem escrever.

As taxas de analfabetismo e de fraca literacia em Portugal são extremamente elevadas, quando comparadas com as dos nossos parceiros da União Europeia. Estes números revelam que grande parte da população não compreende a informação que lhe chega diariamente, encontrando-se por isso numa situação desprivilegiada.

É fundamental que sejam tomadas medidas para contrariar estes números e que também nós, jovens do presente, cidadãos participativos e responsáveis do futuro, possamos contribuir ativamente para a alteração desta realidade. Vamos dispensar algumas das horas que dedicamos exclusivamente aos videojogos e computadores para a leitura de um bom livro. Vamos visitar mais as bibliotecas escolares e públicas, vamos promover a troca de livros com colegas e amigos, vamos organizar feiras e mercados do livro nas nossas escolas, vamos impulsionar a criação de debates e de discussões sobre os livros. Vamos convidar pais, irmãos, vizinhos, professores e amigos para que nos acompanhem neste desafio.

A leitura deve ser encarada como um fator de progresso nacional, logo um problema que não pode ser adiado nem colocado em segundo plano, pois desse modo estaremos a condicionar o desenvolvimento do nosso país e das gerações futuras. [230 palavras]

Prova-tipo 2

Págs. 220-226

GRUPO I

1. D, G, C, A, F, E, B ou G, C, A, F, E, B

2.1. B; 2.2. C; 2.3. D; 2.4. B

3. C

GRUPO II

1. A caracterização feita pelo Sábio baseia-se na forma impaciente como essa pessoa toca à campainha.

Percorso de leitura

- 1.º Atenta na didascália presente na linha 4: “*Novo toque mais impaciente da campainha da porta*”;
- 2.º Deves reparar em dois aspetos: 1.º, o adjetivo “Novo” indica tratar-se de um segundo toque, o que indicia persistência; 2.º, a expressão “mais impaciente” revela que o primeiro toque já evidenciara impaciência;
- 3.º É com base nestes elementos que o Sábio conclui que quem está do outro lado “não tem educação”, não tem paciência.

2. O facto de a Sombra referir que a característica que o Sábio lhe atribui (a falta de educação) é comum a este permite perceber que existe uma ligação entre ambas e que estas já se conhecem.

Percorso de leitura

- 1.º Atenta na fala da Sombra na linha 6: “– Igual à tua será. Aprendi contigo.”;
- 2.º Analisa cada frase separadamente: a primeira revela que existe uma relação de semelhança de atitude/comportamento entre as personagens (ambos têm o mesmo nível de educação); a segunda demonstra que as personagens tiveram um relacionamento próximo num momento anterior, ou seja, são conhecidas.
- 3.º Esta semelhança de comportamento e a relação próxima entre ambas permitem ao leitor identificar a personagem com maior certeza.

3. Embora a Sombra não atue de forma honesta, pretende dar essa imagem de si própria.

Percorso de leitura

- 1.º Aqui a tarefa-chave é entender a expressão “dar a imagem de” que significa “aparentar ser algo que, na verdade, não se é”;
- 2.º Assim, concluímos que a Sombra não é verdadeiramente honesta, embora procure transmitir essa imagem.

4. A personagem releva a sua desonestidade, confirmando assim o que já se podia supor através da leitura das linhas anteriores. Usando a chantagem, a Sombra manipula os outros.

Percorso de leitura: A citação revela que a Sombra tem na sua posse segredos de terceiros e que opta por não os revelar; no entanto, faz questão de dar a conhecer aos visados o poder de, a qualquer momento, expor o que sabe – rapidamente perceberás que se trata de uma atitude chantagista de alguém que tenta manipular os outros, exibindo o seu poder.

5. De facto, é possível verificar que as duas personagens não têm um bom relacionamento, quer seja pelo tratamento formal e frio que existe entre ambas (“Talvez fosse mais elegante que não nos tratássemos de uma forma tão familiar”), quer pelas falas do Sábio dirigidas à Sombra em tom reprovador (“Isso é chantagem. Procedimento que eu nunca lhe ensinei”).

Percorso de leitura

1.º A instrução pede que caracterizes a relação entre duas personagens com base nas suas falas; nesta situação, deves estar atento a formas de tratamento, registo de língua usado (cf. p. 106), campos lexicais predominantes (cf. p. 169), tipos de frase (cf. p. 129), indicações sobre tom de voz.

2.º Assim, neste caso, repararás que há vários indícios de que a relação não é muito cordial nem próxima: o tratamento por “você”, as acusações (“cúmulo do descaro”; “tudo o que passei”; “Isso é chantagem”), o tom irónico (linha 28), os desafios/provocações (“o discípulo passou à frente do mestre”), as palavras relacionadas com conflitos (“servidão”, “fugiu”, “segredos”, “denunciá-los”, “chantagem”).

6. A. Proposta de resposta: As personagens encontram-se junto da barca do Diabo.

O Sapateiro não tencionava entrar na barca infernal e alega ter frequentado a missa (“Quantas missas eu ouvi”) e ter-se confessado antes de morrer (“Como poderá isso ser, / confessado e comungado?”). O diabo adota uma atitude acusadora, salientando a corrupção e hipocrisia religiosa do Sapateiro (“Tu morreste escomungado”; “Tu roubaste”), mas também irónica (“Santo sapateiro honrado!”). O Sapateiro acabará por entrar na barca do Diabo.

Através desta personagem-tipo, representante da classe dos artesãos, Gil Vicente critica a desonestidade profissional e a falsa religiosidade. [92 palavras]

B. Proposta de resposta: As personagens encontram-se na casa da Ama.

O excerto retrata um momento do desenlace (cena XII) em que marido e mulher dialogam, depois do primeiro regressar da sua viagem. A Ama descreve a vida de castidade e de sofrimento durante a ausência do marido. Esta descrição cria um momento de comédia (cómico de situação), pois o leitor/espectador tem conhecimento do adultério praticado pela Ama e reconhece as mentiras que esta conta ao seu marido (“oh quanto chorei”) e a hipocrisia do seu alegado sofrimento.

Através desta personagem, Gil Vicente critica a infidelidade das mulheres que ficavam só enquanto os maridos partiam em busca de riqueza. [105 palavras]

GRUPO III

1. a) obtiveram; b) havia; c) interveio; d) estudasse; e) veem.
2. c); 3. a); 4. a)

GRUPO IV

Proposta de resposta:

Localidade, 19 de agosto de 2013

Olá, Rodrigo!

Então, como vão as coisas? Espero que estejas melhor do que há uns dias atrás quando nos encontrámos.

Não tive oportunidade de falar calmamente contigo, mas percebi que estavas numa roda-viva: bastante indeciso relativamente à área científica para o 10.º ano, preocupado com a situação catastrófica da economia portuguesa, apreensivo com as

consequências da erosão costeira na Barra e chateadíssimo com o teu cão que temava em desaparecer por umas horinhas sem dar cavaco!

Rodrigo, acho que deves, em primeiro lugar, respirar fundo e relaxar! Há questões que são preocupantes, sem dúvida, e acho louvável que te interesses pelo estado do teu país a nível económico e ambiental, mas não podes deixar que tal situação te perturbe a ponto de ficares nervoso. Deves dar o teu contributo para alterar a situação, mas não podes esperar resultados imediatos.

Quanto à escolha da área a seguir, penso que será uma boa ideia consultares o teu pai e colegas de trabalho dele. Afinal ele é um especialista numa das áreas que te fascinam – a informática – e conhece-te melhor do que ninguém. É a pessoa ideal para te aconselhar. Depois, porque não fazer uma lista com as vantagens e desvantagens de ser programador? Poderás, assim, ter uma visão mais realista da profissão, sem pessimismos ou otimismo despropósito.

Quanto ao teu cão, ele regressa, não é verdade? Então, o problema está resolvido! Um abraço,
Um amigo

[240 palavras]

Prova-tipo 3

GRUPO I

1. E, B, F, C, D, A, G ou B, F, C, D, A, G

2.1. C; 2.2. A; 2.3. D; 2.4. B; 2.5. B

GRUPO II

1.1. Nas duas primeiras estrofes, estabelece-se uma oposição entre atividades intelectuais (“Ler é maçada”, “Estudar é nada”) e elementos da Natureza (“O sol”, “O rio”, “a brisa”).

Percorso de leitura

1.º Sublinha os aspetos entre os quais é possível estabelecer um contraste:

2.º As atividades de ler e estudar são-nos apresentadas pelo sujeito poético como tarefas monótonas, aborrecidas e sem importância, como comprovamos nos versos “Ler é maçada” e “Estudar é nada”;

3.º Por outro lado, os elementos da Natureza surgem, por oposição, para mostrar que a beleza da Natureza existe e pode ser contemplada sem recorrermos a atividades intelectuais. Repara nos versos 7-8, 9-10 e 11-13;

4.º Depois de identificares os versos em causa, deverás explicitar as realidades que se opõem: as atividades intelectuais e os elementos da Natureza.

2.1. A expressão significa que a Natureza funciona de forma autónoma, sem necessidade de intervenção do Homem e das suas faculdades intelectuais.

Percorso de leitura

1.º Lê os versos e procura entender o que significa “sem edição original”;

2.º Se atendermos ao contexto do poema, subentende-se que a edição é referida pelo sujeito poético como metáfora de uma atividade intelectual do Homem;

3.º Associa o conteúdo dos versos ao título do poema (“Liberdade”); todo o texto funciona como um protesto contra a intervenção do Homem e das suas atividades intelectuais sobre a Natureza;

4.º Poderás concluir que a Natureza segue o seu curso sem que para isso seja necessária a intervenção do Homem.

3.1. O recurso expressivo presente é a enumeração através da qual se sublinha a quantidade e variedade das coisas naturais que o sujeito poético aprecia.

Percorso de leitura

1.º Recorda o conceito de “enumeração” (cf. p. 124);

2.º Identifica o efeito produzido ao apresentar-se vários elementos que constituem a enumeração; através dele, o sujeito poético evidencia os elementos naturais e originais que aprecia.

3.2. A estrofe é uma quadra, pois é composta por quatro versos.

Percorso de leitura: Recorda a classificação dos versos quanto às estrofes (cf. p. 63).

4.1. O sujeito poético invoca a personagem bíblica para exemplificar a tese do seu poema: para se atingir a perfeição, para se ser feliz e desfrutar do que o mundo nos oferece não é necessário ler, estudar, dedicarmo-nos a atividades intelectuais, tal como Jesus Cristo, símbolo de humanidade e de perfeição, não o fez.

Percorso de leitura: Repara que nesta pergunta te são pedidas várias tarefas: em primeiro lugar, deves relacionar o conteúdo da última estrofe com o poema na sua globalidade; em seguida, deves referir o valor simbólico da personagem aí incluída. Para responderes corretamente à questão, segue os seguintes passos:

- 1.º Procura perceber o sentido da última estrofe; trata-se de uma constatação por parte do sujeito poético que põe em evidência o facto de Jesus Cristo, figura bíblica e exemplo de perfeição, não saber fazer contas nem ler;
- 2.º Relaciona este facto com o conteúdo global do poema: se atentares, ao longo do texto, a ideia que vai sendo expressa pelo sujeito poético é a da negação da interferência das atividades intelectuais do Homem nos elementos naturais; lembremo-nos do próprio título do poema, “Liberdade”, que remete para a ausência de regras (sem esquecer que as regras são criadas pelo Homem);
- 3.º Explica por que razão o sujeito poético terá escolhido a figura bíblica para integrar a conclusão do seu poema; trata-se, como já referimos, de um modelo de perfeição que não se dedicou a atividades intelectuais, o que comprova a tese do sujeito poético, ao longo do poema.

5. **Proposta de resposta:** Estas estrofes integram o episódio “Despedida de Tétis”, em que a Deusa se despede dos portugueses, assegurando-lhes que estes farão uma viagem tranquila até à sua pátria.

Graças aos perigos e glórias alcançados pelos portugueses, a Ilha surge como um local em que os marinheiros são recompensados, unindo-se às ninfas e alcançando assim um estatuto quase divino.

Através da afirmação “concedido / Vos é saberdes os futuros feitos”, Tétis alude a acontecimentos futuros, assegurando que os portugueses farão uma viagem tranquila e chegarão à sua pátria, o que de facto se concretiza no final da obra.

[96 palavras]

GRUPO III

1. Verbo “conhecer”, no presente do indicativo, na passiva.
2. Nancy afirmou que muitos dos problemas mais espinhosos surgiam porque ainda contemplávamos / contemplavam o firmamento com os olhos do século XVIII.
3. (a) 3; (b) 6; (c) 5; (d) 4; (e) 2
4. Graças a esta simulação, tornar-nos-emos a primeira geração de seres humanos a ter uma noção correta da essência e do funcionamento do cosmos.
- 5.1. c); 5.2. d)

GRUPO IV

Proposta de resposta: Finalmente, tinha concretizado o meu maior sonho: embarcar numa excursão espacial que nos levaria a conhecer o sistema solar durante seis meses.

No dia da partida, o entusiasmo não podia ser maior, ainda que tivesse ficado um pouco triste quando me despedi dos meus pais, dos meus irmãos e do Rafeiro, o cão que adotámos há três anos. A minha mãe não conseguiu conter as lágrimas, o que, de certo modo, tornou o momento menos brilhante.

A viagem foi maravilhosa e a nave era fantástica. Aquilo que vemos nos filmes é, afinal, verdade! Todos os botões, comandos, luzinhas, mecanismos dispersos pelo espaço muito pequeno, mas impecavelmente limpo e organizado... Nos primeiros dias sofri um pouco. Sempre tive uma certa tendência para a claustrofobia, por isso

ver-me num espaço fechado e exíguo não foi fácil. No entanto, os pilotos ensinaram-me uma técnica para relaxar:

— Quando estiveres mais tenso ou ansioso, espreita pela janela e vê o espetáculo maravilhoso que o universo te proporciona. Acabas por te esquecer que estás aqui confinado e saberás o que é a liberdade — aconselhou-me o responsável pelos viajantes “experimentais”, como eles nos chamavam.

— Muito obrigado pelo conselho — agradei eu, de certo modo aliviado. — Acho que realmente me vai ajudar, pois é impossível lembrar-me do quão apertado estou aqui dentro, olhando para o infinito.

A viagem foi extraordinária e um desafio a todos os níveis que nunca mais irei esquecer. [234 palavras]

Prova Final 2013 · 1.ª chamada

Págs. 233-239

GRUPO I

Parte A

1. G, F, D, B, C, A, E ou G, F, D, B, C, A
- 2.1. D; 2.2. C; 2.3. A; 2.4. B
3. B

Parte B

4. Na primeira estrofe encontramos a forma verbal “tinhas” na 2.ª pessoa do singular e, na última estrofe, temos o determinante possessivo de 2.ª pessoa do singular “teu”.
5. A decisão foi ditada pela sedução exercida pelo mar e pela sua capacidade de comover.
6. O “fingido lameiro” é o mar traiçoeiro que faz naufragar a embarcação que nas suas águas navega (“arado”) e o marinheiro que nela segue (“o lavrador”).
7. “Enganosa sereia” pode ser considerada metáfora de “mar”, pois, tal como a sereia primeiro seduz e depois atraiçoa, também o mar perigoso alicia e depois castiga.
8. No poema de Miguel Torga e nos versos citados refere-se quer o lado positivo quer o lado negativo do mar, daí existir um contraste. Assim, no poema, o mar é apresentado como fonte de “encantamento” (verso 20), por um lado, e de “sofrimento” (verso 18), por outro. Do mesmo modo, nos versos de Fernando Pessoa citados, o mar representa o “abismo” e, ao mesmo tempo, reflete o “céu”.

Parte C

9. **Proposta de resposta:** As estrofes pertencem ao episódio “O Adamastor” e a expressão “gente ousada” designa o povo português, um povo corajoso por se aventurar a navegar mares desconhecidos.

Como tal, Adamastor promete castigos para punir o atrevimento dos portugueses (“os danos de mi que apercebidos / Estão a teu sobejo atrevimento”), profetizando o naufrágio de embarcações lusas.

Nos dois últimos versos, o herói de *Os Lusíadas* é glorificado, pois anuncia-se o domínio daquela região pelos portugueses. Quer nestas estrofes, quer na Proposição sublinha-se a tenacidade do povo português. [86 palavras]

GRUPO II

1. c)
2. (a) 7; (b) 2; (c) 4; (d) 6; (e) 1
3. a) tem descoberto; b) fizera; c) intervissem; d) forem
4. O navegador solitário contou-no-las com entusiasmo.
5. d)
6. que o repórter publicou

GRUPO III

Proposta de resposta: A exploração espacial origina, por vezes, alguma contro-
vêrsia, pois, para alguns, antes da conquista de novos “mundos”, o Homem deve procurar conhecer aprofundadamente o seu próprio planeta.

Por um lado, explorar o espaço pode ser vantajoso por duas razões: em primeiro lugar, conhecer o universo que nos rodeia, outras galáxias, outros planetas, é fundamental para se prever, com maior precisão, o futuro do nosso planeta; em segundo lugar, há a possibilidade de se descobrir novas formas de vida, mais evoluídas, com as quais possamos aprender.

Por outro lado, a exploração espacial exige um avultado investimento monetário; seria importante aplicar tais recursos ao conhecimento do nosso planeta, por forma a melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes. Assim, antes de se partir para o espaço, talvez fosse preferível investir na criação de instrumentos que pudessem prever e prevenir catástrofes naturais, por exemplo, ou apoiar a investigação acerca de meios mais eficazes para minimizar os efeitos do aquecimento global.

Para concluir, julgo que se deve procurar um equilíbrio entre o investimento financeiro e humano para o conhecimento da Terra e para a exploração do espaço. No entanto, havendo necessidade de fazer escolhas, na minha opinião, deve dar-se prioridade ao nosso planeta, pois de nada adianta conhecermos o universo se não conseguirmos viver com qualidade na nossa "casa". [216 palavras]

Prova Final 2013 - 2.ª chamada

Págs. 240-247

GRUPO I

Parte A

1.1. D; 1.2. C; 1.3. A; 1.4. D

2. B

3. Podemos verificar que este excerto pertence à obra "Crónicas Marcianas", pois, de acordo com o texto da Parte A, Marte é uma "ruína abandonada, civilização quase extinta", o que se pode confirmar na descrição efetuada no excerto ("A cidade estava deserta. Ninguém se movia. Luzes solitárias ardiam todo o dia."). Por outro lado, a referência à presença de humanos em Marte ("colonizações humanas de Marte") pode ser subentendida na passagem "Revistas trazidas da Terra no foguete prateado, há um mês, flutuavam ao vento [...]".

Parte B

4. É possível afirmar que o comboio era uma novidade, pelo facto de o Calhau nunca ter andado neste meio de transporte e de aquela ser apenas a terceira vez que o via ("Olha que eu nunca pus os pés num comboio. Já o vi três vezes com esta.", l. 12). Além disso, o próprio Calhau refere Felícia, que nunca viu um comboio ("Conheces a Felícia? Pois é mais velha do que eu e nunca o viu.", ll. 28-29).

5. O narrador perceciona o espaço de acordo com o seu estado de espírito. Como se encontra receoso e expectante, o que o rodeia parece-lhe "estranho e ameaçador". Trata-se da vivência psicológica do espaço por parte do narrador (subjeto) percebível na passagem "a montanha imóvel na enorme manha circular" (l. 21).

6. Através desta comparação, podemos imaginar o ímpeto com que o comboio arrancou, como se irrompesse do interior da terra.

7. A ordem cronológica e a ordem pela qual os acontecimentos são narrados não coincidem, uma vez que a ação do texto tem início com a partida do comboio ("Tomei o comboio"), fazendo-se, a partir desse momento, uma analepse, através da qual se descrevem os momentos que antecederam a partida e o estado de espírito do narrador.

8. Algumas palavras no texto permitem subentender que o narrador se sente entusiasmado e alegre perante a perspectiva de partir e as novidades que o esperam ("Sentia-me quase feliz", l. 15; "Perturbavam-me de prazer a trepidação da partida, o halo de novidade e sobretudo o apelo intrínseco e doce de todas as pequenas coisas", ll. 16-17). No entanto, a expectativa dá lugar ao receio ("tudo para mim era estranho e ameaçador", ll. 20-21) e, no final, com a iminência da partida, o pânico apodera-se do narrador ("Pela primeira vez estremei de medo até aos limites da vida", ll. 35-36).

Parte C

9. Proposta de resposta: Estas estrofes integram o episódio "Tempestade" e verifica-se que o mar se encontra agitado ("sobre as nuvens os subiam / As ondas de Neptuno furibundo"), há ventos fortes ("Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam / Arruinar a máquina do Mundo") e relâmpagos que iluminam o céu ("A noite negra e feia se alumia / Cos raios em que o Polo todo ardia!").

A "nau grande" tem o mastro partido e encontra-se quase "alagada"; o mestre da "nau de Coelho" decide recolher as velas para que os ventos fortes não as atinjam. As naus acompanham o movimento abrupto das ondas (vv. 9-12) e os marinheiros estão apavorados, como acontece, aliás, perante o surgimento do gigante horrendo no episódio "O Adamastor". [118 palavras]

GRUPO II

1. c)

2. a) com; b) de; c) a; d) para; e) por; f) em

3. forma do verbo *saber*, na 1.ª pessoa do plural, no pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo

4. Emocionado com a fotografia, o astronauta mostrou-lha.

5. oração subordinada (substantiva) completiva ou oração subordinada integrante

6. E, A, D, B, C ou A, D, B, C

GRUPO III

Proposta de resposta: Um herói deve ser alguém que se destaca pelas suas características excecionais de coragem, valentia que o levam a cometer grandes feitos.

Todos nós recordamos grandes heróis, como o Superman, o Batman, o Spiderman que povoaram a nossa infância por serem capazes das ações mais extraordinárias que os distinguem dos comuns mortais. Curiosamente, estas figuras que chegam a nós através da banda desenhada, cinema, televisão têm a particularidade de conciliarem a sua genialidade com uma vida perfeitamente normal e rotineira. Eles vivem no anonimato e apenas vestem a sua pele de heróis quando alguém está em perigo ou o mal ameaça vencer.

Na minha opinião, estes heróis são importantes, porque nos inspiram a pensar no bem comum, mas de forma anónima e altruísta, sem esperar os aplausos e o reconhecimento dos outros. Creio que estas duas características são fundamentais para dar forma ao herói e, infelizmente, parece-me que a sociedade atual inverteu estes dois aspetos: a procura da fama fácil criou heróis "descartáveis" que buscam notoriedade, ainda que nada tenham feito para tal reconhecimento.

Pode parecer estranho, mas o meu herói é o meu vizinho, porque, enquanto tomo o pequeno almoço à janela, vejo-o na rua a apanhar o lixo que está espalhado pelas sarjetas, só porque lhe apetece. Quando vou a pé para a escola, olho para o chão e sorrio. Graças a ele, o percurso parece mais bonito e o futuro mais risonho. [240 palavras]